



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: importância do envolvimento parental no percurso escolar - estudo de caso comparativo

Luzia Sequeira Martins Romanini

Trabalho de Mestrado
em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor

Trabalho Efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Cristina Maria Pereira

Junho 2012

Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: importância do envolvimento parental no percurso escolar - estudo de caso comparativo

Luzia Sequeira Martins Romanini

Trabalho de Projeto apresentado ao Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos à obtenção do grau de Mestre em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Cristina Maria Pereira, da Unidade Técnico Científica de Ciências Sociais e Humanas da Escola Superior de Educação.

Agradecimentos

À minha orientadora, Prof. Doutora Cristina Pereira, pelo profissionalismo, respeito, orientação e relação dialógica.

Aos professores das cadeiras teóricas do Mestrado.

À Diretora Pedagógica da Instituição onde realizei a investigação, pela disponibilidade humana e profissional.

À Diretora de Turma dos dois Sujeitos, pela sua atenção e carinho.

Aos pais e aos dois Sujeitos que partilharam e colaboraram neste estudo.

Aos meus amigos do Mestrado, pela partilha. Elizabete, amei fazer esta caminhada com você...

Ao meu marido, pelo apoio incondicional e respeito as minhas ausências. Ser humano especial...

Aos meus filhos, o exemplo.

A todos, muito obrigado!

Resumo

Este estudo pretende compreender a importância do envolvimento parental no percurso escolar em dois alunos, com Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção (PHDA). Este Trabalho de Projeto organiza-se como um “*estudo de caso*” qualitativo e descritivo, consistindo na observação sequencial e longitudinal dos alunos em questão.

Estes encontram-se a frequentar o 5.º ano de escolaridade, com idades de 12 anos e sete meses e 12 anos e um mês, do género masculino e com um diagnóstico de PHDA, resultando em dificuldades a nível da aprendizagem. Ambos beneficiam das medidas do regime educativo especial do Decreto-Lei n.º 3 de 7 de janeiro de 2008 (2008), porém, num deles, existe acompanhamento parental no seu percurso de ensino/aprendizagem, enquanto no outro os pais são figuras ausentes, delegando a responsabilidade aos educadores.

Para realizar este estudo procurou-se, primeiramente, caracterizar os alunos e as suas famílias através da investigação direta do processo individual de cada um, de recolha de informações junto dos intervenientes mais diretos no seu Processo Educativo e da entrevista semiestruturada aos próprios alunos, aos encarregados de educação, assim como à diretora de turma. Com base na análise dos resultados pretende-se uma reflexão profissional acerca da importância do grau de envolvimento dos pais dos alunos com PHDA no seu percurso escolar e consequente formação.

Palavras-chave: PHDA. Envolvimento Parental. Perspetiva Sistémica. Percurso escolar.

Abstract

This study aims to understand the importance of parental involvement in developing two students schooling with an Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). This project study is a qualitative and descriptive "*case study*", consisting in sequential and longitudinal observation of these students.

They are attending the fifth grade, one is aged twelve plus seven months and the other is aged twelve plus one month. They are both male, and both were also diagnosed with ADHD, resulting in learning difficulties. They both benefit of measures applied by the Special Educational Decree-Law No. 3 of January 7th 2008 (2008). One has oversight from his parents, who continuously observe his surroundings and keep contact with the scholar and medical reality, while in the other case the parents are absent figures delegating the responsibility to educators.

To perform this study, firstly we will be seeking to characterize the students and their families through the analysis of each one's individual information documents, and also collecting information from those who are most directly involved in their education, as well as an in-depth interview with the students, the parents and the class director. Based on the analysis of the results, we expect to develop a professional reflection about the degree of relevance involvement of parents of students with ADHD in their schooling and consequent training.

Keywords: ADHD. Parental Involvement. Systemic perspective. Schooling.

Índice

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice de Tabelas	vii
Lista de Abreviaturas.....	viii
Introdução	1
Parte I - Enquadramento Teórico	5
1. A FAMÍLIA, A ESCOLA E A CRIANÇA	5
2. DEFINIÇÃO DE PERTURBAÇÃO DA HIPERATIVIDADE COM DÉFICE DE ATENÇÃO	7
3. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E DA ESCOLA EM CRIANÇAS COM PHDA	13
4. INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM PHDA	16
Parte II - Estudo Empírico	22
Introdução à Metodologia do Estudo	22
1. TIPO DE ESTUDO - ESTUDO DE CASO.....	22
2. OBJETIVOS E QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO.....	24
3. PROCEDIMENTOS.....	24
4. TÉCNICA DE RECOLHA DE DADOS/INSTRUMENTOS	25
5. CONTEXTO DO ESTUDO	28
5.1 Caracterização dos Sujeitos.....	28
5.1.1 Sujeito A	29
5.1.2 Sujeito B	29
6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	30
6.1. Introdução.....	30
6.2 SÍNTESE DESCRITIVA DOS DADOS DOS DOCUMENTOS - SUJEITO A	32
6.2.1 Dados dos Documentos	32
6.2.1.1 Antecedentes Escolares:.....	32
6.2.1.2 Anamnese	36
6.2.1.3 Relatório do SPO	37
6.2.1.4 1.ª Ata do Conselho de Turma	38
6.2.1.5 Relatório Circunstanciado	38
6.2.2 Síntese Reflexiva dos Documentos - SUJEITO A	39
6.2.3 Análise de Conteúdo das Entrevistas aos Intervenientes - Sujeito A.....	41
6.3 SÍNTESE DESCRITIVA DOS DADOS DOS DOCUMENTOS - SUJEITO B	43
6.3.1 Dados dos Documentos	43
6.3.1.1 Antecedentes Escolares:.....	44
6.3.1.2 Anamnese	46
6.3.1.3 Relatório do SPO	47
6.3.1.4 1.ª Ata do Conselho de Turma	48
6.3.1.5 Relatório Circunstanciado	48

6.3.2 Síntese Reflexiva dos Documentos - Sujeito B	49
6.3.3. Análise de Conteúdo das Entrevistas aos Intervenientes - Sujeito B	50
6.4 ANÁLISE COMPARATIVA DOS SUJEITOS EM ESTUDO	52
7. Conclusão	57
Bibliografia.....	66
Lista de Apêndices e Anexos.....	70

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Critérios diagnósticos da PHDA segundo a APA.	9
Tabela 2 - Escola Inclusiva segundo Ainscow (1999, p. 21).	19
Tabela 3 - Escola inclusiva segundo Meijer (1998, p. 43).	19
Tabela 4 - Escola inclusiva segundo Porter (1997, p. 56).....	19
Tabela 5 - Escola inclusiva segundo Armstrong (2001, p. 29).....	20
Tabela 6 - Resumo da História Escolar.	32
Tabela 7 - Resumo da História Escolar.	44

Lista de Abreviaturas

ABDA- Associação Brasileira do Défice de Atenção

APA- American Psychiatric Association

APCH- Associação Portuguesa da Criança Hiperativa

art.- artigo

CID- Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, frequentemente designada pela sigla CID (em inglês: International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems - ICD)

CIF- Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde

DSM-IV-TR- Manual de Estatística e Diagnóstico das Perturbações Mentais

OCDE- Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico

OMS- Organização Mundial de Saúde

PEI- Programa Educativo Individual

PHDA- Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção

SPO - Serviços de Psicologia e Orientação

TDAH- Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

UNESCO- United Nations Education Science and Culture Organization

Introdução

Com a realização deste estudo, procurar-se-á compreender a importância do envolvimento parental no percurso escolar de dois alunos, do 5.º ano de escolaridade, com PHDA. Os casos são distintos. Num deles, existe acompanhamento parental no seu percurso de ensino/aprendizagem, enquanto no outro, os pais são figuras ausentes, delegando a responsabilidade aos educadores.

De acordo com Costa e Melo (1997), (...) "competência refere-se à faculdade que uma pessoa tem para resolver um assunto; atribuição; poder; capacidade" (p. 440). A intervenção da educação especial em Portugal, visa respostas educativas por referência à Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) (2004) e ao Decreto-Lei n.º 3 de 8 de janeiro de 2008 (2008). Segundo a CIF (2004), capacidade, indica o nível máximo possível de potencialidade que um indivíduo pode atingir.

A PHDA sempre foi alvo de preocupação por parte de educadores e psicólogos por se constituir como um problema, tanto na escola como no lar. De fato, também na minha vida profissional essa questão não me passou ao lado, sobretudo o questionamento dos pais na dificuldade em acompanhar e orientar esse tipo de crianças. Muitas vezes, o *stress* leva-os a um menor envolvimento na vida social/escolar/afetiva do filho hiperativo, embora o jovem detenha um potencial intelectual e cognitivo ao nível da sala que frequenta e do grupo etário a que pertence. Pela minha experiência pessoal e profissional, por vezes não alcançam o nível de competências desejado no âmbito do desempenho académico, no espaço da sala de aula.

A sua inquietude, exuberância e intensa atividade motora fazem com que as outras pessoas que estão por perto, sejam elas crianças ou adultos, não demonstrem habilidade para lidar com elas. Por outro lado, estes indivíduos têm grande dificuldade em se adaptarem ao ambiente que os rodeia e, muitas vezes, são prejudicados, principalmente na escola, não conseguindo a promoção nem aproveitamento semelhante ao dos colegas, mesmo apresentando um bom nível cognitivo. A sua dificuldade para prestar atenção impede que tenham uma percepção ambiental de acordo com o estímulo recebido. Por isso, as suas respostas são consideradas, em muitas situações, socialmente inadequadas. Segundo a Associação Brasileira do Défice de Atenção (ABDA) (n.d.), o Transtorno do Deficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e, frequentemente, acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Caracteriza-se por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade.

Na atualidade, a orientação seguida por diversos países da Europa e pela Associação Portuguesa da Criança Hiperativa (APCH) (2009), baseia-se na ideia preconizada pela *American Psychiatric Association* (APA) definida no Manual de Estatística e Diagnóstico das Perturbações Mentais (DSM-IV-TR, 2006) e denomina-se Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção. Esta perturbação é classificada na categoria de Perturbações Disruptivas do Comportamento e do Défice de Atenção, incluída na classificação dos distúrbios que aparecem habitualmente na primeira e segunda infância e, na adolescência. Este manual, ao nível de diagnóstico, refere que

esta desordem reclama a presença constante e perturbadora de, pelo menos, seis sintomas numa lista de dezoito, metade destes, relacionados com problemas de atenção, e a outra metade com problemas de hiperatividade/impulsividade.

Segundo os vários autores que se têm debruçado sobre este tipo de temas, a participação dos encarregados de educação na vida escolar dos alunos, bem como a interação saudável com os professores e os órgãos da escola, é extremamente positiva, devendo os mesmos serem cada vez mais convidados a envolverem-se no processo ensino/aprendizagem dos seus filhos ou educandos. É na família que ocorrem as primeiras aprendizagens e práticas emocionais que são transportadas ao longo da vida, apresentando-se deveras importantes. É ela que oferece os elementos centrais e os alicerces para o desenvolvimento da criança, influenciando tanto o lado emocional como a aprendizagem académica. Segundo Bronfenbrenner (1987), autor da teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano:

(...) sabemos bastante acerca do desenvolvimento da criança, mas muito pouco acerca das circunstâncias do seu desenvolvimento e acerca do modo como essas circunstâncias afetam as suas vidas e, sabemos ainda menos acerca do que aconteceria se essas circunstâncias fossem alteradas” (p. 120).

O mesmo autor considera de grande relevância o desenvolvimento de investigações nesse sentido, essencialmente nas condições em que vivem as crianças, o modo como essas afetam o seu desenvolvimento e, sobretudo, como poderiam ser modificadas de forma a promover o potencial de progresso de cada uma delas.

Esta teoria permite-nos entender a relação entre cultura e desenvolvimento, em que o indivíduo não é visto como uma entidade estática, em relação à influência que o ambiente que o envolve exerce sobre ele, mas como um ser dinâmico que interage com os múltiplos ambientes com que contacta, numa relação bidirecional, caracterizada pela reciprocidade. Daí, a importância de conhecer os Sujeitos e os seus contextos.

Os estudos de Cerveny (1994), a nível internacional e os de Alarcão e Relvas (1989) no domínio nacional vão ser de extrema utilidade para compreender a família e a sua importância. Nestes, os autores expõem os seus princípios sobre a família. Esta é entendida como um grupo de muita especificidade, a qual não pode ser visto como um simples somatório das suas partes ou membros. Deste modo, a análise total não se constitui da soma das observações individuais dos membros, mas engloba todo o contexto relacional, aspetos que constituem o princípio da não-somatividade, o qual está relacionado com os circuitos de retroalimentação, ou seja, de comunicação entre os membros, onde o comportamento de cada Sujeito afeta e é afetado pelo comportamento dos outros. Nesse sentido, um elemento do sistema prejudica os demais e todo o processo, aspetos que correspondem ao princípio da circularidade. Percebe-se, a partir destes princípios, a importância dos terapeutas sistémicos incluírem todos os membros do meio familiar na participação do processo psicoterapêutico.

A família, como um sistema aberto interage com o meio, contudo, através do princípio da morfogênese tem a capacidade de se auto transformar; já através do princípio da homeostase autorregula-se, mantendo alguma estabilidade. Ao entender o grupo familiar como uma

organização onde se definem papéis e funções, é necessário pontuar também a existência de uma hierarquia que subjetivamente define as relações de poder entre os seus membros.

Diante do exposto, é possível perceber que o modelo sistémico permite visualizar a multiplicidade do sistema familiar, de cada membro e de suas interações, pois conduz à compreensão da família nos seus distintos contextos, na sua pluralidade que inclui o social, cultural, económico e temporal, já que as múltiplas gerações deixam as suas marcas na história familiar, transmitindo e perpetuando a repetição de padrões (Cervený & Berthoud, 2002). De acordo com as singularidades e especificidades de cada sistema familiar, todas as famílias transmitem o seu modelo, até mesmo aquelas que procuram não o fazer.

Quando a escola e as famílias têm uma linguagem unívoca e uma colaboração interativa no processo da educação das crianças e da sua escolarização, é possível que elas consigam ter uma aprendizagem mais expressiva, uma trajetória académica mais calma e com sucesso no desenvolvimento intelectual e emocional ajustado. Como realça Report (1978), a educação com sucesso de alunos com necessidades educativas especiais está dependente do total envolvimento dos pais.

Assim, o trabalho que se pretende efetuar, será um “*estudo de caso*” que consistirá na observação de dois alunos do 5.º ano de escolaridade, ambos diagnosticados com PHDA. O elemento fulcral de distinção entre os dois encontra-se no facto de um deles revelar acompanhamento e interesse por parte dos pais, enquanto o outro detém pouca envolvimento com o meio escolar e familiar.

Com base na análise das teorias mais recentes sobre os alunos com esta patologia, no estudo da família e dos resultados obtidos do “*estudo de caso*”, pretende-se efetuar uma reflexão profissional acerca da importância do grau de envolvimento dos pais dos alunos com PHDA na escola, procurando desta forma incentivar a implementação de programas contínuos que visem a participação dos mesmos e, ainda, motivar os pais/encarregados de educação e os professores, criando expectativas favoráveis, de modo a apostar na aquisição de competências que promovam o sucesso escolar de alunos com este tipo de perturbação.

De forma preliminar e sucinta procurar-se-á descrever, seguidamente, o enquadramento teórico, os objetivos e parâmetros que deverão ser seguidos neste trabalho. Em primeiro lugar, impõe-se realizar uma pequena introdução sobre a história da família, da escola e da criança, tendo em conta que o papel destas duas instituições bem como o dos jovens se alterou bastante nos últimos trinta anos. Será igualmente apresentada a definição de PHDA, já que esta será uma ideia que nos irá acompanhar ao longo de todo este ensaio, tratando-se, como iremos ver, de um problema comportamental e um transtorno mental com base orgânica, o que significa que os portadores não têm controlo sobre os seus sintomas (Antunes, 2003). Ainda, na primeira parte será realizada uma pequena introdução ao tema da importância da família e da escola em crianças com PHDA, que procurará introduzir as ideias básicas sobre este tema que depois de efetuada esta investigação se revelarem ou não adequadas. Será ainda de interesse fazer uma breve, mas que se pensa produtiva e significativa referência, sobre a inclusão de alunos com

PHDA, não só a nível escolar, mas sobretudo social, pois mais do que apoio e dedicação escolar e familiar estes jovens necessitam de políticas de ajuda.

Numa segunda parte, será levado a cabo a descrição da pesquisa empírica realizada, onde abordar-se-á a metodologia, o estudo de caso, o contexto, os objetivos e a questão de investigação os procedimentos a seguir, as limitações, bem como as estratégias de recolha de dados/instrumentos. Serão aqui também revelados os resultados da pesquisa e as conclusões que se tornaram possíveis de alcançar ao longo da mesma.

Parte I - Enquadramento Teórico

1. A família, a escola e a criança

À semelhança do que se passa nas outras sociedades ocidentais, embora mais tardiamente, a família tem sido em Portugal, objeto de profundas transformações, mercê de aspetos tão variados como o económico, social, político, organização do trabalho e do emprego, jurídico, cultural, religioso e mentalidades. Se recuarmos no tempo, sobretudo 50 anos, vemos que as formas de família tradicional ligadas, sobretudo, às atividades agrícolas, eram predominantes. Estas caracterizavam-se por uma alargada e complexa família, com um nuclear conjugal, normalmente de cariz patriarcal (Almeida & André, 2004). Segundo estes autores, a família demarcava-se pela divisão dos papéis de homem e mulher, de pais e filhos, os pais eram encarregues da sua educação, principal preocupação do casal.

Uma boa parte dos trabalhos escritos pelos historiadores da família, buscou, de uma forma ou de outra, explorar as origens do sistema que nos é mais familiar no ocidente: um homem em torno de uma lareira doméstica, companheiros iguais, dedicados à educação dos filhos, no sentido amplo (Casey, 1992, p. 13).

De acordo com Teixeira, Froes e Zago (2006), a família contemporânea não é igual à passada, os filhos adquiriram direito à expressão. Na atualidade, presenciavam-se modificações na sociedade e significativamente, no modo como a família se organiza (a família tradicional, constituída por pai, mãe e filhos transformou-se). Com o aparecimento tecnológico, os pais e as mães são forçados a adotar atitudes competitivas no trabalho. Outrora, as tarefas desempenhadas dentro da família eram bem definidas. Os pais hoje, além de suportarem diferentes papéis, de acordo com as situações, todos os dias vão para o trabalho. Ainda, muitos indivíduos (crianças e adolescentes), ficam a cargo de outras pessoas: familiares próximos, ocupação dos tempos livres, e ainda, as chamadas amas eletrónicas, tais como a televisão, os jogos informáticos e a internet; também com as separações e os novos casamentos, o grupo familiar tradicional tem dado lugar a diferentes famílias. E assim, no pouco tempo que ficam juntos, os pais com medo de contrariá-los, podem reforçar condutas inadequadas, prejudicando o seu desenvolvimento cognitivo/social/emocional.

Segundo Paulo Freire:

A mudança é uma constatação natural da cultura e da história. O que ocorre é que há etapas, nas culturas, em que as mudanças se dão de maneira acelerada. É o que se verifica hoje. As revoluções tecnológicas encurtam o tempo entre uma e outra mudança (p. 30).

Ao longo do século passado, assistimos a um crescente movimento pelo conhecimento da criança, em vários campos: desde a consolidação da psicologia e a sua opção pelo estudo da criança, até às influências de diversas correntes da psicologia e da psicanálise. Também a

História tem contribuído para o estudo da infância: desde os trabalhos de história social da criança e da família da década de 70 até hoje, cresce o campo da história da infância com visíveis repercussões nas diversas áreas do saber. E fomos aprendendo que as visões sobre a infância são sociais e historicamente construídas: a inserção concreta das crianças e os papéis que desempenham variam com as formas de organização social (Almeida & André, 2004).

Com a entrada da mulher no mercado do trabalho, a escola passa a ser vista e sentida como um mal necessário da família e da sociedade, como uma realidade inevitável para as famílias trabalhadoras, ou como um acidente da modernização da sociedade industrializada. De acordo com Sousa e Filho (2008, p. 4), “fez com que as funções da família começassem a ser divididas com a escola, esta progressivamente passou a ter um papel maior na formação do indivíduos e a se tornar de grande importância educacional”. Hoje, entendemos a instituição educativa, como estando empenhada no desenvolvimento dos seus educandos, baseada em objetivos pedagógicos explícitos, promotores de um desenvolvimento social e culturalmente adequado. Cabe ressaltar que a instituição educativa não substitui, de modo nenhum, a ação da família. Pelo contrário, configura-se como um lugar de interação e socialização das crianças complementar à atuação familiar e que, por isso, necessita que haja uma relação de confiança e de responsabilidade entre ambas. Daí, que seja fundamental, estudar a relação escola/família e de que modo as suas alterações vão necessariamente provocar modificações no universo educacional (Almeida, 2005).

Montadon (1991) refere que muitos pais/encarregados de educação vão apenas à escola quando são chamados e alguns nunca lá vão. No caso da creche, a situação é diferente, já que são crianças de tenra idade e precisam de ser acompanhadas diariamente pelos pais. A escola deveria dar o primeiro passo no sentido de preencher a lacuna existente na comunicação não só entre a escola e a família, mas também entre estas e a comunidade, mas esta comunicação não deverá fazer-se num sentido único.

Em qualquer programa educacional, a informação deve ser partilhada entre pais e professores, pois ambos beneficiam com a interação dos progenitores na educação da criança. A participação dos pais enriquece o trabalho educativo que se desenvolve na escola. Na maior parte dos sistemas escolares, faz-se questão de abrir cada vez mais a escola aos encarregados de educação. De acordo com Sousa e Filho (2008), “A sintonia entre a escola e a família torna-se um elemento facilitador para que a vida escolar seja vivenciada com maior tranquilidade” (p. 5). Esta abertura verifica-se nas trocas de mensagens escritas, conversas telefónicas e o clássico encontro entre o professor e os familiares de um aluno, que se transformou em muitos casos num acontecimento rotineiro. Alguns pais frequentam reuniões, visitam o professor, enquanto outros nunca “põem os pés” na escola (Diogo, 1994). É neste sentido que será importante analisar a família com base na conceção sistémica, pois esta, segundo Barker (2000):

(...) baseia-se na consciência do estado inter-relacionado e interdependência essencial de todos os fenómenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Isso significa formular gradualmente uma rede de conceitos e modelos interligados e, ao mesmo tempo, desenvolver organizações sociais correspondentes. Nenhuma teoria ou modelo será mais fundamental do que o outro, e todos eles terão que ser compatíveis (p. 25).

A família é um sistema aberto, em transformação, um conjunto de padrões aos quais os membros interagem, como também regulam o comportamento dos membros da mesma. De acordo com Andolfi (1996, p. 22):

(...) a exploração das relações interpessoais e das normas que regulam a vida dos grupos, em que o indivíduo está mais radicado, será um elemento indispensável para a compreensão dos comportamentos dos seus membros e para levar a cabo uma intervenção significativa em situações de necessidade.

É como sistema entre sistemas e as suas relações, como veremos ao longo deste trabalho de projeto, existem de um modo repetitivo em interações circulares, ou seja, o comportamento de um dos seus membros afeta todos os outros elementos e estes funcionam em reciprocidade. De acordo com Carter e McGoldrick (1980, citado por Correia & Serrano, 1999), a família “constitui uma unidade onde acontecem muitas interações - um sistema interacional. Acontecimentos que afetem um dos membros da família podem ter impacto em todos os seus membros, pelo que deve ser comedido qualquer orientação de acordo com cada família” (p. 146). Assim, nesta perspetiva, a ajuda que podemos dar a uma família, está orientada para uma mudança na estrutura familiar pois quando é transformada, as posições dos membros nesse grupo ficam alteradas e, por consequência, as experiências de cada indivíduo alteram-se (Andolfi, 1996).

Neste sentido, iremos, com a ajuda dos estudos efetuados por Bronfenbrenner (1987) verificar até que ponto pode a família, enquanto unidade sistémica, permitir a acomodação progressiva, mútua, entre um ser humano ativo, em crescimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive. Como esse processo é afetado pelas relações entre esses ambientes, e pelos contextos mais amplos em que os meios estão inseridos.

Bronfenbrenner (1987) refere:

Ao longo da vida, e especialmente nas fases iniciais, o desenvolvimento humano tem lugar através de processos de interação recíproca, cada vez mais complexos, entre um organismo humano biopsicológico ativo e as pessoas, objetos e símbolos no seu ambiente imediato. Para ser efetiva, a interação deve ocorrer sobre uma base bastante regular ao longo de períodos extensos de tempo. Essas formas duradouras de interação nos ambientes imediatos são identificadas como processos proximais, como as atividades conjuntas realizadas entre a mãe-criança, pai-criança ou criança-criança, brincadeira solitária ou em grupo, leitura, aprendizagem de novas habilidades, estudo, atividades desportivas, entre outros. Os processos proximais de interação entre o indivíduo e os seus ambientes operam-se no tempo e constituem os mecanismos primários do desenvolvimento humano (p. 27).

Deste modo, as relações entre os contextos, inibidoras ou produtivas, irão ajudar-nos a compreender as diferenças encontradas no percurso escolar de dois alunos hiperativos.

2. Definição de Perturbação da Hiperatividade com Défice de Atenção

Nesta parte do trabalho procurar-se-á definir e caracterizar o que é a PHDA, definindo qual é a sua perspetiva atual, os critérios de diagnóstico do DSM-IV-TR (2006) e Classificação

Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10, 1997), tentando compreender o caráter multimodal da avaliação da PHDA, a intervenção medicamentosa, bem como a terapia comportamental nos alunos.

A PHDA, sigla que define a Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção, afeta crianças, jovens e adultos e é caracterizada por problemas de atenção, impulsividade e hiperatividade. É uma deficiência neurobiológica de origem genética, marcada igualmente pelo descontrole motor acentuado, que faz com que o indivíduo tenha movimentos bruscos e inadequados, mudanças de humor e instabilidade afetiva, prejudicando a criança na escola, em casa e na comunidade em geral, muitas vezes, prejudicando o seu relacionamento com professores, colegas e familiares (Goldstein, 1998).

Segundo Rodhe e Mattos (2003), a PHDA é um dos distúrbios que mais sucedem em crianças. A hiperatividade, transtorno neurológico de proveniência genética, é um descontrole acentuado, que faz com que a criança tenha movimentos imprevistos e desajustados, mudanças de humor e falta de habilidade afetiva.

Ainda, para os mesmos autores, a hiperatividade é designada por “desordem do défice de atenção” e baseia-se nos sintomas de desatenção (distração) e hiperatividade (agitação acima do comum). Para um diagnóstico dessa perturbação, esses sintomas devem interpor-se expressivamente na vida de uma criança, com uma durabilidade de no mínimo seis meses e as características existentes devem ocorrer em em mais de um ambiente.

Para Barkley (2002), a PHDA está relacionado a anomalias no funcionamento do cérebro, o que denota uma irregularidade ou um défice no funcionamento da habilidade mental em comparação com um cérebro de um ser humano normal. Knapp, Rohde, Lyszkovski & Johannpeter (2002) apontam:

O TDAH sugere uma disfunção no córtex pré-frontal e em suas conexões com a rede subcortical e com o córtex parietal. Essas alterações seriam responsáveis por um déficit do comportamento inibitório e das funções chamadas executivas, incluindo memória de trabalho, planejamento, autorregulação da motivação e do limiar para ação dirigida ao objetivo definido, e internalização da fala. O deficit do comportamento inibitório e das funções executivas traduzir-se-ia nas características básicas do transtorno, ou seja, falta de controle e aderência comportamental, falta de motivação intrínseca para completar as tarefas, falta de um comportamento governado por regras (...) (p. 23).

Durante o trabalho, utilizou-se a sigla PHDA, mencionada no 4.º DSM-IV-TR (2006), pela APA, e que constitui uma referência internacional. Segundo este Manual, caracteriza-se, por um “(...) padrão persistente de falta de atenção e/ou impulsividade-hiperatividade, com uma intensidade que é mais frequente e grave que o observado habitualmente nos sujeitos com um nível semelhante de desenvolvimento” (p. 85).

Este compêndio descreve critérios específicos de diagnóstico, solicitando a presença de pelo menos seis sintomas de uma lista de dezoito, metade relacionados com problemas de atenção e, a outra relacionado com problemas de hiperatividade/impulsividade.

Refere ainda que, de 3 a 7% de crianças em idade escolar sofrem desta perturbação, na adolescência e na idade adulta os dados são incertos. Existem dados sobre a prevalência, algo desiguais, mas tal relaciona-se com diferenças nos critérios de diagnóstico, com a idade e sexos

dos indivíduos, nacionalidade, entre outros. Este Manual menciona que a perturbação é mais frequente no sexo masculino, podendo ter prevalência que oscila entre 2 e 9, meninos para uma menina dependendo do tipo e do ambiente (pp. 89-90). A APCH (2009), segue a vertente definida no DSM-IV-TR (2006), como anteriormente referimos.

O DSM-IV-TR (2006, p. 92-93) descreve os critérios de diagnóstico para esta perturbação (ver Tabela 1).

Tabela 1 - Critérios diagnósticos da PHDA segundo a APA.

A. Ou (1) ou (2)
(1) seis (ou mais) dos seguintes sintomas de falta de atenção devem persistir pelo menos durante 6 meses com uma intensidade que é desadaptativa e inconsistente em relação com o nível de desenvolvimento: <i>Falta de atenção:</i> (a) com frequência não presta atenção suficiente aos pormenores ou comete erros por descuido nas tarefas escolares, no trabalho ou nas outras atividades; (b) com frequência tem dificuldade em manter a atenção em tarefas ou atividades; (c) com frequência parece não ouvir quando se lhe fala diretamente; (d) com frequência não segue as instruções e não termina os trabalhos escolares, encargos ou deveres no local de trabalho (sem ser por comportamentos de oposição ou por incompreensão das instruções); (e) com frequência tem dificuldades em organizar tarefas e atividades; (f) com frequência evita, sente repugnância ou está relutante em envolver-se em tarefas que requeiram esforço mental mantido (tais como trabalhos escolares ou de índole administrativa); (g) com frequência perde objetos necessários a tarefas ou atividades (por exemplo, brinquedos, exercícios escolares, lápis, livros ou ferramentas); (h) com frequência distrai-se facilmente com estímulos irrelevantes; (i) esquece-se com frequência das atividades quotidianas.
2) seis (ou mais) dos seguintes sintomas de hiperatividade-impulsividade persistiram pelo menos durante 6 meses com uma intensidade que é desadaptativa e inconsistente com o nível de desenvolvimento: <i>Hiperatividade:</i> (a) com frequência movimenta excessivamente as mãos e os pés, move-se quando está sentado; (b) com frequência levanta-se na sala de aula ou noutras situações em que se espera que esteja sentado; (c) com frequência corre ou salta excessivamente em situações em que é inadequado fazê-lo (em adolescentes ou adultos pode limitar-se a sentimentos subjetivos de impaciência); (d) com frequência tem dificuldades em jogar ou dedicar-se tranquilamente a atividades de ócio; (e) com frequência «anda» ou só atua como se estivesse «ligado a um motor»; (f) com frequência sala em excesso; <i>Impulsividade:</i> (g) com frequência precipita as respostas antes que perguntas tenham acabado; (h) com frequência tem dificuldade em esperar pela sua vez; (i) com frequência interrompe ou interfere nas atividades dos outros (por exemplo, intromete-se nas conversas ou jogos).
B. Alguns sintomas de hiperatividade-impulsividade ou falta de atenção que causam défices surgem antes dos 7 anos.
D. Devem existir provas claras de um défice clinicamente significativo do funcionamento social, académico ou laboral.
E. Os sintomas não ocorrem exclusivamente durante uma Perturbação Global do Desenvolvimento, Esquizofrenia ou outra Perturbação Psicótica e não são melhor explicados por outra perturbação (por exemplo, Perturbação do Humor, Perturbação da Ansiedade, Perturbação Dissociativa ou Perturbação da personalidade).

Os sistemas classificatórios definem um número mínimo de indícios como necessários para o diagnóstico DSM-IV-TR (2006): seis sintomas de desatenção e/ou hiperatividade/impulsividade; a CID-10 (1997), um instrumento concebido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) define: seis de desatenção, três de hiperatividade e um de impulsividade. Mas, indícios isolados de PHDA, ou combinações de dois ou três, mesmo que acontecendo com relativa frequência, têm pouco valor diagnóstico. Por outro lado, é importante salientar que a avaliação do ponto de corte do DSM-IV-TR (2006) em relação ao número de sintomas necessários para o diagnóstico, foi realizada a partir de uma amostra norte-americana unicamente clínica que, embora tenha englobado crianças e adolescentes entre os 4 e 17 anos, era prioritariamente composta por jovens em idade escolar.

O DSM-IV-TR (2006) e a CID-10 (1997) incluem um critério de idade de início dos sintomas, estando este fixado antes dos 7 anos para o diagnóstico da perturbação. Entretanto, essa norma resulta apenas de um estudo levado a cabo por alguns investigadores de PHDA, sem qualquer evidência científica que sustente a sua validade clínica, podendo revelar-se antes ou depois dos 7 anos de idade.

Durante muito tempo, julgou-se a hiperatividade como a característica principal da PHDA. Hoje em dia, sabe-se que não é bem assim, existindo, segundo o DSM-IV-TR (2006), três tipos de PHDA: o Tipo predominantemente Desatento: predominância de sintomas de desatenção (durante os últimos seis meses); o Tipo predominantemente Hiperativo - Impulsivo: onde existe um maior número de sinais de hiperatividade-impulsividade (durante os últimos seis meses) e o Tipo Misto: existindo uma junção entre sintomas de hiperatividade-impulsividade e desatenção (durante os últimos seis meses).

Para Gomes, Palmini, Barbirato, Rohde e Mattos (2007), a hiperatividade manifesta-se através da inquietação, da dificuldade do jovem em permanecer sentado, remexendo-se na cadeira. As crianças sobem pelos objetos e correm de um lado para o outro, em momentos inadequados. O comportamento hiperativo, segundo Leite e Ferreira (2008), interfere tanto na vida familiar, como na escolar e social da criança.

De acordo com o DSM-IV-TR (2006, p. 87-88), a comorbilidade faz-se presente e significa a ocorrência de mais de uma dificuldade ao mesmo tempo. As características associadas diversificam derivando da idade e período de desenvolvimento e podem abranger uma baixa tolerância à frustração, arrebatamentos emocionais, teimosia, insistência excessiva e frequente em que as suas exigências sejam satisfeitas, labilidade emocional, desmoralização, disforia, rejeição pelos companheiros e baixa autoestima.

Os indivíduos com PHDA podem conseguir rendimento escolar abaixo do nível obtidos pelos seus colegas da sua faixa etária e um nível de trabalho inferior, no entanto, podem, manifestar um desenvolvimento intelectual na média superior e acima da média e/ou superior. Na sua forma mais grave, a perturbação é marcadamente incapacitante e afeta a adaptação social, familiar e académica. Agravam o “funcionamento” e a qualidade de vida dos indivíduos. Exemplos de perturbações habitualmente associadas a PHDA nas crianças e jovens, são a: perturbação de oposição, perturbação de conduta, perturbação de aprendizagem, perturbação de ansiedade, depressão, perturbação de linguagem, perturbação do sono, perturbação do humor, perturbação de tiques, depressão e abuso de substâncias.

As perturbações em comorbilidade podem precisar de tratamento independente e complementar à terapêutica de PHDA. A presença de uma comorbilidade pode modificar a terapêutica e o prognóstico.

Segundo Bourbon (2006), o regime terapêutico sustenta-se em três importantes sustentáculos: a psicoeducação, a farmacoterapia e as intervenções psicológicas e educacionais. Ainda, de acordo com o mesmo autor, a transmissão de informação e a consciencialização da família, é o primordial e o mais necessário passo no tratamento das crianças com este tipo de perturbação.

A avaliação da PHDA envolve a aplicação de variados instrumentos e uma equipa multidisciplinar. Este procedimento deverá ser razoavelmente prologando no tempo e abrangente, o que nem sempre é respeitado. É uma perturbação simples de sinalizar pelas dificuldades que causa, mas muito difícil de avaliar podendo dificultar a tomada de decisão sobre a intervenção terapêutica. A avaliação deve facultar pistas seguras para a intervenção, tendo como objetivo a determinação da presença ou ausência de PHDA. No diagnóstico diferencial da PHDA e outros transtornos psiquiátricos, deve-se verificar a presença de dificuldades de aprendizagem, atrasos no desenvolvimento, problemas na aquisição de linguagem, o potencial da família, rede social e comunidade, para levar a cabo os programas de intervenção. Pode incluir o aconselhamento individual, a formação dos pais na gestão do comportamento dos filhos, terapia familiar, modificação do comportamento, medicamentos, serviços especiais, etc.

Alguns dos instrumentos de avaliação que podem ser utilizados citam-se: as listas de verificação, as grelhas de observação, as escalas de classificação, os questionários na sala de aula, os testes (teóricos, práticos e teórico-práticos), os testes psicológicos, os portefólios, os registos de incidentes críticos e as entrevistas.

As listas de verificação destinam-se a registar a presença ou ausência de um comportamento ou de um resultado de aprendizagem. Podem ser utilizadas por professores, mas também por alunos, para registar comportamentos individuais ou de um grupo. O seu preenchimento é simples, sendo, por isso, um instrumento de fácil aplicação e objetivo a nível da observação.

As grelhas permitem registar a frequência dos comportamentos e observar a progressão dos mesmos. Devido às dificuldades de utilização deste instrumento é conveniente definir previamente o grupo de alunos a observar e selecionar apenas os comportamentos que ainda não são, mas pretendemos que venham a ser, típicos de uma turma. Como têm normalmente de ser registados em simultâneo com o que está a ser observado, uma das melhores formas que os professores encontraram para ultrapassar as dificuldades inerentes a esta simultaneidade tem sido o recurso à autoavaliação, o que não quer dizer que assim seja sempre (Hamel, Dufour & Fortin, 1993).

As escalas de classificação integram um conjunto de características ou qualidades, distribuídas por níveis, que se querem avaliar. Dos vários tipos de escalas, numéricas, gráficas e gráficas descritivas, estas últimas são as mais indicadas em educação porque os vários níveis aparecem explicitados por frases claras e concisas. Possibilitam, além disso, o esclarecimento de certas opções do observador no espaço reservado aos comentários.

Um questionário, como o Questionário de Conners (1969, 1973 e 1997) é importante pois, visa obter informações de natureza muito diversa tais como interesses, motivações, atitudes ou opiniões das pessoas. Permitem recolher informação de um elevado número de alunos, de forma rápida e podem até servir de instrumento de diagnóstico. O questionário destina-se a identificar problemas de comportamento, em especial, problemas de hiperatividade, em crianças e adolescentes.

Os testes não são o instrumento privilegiado da avaliação dos alunos e, como todos os métodos de avaliação usados na sala de aula, a sua aplicação só faz sentido se estiverem alinhados com o currículo, ou seja, com aquilo que se deseja que os alunos aprendam. Assim, os testes não podem ser o único meio de proceder à avaliação da aprendizagem, uma vez que o currículo do ensino básico e secundário inclui não só a aquisição de conhecimentos mas igualmente, o desenvolvimento de capacidades e a promoção de atitudes e valores (Hamel *et al.*, 1993). Por outro lado, este tipo de instrumento de avaliação visa o desempenho máximo dos alunos e não o comportamento típico, sobretudo, quando contém exclusivamente itens de verdadeiro/falso, de escolha múltipla, de completamento, associação, ordenação e de resposta curta. Um teste objetivo que promove a memorização, limita-se, por vezes, a determinar o conhecimento inerte existente na memória a curto prazo e não avalia as capacidades de pensar criticamente e de raciocinar eficazmente, isto é, não estimula a aprendizagem significativa (Hamel *et al.*, 1993).

Os testes psicológicos vêm a ser elementos auxiliares de utilidade quando se investigam distúrbios de aprendizagem ou de deterioração mental para fins de diagnóstico diferencial ou comorbilidade (Nadeau, 1995). Os testes são completados ou respondidos ou realizados pelo próprio sujeito da avaliação.

Os registos de incidentes críticos consistem numa forma de descrever comportamentos pouco habituais, negativos ou positivos, que se revelam espontaneamente dentro ou fora da sala de aula. Os comportamentos a registar devem essencialmente contribuir para aumentar o conhecimento dos alunos e ultrapassar a impressão vaga e geral que muitas vezes formamos sobre os mesmos. Desta forma, os dados de observação que vamos recolhendo tornam-se mais precisos, sobretudo em domínios onde as técnicas objetivas ou são inexistentes ou pouco adequadas. Tal situação verifica-se quando queremos avaliar as relações sócio afetivas, as atitudes e alguns traços da personalidade do aluno (Hamel *et al.*, 1993).

A entrevista é uma técnica muito usada quando se pretende reunir informação detalhada sobre o modo como alguns alunos realizam ou realizaram uma tarefa, o que pensam acerca de um assunto ou qual é a sua opinião sobre o que poderiam fazer para melhorar a sua aprendizagem. A entrevista pode ser adequada para a recolha de dados sobre o processo de ensino-aprendizagem e os seus produtos, para diagnosticar progressos e dificuldades de variada ordem, ou para fornecer pistas para ultrapassar dificuldades e identificar soluções. Cabe pois a cada um, escolher o método que se assemelha como o mais adequado a cada caso.

Na entrevista clínica, o relato dos pais proporciona uma importante fonte de conhecimento e compreensão da criança, bem como do seu funcionamento. Trata-se de razões que muitas vezes levaram a avaliação da criança. Os genitores expõem a sua perceção sobre a criança, possibilitando estabelecer a ligação entre o seu comportamento e o dos filhos e ter uma perceção sobre a futura adesão ao tratamento e as indicações que serão feitas.

As listas de verificação, as grelhas, as escalas de classificação, os questionários, os registos de incidentes críticos, habitualmente são respondidos por terceiros, quase sempre adultos que convivem de perto com o sujeito que está a ser avaliado.

3. A importância da família e da escola em crianças com PHDA

Para a perspectiva sistémica, a família deve ser entendida como um sistema, como um todo funcional, semelhante a um organismo vivo (Relvas, 1982). Só assim assume o carácter uno e único que permite o chamado "sentimento de pertença". A este propósito, Relvas (2000, citando Gameiro, 1992) entende que "(...) a família é uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas com os instrumentos criados para o estudo dos indivíduos isolados" (p. 11).

Por conseguinte, este modelo pretende ultrapassar a tendência de tipificar as famílias como se de entidades estáticas e universais se tratassem, entendendo que, cada família é uma estrutura única (Alarcão, 2000).

A compreensão e reflexão da interação família/escola/meio ambiente, tendo em conta a criança com PHDA, é uma abordagem que tenta situar esta "tríade" como primordial no desenvolvimento da criança. Embora a família tenha sido considerada um âmbito privilegiado de desenvolvimento, isto não significa que outros contextos não atuem sobre o indivíduo, uma vez que o grupo familiar constitui um sistema que mantém relações de troca com outros contextos.

Segundo Sousa e Filho (2008):

A família funciona como o primeiro e mais importante agente socializador, sendo assim, é o primeiro contexto no qual se desenvolvem padrões de socialização em que a criança constrói o seu modelo de aprendiz e se relaciona com todo o conhecimento adquirido durante sua experiência de vida primária e que vai se refletir na sua vida escolar (p. 3).

De acordo com Valadão e Santos (1997, citado por Sousa & Filho, 2008):

Independentemente de como a família é constituída, esta é uma instituição fundamental da sociedade, pois é nela que se espera que ocorra o processo de socialização primária, onde ocorrerá a formação de valores. Este sistema de valores só será confrontado no processo de socialização secundário, isto é, através da escolarização e profissionalização, principalmente na adolescência (p. 3).

Os pais costumam funcionar como modelos, devendo estar sensíveis aos sinais emitidos pela criança, dando-lhes condições de obter êxitos, em relação aos seus comportamentos adaptativos. Além disso, devem ser organizadores de um sistema de regras que permitirão a adequação da criança ao mundo. Os irmãos, por sua vez, têm outros papéis, que possibilitam à criança a vivência de comportamentos diferenciados. Estes são a ponte entre a família e o mundo (Caballo, 1996).

A família deve, portanto, esforçar-se por estar presente nos momentos da vida dos filhos. Essa presença implica envolvimento, comprometimento e colaboração. Deverá estar sempre atenta às dificuldades não só cognitivas, como comportamentais. Deve estar pronta para intervir, da melhor maneira possível, visando sempre o bem dos filhos, mesmo que isso signifique dizer sucessivos "nãos" às suas exigências (Kaloustian, 1988).

Segundo Antunes (2009), a autoridade dos pais exige constância e coerência diária para que a criança se sinta segura. O exemplo é um fator fundamental na modalidade dos comportamentos. Educar, não é uma empreitada fácil, obriga diligência, constância e serenidade. A insegurança de poder magoar ou frustrar deve ser mudada pela convicção de ser

firme e estabelecer limites e responsabilidades na hora e momentos certos. Deve-se fazer ver aos filhos (crianças e adolescentes) que direitos devem ser acompanhados de deveres e para ser respeitado, deve-se também respeitar.

O trabalho com os pais deverá ter por base o treino em estratégias que lhes permitam controlar (gerir) o comportamento dos filhos e melhorar a sua interação com os colegas. Os autores especializados ressaltam a importância destas crianças terem ambientes familiares bem estruturados e baseados em rotinas e regras claras, onde as expectativas dos adultos sejam consistentes e as consequências sejam estabelecidas com clareza e aplicadas de imediato. O papel da escola é muito importante e a atitude do(s) professor(es) face à criança com PHDA influencia obviamente o sucesso da intervenção.

Por isso, conhecer realmente o assunto em questão é de extrema importância, tanto para a família como para a escola. O docente terá maior possibilidade de entender o aluno que apresenta tais características. Este profissional está na “*linha de frente*” para o conhecimento sobre a PHDA e como lidar com ela, o que facilitará as suas ações diante de uma situação tão delicada e séria, como esta de conviver com a diversidade.

Segundo Caballo (1996), a escola promove o contacto social da criança com outros adultos significativos e com os seus pares, estimulando o exercício de novos papéis e habilidades e impondo novos desafios interpessoais. A escola pode estimular a autonomia, a capacidade crítica, a cooperação e outras capacidades que compõe a vida em grupo. Em relação aos amigos, estes formam o espaço social necessário à emissão de uma série de comportamentos que em outros contextos, poderiam ser impróprios, possibilitando, ainda, o autoconhecimento e o treino de novas habilidades e daquelas já aprendidas. Existem outras fontes de aprendizagem destas aptidões, como por exemplo, a televisão que, sem dúvida, tem um papel como formador de atitudes, pena é, que nem sempre sejam as melhores.

Na atualidade e, por tendências socioeconômicas e culturais, é usual que os pais e as mães trabalhem fora e tenham cada vez menos tempo para cuidar dos seus filhos. Estes acabam ficando cada vez mais tempo sob a atenção de outras pessoas. No escasso tempo que têm com os pais (comumente à noite), acabam encontrando-os em estado de estresse, alvoroço e impaciência motivada pelo dia de trabalho. De acordo com Gonçalves e Gomes (n.d.), a PHDA não é provocada por uma educação inadequada todavia, uma vida familiar e um ambiente escolar desorganizados podem agravar os sintomas.

Para acompanhar a criança, nestes dois ambientes, o professor e os pais podem utilizar vários instrumentos para facilitar as formas de avaliação, tanto auto, como hetero. Quando utilizados pelos alunos podem alterar de forma positiva as suas atitudes verificando-se que, por iniciativa própria, eles corrigem ou alteram os seus comportamentos. Para Araújo (2002, citado por Pastura, G. M. C., P. Araújo & A. P. Q. Campos, 2005), o desempenho escolar depende de vários fatores: (...) “características da escola (físicas, pedagógicas, qualificação do professor), da família (nível de escolaridade dos pais, presença dos pais e interação dos pais com a escola e deveres) e do próprio indivíduo” (s. p.). Para a criança com PHDA, a escola pode constituir-se num verdadeiro desafio. Rodrigues (2005) refere que:

(...) a sua impulsividade impede-a de responder de forma reflexiva e conduz frequentemente ao erro, as dificuldades de memória de curto prazo dificultam a retenção de informação, as dificuldades de planeamento e organização interferem com a escrita, em especial, quando há tempo limitado para tal (p. 4).

Ainda, segundo a autora, há muitos estudos que mostram que existem variáveis do contexto escolar que influenciam o sucesso da criança com PHDA, nomeadamente: “(...) a dificuldade das tarefas em causa; a duração das tarefas apresentadas; o interesse das tarefas; os materiais utilizados; a motivação para as tarefas; o desafio de cada tarefa sem que este provoque frustração constante” (pp. 4-5). Assim, esta considera que o sucesso escolar depende do:

(...) ajuste entre as variáveis biológicas do indivíduo e as variáveis do contexto, ajuste esse em que se conta com as expectativas face ao sucesso escolar, a consonância entre a escola e a família e o reforço que a escola representa para cada criança (p. 5).

Para Viaro (2008) (...) “ensinar não é apenas uma coleção de habilidades técnicas, um pacote de procedimentos, uma porção de coisas que você pode aprender. Técnicas e habilidades são importantes, mas ensinar é muito mais que isso” (p. 34).

Rego (2010), refere que a designada “*escola inclusiva*” ou “*escola para todos*”:

(...) tem merecido a atenção de muitos organismos, entidades e personalidades nacionais e internacionais, os quais fizeram inúmeras e importantes reflexões e recomendações visando, por um lado, ajustar o processo de ensino e aprendizagem às características e particularidade de cada criança ou jovem, e, por outro, desenvolver condições humanas, físicas e materiais que possibilitem uma efetiva e plena participação de todos os indivíduos na escola e na sociedade (s. p.).

Importa destacar o valor do diálogo. Este exige da parte dos pais a atitude de compreender o filho. Compreender não significa estar de acordo com as ideias ou com o comportamento dele. Contudo, estar consciente e aceitar a pessoa do filho. Não existe o filho ideal, como não existe o pai ideal. Para dialogar é necessário estar aberto aos novos valores (Diez, 1989). Educar os filhos para que sejam pessoas responsabilmente livres é uma função árdua e dura para os pais, mas é igualmente uma tarefa apaixonante, pois a liberdade é a raiz da personalidade humana. Os pais também devem ajudar a promover a aprendizagem através de tarefas tais como: ler aos filhos, ouvi-los a ler, conversar sobre diferentes temas, pedir-lhes opinião, passear, ir a museus e locais históricos, entre muitas outras atividades. Além disso, os pais podem ajudar a proporcionar um ambiente de estudo facilitador da aprendizagem, ajudar a organizar horários de estudo e auxiliar nos trabalhos escolares (Diez, 1989).

Também é essencial para os alunos sentirem-se apoiados, vendo que os seus familiares participam nas atividades organizadas pela escola, uma vez que eles fizeram um investimento que gostam de ver reconhecido. Os pais também têm a possibilidade de conhecer melhor a escola, os professores e colegas do seu filho.

Tal como os progenitores, a escola educa para a liberdade, através do diálogo e da autoridade. Por isso, nestes dois campos, as posições são idênticas, quer para a família, quer para a escola, e pressupõem uma forte coordenação na forma como são postas em prática.

Além disso, a escola educa através da sua maneira de atuar. Um educando aprende a ser livre quando os sistemas educativos lhe apresentam um padrão no qual ele pode desenvolver, progressiva e racionalmente as suas capacidades críticas e de opção, dentro de um compromisso de obrigações que o aperfeiçoam como pessoa e o inserem na sociedade (Diez, 1989).

O sistema escolar deve assentar também no diálogo entre educando e educadores, pois é o diálogo, e não o monólogo dos professores que desperta a atitude crítica, base em que assenta a liberdade.

Podemos então destacar que Família e Escola têm uma missão compartilhada: a orientação pessoal do educando. No entanto, muito mais pode ser feito pelas crianças com este distúrbio e será isso que procuraremos apresentar ao longo do nosso estudo.

4. Inclusão escolar de alunos com PHDA

O impacto da PHDA na sociedade é enorme, considerando-se o seu alto custo financeiro, o *stress* nas famílias, o prejuízo nas atividades académicas e vocacionais, bem como, efeitos negativos na autoestima destas crianças e adolescentes. Pelo fato de ser ainda um tema pouco difundido tem sido uma das grandes dificuldades enfrentadas pelas escolas inclusivas.

(...) é a palavra que hoje pretende definir igualdade, fraternidade, direitos humanos ou democracia, conceitos que amamos, mas que não sabemos ou não queremos pôr em prática. A inclusão escolar teve as suas origens no centro das pessoas em situação de deficiência e inseriu-se nos grandes movimentos contra a exclusão social, como é o caso da emancipação feminina, tendo como princípio a defesa da justiça social, celebrando a diversidade humana. Por isso, muitos pensam que a inclusão escolar é para os jovens em situação de deficiência, mas não, ela deve contemplar todas as crianças e jovens com necessidades educativas (Sanchez & Teodoro, 2006, p. 69).

Com a Declaração de Salamanca (1994), que veio abordar os princípios, políticas e práticas na área das NEE, em que se instituiu a educação inclusiva pode-se dizer que o princípio fundamental da escola inclusiva, é o de que todas as crianças devem aprender juntas, as escolas devem reconhecer e responder as necessidades diversas dos alunos, adaptando os estilos e ritmos de aprendizagem, enfim, assegurar uma educação de qualidade a todos, por meio de um currículo apropriado, estratégias de ensino, rentabilizar os recursos humanos e matérias, em cooperação com a comunidade educativa.

A integração ou inclusão de alunos com necessidades especiais no sistema regular de ensino tem sido, sem dúvida, a questão referente à Educação Especial mais discutida no nosso país nas últimas décadas. Este tema, que por tanto tempo, salvo algumas experiências isoladas, ficou restrito ao debate em congressos e textos da literatura especializada, hoje torna-se proposta de intervenção amparada e fomentada pela legislação em vigor, e determinante das políticas públicas educacionais tanto a nível nacional, quanto estatal e municipal.

Em meados do século XX (anos 60), com origem na Europa, nos países nórdicos, aposta-se na escolarização das crianças em situação de deficiência sensorial no sistema regular de ensino, iniciando-se, assim, o movimento da integração escolar. Os países que aderiram a este movimento colocaram as suas crianças e jovens em situação de deficiência nas classes

regulares, acompanhados por professores de ensino especial, previamente formados para isso (Sanchez & Teodoro, 2006, p. 64).

Porém, em Portugal essa integração escolar só se opera no início dos anos setenta, do passado século, com a criação e regulamentação de Equipas de Educação especial em 1983, para os professores de Educação Especial e o regime educativo especial para os alunos com necessidades educativas especiais.

O atual regime jurídico da educação especial em Portugal, através do Decreto-Lei n.º 3 de 8 de janeiro de 2008 (2008) e alteração efetuada ao mesmo por apreciação parlamentar a 4 de março de 2008, introduz um novo conceito de necessidades educativas especiais (NEE). Segundo esse Decreto, “um aspeto determinante da qualidade do ensino é a promoção de uma escola *democrática e inclusiva*, orientada para o sucesso educativo de todas as crianças e jovens” (Diário da República, 2008, p. 154).

No entanto, não basta que uma proposta se torne lei para que a mesma seja imediatamente aplicada. Inúmeras são as barreiras que impedem que a política de inclusão se torne realidade na prática quotidiana das nossas escolas. Entre estas, a principal, sem dúvida, é a pouca preparação dos professores em receber nas suas salas de aula, geralmente repletas de alunos, jovens com problemas de disciplina e aprendizagem (César, 2003). Mas, a escola é para todos devendo incluir tanto jovens dito saudáveis como os com problemas. Como afirma César:

Escola inclusiva é uma escola onde se celebra a diversidade, encarando-a como uma riqueza e não como algo a evitar, em que as complementaridades das características de cada um permitem avançar, em vez de serem vistas como ameaçadoras, como um perigo que põe em risco a nossa própria integridade, apenas porque ela é culturalmente diversa da do outro, que temos como parceiro social (2003, p. 119).

De acordo com esta abordagem, não é difícil verificar como a escola pode contribuir para o sucesso ou o insucesso do aluno e que através desses mecanismos forma-se um ser humano desejável para uma determinada sociedade. E é óbvio que na questão da inclusão do aluno com necessidades educativas especiais na escola o especialista deve concentrar-se numa investigação sobre o funcionamento da instituição, o seu currículo, a pedagogia que orienta a ação educativa e o tipo de avaliação, e sugerir as modificações suscetíveis de reduzir as diferenças e a amplitude dos possíveis insucessos escolares, não só dessas crianças, mas de todos os alunos.

Assim, os instrumentos para se atingir os objetivos da inclusão do aluno com necessidades educativas especiais na escola são necessariamente o conhecimento das teorias educacionais e das propostas existentes neste sentido e sua divulgação aos professores para que ocorra a sensibilização e a consciencialização da comunidade escolar. O desafio da superação das dificuldades de inclusão do aluno com necessidades especiais no ensino regular, requer que se ultrapassem as práticas tradicionais e os sentimentos acerca das pessoas com necessidades educativas especiais, realizando a integração, nos âmbitos escolar e comunitário (Correia, 2001).

Acredita-se que potenciar a inclusão do aluno com necessidades especiais no ensino, só terá os efeitos desejados se essa inclusão tiver como corolário a integração e se for aceite por toda a comunidade escolar. Sabe-se que os propósitos da inclusão do aluno com necessidades

educativas especiais na escola requerem que se trabalhe todo o contexto onde o processo deve ocorrer.

A atitude discriminatória perante alunos com necessidades educativas especiais pode ser vista através das teorias críticas da educação como o resultado de uma complexa dinâmica da subjetividade, que inclui contradições, medos, ansiedades, resistências e cisões. A análise contemporânea da questão da inclusão do aluno com necessidades especiais no ensino regular, estudada através do conceito de “diferença”, faz ver que a dificuldade de inclusão desse aluno no ensino regular é uma limitação do sistema de ensino, que leva a uma visão distorcida da comunidade escolar, imposta pelo currículo escolar (Costa, 1998).

As teorias críticas da educação são um campo aberto a esse trabalho, desde que a inclusão desse aluno no ensino regular seja visto sob a ótica da integração e a análise do conceito de diferença, classificação, enquadramento, identidade e poder, proporcionado por essas teorias.

Referindo-se à inclusão da criança com necessidades educativas especiais, vários autores afirmam que, inclusão, não se trata apenas de colocar uma criança com deficiência numa sala de aula ou numa escola. Inclusão trata, sim, da forma como se lida com a diversidade, com a diferença e, claro, com a nossa própria moralidade como pessoa e como profissional.

Sasaki (1999) fala da “inclusão social” como um novo paradigma, o caminho “(...) ideal para se construir uma sociedade para todos e que por ele lutam para que possamos - juntos na diversidade humana - cumprir nossos deveres de cidadania e nos beneficiar dos direitos civis, políticos, económicos, sociais, culturais e de desenvolvimento” (p. 43). De tal forma se torna importante pois esta,

(...) é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos (espaços internos e externos), equipamentos, aparelhos e utensílios, mobiliário e meios de transporte) e na mentalidade de todas as pessoas, portanto também do próprio portador de necessidades especiais (Sasaki, 1999, p. 42).

Vários autores chamam a atenção dos especialistas, para três componentes práticas interdependentes no ensino inclusivo, De acordo com Stainback e Stainback (1999, pp. 21-22):

O primeiro deles é a rede de apoio, o componente organizacional, que envolve a coordenação de equipas e de indivíduos que apoiam uns aos outros através de conexões formais e informais (...). O segundo componente é a consulta cooperativa e o trabalho em equipe, o componente do procedimento, que envolve indivíduos de várias especialidades trabalhando juntos para planejar e implementar programas para diferentes alunos em ambientes integrados (...). O terceiro é a aprendizagem cooperativa, o componente do ensino, que está relacionado à criação de uma atmosfera de aprendizagem em sala de aula em que alunos com vários interesses e habilidades podem atingir o seu potencial.

Falar de educação inclusiva é também falar de aprendizagens dentro da sala de aula, no grupo e com o grupo heterogéneo, sendo as salas locais inclusivos por excelência, aliás Ainscow (1999) aponta três fatores chave que influenciam a criação de salas de aula mais inclusivas:

(...) planificação para a classe, como um todo - a preocupação central do professor tem que ser a planificação das atividades para a classe, no seu conjunto e não para um aluno, em particular; utilização eficiente de recursos naturais: os próprios alunos - valorizando os conhecimentos, experiências e vivências de cada um; reconhecendo a capacidade dos alunos

para contribuir para a respetiva aprendizagem, reconhecendo que a aprendizagem é um processo social, desenvolvendo o trabalho a pares/cooperativo, criando ambientes educativos mais ricos, desenvolvendo a capacidade de resposta dos professores ao *feedback* dos alunos, no decorrer das atividades; “improvisação” - o professor deve ser capaz de fazer uma alteração de planos e atividades em resposta às reações dos alunos, encorajando uma participação ativa e a personalização da experiência da aula (p.16), (ver Tabela 2).

Tabela 2 - Escola Inclusiva segundo Ainscow (1999, p. 21).

Da Integração escolar /Educação especial	A inclusão escolar/Educação inclusiva
Das necessidades educativas especiais	A Educação para todos
Das medidas complementares para responder aos alunos especiais	A resposta às necessidades educativas especiais as crianças e jovens
De um sistema educativo que se mantém inalterável nas suas linhas gerais	A reestruturação das escolas: -mudanças metodológicas e organizacionais -sucesso nas aprendizagens para todas as crianças e jovens
Da perspetiva centrada na criança	Perspetiva centrada no currículo

Meijer (1998) responsável pela investigação *Integração na Europa: disposições respeitantes a alunos com necessidades educativas especiais* ressalta a diferença entre integração e inclusão, fazendo referência à qualidade de aprendizagem por oposição a uma presença física (ver Tabela 3).

Tabela 3 - Escola inclusiva segundo Meijer (1998, p. 43).

Da Integração escolar /Educação especial	A Inclusão escolar/Educação inclusiva
Da colocação de alunos com necessidades educativas especiais no ensino regular.	A uma avaliação da qualidade do programa ou do ensino em geral.

Um outro estudo, efetuado pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OCDE), designada por “Implementing inclusive education”, o autor, Porter (1997), faz uma comparação entre a abordagem tradicional e a nova, de uma escola inclusiva (ver Tabela 4).

Tabela 4 - Escola inclusiva segundo Porter (1997, p. 56).

Da Integração escolar /Educação especial	A Inclusão escolar/Educação inclusiva
Das categorias	Aos indivíduos e grupos
Dos produtos diferentes	Ao processo
Da dicotomia metodológica	À diferenciação
Da dicotomia curricular	Ao currículo em construção

Já Armstrong (2001) faz a análise das diferenças existentes entre a integração escolar e a educação inclusiva, partindo de uma realidade que é a escola, como se vê na Tabela 5.

Tabela 5 - Escola inclusiva segundo Armstrong (2001, p. 29).

Da Integração escolar /Educação especial	A inclusão escolar/Educação Inclusiva
Do assimilacionismo - ajustamentos administrativos e técnicos operados entre as escolas regulares e as escolas especiais	As questões políticas sobre a natureza da sociedade e o estatuto atribuído às pessoas
Dos alunos considerados »capazes« de frequentar a escola regular, parcialmente ou provisoriamente.	-Ao não condicional, não mais uma inclusão parcial -Ao tornar tudo acessível a todos -Aos direitos de todos os alunos a participar e a ser aceites na escola regular e na vida da comunidade -Ao máximo de possibilidades de aprendizagem a todos os alunos (citando Rouse & Rorian, 1997).
Da Integração escolar /Educação especial	A inclusão escolar/Educação Inclusiva
Do adulto »colado« a eles como uma espécie de guarda (citando Ainscow, 1999).	A todos os adultos presentes na sala de aula para ensinar e apoiar todos os alunos, quaisquer que sejam as suas diferenças.
Da integração concentrada nas dificuldades e sobre as vias que permitem ajuda aos alunos enquanto indivíduos.	As dificuldades educativas ligadas ao contexto.
Das práticas que constroem ao aluno como diferente, à parte, frágil e mesmo potencialmente perigoso.	Aos docentes e às decisões que eles tomam, às suas atitudes às relações que desenvolvem e às formas de organização da classe como fatores que conduzem ou não a experiência do sucesso na escola (citando Ainscow, 1999).
- Das graves implicações no que diz respeito às possibilidades oferecidas aos alunos de se tornarem «aprendizes» independentes e atores sociais autónomos	A uma sociedade mais tolerante e mais equitativa.
- Da prática de um apoio permanente em classe para alguns alunos, visto como uma utilização dispendiosa e desigual de recursos.	
Da prática de um aluno ou vários alunos que recebem de maneira visível e evidente um tratamento diferente dos outros.	-À diversidade e às diferenças aceites e celebradas -À aceitação natural da diferença -À transformação completa das culturas da escola -Ao processo de transformação cultural.

A inclusão implica a reformulação de políticas educacionais e a implementação de projetos educacionais do sentido eliminatório ao sentido inclusivo. Mas os esforços e investimentos extraídos pelo movimento de defesa pela inclusão em educação podem ser onerosos, apenas se vistos numa perspectiva imediatista (Costa, 1998). A longo prazo, no entanto, o investimento é recompensador. Educação Especial é muito mais do que escola especial. Como tal, a sua prática não precisa estar limitada a um sistema paralelo de educação, e sim fazer parte da educação como um todo, acontecendo nas escolas regulares e constituindo-se em mais um sinal de qualidade na educação, quando oferecida a qualquer aluno que dela necessite, por quaisquer que sejam os motivos (internos ou externos ao indivíduo). Portanto, nos casos em que uma tradição paralela de oferta da educação especial ainda não esteja consolidada, concentrar esforços e investimentos na inclusão em educação já seria, de início, uma vantagem (Costa, 1998).

Neste sentido, para indivíduos com PHDA a intervenção e inserção social são de vital importância. Deste pacote faz também parte o professor, sobretudo um professor sensato e compreensivo, pois este pode permitir que um aluno com este tipo de perturbação tire o máximo partido das suas capacidades e competências. Quanto mais interessante, dinâmico e envolvido o professor se mostrar relativamente à matéria, menor é a probabilidade de este se deixar absorver pelo seu próprio mundo.

Sendo o professor, o potencial intermediário do processo de ensino-aprendizagem, cabe-lhe o papel de fazer as adequações necessárias ao currículo (Glat & Pletson, 2004), ou seja, deve

tentar responder às necessidades dos alunos da turma, da melhor forma possível, utilizando os recursos disponíveis e refletindo criticamente sobre as suas posições. Cada aluno é único, tem o seu potencial, o seu ritmo de trabalho, o seu estilo de aprendizagem, os seus valores culturais....

De acordo com a Declaração de Salamanca (1994):

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respetivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola (UNESCO, pp.11-12).

Neste sentido, espera-se que os professores promotores de aprendizagem para todos os alunos devem estar disponíveis para acolherem a diversidade nos estilos de aprendizagem e intervirem da melhor forma com os alunos que se encontram presentes em sua sala de aula.

No entanto, como ver-se-á mais à frente, o professor não deve trabalhar sozinho. Para ajudar estes alunos é necessária uma intervenção multidisciplinar, pelo que não deverá dispensar a ajuda de outros colegas de profissão, nomeadamente, de educação especial, do psicólogo, dos pais, do próprio aluno e dos seus pares (Parker, 2003).

É justamente a importância parental e toda a envolvimento que procuraremos realçar na investigação que se levou a cabo e que será apresentada no ponto seguinte.

Parte II - Estudo Empírico

Introdução à Metodologia do Estudo

Constantemente, os professores fazem investigação nas suas salas de aula. Assim, a pesquisa valida o trabalho na aula efetuado pelo docente e considera importante a interação professor-aluno como fonte de informação da aprendizagem e do ensino.

Contudo, no processo de pesquisa que se desenvolveu, a verdade é que uma das principais características a manter foi a imparcialidade. Não se deve, em momento algum agir tendencial ou propositadamente nas nossas inquirições ou conclusões.

Deste modo, inicialmente a intenção é definir concretamente o objeto de estudo, quais os elementos que se procuram analisar, as motivações e questões principais da investigação, sem nunca esquecer, obviamente os procedimentos a seguir. Foram escolhidos os nossos alvos de estudo, depois disso, realizou-se uma recolha de informação prévia sobre os mesmos, bem como do seu meio envolvente. Em seguida, foram aplicados os instrumentos de análise e recolha de dados, que vão desde a colheita de dados no processo individual dos alunos, até às entrevistas. Apesar destas serem realizadas a diferentes intervenientes, teve-se sempre presente como preocupação partir das premissas, construindo um guia de entrevistas similar com questões que visam os mesmos objetivos. Seguidamente, e já na parte do estudo relativa à análise dos resultados, efetuou-se uma caracterização dos sujeitos, uma síntese descritiva dos dados dos documentos de forma a estabelecer uma relação com os dados recolhidos e a informação existente, apresentando os resultados e conclusões obtidas.

1. Tipo de Estudo - Estudo de Caso

O modelo de investigação escolhido para este trabalho está de acordo com a metodologia qualitativa. Teixeira (2001, citado por Cavalcante, Oliveira, Cardoso & Lima 2005) refere que:

Na pesquisa qualitativa, o estudo é dinâmico, flexível, o raciocínio é dialético, a visão da realidade é o todo, esta é subjetiva e múltipla, é analisada a partir da visão dos sujeitos. O pesquisador interage com os sujeitos pesquisados. As definições evoluem a partir dos estudos realizados. O pressuposto metodológico é indutivo, simultâneo, as categorias são indicadas durante o processo de pesquisa, as teorias são utilizadas para a compreensão da realidade, não se perturba pela falta de regras para conduzir a pesquisa e o contexto é importante. Os elementos fundamentais para a coleta de dados são as observações, questionários, entrevistas e os elementos paras as análises dos dados são as interpretações de palavras, análises concomitantes à coleta (p. 21).

Segundo Barros e Lehfel (2001), a terminologia “estudo de caso” surge na pesquisa médica e psicológica como uma forma de análise aprofundada de um caso individual de uma certa

patologia. Para Bell (1997), um estudo de caso é muito mais que uma história ou descrição de um acontecimento. Tal como em qualquer outra investigação, os dados são recolhidos sistematicamente, a relação entre variáveis é estudada e a investigação é planeada metodicamente. Para Martins (1996), contém entre os vários enfoques de estudo, um propósito dirigido ao entendimento intenso da realidade específica (indivíduo, grupo, instituição social ou escolar e comunidade).

O "estudo de caso" trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. Yin (1994) afirma que esta abordagem se adapta à investigação em educação, quando o investigador é confrontado com situações complexas, de tal forma que dificulta a identificação das variáveis consideradas importantes, quando o investigador procura respostas para o "como?" e o "porquê?", quando o investigador procura encontrar interações entre fatores relevantes próprios dessa entidade, quando o objetivo é descrever ou analisar o fenómeno, a que se acede diretamente, de uma forma profunda e global, e quando o investigador pretende apreender a dinâmica do fenómeno, do programa ou do processo. Assim, Yin (1994) define "estudo de caso" com base nas características do fenómeno em estudo e com base num conjunto de características associadas ao processo de recolha de dados e às estratégias de análise dos mesmos.

Por outro lado, Bell (1989) define o "estudo de caso" como um termo "guarda-chuva" para uma família de métodos de pesquisa cuja principal preocupação é a interação entre fatores e eventos. Da mesma forma, Ponte (2006) considera que:

É uma investigação que se assume como particularista, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspetos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse (p. 2).

O enquadramento do "estudo de caso" dentro dos planos qualitativos é uma questão controversa, não havendo consenso entre os investigadores. A finalidade é compreender o evento em estudo e, ao mesmo tempo, desenvolver teorias mais genéricas a respeito do fenómeno observado. Para Yin (1994) o objetivo do "estudo de caso" é explorar, descrever ou explicar, relatar os factos como sucederam, descrever situações ou factos, proporcionar conhecimento acerca do fenómeno estudado e comprovar ou contrastar efeitos e relações presentes no caso. Por seu lado, Ponte (2006) afirma que o objetivo é descrever e analisar.

Qualquer que seja o tipo de estudo científico, seja ele um estudo quantitativo ou qualitativo, o conceito fiabilidade, neste contexto, relaciona-se com a possibilidade de replicar as conclusões a que se chega, isto é, com a possibilidade de diversos investigadores, poderem chegar a resultados semelhantes sobre o mesmo fenómeno estudado utilizando, para isso, os mesmos instrumentos (Yin, 1994).

Vemos então que, um "estudo de caso" representa um método de investigação relevante, sobretudo porque assenta numa pesquisa intensiva e aprofundada de um determinado objeto de

estudo, que se encontra extremamente bem definido e que visa compreender a singularidade e globalidade do caso em simultâneo e será o método que utilizaremos ao longo do nosso trabalho de projeto.

2. Objetivos e Questão de Investigação

Considerando que vários autores reconhecem a importância do envolvimento parental no sucesso escolar de crianças com PHDA, o planeamento deste estudo tem como finalidade a concretização de alguns objetivos, que se propõem inicialmente:

Objetivo geral:

. Caracterizar a organização familiar de crianças com PHDA e a forma como a família lida com elas, principalmente no decorrer do seu percurso escolar.

Objetivos específicos:

. Analisar, numa perspetiva comparativa, o percurso escolar de um aluno com PHDA no processo de ensino/aprendizagem onde os pais estão envolvidos; e outro, cujos pais se encontram ausentes, delegando as responsabilidades aos educadores.

. Investigar o percurso escolar dos alunos através de entrevistas aos encarregados de educação, aos diretores de turma e aos alunos, bem como através da consulta aos documentos constantes do processo individual dos alunos.

. Analisar a posição que os alunos ocupam na família, a afetividade e o relacionamento destas no contexto familiar.

Questão de investigação

. Compreender/analisar se o envolvimento parental contribui para o sucesso escolar de alunos com PHDA.

3. Procedimentos

Neste “estudo de caso”, o primeiro passo consistiu na escolha do tema e na recolha da bibliografia relacionada com a PHDA, com o objetivo de conhecer, o melhor possível, as características desta perturbação e as particularidades do apoio familiar. Depois de efetuadas as leituras iniciais passou-se à organização da investigação, encetando os primeiros contactos e a análise documental.

Procedeu-se à constituição da amostra do estudo através da formalização das respetivas autorizações. Cartas de autorização à direção da instituição (APÊNDICE A) e aos Encarregados de Educação do Sujeito A (APÊNDICE B) e do Sujeito B (APÊNDICE C), de forma a poder prosseguir o ensaio e a reunir toda a documentação considerada pertinente e que permitiu realizar a análise,

tais como: documentos do processo individual dos alunos, avaliações psicopedagógicas no final de cada período, relatórios médicos e de outros técnicos, para reunir o máximo de informação relevante à caracterização e realização do estudo.

Quanto à recolha documental, esta consistiu tanto em dados e informações sobre os dois Sujeitos, o seu passado escolar e clínico que fosse relevante para o nosso trabalho e que se encontra necessariamente contido nos anexos. Para além dos dados documentais dos Sujeitos, foram ainda utilizadas algumas obras de referência que nos ajudaram a elaborar o nosso Trabalho de Projeto, e que visam na sua maioria a temática da PHDA.

Para obter os dados necessários, foram elaborados três guiões de entrevista semiestruturada (roteiro previamente estabelecido) direcionados: aos encarregados de educação, ao diretor de turma e aos alunos. Após os guiões construídos e antes de realizar as entrevistas, procedeu-se à validação por expertise, sendo solicitado a dois experts (um especialista na área da Educação Especial, e outro na área das Ciências da Educação), a revisão do documento final.

As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas por mim e validadas pelos entrevistados. Foram também efetuados os protocolos para a realização do registo, aferindo-se os procedimentos relativos à realização das mesmas e calendarizando-se de acordo com as possibilidades dos intervenientes. A transcrição das mesmas foi sujeita a uma análise dos respetivos conteúdos. Foi igualmente referida e garantida, a utilização de dados recolhidos, afixando-se total confidencialidade, sendo que sempre se exigiu um respeito por todas as normas legais e éticas de uma investigação científica.

O ensaio seguiu, na sua redação, as normas da *American Psychological Association* (2010), que normaliza as diretrizes para a apresentação de textos/trabalhos científicos.

4. Técnica de Recolha de dados/Instrumentos

A recolha de dados foi elaborada de forma dinâmica através da análise documental dos processos individuais dos alunos, recolha de informação junto aos intervenientes diretos no seu processo educativo, psicopedagógico, médico e da escola. Pretendeu-se realizar entrevistas semiestruturadas ao diretor de turma, aos encarregados de educação e aos alunos.

Segundo Fontana e Frey (1994, citado por Martins, 1996):

A entrevista é possivelmente o método e/ou a técnica de investigação qualitativa mais vulgar e antigo para obter informação das pessoas em todas as situações práticas, (...), nas quais o entrevistador formula ao entrevistado perguntas (reativos), com o objetivo de conseguir respostas relacionadas com o problema e objetivos da investigação, mantendo as exigências e procedimentos científicos e éticos, (...) envolvendo um contacto direto entre o entrevistador e o entrevistado (p. 21).

A entrevista apura a opinião espontânea e a recolha de dados individuais significantes. O inquérito semiestruturado, a realizar nesta análise diz respeito a vários campos da vida dos sujeitos, sobretudo ao nível das competências (escola/comportamento) numa sequência de perguntas organizadas, de maneira a colher informações sobre os mesmos.

Na entrevista aos alunos, a oportunidade de considerar as ideias sobre os seus modos de vida e os seus contextos específicos de desenvolvimento e aprendizagem, considerando as declarações orais ou suas distintas criações, faz deles indivíduos indispensáveis e necessários nas pesquisas referentes aos assuntos da sua faixa etária e problemas pelos quais passam. “Vários teóricos e investigadores da infância têm vindo a sinalizar a importância e utilidade de escutar as vozes das crianças relativamente a aspetos que lhe dizem diretamente respeito” (Campos & Cruz, 2006; Oliveira-Formosinho & Araújo, 2004; Woodhead & Faculkner, 2000, *in* Formosinho, 2008, p. 13). Tal visão, que enaltece a voz e as produções infantis, respeita o mundo da sua faixa etária, como ser humano, que compõe a sua história de vida.

O inquérito está de tal modo banalizado na nossa cultura e a sua utilização para obter informação é tão intensiva hoje em dia, que quase podemos afirmar que vivemos numa sociedade da “entrevista”. Mas, se é natural que o adulto esteja familiarizado com a entrevista, a experiência da criança é diferente, uma vez que, na escola, a interação específica do tipo pergunta-resposta com o adulto, o professor, visa principalmente esclarecer o assunto em estudo. Poucas crianças estarão habituadas a que um adulto as aborde para aprenderem algo com elas (Campos & Cruz, 2006; Oliveira-Formosinho & Araújo, 2004; Woodhead & Faculkner, 2000, *in* Formosinho, 2008).

Neste sentido, podem ser seguidas entrevistas semiestruturadas, cujo caminho e questões são definidas pelo investigador ou, numa outra vertente em que as perguntas são feitas de forma flexível, como acontece nas chamadas *entrevistas não estruturadas*, que se aproximam da conversação natural, todavia, não são conversas espontâneas. A entrevista é uma oportunidade criada intencionalmente para falar acerca de algo em que o entrevistador está interessado e que pode ou não ser do interesse do entrevistado. O papel do primeiro é fazer perguntas ou propor tópicos de conversação e, o segundo é produzir respostas contextualmente aceitáveis, e é o que se procurará efetuar (Campos & Cruz, 2006; Oliveira-Formosinho & Araújo, 2004; Woodhead & Faculkner, 2000, *in* Formosinho, 2008). Procurar-se-á ajustar, aquando da realização das entrevistas e consoante a natureza dos Sujeitos, estes dois modelos, sendo que as mesmas serão apresentadas em Anexos.

Optou-se por realizar três modelos de entrevista, uma para os Sujeitos, outra para os encarregados de educação e uma terceira para a diretora de turma.

Neste sentido, no guião da entrevista direcionada para os Sujeitos (APÊNDICE D) e, por se tratar de crianças, decidiu-se utilizar uma linguagem adequada para a idade dos dois jovens, para compreender a organização familiar da criança com PHDA e a forma como a família lida com ela, sobretudo no decorrer do seu percurso académico. Estruturou-se a entrevista de forma a colocar a criança à vontade, procurando explicar-lhe qual o nosso objetivo e a importância da sua colaboração para tal. De seguida, começou-se a entrevista principiando pela identificação e caracterização do Sujeito a nível familiar, e depois escolar, tentando observar até que ponto tem ou não um ambiente estável; procurou-se depois analisar em que medida o mesmo tem noção do seu problema, como lida com ele, com o ambiente escolar, amigos e colegas, e com a sua hiperatividade. Por último, procurou-se observar o envolvimento e interação da família com

o jovem, como o ajuda e como ele se sente apoiado ou não, por ela e pela entidade escolar. Ainda pretendeu-se ver quais as expectativas da criança para o futuro.

No guião da entrevista efetuada ao encarregado de educação (APÊNDICE E) seguiu-se as premissas iniciais de apresentação e justificação do nosso objetivo. De seguida, procurou-se compreender a disposição do agregado familiar, bem como um pouco da sua história. Seguidamente enveredou-se pela compreensão, identificação e caracterização do Sujeito com diagnóstico, tentando ver a forma como a sua envolvente familiar o entende e o apoia ou não. Num ponto posterior enveredou-se pela perceção da vida escolar do aluno visto pelo seu encarregado de educação, procurando observar até que ponto este tem a perceção do que se passa ou não com o seu educando, das atividades e apoio que este usufrui. Num último plano, procurou-se igualmente saber as expectativas e preocupações perante um plano futuro.

No guião da entrevista efetuada à diretora de turma (APÊNDICE F) seguiu-se os mesmos moldes, usados de início, optando-se por efetuar nas duas entrevistas anteriores, de justificação de objetivos. Tencionou-se igualmente saber algo do percurso profissional e pessoal do entrevistado, a sua experiência profissional e académica. Enveredou-se depois pelo plano profissional do aluno, tentando saber a sua envolvência com o Sujeito, o conhecimento do seu percurso e dos seus problemas. Seguidamente, pretendeu-se descortinar, na perspetiva do professor, qual a relação do jovem com a escola e da sua família com a mesma, bem como as perspetivas, do ponto de vista do professor, para o aluno.

Depois de efetuadas as entrevistas ao Sujeito A (APÊNDICE G) e Sujeito B (APÊNDICE H), ao encarregado de educação do Sujeito A (APÊNDICE I) e do Sujeito B (APÊNDICE J) e a Diretora de Turma do Sujeito A (APÊNDICE L) e do Sujeito B (APÊNDICE M), estas foram transcritas e validadas pelos entrevistados: os Sujeitos A (APÊNDICE N) e B (APÊNDICE O), estas validadas pelos encarregados de educação; os encarregados de educação do Sujeito A (APÊNDICE P) e do Sujeito B (APÊNDICE Q) e pela Diretora de Turma do Sujeito A (APÊNDICE R) e B (APÊNDICE S).

De seguida, perspetivou-se com os resultados, procurou-se elaborar uma forma de os organizar e descortinar de modo simples e claro. Quanto à análise do conteúdo, e depois de as transcrever para o papel, elaborou-se uma forma imparcial de examina-las. Esta análise incide sobre os resultados e os dados recolhidos, sendo segundo Berelson (1954), "(...) a análise de conteúdo é uma técnica de investigação para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação" (pp. 496-497). Definição esta que, por sua vez, já tem sido superada por alguns estudiosos desta técnica que encaram de um modo mais maleável, as exigências apresentadas pelo autor. Com efeito, para este último, a sua validade decorria de certas exigências:

- a) É necessário que toda e qualquer forma de subjetivismo seja anulada, pois, de contrário, os resultados não podem ser considerados fiéis;
- b) Deve ter sempre em linha de conta todos os elementos que poderão servir o fim pretendido, isto é, deve ser exaustiva e sistemática;
- c) Como as ciências sociais procuram e, cada vez mais, apresentar os seus resultados sob forma quantificada, terá de calcular também as frequências, se bem que por vezes a *medida* possa, em sentido rigoroso, estar ausente (Berelson 1954, p. 498).

Neste estudo em concreto, procura-se evitar que o emprego único da análise de conteúdo possa conduzir a resultados viciados e a conclusões precipitadas. Além disso, a conjugação de ambos não só é tida como uma garantia de rigor, mas aparece também como um meio a utilizar em vista de uma melhor escolha e formulação dos itens de análise e de organização entre eles. Isto é, a informação obtida através da entrevista desempenha um duplo papel. Por um lado, como nem todo o conteúdo é analisado (só se analisa aquilo que se adequa ao objetivo determinado anteriormente), importa fazer-se, logo de início, a escolha e formulação dos itens. Por outro lado, e tendo sempre em vista a construção de um todo (todo esse estabelecido pelo enquadramento dos itens), a entrevista pode ajudar a preencher certos elos de ligação (Lasswell, 1968).

Assim, elaboraram-se tabelas de forma a facilitar o nosso exame. Dividiu-se depois as respostas em temas, primeiro em relação às medidas de apoio, ao diagnóstico da PHDA, ao percurso escolar do Sujeito desde a sua tenra idade, até às expectativas futuras, analisando sempre o contexto em que tais afirmações são feitas ao longo da entrevista e da cronologia.

5. Contexto do Estudo

De acordo com a motivação para o tema, procedeu-se a uma pesquisa na instituição onde se fará o estudo e realizou-se uma seleção intencional de dois alunos do 5.º ano de escolaridade, matriculados na mesma turma, com diagnóstico de PHDA. Um, com acompanhamento familiar na sua aprendizagem académica e, outro, em que os pais se demitem de acompanhar o trajeto escolar. Os dois Sujeitos foram escolhidos por conveniência, visto estar eu própria a desempenhar as funções de psicóloga na referida instituição.

Os dois Sujeitos da amostra estão integrados numa escola de ensino particular e cooperativo que inclui alunos entre o 2º ciclo e o Secundário, localizada numa freguesia, predominantemente rural da Zona Centro. Na turma existem 10 alunos, 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos. A população escolar, no ano letivo 2010/2011, foi de 108 alunos agrupados em 8 turmas, cuja distribuição se encontra da seguinte forma: duas do 2.º Ciclo, três do 3.º Ciclo e três do Ensino Secundário. A escola tem um corpo docente constituído por vinte professores, dezassete dos quais são profissionalizados, dois com mestrado, apenas um não é profissionalizado. O pessoal não docente é composto por nove funcionários, dois dos quais são escriturários, dois contínuos, duas empregadas de limpeza, duas ajudantes de cozinha, uma empregada de refeitório e uma psicóloga, responsável pelos Serviços de Psicologia e Orientação.

5.1 Caracterização dos Sujeitos

Iniciar-se-á a caracterização dos alunos, procurando identificá-los mas, evitando sempre a sua verdadeira identidade. O nome utilizado para os referenciar será fictício de forma a salvaguardar o anonimato e confidencialidade dos mesmos.

5.1.1 Sujeito A

O aluno com 12 anos e 7 meses, do género masculino, frequentou o quinto ano de escolaridade, no ano letivo 2010/2011, apresentou uma avaliação de desenvolvimento abaixo do desvio padrão e PHDA Moderada a Grave, decorrente de alterações funcionais de carácter permanente, resultando em dificuldades continuadas a nível da aprendizagem e do relacionamento interpessoal. O aluno teve sempre acompanhamento por parte dos pais, sobretudo da mãe, observando-se envolvimento contínua com o meio escolar e médico, havendo interesse por toda a atividade educativa do seu educando. Beneficiou das Medidas do Regime Educativo Especial de acordo com o Decreto-Lei n.º 3 de 7 de janeiro de 2008 (2008), desde o primeiro ciclo, nomeadamente: apoio pedagógico personalizado, adequações curriculares individuais e no processo de avaliação.

Vive com os pais e um irmão (do anterior casamento da mãe), com 18 anos, atualmente na Universidade, com quem sempre manteve uma boa relação. O pai tem 54 anos de idade, é agricultor e frequentou o quinto ano de escolaridade; a mãe, uma senhora de 39 anos, completou o terceiro ciclo e é doméstica. Observa-se estabilidade emocional no ambiente familiar.

5.1.2 Sujeito B

O aluno com 12 anos e 1 mês, do género masculino, frequentou o quinto ano de escolaridade no ano letivo 2010/2011, e apresentou um desenvolvimento intelectual e cognitivo correspondente ao nível de desenvolvimento do seu grupo etário e ano escolar que frequentou, com um diagnóstico de PHDA Moderada a Grave e alterações na leitura e na escrita decorrente de alterações funcionais de carácter permanente, resultando em dificuldades continuadas a nível da aprendizagem e relacionamento interpessoal. O aluno teve acompanhamento por parte dos pais, contudo, no que diz respeito à escola, observa-se uma baixa envolvimento com o meio escolar em toda a atividade educativa do seu educando. Observa-se instabilidade no ambiente familiar (alcoolismo paterno). Beneficiou igualmente das Medidas do Regime Educativo Especial de acordo com o Decreto-Lei n.º 3 de 7 de janeiro de 2008 (2008), nomeadamente, adequações no processo de avaliação.

Vive com os pais, a mãe de 32 anos, ajudante de cozinha, o pai com 37, ajudante na construção civil. Ao agregado familiar pertence também uma irmã com 18 meses.

6. Apresentação e Análise dos Resultados

6.1. Introdução

Seguidamente apresentar-se-á o conjunto de dados obtidos através da recolha efetuada. Serão assim reveladas a síntese da caracterização detalhada dos Sujeitos em estudo, a análise reflexiva da mesma, bem como da análise de conteúdo das entrevistas do Sujeitos A (APÊNDICE T) e B (APÊNDICE U), dos Encarregados de Educação dos Sujeitos A (APÊNDICE V) e B (APÊNDICE X) e da Diretora de Turma do Sujeito A (APÊNDICE Z) e B (APÊNDICE AA).

Em relação à análise das entrevistas, a técnica adotada foi a análise de conteúdo, dividido em categoria, subcategoria e unidade de registo, mais especificamente a que está relacionada com a perspetiva de Bardin (2009, p. 44). Este define-a como “um conjunto de técnicas de análise de comunicações”. Com isto, a autora quer dizer que a análise de conteúdo não se trata de um único instrumento, mas de um leque de ferramentas, constituído por uma vasta diversidade de formas e adaptável a um campo de aplicação mais vasto: as comunicações. Tais procedimentos são criteriosos, com muitos aspetos observáveis, mas que colaboram bastante no desvendar dos conteúdos dos documentos, sendo uma técnica comumente utilizada em campos tão diferentes como a História, a Psicologia, as Ciências políticas, o Jornalismo e no campo da saúde (Amado, 2000).

Como metodologia a seguir na análise de conteúdo, Bardin (2009) aponta para a necessidade de se efetuar uma primeira leitura para estabelecer contato com os documentos, de modo a clarificar a razão da investigação e qual o seu conteúdo. O objetivo é obter informação e instrumentos que possibilitem tratar o material e codificá-lo. No estudo, foi feita análise de conteúdo a respostas de questões abertas.

Uma vez estabelecido o contato com documentos e adotando a direção de pensamento de Bardin, procede-se então à codificação. Para o autor (2009), tal “corresponde a uma transformação - efetuada segundo regras precisas - dos dados em bruto no texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão” (p.129). A codificação apresenta-se, assim, como uma ferramenta para interpretar e dar sentido a todo o material que resulta da recolha de dados.

Do ponto de vista prático, na codificação é realizada a escolha das unidades de registo. Enquanto a unidade de registo é, “a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando a categorização e a contagem frequencial” (Bardin, 2009, p.130). No presente estudo, apesar de não ser uma etapa obrigatória como refere Bardin (2009), dividiu-se as componentes das mensagens analisadas em categorias. Estas, segundo este autor “(...) são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos” (p.145).

De acordo com Bardin (2009), a intenção da análise de conteúdo é:

A inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de receção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). (...) Se a descrição (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a interpretação (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário que vem permitir a passagem explícita e controlada de uma à outra (p. 40-41).

Estas inferências procuram esclarecer as causas da mensagem ou as consequências que ela pode provocar.

Para que se possa realizar a função de análise das mensagens, a análise de conteúdo conta com a linguística e com as técnicas documentais, apesar de construir para si um campo próprio de investigação. O objeto da linguística é a língua, no que se refere ao seu uso coletivo e virtual (como possibilidades de uso) da linguagem; já a análise de conteúdo tem como objeto a palavra, no que concerne ao aspeto individual e atual (em ação) da linguagem. Para Bardin (2009) "(...) a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens" (p. 45). No que se refere às técnicas documentais, a autora afirma que se suprimirmos da análise de conteúdo a inferência, ficando limitados à análise categorial ou temática, teremos uma identificação mais rigorosa entre as duas formas de tratarmos os dados de pesquisa.

Para isso, Bardin (2009) apresenta as possíveis técnicas utilizadas no exame de conteúdo: pesquisa categorial, análise de avaliação, observação da enunciação, investigação da expressão, estudo das relações e análise do discurso. Este é determinado pelas condições de produção e pelo sistema linguístico ao qual está submetido. Conhecendo-se essas esferas de um discurso, pode-se compreender o processo de produção de um discurso. Este "está situado não só pelo referente como pela posição do emissor nas relações de força e também pela sua relação com o recetor. O emissor e o recetor do discurso correspondem a lugares determinados na estrutura de uma formação social" (Bardin, 2009, p. 45-48). Então, o objetivo de uma análise do discurso é descobrir as relações existentes entre o exterior e o próprio discurso. A técnica da observação do discurso também envolve operações de desmembramento e de classificação de suas unidades de registo (classificações semântica, sintática e lógica, simultaneamente). Os operadores de ligação também são considerados e desempenham um papel importante na investigação.

Neste sentido, optou-se pela técnica de análise de conteúdo para desenvolver uma investigação baseada na leitura e registo dos conteúdos, pois como afirma Vala (1986), "A finalidade da análise de conteúdos será pois efetuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas" (p. 104). Para melhor definir os objetivos da análise de conteúdos parafraseamos Bell (1997), "(...) esta metodologia tem como propósito o estabelecimento de categorias, com a finalidade de analisar sistematicamente os dados a partir dos documentos selecionados" (p. 97).

6.2 Síntese descritiva dos dados dos documentos - Sujeito A

6.2.1 Dados dos Documentos

De acordo com os dados recolhidos no processo individual do aluno, elaborou-se um pequeno resumo dos documentos analisados: antecedentes escolares, anamnese, relatório do SPO e duas entre seis (a primeira e a última/relatório circunstanciado).

6.2.1.1 Antecedentes Escolares:

Tabela 6 - Resumo da História Escolar.

Ano Letivo	Ano de Escolaridade	Escola	Medidas Educativas Adotadas
2003/2004	Jardim de Infância	Jardim de Infância	Nenhum
2004/2005	Jardim de Infância	Jardim de Infância	Nenhum
2005/2006	1.º	Escola Básica	.Decreto-Lei n.º 319 de 23 de agosto de 1991 (1991)
2006/2007	2.º	Escola Básica	.Decreto-Lei n.º 319 de 23 de agosto de 1991 (1991) .Plano de Recuperação - Despacho Normativo n.º 50 de 9 de novembro de 2005 (2005)
2007/2008	2.º	Escola Básica	.Plano de Acompanhamento - Despacho Normativo n.º 50 de 9 de novembro de 2005 (2005). .Decreto-Lei n.º 319 de 23 de agosto de 1991 (1991)
2008/2009	3.º	Escola Básica	.Decreto-Lei n.º 3 de 7 de janeiro de 2008 (2008), art.: 17.º, 18.º e 20.º. .Plano de Recuperação - Despacho Normativo n.º 50 de 9 de novembro de 2005 (2005)
2009/2010	4.º	Escola Básica	.Decreto-Lei n.º 3 de 7 de janeiro de 2008 (2008), art.: 17.º, 18.º e 20.º. .Sessões de psicomotricidade
2010/2011	5.º	Escola EB2+3 e S	.Decreto-Lei n.º 3 de 7 de janeiro de 2008 (2008), art.: 17.º, 18.º e 20.º.

a) Ano letivo 2003/2004 e 2004/2005 (Jardim de Infância)

Aos 5 anos de idade foi para o Jardim de Infância, onde teve uma adaptação difícil. Considerou-se, na altura, que o mesmo não tinha condições para frequentar o primeiro ano, tendo sido pedido adiamento da matrícula. São referidas bastantes dificuldades a nível da atenção/concentração desde tenra idade (ANEXO A). Foi encaminhado para o Hospital Distrital da sua área de residência (consulta de desenvolvimento da criança). De acordo com o relatório, datado de 2 de junho de 2005 (ANEXO B), o Sujeito apresenta:

(...) um desenvolvimento global normal lento que revela áreas normais de autonomia e motricidade fina, áreas lentas as da motricidade global, linguagem e cognição não verbal e a área a revelar défice cognitivo ligeiro, a área de cognição verbal. (...) necessita de estratégias dirigidas às suas características.

b) Ano letivo 2005/2006 (1.º ano)

Ingressou no primeiro ciclo no ano letivo 2005/2006. A adaptação foi normal apesar de alguma resistência inicial. Ao longo deste ano foi acompanhado na Consulta de Desenvolvimento e teve apoio do ensino especial.

Foi avaliado pelos Serviços de Psicologia e Orientação (SPO), do Agrupamento de Escolas Públicas do seu Conselho, a 30 de janeiro de 2006. Segundo a avaliação (ANEXO C):

(...) nos testes que visam avaliar a capacidade intelectual não verbal, o aluno apresenta um resultado médio inferior para a sua idade. (...) A nível emocional e comportamental são de referir vários problemas a nível da focalização e manutenção da atenção. A sua impulsividade faz com que tenha dificuldades em controlar e refletir sobre o seu comportamento e em pensar antes de agir ou responder. (...) Dada a presença de um quadro de dificuldades na aprendizagem, este aluno deverá beneficiar de algumas medidas do Decreto-Lei n.º 319 de 23 de agosto de 1991 (1991), nomeadamente, apoio pedagógico acrescido e/ou condições especiais de avaliação, sendo de igual modo necessária uma intervenção individualizada de âmbito psicopedagógico junto deste em sala de aula. Foi aconselhado o uso de reforços verbais positivos imediatamente a seguir a um bom desempenho.

Beneficiou de um Plano Educativo Individual (PEI) e teve acompanhamento semanal em apoio pedagógico e psicomotricidade.

c) Ano letivo 2006/2007 (2.º ano)

No PEI, beneficiou de medidas de acordo com o Decreto-Lei n.º 319 de 23 de agosto (1991), alíneas: f) condições especiais de avaliação e h) apoio pedagógico acrescido (apoio temporário em pequeno grupo as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática).

Beneficiou também de um Plano de Recuperação, de acordo com o Despacho Normativo n.º 50 de 09 de novembro de 2005 (2005).

Foi reavaliado a 19 de abril de 2007, com 8 anos de idade, pelo SPO (ANEXO D):

(...) Face ao exposto, e dada a presença de um quadro de dificuldades de aprendizagem (desenvolvimento cognitivo inferior e dificuldades pedagógicas, sobretudo no domínio da leitura e da escrita), pensamos que este aluno deve beneficiar de algumas medidas do Decreto-Lei N.º 319 de 23 de agosto de 1991 (1991) (apoio pedagógico acrescido, adaptações curriculares e/ou condições especiais de avaliação), e de uma intervenção individualizada de âmbito psicopedagógico junto deste aluno na situação normal da sala de aula. (...) De igual modo, as várias informações recolhidas indicam no sentido de existirem alguns indícios de estarmos perante um quadro de PHDA Tipo Combinado (défice de atenção e impulsividade), pelo que sugerimos a sua apreciação e avaliação no sentido de se aferir a necessidade de tratamento médico. O aluno deve continuar as sessões de psicomotricidade. De igual modo, e na medida do possível, deverão ser proporcionadas em casa, tarefas de enriquecimento instrumental que sejam delineadas em colaboração com a escola.

A 5 de junho de 2007, foi observado na consulta de desenvolvimento, o relatório (ANEXO E) aponta que o aluno:

(...) se apresenta portador de Perturbação de Atenção / Concentração, com défice cognitivo e hiperatividade. Necessita assim de ensino individualizado, dirigido às suas dificuldades e de estratégias comportamentais dirigidas ao seu défice de atenção. Decidimos medicá-lo com metilfenidato (no próximo ano letivo) no sentido de ajudar que estas estratégias sejam melhor sucedidas.

A avaliação no final do 3.º período (ANEXO F) revela que o Sujeito A:

(...) não tem responsabilidade, mas tem alguma imaginação criativa. Gosta de trabalhar em grupo, mas é um pouco desestabilizador do grupo, não é agressivo. Em Língua Portuguesa tem um pouco de dificuldade em ler e escrever sem ajuda. Reconhece alguns casos especiais, mas esquece depressa os que sabe. Em Matemática identifica os números até 20. Faz sequências até este número. Foi apoiado em sessões de psicomotricidade e no apoio educativo. (...) O aluno não atingiu os objetivos propostos, sendo retido no 2.º ano de escolaridade. (...) Elaborou-se o Plano de Acompanhamento, de acordo com Despacho Normativo n.º 50 de 09 de novembro de 2005 (2005): “falta de concentração, só trabalha com um professor perto dele; tem fraco vocabulário, há palavras que desconhece apesar de serem de referência dele; tem dificuldades em expressar-se através da escrita, pois ainda confunde casos especiais; como tem dificuldade em certos casos especiais, não lê. Tem má caligrafia e dá erros ortográficos; tem fraco vocabulário; tem dificuldade na gramática.

d) Ano letivo 2007/2008 (2.º ano - 2.ª vez)

Iniciou o ano com medidas do Decreto-Lei n.º 319 de 23 de agosto de 1991 (1991), alíneas c) adaptações curriculares (redução parcial do currículo), f) condições especiais de avaliação), g) adequação na organização de classes ou turmas e h) apoio pedagógico acrescido. Para além destas medidas, beneficiou de um Plano de Acompanhamento de acordo com o Despacho Normativo n.º 50 de 09 de novembro de 2005 (2005) e foi acompanhado em sessões de psicomotricidade.

No relatório da consulta do Desenvolvimento no Serviço de Pediatria do Hospital Distrital, de 4 de janeiro de 2008 (ANEXO G), revela que o Sujeito A:

(...) é portador de dificuldades cognitivas sobretudo para a área de cognição não verbal, revelando dificuldades na organização perceptiva. Para além destas dificuldades, apresenta critérios de Perturbação da Hiperatividade e Défice de Atenção/Concentração, predomina desatento, pelo DSR-IV. Necessita de apoio do ensino especial, estratégias comportamentais e pedagógicas dirigidas às suas dificuldades e toma diariamente metilfenidato.

Apresentou sempre grandes dificuldades de atenção, perceção, memorização, razão pela qual o encarregado de educação, conjuntamente com a professora titular de turma tomaram providências para que o aluno fosse integrado no Decreto-Lei n.º 3 de 8 de janeiro de 2008 (2008).

A avaliação do SPO, a 14 de março de 2008 (ANEXO H), refere que:

Ao nível cognitivo os resultados obtidos são claramente abaixo da média face à escolaridade e faixa etária, pelo que apresenta fundamentos necessários (de acordo com a recomendação já feita anteriormente pelo SPO) para beneficiar de medidas do novo Decreto-Lei n.º 3 de 8 de janeiro de 2008 (2008).

Na avaliação final do 3.º período (ANEXO I), “o Sujeito A já está mais amadurecido, pois já realiza os trabalhos que lhe são complicados. Evoluiu bastante, mas tem que estar ao pé de outra pessoa para o ajudar. Transitou para o 3.º ano com avaliação de satisfaz”.

e) Ano letivo 2008/2009 (3.º ano)

Beneficiou do PEI, usufruindo de medidas educativas adotadas do Decreto-Lei n.º 3 de 8 de janeiro de 2008 (2008): artigo (art.) 17.º apoio pedagógico personalizado; art. 18.º, adequações curriculares e art. 20.º, adequações no processo de avaliação. Teve apoio semanal em psicomotricidade (sessão de 45’).

Segundo informação clínica do Serviço de Pediatria do Hospital Distrital, a 28 de outubro de 2008 (ANEXO J): “Criança que apresenta avaliação do desenvolvimento abaixo do 1.º desvio

padrão e PHDA, pelo que necessita de estratégias pedagógicas comportamentais dirigidas aos seus deficits. Necessita ainda de metilfenidato diário no sentido de maximizar as estratégias acima expostas”.

A 2 de junho de 2009, o relatório da consulta do Desenvolvimento no Serviço de Pediatria do Hospital Distrital (ANEXO L), refere que o Sujeito:

(...) é portador de PHDA moderada a grave, decorrente de alterações funcionais de caráter permanente, revelando dificuldades continuadas a nível de aprendizagem e relacionamento interpessoal pelo que necessita das medidas educativas previstas no artigo 16.º do Decreto-Lei n.º 3 de 7 de janeiro de 2008 (2008).

Na mesma consulta realizada a 30 de junho de 2009, do Hospital Distrital, foi revelado a seguinte informação psicológica (ANEXO M):

(...) o Sujeito A, de 10 anos de idade, é acompanhado em conduta de desenvolvimento desde maio de 2007, por apresentar uma PHDA. Está medicado com metilfenidato, para controle da atenção, no entanto, apresenta um compromisso grave da função b140, segundo a CIF. Pela avaliação psicológica realizada em abril de 2007, é possível compreender que o Sujeito tem também um compromisso grave das funções b156 (percepção) e b144 (memória). Para que possa ter sucesso escolar deverá ter apoio especial.

Na consulta realizada a 10 de julho de 2009 (ANEXO N), é referido que:

(...) é portador de PHDA moderada e défice cognitivo pelo que precisa de estratégia comportamentais e pedagógicas dirigidas às suas dificuldades. Toma diariamente metilfenidato e necessita de medidas educativas conforme previstas no Decreto-lei n.º 3 de 7 de janeiro de 2008 (2008), no seu artigo 16.º.

Foi aplicado um Plano de Recuperação que teve início a 19 de fevereiro de 2009, de acordo com o Despacho Normativo n.º 50 de 9 de novembro de 2005 (2005).

Na avaliação do 3.º período (ANEXO O) é revelado que “Na globalidade conseguiu atingir os objetivos pretendidos. Tem dificuldades porque não sabe interpretar textos. Tem uma grande força de vontade e por isso, consegue superar certas dificuldades. Foi aprovado para o 4.º ano”.

Segundo o Relatório Técnico-Pedagógico, em 14 de julho de 2009 (ANEXO P):

(...) é um aluno que revela dificuldades de aprendizagem acentuadas. Irá frequentar o 4.º ano de escolaridade, mas cognitivamente encontra-se ao nível de um terceiro ano inicial. É um aluno com distúrbios de atenção e défice cognitivo. Por vezes, mesmo com o professor ao pé, distrai-se, levanta-se e vai falar com os colegas ou simplesmente alheia-se. A sua caligrafia tornou-se quase ilegível. Também facilmente esquece o que aprendeu. Redige frases simples pouco criativas e com erros ortográficos. Em determinadas palavras omite ou insere grafemas. Apresenta uma grande imaturidade quer na linguagem, quer nas suas atitudes e maneira de ser. Carece de motivação constante e apoio por parte da professora, para poder terminar o seu trabalho com êxito, caso contrário distrai-se e nada faz. Ainda não é autónomo. As suas aprendizagens processam-se a um ritmo muito lento.

f) Ano letivo 2009/2010 (4.º ano)

Beneficiou de um PEI, com medidas do Decreto-Lei n.º 3 de 8 de janeiro de 2008 (2008), nomeadamente: art. 17.º, apoio pedagógico personalizado; art. 18.º, adequações curriculares e art. 20.º, adequações no processo de avaliação. O aluno acompanha o currículo normal, onde tem algumas adaptações, sem no entanto suprimir qualquer conteúdo programático.

Segundo a professora do 4.º ano a 23 de junho de 2010 (ANEXO Q):

(...) o aluno acompanha o grupo/turma na exposição dos conteúdos curriculares relativos ao quarto ano de escolaridade, contudo manifesta grandes dificuldades ao nível da Língua Portuguesa e da Matemática. No que concerne à área de Língua Portuguesa, apresenta dificuldades em distinguir substantivo e verbo; determinantes; grupo nominal, verbal e móvel; graus dos adjetivos e conjugar verbos regulares e irregulares. Na área da matemática tem dificuldades em relacionar as medidas de comprimento, massa e capacidade; não distingue a área e o perímetro e não consegue reconhecer a equivalência entre $10,1 \times 0,01$ e: 100 e $10,001$ e :1000. Na globalidade o aluno é uma criança que “amadureceu” bastante ao longo dos anos do 1.º ciclo. É empenhado e trabalhador. Também é bastante responsável. Tem dificuldade na capacidade de raciocínio. Erra com facilidade qualquer situação. Frequentou sempre o ensino especial, foi-lhe retirado no ano letivo 2007/2008, reentrou no Decreto-Lei n.º 3 de 8 de janeiro de 2008 (2008) em 2008/2009. Sempre frequentou a psicomotricidade, mas este ano letivo não. Deverá continuar a beneficiar do Decreto-Lei n.º 3 de 2008. Frequenta a consulta de desenvolvimento no Hospital Distrital.

g) Ano letivo 2010/2011 (5.º ano - 2.º ciclo)

Dos documentos no processo individual do aluno, neste ano letivo, selecionamos para descrição e análise, a anamnese com a mãe, o relatório de avaliação psicopedagógica efetuado pelo SPO e duas atas entre seis (a primeira e a última/relatório circunstanciado).

6.2.1.2 Anamnese

Na realização da anamnese em Outubro de 2010 (ANEXO R) o Sujeito A, residia com os pais e um irmão com 18 anos, estudante universitário, que vinha a casa aos fins-de-semana.

Quando nasceu, o seu pai tinha 42 anos e a mãe 28, sendo a segunda gestação materna. A progenitora foi acompanhada durante toda a gravidez, tendo nascido prematuro (34 semanas). Nasceu com 2.220 gramas (abaixo do peso) de parto normal, apesar de apresentar o cordão umbilical à volta do pescoço. Não foi necessária reanimação, mas esteve dez dias na incubadora. A mãe foi assistida por dois obstetras e um pediatra no momento do parto. Nesse período a mãe permaneceu no hospital, assistindo-o na enfermaria (ela amamentava e tocava-o sempre), teve adequado reflexo de sucção. A recuperação da mãe não apresentou complicações.

Com um mês de vida foi operado ao estômago no Hospital da Universidade de Coimbra por apresentar uma estenose na zona inferior do estômago (aperto à saída do estômago) vomitando tudo o que comia, o que provocou uma perda de peso antes da cirurgia.

No que diz respeito ao seu desenvolvimento, o Sujeito A foi alimentado no seio materno apenas um dia, a mãe não teve leite, tendo passado a usar biberão até aos doze meses; a introdução a outros alimentos deu-se com naturalidade.

Alimenta-se normalmente; não há suspeita de problemas visuais; ouve bem, adequada discriminação auditiva; compreendem tudo o que fala; troca letras na leitura e na escrita desde sempre; apresenta vocabulário completo; começou a andar aos doze meses; o controlo dos esfíncteres, durante o dia adequado ao nível da sua idade, durante a noite não tem controlo, fazendo uso da fralda (o irmão mais velho revelou o mesmo até adolescência e superou); revela adequada capacidade táctil e manual; sinistro; cansa-se facilmente na realização das atividades escolares, antes dizia à mãe que lhe doía a mão (para não fazer), como a mãe não cedeu,

assumiu que tinha de fazer e trabalhar; tem dificuldades na realização de atividades e fisicamente ágil para andar de bicicleta, jogar a bola, etc...; usou chucha por pouco tempo; arrasta a cutícula das unhas atualmente, mas já roeu as unhas; quando escreve movimentava a língua para um dos lados e prende-a entre os dentes, mantendo-a para fora dos lábios; é bastante sociável, dá-se com o grupo de amigos, no primeiro ciclo nunca houve problemas; dorme bem, tem o seu próprio quarto. De salientar que o Sujeito A tem um diagnóstico de Défice de Atenção Concentração, sendo medicado duas vezes por dia com Rubifene (5mg cada vez).

O agregado familiar vive numa casa independente e sempre que o mesmo chega a casa a mãe está presente. Utiliza o autocarro para se deslocar à escola.

Sempre teve grande acompanhamento por parte dos pais. A mãe, sempre o apoiou na realização das tarefas escolares, tendo uma grande envolvimento com o meio escolar, manifestando grande interesse por toda a atividade educativa do seu educando, mostra-se recetiva no apoio ao seu educando também no segundo ciclo. Sempre procurou respostas junto a médico de família, na escola e nas consultas de desenvolvimento. “ Pelo meu filho eu vou até ao fim do mundo, e tudo o que me orientarem eu vou procurar fazer como fiz até agora, nada me impede de correr atrás”.

Tem responsabilidade por tarefas em casa, a mãe orienta-o em relação a roupa, comida, trabalhos da escola, material escolar, etc., ele cumpre, a mãe, nunca deixou para depois o que devia ser feito no momento. Foi e continua a ser responsabilizado, se necessário castigado, atualmente não se faz necessário castigo por que ele compreende o que deve ser feito e fá-lo com naturalidade. Os pais sempre o trataram como um menino normal, sendo punido e responsabilizado à medida que o diagnóstico e o tratamento ficaram claros e assumidos e todos foram responsabilizados: Pais, irmão, avós e demais familiares próximos e envolvidos com o Sujeito.

Há um bom relacionamento entre os pais, havendo sempre a presença do diálogo. O relacionamento dos pais com os filhos é muito bom, o primeiro filho é assumido como filho pelo pai do Sujeito A.

6.2.1.3 Relatório do SPO

Segundo relatório do SPO (ANEXO S), com data de 6 de outubro de 2010:

(...) A avaliação do nível intelectual e cognitivo revelou resultados ligeiramente abaixo dos valores normativos para a sua idade cronológica na realização, apresentando um deficit na: compreensão, conceptualização e expressão verbal; conhecimento adquirido; memória a longo prazo; distração; sequenciação; agilidade mental; raciocínio numérico; dificuldade na aprendizagem; senso comum (causa-efeito); juízo social (inteligência social); organização perceptual e espacial; percepção visual de estímulos insignificantes; funcionamento cerebral integrado; raciocínio não-verbal; capacidade de síntese. (...) Manifesta percepção visual confusa, dificuldade de análise visual e espacial e alterações da memória visual e dificuldades ao nível da discriminação perceptiva, principalmente nas figuras em que se verifica simetria direita/esquerda, o que poderá levar, à troca de letras, no momento da leitura e da escrita, condicionando os bons resultados da aprendizagem. Apresenta graves dificuldades ao nível da escrita (disortografia). O mesmo revela uma leitura e compreensão ao nível do 3.º ano do primeiro ciclo (intermédio) e dificuldade na capacidade de analisar os fonemas que compõem a palavra, necessitando de um trabalho específico (dislexia). (...) Ainda, se confirma o diagnóstico

de Perturbação da Hiperatividade e Défice de Atenção, mas com controlo medicamentoso, o Sujeito A consegue estar na sala de aula, sem grande desorganização.

O SPO fez algumas recomendações descritas no relatório.

6.2.1.4 1.ª Ata do Conselho de Turma

Durante o ano letivo 2010/2011, o Conselho de Turma realizou 6 reuniões, das quais foram elaboradas atas, com as seguintes datas: 9 de setembro de 2010 (avaliação dos Alunos); 4 de novembro de 2010 (avaliação Intercalar); 20 de dezembro de 2010 (reunião de avaliação); no dia 28 de fevereiro de 2011 (avaliação intercalar); 9 de abril de 2011 (reunião de avaliação) e 27 de junho de 2011 a última reunião de avaliação. Para efeitos de reflexão apenas serão mencionadas a primeira e a última do respetivo ano letivo, fazendo-se referência a esta última apenas ao relatório circunstanciado.

Em relação à primeira reunião (ANEXO T), o Conselho de Turma realizou uma análise individual e global dos alunos, tendo por base o processo vindo do 1.º Ciclo, de acordo com o descrito na ata, em 9 de setembro de 2011. O Sujeito A:

(...) É um aluno que revela dificuldades acentuadas em Língua Portuguesa e Matemática. Irá frequentar o quinto ano do 2.º Ciclo, mas cognitivamente encontra-se abaixo do nível da sala que frequenta e do seu grupo etário. Distrai-se com facilidade falando com os colegas ou alheando-se das atividades. A sua caligrafia é muitas vezes ilegível, esquece o que aprendeu, redige frases simples pouco criativas. Frequentou o 2.º ano do primeiro ciclo duas vezes. Foi sempre apoiado pelo Ensino Especial e foi integrado no Decreto-Lei n.º 3 de 2008 no ano letivo 2007/2008. Teve também apoio em psicomotricidade. No quarto ano beneficiou de apoio pedagógico personalizado (art. 17.º): apoio individualizado e sistemático dentro da sala de aula, sempre em articulação com o docente titular e com o docente de educação especial (3 horas semanais com a professora de educação especial; adequações curriculares individuais (art. 18.º): simplificação e diminuição do grau de exigência em algumas competências a adquirir em todas as áreas curriculares; adequações no processo de avaliação (art. 20.º): adequações no tipo de prova e na duração da mesma).

O aluno manifestou grandes dificuldades ao nível da Língua Portuguesa e da Matemática, no entanto, acompanhou o currículo normal com algumas adaptações. No que se refere à Língua Portuguesa apresenta alguns obstáculos em distinguir substantivo, adjetivo e verbos regulares e irregulares. Na área da matemática tem problemas em relacionar as medidas de comprimento, massa e capacidade; não distingue a área e o perímetro e não consegue reconhecer equivalências. A nível cognitivo os resultados obtidos (avaliação do SPO) são claramente abaixo da média face à escolaridade e faixa etária, pelo que apresenta fundamentos necessários para continuar a beneficiar das medidas do Decreto-Lei n.º 3 de 2008. A psicóloga irá efetuar uma entrevista ao encarregado de Educação e o mesmo será reavaliado pelo SPO, tendo como objetivo um conhecimento mais próximo e direto do aluno.

6.2.1.5 Relatório Circunstanciado

No dia 27 de junho de 2011, realizou-se a última reunião de avaliação do Conselho de Turma tendo sido elaborado um relatório circunstanciado. De acordo com o relatório (ANEXO U):

(...) O Sujeito A desempenha atividades revelando algumas dificuldades: na aprendizagem e aplicação de conhecimentos; na aprendizagem básica; na aplicação do conhecimento; em tarefas em exigências gerais; na comunicação e conversação de dispositivos e de técnicas de comunicação. (...) continua a ter apoio familiar o que é essencial para os resultados por si obtidos. A mãe prepara as matérias escolares com ele. É bem-educado e está bem integrado na

turma. Deve continuar a beneficiar das medidas do PEI no próximo ano letivo. (...) É também deveras importante a continuação do apoio familiar, do apoio dos colegas e dos professores. O aluno evoluiu muito ao longo deste ano letivo, está mais sociável e mais feliz. Na avaliação qualitativa teve a classificação de Satisfaz Bastante: assiduidade, pontualidade, comunicação, empenho e comportamento adequado. A classificação Satisfaz: na iniciativa, empenho, no reconhecimento da importância da escola na sua vida e na autonomia. Relativamente às atitudes, teve uma apreciação global de Satisfaz Bem e nas competências Satisfaz. O Sujeito A, deve continuar a beneficiar no próximo ano letivo das medidas n.º 2, do art. 16.º do Decreto-lei n.º 3 de 7 de janeiro de 2008 (2008), nomeadamente: art. 17.º (apoio pedagógico personalizado; art. 18.º (adequações curriculares a Língua Portuguesa, Inglês e Matemática) e art. 20.º (adequações no processo de avaliação). Para além disso, ainda beneficia de apoio na sala de estudo na disciplina de Matemática.

A mãe compareceu às reuniões solicitadas pela diretora de turma.

6.2.2 Síntese Reflexiva dos Documentos - Sujeito A

Considerou-se que no ambiente familiar o Sujeito A manteve um comportamento controlável até à sua entrada para a escola. Antes permaneceu sempre com a mãe em casa até aos 5 anos, na aldeia, uma vez que esta não se encontrava a trabalhar. A mãe só percebeu alterações no seu comportamento quando ele entrou para o Jardim de Infância. Até então, como os estímulos no seu habitat eram facilmente controláveis, convivia com os adultos e o irmão mais velho, nunca se apercebeu de alterações no seu comportamento. Segundo ela, a sua conduta alterou-se significativamente: os três primeiros dias de escola foram muito difíceis; o Sujeito A chorava, gritava, derrubava objetos para o chão, mas apesar de tudo, a mãe não cedeu. Inicialmente, e sem saber do que se tratava, sentiu-se ansiosa e perdida, depois intuitiva e reflexiva, contudo, sentiu que deveria trata-lo como “normal” pois era assim que o seu filho era para ela, apesar do diagnóstico de PHDA.

Porém, no Jardim de Infância houve a perceção de que a criança não teria competência para ingressar no primeiro ano e ficou retido um ano, tendo entrado no 1º ciclo com 7 anos. Quando ingressou na escola, e graças às consultas de acompanhamento, a que já ia desde o Jardim de Infância, bem como o apoio parental, proporcionaram-lhe uma maior evolução.

Para este facto, muito contribui o apoio maternal, que desde sempre, procurou facultar possibilidades normais ao filho, ou seja, procurou esclarece-lo relativamente ao meio ambiente da sua própria casa, ao que estava ao seu redor, à utilidade das coisas dentro da casa e a conexão entre estes objetos e as pessoas da casa. Procurou informá-lo e ensinou-o a desempenhar as suas atividades da vida diária, como a higiene pessoal, os bons hábitos, ensinou-o a vestir-se, etc, pois para além do PHDA, a criança desde tenra idade, como ficou visível sofria de outros problemas de saúde.

Segundo a mãe, sempre alertou o seu filho quando este tinha um comportamento menos apropriado sem, no entanto, necessitar de bater ou enaltecer-se. Sempre foi determinada e persistente. Ao longo dos anos, foi aprendendo a lidar com os comportamentos e atitudes do seu filho. Procurou não ficar impaciente, aflita, tensa, derrubada moralmente, foi sempre ao encontro do que poderia fazer para ensinar e estimular o seu filho e, sobretudo, acreditou nele, procurando que em casa houvesse coerência de ação, dos pais, do irmão e dos avós. Todos

aqueles que participaram do meio ambiente do Sujeito A procuraram ter os mesmos padrões de atitudes, de forma a conseguir alcançar resultados positivos. Este facto, faz com que a criança, como aliás afirma a sua diretora de turma, seja educada, calma e organizada, totalmente o oposto do que normalmente acontece com as crianças que possuem este problema.

Desde o início, a mãe procurou, independente do seu diagnóstico, ajudá-lo a aprender as normas que regem o mundo dos adultos. Desde sempre os pais fizeram-no compreender as regras de comportamento, impondo limites.

Apesar de os pais não estarem presentes em todos os momentos na sua vida, estes estiveram/estão atentos a toda e qualquer atitude do seu filho. No seu ambiente familiar coexistem o diálogo, a brincadeira, a partilha... O facto de possuir uma rotina, com horários destinados às várias atividades, incluindo o lazer e o contacto com os outros, possibilita um melhor enquadramento numa vida adulta mais estável.

A mãe aceitou toda a ajuda que lhe foi proporcionada desde que se apercebeu do problema do filho: da educadora, da(o) psicóloga(o), da médica de família, entre outros. Sempre seguiu as orientações dadas, com grande reflexão pessoal. A persistência da família ao longo dos anos tem sido eficaz no seu desenvolvimento.

O meio ambiente familiar acreditou/acredita no Sujeito A. Se isso não acontecesse, haveria menor possibilidade para qualquer tipo de desenvolvimento. Esta mãe (e toda a família incluindo o pai, o irmão e avós) foi persistente na sua educação, até que ele compreendesse e passasse espontaneamente a realizar o comportamento adequado à situação.

Quando a mãe compreendeu a sua distração, procurou ajudá-lo diariamente a ser responsável, a determinar os seus próprios limites e defrontar-se com as consequências dos seus erros.

Desde o início do seu percurso de vida escolar a mãe teve consideração pelas informações dos professores e profissionais, verificando-se uma adequada articulação família - escola - consultas do desenvolvimento - médica de família.

A PHDA é uma perturbação para a qual não existe cura. Ao longo da vida do indivíduo, se não houver um apoio eficaz, poderão haver consequências profundas ao nível do seu desenvolvimento escolar e comportamental que poderão revelar-se no insucesso escolar ou até mesmo na sua capacidade de realizar as tarefas que lhe são incumbidas, tanto em casa, como na escola e, mesmo, socialmente. Esse apoio só é realmente eficaz se houver uma continuidade do trabalho realizado pelos professores, psicólogo, médico, família e por outras pessoas que envolvem o indivíduo. Se o auxílio fornecido através da escola for de excelência mas, no entanto, se em casa não houver persistência por parte da família e, vice-versa, as melhorias em termos de comportamento e desenvolvimento por parte do indivíduo serão pouco positivas.

Relativamente ao Sujeito A, pode-se constatar que existe uma grande interação e um grande envolvimento por parte de todas as pessoas que o rodeiam.

A escola tem tido um papel crucial no seu progresso. A deteção precoce de algo diferente no seu comportamento foi muito importante para o seu desenvolvimento pois permitiu fazer-se um encaminhamento adequado e, conseqüentemente, um tratamento dirigido aos problemas do

Sujeito A. Para além disso, permitiu que lhe fosse proporcionado um apoio especial na escola, para que, deste modo, conseguisse atingir mais eficazmente os seus objetivos escolares.

Para além do apoio escolar e familiar que têm sido proporcionados ao Sujeito A, este também iniciou tratamento com Rubifen (tratamento adjuvante da PHDA) duas vezes por dia. Esse tratamento tem provocado melhorias significativas no seu comportamento. A medicação, apesar de ser um campo questionável, tem sido aparentemente eficaz, sobretudo quando utilizada conjuntamente com outras terapias.

Por fim, e não menos relevante, há que salientar a importância da continuidade do trabalho realizado e do apoio prestado ao Sujeito A desde que ele entrou no Jardim de Infância (altura em que foi diagnosticado a PHDA), passando pelo primeiro ciclo e, atualmente, no 2º ciclo. Sem isso, não seria possível a sua evolução. Dar continuidade, significa não voltar à “estaca zero”. Assim, considero que esse trabalho foi muito importante para o seu desenvolvimento.

Apesar de apresentar algumas dificuldades na aprendizagem, atualmente, o Sujeito A apresenta atitudes bastante satisfatórias no que diz respeito à assiduidade, à pontualidade, à comunicação, ao empenho e ao comportamento adequado, à iniciativa, no reconhecimento da importância da escola na sua vida e na autonomia.

Na minha perspetiva podemos concluir que o Sujeito A tem tido um bom acompanhamento ao longo da sua vida e isso tem-se repercutido no seu bom comportamento em casa, na sala de aula e na sociedade. Tudo isso se tem revelado essencial para o seu desenvolvimento e sucesso escolar.

6.2.3 Análise de Conteúdo das Entrevistas aos Intervenientes - Sujeito A

De acordo com análise de conteúdo realizada foi possível identificar as seguintes áreas temáticas no guião das entrevistas direcionadas aos intervenientes: I- Legitimação e motivação da entrevista, II- Identificação e caracterização do entrevistado, III- Identificação e caracterização do Sujeito/diagnóstico/inclusão (trajetória escolar); IV- Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola x família); V- Expetativas quanto ao futuro; VI- Complemento (ver em maior detalhe análise de conteúdo ao Sujeito A (APÊNDICE T), ao encarregado de educação (APÊNDICE V) e à diretora de turma (APÊNDICE Z).

Essas áreas temáticas serviram de base a organização dos dados das entrevistas. Apresentaremos em seguida a análise das três entrevistas efetuadas ao Sujeito A, à sua mãe e a diretora de turma, das quais poderemos retirar algumas conclusões.

Durante os primeiros anos do Sujeito A, vemos que existe um reconhecimento, já desde o período em que este frequentava o jardim de Infância de que “(...) os outros já faziam as coisas e ele não”, como reconhece a Encarregada de Educação, a mãe, “foi no infantário ainda (...)” que foi identificado o problema e “(...) a educadora encaminhou-me para o Hospital Distrital e confirmou-se a Hiperatividade”. Como é sabido o diagnóstico precoce é importante para o seguimento de medidas assertivas para o desenvolvimento do indivíduo.

O historial académico do aluno é bem conhecido por parte da diretora de turma que reconhece todos os passos, tanto de aprendizagem como de saúde realizados pelo Sujeito A, encontrando-se toda a informação acessível e estando “(...) tudo documentado” e “(...) a mãe falou comigo logo no início (...) era uma criança especial (...) precisava de um acompanhamento especial, (...) tinha um comportamento normal, desde que era medicado (...) em termos de aprendizagem havia coisas que eram difíceis para ele aprender, a organização dos cadernos também era complicada, os erros que ele dá são muitos”.

Apesar de ter entrado para a escola um ano atrasado, “(...) ele teve uma retenção no primeiro ciclo (...)” “(...) foi adiada a matrícula dele em função dos comportamentos. Achou-se que ele não tinha maturidade suficiente”, esta retenção é igualmente referida pela mãe, já que para tal “(...) foi preciso preencher um termo regular, para ele ficar mais um ano”, o Sujeito A passou a beneficiar de apoio o que fez com que a sua aprendizagem transcorresse normalmente. “ (...) Ele fez o primeiro ano, o 2.º, o 3.º, o 4.º, mas sempre teve apoio”, afirma a mãe, e mesmo para o Sujeito A a aprendizagem era encarada sem problemas, já que a professora - “(...) Era boa. Compreensiva, compreendia”, o que contribuiu para o desenvolvimento social do mesmo “fiz logo amigos (...)”.

O seu desempenho no 2º ciclo é unanimemente encarado como positivo, pois como afirma o Sujeito A, os professores “(...) preocupam-se. (...) quando eu estou a fazer um exercício, eles perguntam se eu tinha alguma dúvida (...)”. E segundo a diretora de turma (...) os professores nos Conselhos de Turma, a situação é explicada (...) dão-lhe o apoio que ele precisa”, “(...) os professores estão conscientes”. A encarregada de educação também reconhece que “(...) a professora foi sempre excelente (...) todas as dúvidas que ele tinha, ela explicava”.

No que diz respeito à integração do Sujeito A na comunidade educativa, tanto ele, como a mãe reconhecem que sempre foi normal” “os amiguinhos da escola (...), nunca disseram tu és menos do que nós”, “empregados, colegas, professores (...), nada tenho a apontar”, e a diretora de turma afirma que “(...) toda a gente o trata (de forma) normal, ele está bem integrado, os colegas tratam-no como qualquer colega (...)”, “ (...) têm conhecimento das dificuldades que ele tem (...) tão sempre dispostos a ajudar”, “ (...) não se nota que ajam diferente”, “No grupo não se nota (...) vai por aí com os colegas, anda pelos corredores a brincar (...)”. Há assim uma integração total do Sujeito A no ambiente escolar, não notando este qualquer tratamento diferente por parte da comunidade, o que é ideal para a criança, pois ao não ser encarado de forma díspar pelos seus pares promove uma relação de companheirismo e aceitação.

No ambiente familiar, há o reconhecimento pelas três partes de que existe um apoio e uma rotina diária de estudo. O Sujeito A refere que quem o ajuda é sobretudo a mãe “(...) quando chego a casa é a minha mãe que está lá sempre...”, “(...) quando eu tenho dúvidas ela ajuda-me”, “(...) ela basta ver o bloco e sabe as coisas que eu tenho para fazer”. Por parte da mãe existe um cuidado pela existência dessa mesma rotina “(...) eu dei-lhe as orientações (...) ele agora faz sozinho” e mesmo em “(...) férias, mas uns minutos em cada dia nós temos que estudar (...) ele nunca dizia que não”. Já a diretora de turma menciona que o Sujeito A “ (...) em casa tem horários para estudar, tem horários para tudo, tem regras, (...)”, “(...) é um miúdo que tem

regras e que tem que as cumprir", "(...) ele já entrou nessa rotina diária em termos de escola, na higiene dele e outras coisa mais", "(...) é responsável, traz os livros, não traz falta de material, faz os trabalhos (...)", o aluno é "(...) assim porque os pais impuseram regras desde pequeno", sendo que a diretora de turma afirma, corroborando o discurso da mãe que o Sujeito A "(...) tem as responsabilidades dele, tem que as cumprir" e "os pais trabalham com ele em casa, não se acomodam, sobretudo a mãe, pela sua disponibilidade".

Tanto em casa como na escola os professores e os pais tentam manter a socialização do Sujeito A equilibrada com a aprendizagem. Com a família aos "(...) fim de semana, vamos a Cidade, (...) fazer coisas. (...) ver o meu irmão. (...) os meus pais ficam lá em casa (..) eu e o meu irmão, vamos a outros lugares bonitos", "(...) nas férias, com o meu irmão, às vezes pescava", afirma o sujeito, sendo que a mãe reconhece que o jovem pratica todas estas atividades "(...) vai a catequese (...) vai a missa" "(...) ver o irmão (...) compras (...) dar um passeio" e "(...) dá-se bem com todos os meninos, (...) é educado". Na escola, "(...) tem um bom relacionamento", pois os "(...) os colegas tratam-no como tratam os outros, não o tratam [de forma] diferente", criando um "(...) relacionamento normal".

Quanto às aspirações profissionais o Sujeito A pretende ser "enfermeiro (...)", porém, a mãe não demonstra grandes perspectivas de uma continuação do prosseguimento dos estudos, "ele agora vai estudando", mas não "(...) estou à espera disto ou daquilo (...)". A diretora de turma confirma esse facto "(...) para a mãe, ela pensa que ele realmente não conseguirá chegar à universidade (...) penso que foi isso que ela transmitiu (...)", porém, (...) ela vai continuar a insistir para ele chegar o mais longe que puder".

No cruzamento das três entrevistas pode observar-se que há uma congruência das informações conferidas por todas as partes que foram ouvidas. Cedo há um reconhecimento do diagnóstico do Sujeito A, e que por isso mesmo é tratado e acompanhado, contribuindo para que a integração social e escolar do mesmo esteja num estado dito normal para os jovens da mesma faixa etária. Todas as partes envolvidas estão empenhadas num esforço coletivo para uma vida normal, fato esse que se encontra atestado pela entrevista.

6.3 Síntese descritiva dos dados dos documentos - Sujeito B

6.3.1 Dados dos Documentos

De acordo com os dados recolhidos no processo individual do aluno, elaborou-se um pequeno resumo dos documentos analisados: antecedentes escolares, anamnese, relatório do SPO e duas entre seis (a primeira e a última/relatório circunstanciado).

6.3.1.1 Antecedentes Escolares:

Tabela 7 - Resumo da História Escolar.

Ano letivo	Ano de Escolaridade	Escola	Medidas Educativas Adotadas
2002/2003	Jardim de Infância	Jardim de Infância	Nenhum
2003/2004	Jardim de Infância	Jardim de Infância	Nenhum
2004/2005	Jardim de Infância	Jardim de Infância	Nenhum
2005/2006	1.º	EB1 de Aldeia	.Encaminhado para avaliação do SPO no Agrupamento de escolas.
2006/2007	2.º	EB1 de Aldeia	.Decreto-Lei n.º 319 de 23 de agosto de 1991 (1991), alíneas: c) adaptações curriculares e h) apoio pedagógico acrescido.
2007/2008	3.º	EB1 de Aldeia	.Decreto-Lei n.º 319 de 23 de agosto de 1991 (1991), alíneas: c) adaptações curriculares, f) condições especiais de avaliação e h) apoio pedagógico acrescido).
2008/2009	3.º	EB1 de Aldeia	Plano de Acompanhamento - Despacho Normativo n.º 50 de 9 de novembro de 2005 (2005).
2009/2010	4.º	EB de Freguesia	Plano de Recuperação - Despacho Normativo n.º 50 de 9 de novembro de 2005 (2005).
2010/2011	5.º	Escola EB2+3 e S	Decreto-Lei n.º 3 de 7 de janeiro de 2008 (2008), art.: 20.º.

a) Ano letivo 2002/2003, 2003/2004 e 2004/2005 (Jardim de Infância)

O Sujeito B esteve com a mãe em casa até aos três anos de idade. Frequentou o Jardim de Infância durante 3 anos, onde fez uma adaptação dentro do nível de desenvolvimento para sua faixa etária, nas áreas de formação pessoal e social e de conhecimento do mundo, bem como no domínio: das expressões, linguagem oral e abordagem escrita e matemática (ANEXO V).

b) Ano letivo 2005/2006 (1.º ano)

Ingressou no primeiro ciclo no ano letivo 2005/2006. No registo de avaliação no terceiro período (ANEXO X):

(...) revela ou parece revelar atitudes de imaturidade, desconcentração e atraso na realização das suas atividades. (...) Foi encaminhado para uma observação ao psicólogo do Agrupamento de escolas públicas do seu Conselho (problemas emocionais, imaturidade, falta de concentração e alguma dificuldade na troca das consoantes). (...) no final do ano letivo o aluno teve um aproveitamento irregular, manifestando alguma dificuldade na leitura e escrita. (...) Necessita de ter acompanhamento no meio familiar para que não esqueça o que conseguiu aprender. Atingiu os conhecimentos suficientes para transitar ao 2.º ano de escolaridade.

c) Ano letivo 2006/2007 (2.º ano)

Na avaliação do SPO do Agrupamento, a 12 de outubro de 2006 (ANEXO Z), refere:

(...) dada a presença de indicadores instrumentais que revelam dificuldades de aprendizagem no domínio da linguagem (leitura e escrita), possivelmente decorrentes de dificuldades para adquirir as aptidões fonéticas que dependem da memorização e da sequência de relações sonoras e simbólicas, (...) será necessária e urgente uma intervenção individualizada de âmbito psicopedagógico. (...) Aplicação de algumas medidas do regime educativo especial, tal como está consagrado no Decreto-Lei n.º 319 de 23 de agosto de 1991 (1991), nomeadamente da medida de apoio pedagógico acrescido (de preferência individual) a Língua Portuguesa (Perturbação da Leitura/Escrita), e, devido ao atraso verificado nessa área, de adaptação curricular, com a definição clara dos objetivos pedagógicos a atingir no referido domínio. De igual modo, e na medida do possível, deverão ser proporcionadas em casa tarefas de enriquecimento instrumental que sejam delineadas em colaboração com a escola. (...) O reforço social pode ser utilizado sempre que apresentar um comportamento e/ou resposta

apropriados. (...) Também é necessário que o ambiente em casa estimule o interesse do Sujeito B pelas atividades escolares. As estratégias aconselhadas devem ser utilizadas diariamente.

De acordo com observações feitas pela professora no decorrer do ano (ANEXO AA):

(...) O Sujeito B demonstrou poucos avanços devido aos poucos métodos de trabalho e interesse pelo saber. É desorganizado e tem muita dificuldade em concretizar a maioria das tarefas, revela pouca capacidade de iniciativa, não é autónomo na realização das aprendizagens, nos métodos de estudo e organização de trabalho. Mantém uma relação interpessoal com os adultos, mas cria conflitos com os colegas. Na Língua Portuguesa demonstra muitas dificuldades na leitura e na escrita, dá bastantes erros por falta de atenção.

Segundo o registo de avaliação pela professora, ao final do ano letivo (ANEXO BB), “o Sujeito B foi progredindo lentamente ao longo do ano. (...) Atingiu as competências mínimas em todas as áreas. (...) Transitou para o 3.º ano de escolaridade”.

d) Ano letivo 2007/2008 (3.º ano)

Iniciou o 3.º ano de escolaridade, com um PEI, beneficiando de medidas do art. 2.º do Decreto-Lei n.º 319 de 23 de agosto de 1991 (1991), alíneas: c) adaptações curriculares a Língua Portuguesa e Matemática, f) condições especiais de avaliação e h) apoio pedagógico acrescido a Língua Portuguesa e Matemática.

Foi reavaliado pelo SPO do Agrupamento, a 20 de junho de 2008 (ANEXO CC). O relatório refere:

(...) o aluno não possui deficit cognitivo, pelo que os valores percentuais situam-se na média para a sua faixa etária. Comparativamente à avaliação anterior, podemos concluir que houve uma melhoria significativa ao nível do domínio do abecedário e da ortografia, no entanto, observaram-se ainda algumas dificuldades nos subtestes verbais. (...) Recomenda-se a continuidade das medidas educativas, apoio pedagógico, condições especiais de avaliação e adaptações curriculares. É um aluno que manifesta pouca motivação em relação ao contexto da sala de aula. Recomenda-se que o ambiente familiar estimule emocionalmente e cognitivamente o aluno, a fim de ajudar a complementar o trabalho realizado na escola. Os resultados escolares poderão ser derivados de pouco investimento realizado e a falta de motivação do mesmo para as tarefas escolares.

Segundo avaliação da professora no terceiro período (ANEXO DD), “O Sujeito B é um aluno pouco interessado, mas apesar disso é trabalhador. Não lê com expressividade e escreve com muitos erros. Revela dificuldades na interpretação e compreensão dos textos, (...) poucos hábitos de trabalho e de estudo”. Não atingiu os objetivos mínimos para transitar de ano. Deverá continuar a beneficiar das mesmas medidas do Decreto-Lei n.º 319 de 23 de agosto de 1991 (1991). Foi integrado no ensino especial até ao ano letivo 2007/2008, depois foi retirado, devido ao novo Decreto-lei n.º 3 de 8 de janeiro de 2008 (2008).

e) Ano letivo 2008/2009 (3.º ano - retenção)

Beneficiou de um Plano de Acompanhamento de acordo com o Despacho Normativo n.º 50 de 9 de novembro de 2005 (2005), obtendo no final do ano letivo aproveitamento nas áreas curriculares de Matemática e Estudo do Meio e sem aproveitamento a Língua Portuguesa.

Segundo avaliação da professora no terceiro período (ANEXO EE): o Sujeito B (...) “olha para todo o lado, não faz qualquer trabalho, sem a presença do adulto. Terá de trabalhar muito para atingir os objetivos pretendidos”. Transitou para o 4.º ano de escolaridade.

f) Ano letivo 2009/2010 (4º ano)

Foi transferido de escola em janeiro de 2009. Beneficiou do Plano de Recuperação de acordo com o Despacho Normativo n.º 50 de 09 de novembro de 2005 (2005), a partir do segundo período. Segundo o relatório de avaliação ao final do terceiro período (ANEXO FF): (...) “realiza os trabalhos com dificuldades, mas com muitas dificuldades a Matemática. Deverá continuar a beneficiar de apoio socioeducativo. Conseguiu atingir os objetivos pretendidos no 1.º ciclo do ensino básico, apenas não os conseguiu a Matemática”.

g) Ano letivo 2010/2011 (5º ano - 2.º ciclo)

Dos documentos no processo individual do aluno, neste ano letivo, selecionamos para descrição e análise, a anamnese com a mãe, o relatório de avaliação psicopedagógica efetuado pelo SPO e duas atas entre seis (a primeira e a última/ relatório circunstanciado).

6.3.1.2 Anamnese

Na realização da anamnese a 1 de outubro de 2010 (ANEXO GG), o Sujeito B residia com os pais e uma irmã de 8 meses. Quando do seu nascimento o pai tinha 25 anos e a mãe 20, sendo a 1.ª gestação materna. Foi acompanhada durante a gravidez, sem nenhum problema a registar. Nasceu de parto normal, com 3.350 gramas. Apresentava adequado reflexo de sucção, no primeiro ano de vida foi um bebé calmo.

Quanto ao seu desenvolvimento: dorme bem, tem o seu próprio quarto, mas mexe-se muito durante o sono. Foi alimentado no seio materno durante dois meses e meio e usou o biberão até aos 3 anos. A introdução a outros alimentos deu-se com naturalidade, tendo atualmente uma alimentação normal. Gatinhou, começou a andar aos doze meses. Usou chucha dois anos e meio. O controlo dos esfíncteres é adequado para a sua idade. Relativamente à acuidade visual, não há suspeita de problemas. Apresenta uma adequada discriminação auditiva. Tem um vocabulário completo. Cansa-se facilmente na realização das atividades escolares, é muito desatento, têm de lhe prestar muita atenção. Enerva-se com facilidade, quer que a mãe fale com ele calmamente, uma palavra de cada vez. Foi sempre uma criança agitada. É muito ágil fisicamente para andar de bicicleta, jogar a bola, etc. É uma criança bastante sociável, no entanto, se lhe dão confiança fala demais. Aos 3 anos foi operado aos adenoides e aos ouvidos, sem intercorrências. Em dezembro de 2009, teve um problema na escola com um colega, tendo partido o nariz e foi operado imediatamente. Em 2009, tirou as amígdalas e voltou a fazer laqueação aos ouvidos e aos adenoides. Nenhuma doença é digna de registo.

É independente nas atividades de vida diária. No seu lar é uma criança responsável: toma conta da irmã mais nova (quando a mãe está por perto) e cumpre as exigências da mãe.

Em relação à dinâmica familiar, às vezes o pai bebe em demasia e isso afeta o relacionamento. Viveram na casa dos avós paternos até o ano passado, a convivência, por vezes, era muito difícil para os pais, o avô é alcoólico. Existiam graves conflitos e gritos ocorreram, muitas vezes na presença do Sujeito B. A mudança para outra terra e para outra casa deveu-se a

esses conflitos. Atualmente o seu pai continua a beber (mas menos) e quando isso ocorre, há tensão. A mãe sente-se muito cansada, o pai, por vezes, não tem trabalho.

A mãe diz ter sido criada sem pai, este faleceu quando ela e os três irmãos eram pequenos. A avó materna lutou muito para criar os filhos, sempre havia muito diálogo e compreensão na sua casa. Quando se casou, foi morar na casa dos sogros. Viver lá foi muito difícil para ela, devido ao alcoolismo e à transformação no comportamento do sogro. Como foi criada sem pai, precisava de apoio, e por vezes não o tem. Refere que a mudança, foi muito boa para ela, pelo menos já não houve mais conflitos. Considera que existe um bom relacionamento entre pais e filhos.

6.3.1.3 Relatório do SPO

A avaliação do SPO, a 10 de outubro de 2010 (ANEXO HH), aos 11 anos e 5 meses, revela que:

(...) A avaliação do nível intelectual e cognitivo revelou resultados ao nível dos valores normativos para a sua idade cronológica, com défice na: compreensão e expressão verbal; memória a longo prazo; distração; sequenciação; agilidade mental; raciocínio numérico; senso comum (causa-efeito); juízo social (inteligência social); organização perceptual e espacial; percepção visual de estímulos insignificantes; funcionamento cerebral integrado; raciocínio não verbal e capacidade de planeamento e síntese. (...) Apresenta um desempenho Inferior para a sua idade cronológica, na organização perceptiva, espacial e representação gráfica. Revela dificuldade de análise visual e alterações da memória visual. Faz trocas ortográficas na escrita. (...) A sua leitura é soletrada, acompanha a palavra com o dedo. Tem problemas na compreensão de textos narrativos e informativos, apresentando uma grande dificuldade em interpretá-los. A sua leitura e interpretação de textos estão ao nível do 2.º ano do primeiro ciclo. (...) Apresenta algumas áreas pouco desenvolvidas na linguagem oral que comprometem a sua leitura, escrita e compreensão de textos. (...) De acordo com o questionário de Connors revisto para professores e pais, segundo os professores, o Sujeito B tem muita dificuldade em prestar atenção nas aulas, distrai-se muito, aproveita todas as oportunidades para brincar e também dificuldades na leitura e interpretação. Em relação ao rendimento escolar encontra-se abaixo da média na caligrafia, leitura, matemática e ditado. Comportamentos frequentes: faz ruídos inadequados; exige atenção imediata; “arma-se em esperto”; perturba as outras crianças; sonha acordado; tem uma atitude submissa perante a autoridade; é impulsivo; necessidade excessiva de atenção do professor; parece facilmente levado pelas outras crianças; falta de capacidade de liderança; incapaz de terminar o que começa; é infantil e imaturo; pouco colaborante com os colegas; colabora pouco com o professor, tem dificuldade em aprender. Comportamentos excessivos: irrequieto; dificuldade de concentração e de atenção e impaciente, sempre em movimento. Foi proposto para apoio acrescido a Língua Portuguesa e Matemática. De acordo com os pais, apresenta comportamentos frequentes: sempre a mexer com as mãos e/ou outros; reage antes de pensar; quer mandar em tudo; irritável, irrequieto; impaciente; sempre em pé e em movimento; amua; desobedece quando contrariado; incapaz de terminar tarefas e/ou uma atividade; uma vez por outra tem dores de cabeça. Excessivamente: distrai-se com muita facilidade. (...) Recomendou-se exercitar diariamente a leitura e interpretação de textos (falta treino). Os pais têm a responsabilização da ação do Sujeito B, ou seja, não apenas mandar fazer, mas partilhar com ele a ação diária do fazer acontecer, caso contrário ele foge dessa responsabilidade. Além disso, recomendou-se a frequência do apoio a Língua Portuguesa onde sejam proporcionado situações de ensino individualizado, e frequência ao apoio da disciplina de Matemática, objetivando o treino de resolução de situações problemáticas diversificadas sobretudo ao nível da compreensão e interpretação dos enunciados.

O Sujeito B foi encaminhado para uma consulta do desenvolvimento no Hospital Distrital, que foi realizada a 9 de agosto de 2011 (ANEXO II), tendo sido diagnosticado a PHDA. De acordo com o serviço de pediatria: “apresenta Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção e

Concentração moderada, pelo que necessita de estratégias pedagógicas comportamentais dirigidas às suas dificuldades e vai iniciar metilfenidato (...).”

6.3.1.4 1.ª Ata do Conselho de Turma

Durante o ano letivo 2010/2011, o Conselho de Turma realizou 6 reuniões, com as seguintes datas: 9 de setembro de 2010 (avaliação dos Alunos); 4 de novembro de 2010 (avaliação Intercalar); 20 de dezembro de 2010 (reunião de avaliação); 28 de fevereiro de 2011 (avaliação intercalar); 9 de abril de 2011 (reunião de avaliação) e a 27 de junho de 2011 a última reunião de avaliação. Para efeitos de reflexão apenas serão mencionadas a primeira e a última do respetivo ano letivo.

Em relação à primeira reunião (ANEXO T), a 9 de setembro de 2010, o Conselho de Turma realizou uma análise individual e global dos alunos, de acordo com o processo vindo do 1.º Ciclo. De acordo com a transcrição da ata:

O Sujeito B veio transferido de outra escola em janeiro de 2009 e não se aplicava no trabalho. No final do ano já fazia os trabalhos com muitas dificuldades em Matemática. Deverá continuar a ter apoio socioeducativo. Teve Plano de Acompanhamento no terceiro ano. Conseguiu atingir os objetivos pretendidos para o primeiro ciclo, apenas não conseguiu a Matemática. Solicitou-se uma entrevista ao encarregado de Educação, tendo como objetivo um conhecimento mais próximo e direto do aluno.

6.3.1.5 Relatório Circunstanciado

No dia 27 de junho de 2011, realizou-se a última reunião de avaliação. O Conselho de Turma elaborou o relatório circunstanciado. De acordo com esse relatório (ANEXO JJ):

O Sujeito B desempenha atividades revelando algumas dificuldades: na aprendizagem e aplicação de conhecimentos; na aprendizagem básica; nas tarefas e exigências gerais; na comunicação e conversação de dispositivos e de técnicas de comunicação. (...) na disciplina de Matemática o aluno não evoluiu, continua a revelar dificuldades de cálculo pois não sabe a tabuada. Nas disciplinas de Inglês e Língua Portuguesa tem falta de hábitos e métodos de estudo, dificuldade de atenção/concentração, falta de pré-requisitos, falta de confiança e baixa autoestima face às suas capacidades, pouca persistência na realização das atividades, não fazendo os trabalhos de casa, ausência de material escolar (algumas vezes), falta de recetividade às atividades, falta de empenho nas tarefas escolares, falta de iniciativa e criatividade, continua a revelar dificuldades em adquirir e aplicar conhecimentos. O aluno necessita de ter mais acompanhamento por parte do Encarregado de Educação. Na avaliação qualitativa teve a classificação de Satisfaz Bastante: assiduidade, pontualidade e socialização. A classificação Satisfaz: na comunicação e na autonomia. A classificação Não Satisfaz: na iniciativa, empenho, comportamento adequado e reconhecimento da importância da escola na sua vida. Relativamente às atitudes, teve uma apreciação global de Satisfaz e nas competências Não Satisfaz. Deve continuar a beneficiar no próximo ano letivo das medidas n.º 2, do art. 16.º do Decreto-lei n.º 3 de 7 de janeiro de 2008 (2008), nomeadamente: art. 20.º (adequações no processo de avaliação). Ainda, apoio na sala de estudo a disciplina de Matemática e Inglês.

A mãe compareceu às reuniões solicitadas pela diretora de turma.

6.3.2 Síntese Reflexiva dos Documentos - Sujeito B

Pelo que foi referido, é possível observar que o relacionamento entre os pais é alterado pelo álcool. O pai abusa na bebida e, por vezes, isso afeta a vida familiar. O avô paterno é alcoólico. Os pais viveram na casa dele até ao mês de dezembro de 2009. Enquanto partilharam a mesma habitação ocorriam muitas discussões e o Sujeito B sofria muito. Atualmente o convívio é melhor, por terem independência. Apesar disso, a mãe continua ausente durante muito tempo devido à sua preocupação excessiva com o trabalho, e o pai, muitas vezes não se encontra em casa, o que torna difícil a manutenção de uma rotina tanto escolar como familiar para o Sujeito.

O Sujeito B, no que diz respeito ao desenvolvimento físico e biológico sempre teve um crescimento normal e adequado para a sua idade. No entanto, pode constatar-se que no que diz respeito ao seu desenvolvimento escolar, apresenta algumas lacunas, demonstrando grandes dificuldades na aprendizagem. Durante o seu percurso, pode verificar-se grande distração e pouco interesse na aquisição de novos conhecimentos.

Ficou em casa com a mãe até aos 3 anos de idade. Depois disso, frequentou o Jardim de Infância durante três anos onde, segundo a mãe, fez uma adaptação dentro do nível de desenvolvimento para a sua faixa etária. Para ela, as crianças "(...) eram todos reguilas nessa idade". Talvez por falta de conhecimento, a mãe nessa altura não se apercebeu das dificuldades do filho na realização das suas atividades.

Logo que ingressou no 1º ano de escolaridade, a professora apercebeu-se da imaturidade e das dificuldades por parte do Sujeito B em aprender, tendo sido encaminhado para avaliação psicológica. Segundo ela, foi observado "(...) atitudes de imaturidade, desconcentração, atraso na realização das atividades e alguma dificuldade na troca das consoantes". Terminou o ano letivo com um aproveitamento irregular, manifestando alguma dificuldade na leitura e na escrita, tendo sido, no entanto, aprovado de ano.

Apesar das suas manifestadas dificuldades, o aluno transitou para o segundo ano. Existem crianças que precisam de um tempo maior para amadurecerem e a retenção num ano poderá ser benéfico para o seu desenvolvimento.

No 2º ano, o Sujeito B manteve as mesmas dificuldades na sua aprendizagem tendo, desde cedo, usufruído de apoio especial, que mantém até então. Segundo a professora progrediu lentamente durante o ano letivo, atingiu as competências mínimas para todas as áreas mas transitou para o 3.º ano. Aqui, observaram-se dificuldades, uma vez que teve lacunas no seu aproveitamento.

No terceiro ano, ficou retido, apesar de beneficiar de medidas de regime educativo especial, de acordo com a legislação vigente. Ele não estava preparado para o nível seguinte. Os alicerces da sua aprendizagem não estavam prontos para dar continuidade à aprendizagem académica. Tal como uma casa que é construída de raiz, se não tiver fundações e alicerces adequados, poderá ruir antes mesmo de ficar acabada, as dificuldades do Sujeito B foram apenas adiadas e nunca sanadas. De notar que apenas se realizaram as dificuldades na leitura e na escrita e os sintomas associados a PHDA não foram valorizados.

Apesar de se ter observado alguma melhoria, verificou-se que o aluno manteve apenas um nível satisfatório no seu desempenho escolar, como afirma a diretora de turma “(...) lê muito mal, dá muitos erros, escreve mal e não tem motivação para fazer melhor, (...) não entende, não compreende, (...) está sempre a falar com os colegas do lado (...), não traz o material muitas vezes, trabalhos de casa, não faz”. Esta situação acontece em grande medida porque nem o pai nem a mãe como referimos, estabelecem uma rotina diária para com a filho, nem mesmo estando presentes quando este precisa do seu apoio. Prova disso é o *desinteresse* revelado pela mãe, visto que não compareceu às consultas de desenvolvimento, bem como o fato de durante o 1.º ciclo, a responsabilidade da sua avaliação e acompanhamento estar a cargo da própria escola. O Sujeito B afirma que existe apoio por parte da mãe que verifica por vezes os seus trabalhos, e que até tem um caderno para apontar os mesmos, no entanto, por parte da escola existe a percepção que este não tem qualquer apoio, não fazendo os trabalhos com regularidade.

Em casa é-lhe exigido que cumpra algumas tarefas domésticas e que, por vezes, tome conta da sua irmã, porém, poucas vezes é direcionado educacionalmente no meio familiar.

A escola é considerada um pilar muito importante no desenvolvimento na criança. A deteção por parte da professora das suas dificuldades e o seu encaminhamento para o psicólogo foram medidas que considero terem sido adequadas. Entretanto, enquanto psicóloga considero que, além da personalidade com os seus diversos componentes, a criança ou o adolescente também possui um sistema orgânico que pode intervir negativamente, determinando distúrbios emocionais e dificuldades de ajustamento nos diversos fatores vitais, inclusive no escolar. Alguns aspetos determinantes não foram avaliados e/ou considerados.

Apesar da escola apresentar um papel crucial na vida do Sujeito B, o ambiente familiar e o apoio dos seus pais/encarregados de educação é um fator de extrema importância na aquisição de novas competências e no empenho das suas atividades. Os professores reconhecem que o aluno possui capacidades e pode melhorar em termos de aproveitamento no estabelecimento de ensino, todavia, não existe orientação adequada, e a medicação não seria suficiente. Nesse sentido o apoio paralelo dos pais torna-se urgente.

6.3.3. Análise de Conteúdo das Entrevistas aos Intervenientes - Sujeito B

De acordo com análise de conteúdo realizada foi possível identificar as seguintes áreas temáticas no guião das entrevistas direcionadas aos intervenientes: I- Legitimação e motivação da entrevista, II- Identificação e caracterização do entrevistado, III- Identificação e caracterização do Sujeito/diagnóstico/inclusão (trajetória escolar; IV- Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola x família); V- Expetativas quanto ao futuro; VI- Complemento (ver mais detalhadamente a análise de conteúdo ao Sujeito B (APÊNDICE U), ao encarregado de educação (APÊNDICE X) e à diretora de turma (APÊNDICE AA)).

Essas áreas temáticas serviram de base a organização dos dados das entrevistas. Apresentaremos em seguida a análise das três entrevistas efetuadas ao Sujeito B, a sua mãe e à diretora de turma, das quais poderemos retirar algumas conclusões.

Quando inquiridos sobre o momento em que foi diagnosticada a PHDA, a mãe (neste caso a encarregada de educação), menciona que o problema apenas se tornou mais visível tardiamente, "no Jardim Infantil nunca se notou muito (...) todos juntos eram quase todos por igual", fato que é aceite pela diretora de turma "(...) ele frequentou três anos e aqui não há nenhuma referência sobre algum comportamento".

Quando inquiridos sobre o desempenho do Sujeito B durante o 1º ciclo, a mãe refere que este "(...) como ele tinha aquele problema de dislexia (...) na escola começou a ter um professor pelo menos duas vezes por semana a apoiá-lo", "no 2.º, no 3.º e 4.º ano (...) tinha um professor duas vezes por semana que vinha dar-lhe apoio", de facto o não envolvimento da mãe é provado pelo fato de esta não saber quando se desenvolve o apoio conferido ao educando, referindo que este se opera "(...) às vezes eu não sei, eu não sei bem (...)". A professora afirma que a criança "(...) beneficiou (...) no 2.º ano de escolaridade, (...) adaptações curriculares e apoio pedagógico acrescido", tendo ficado retido no 3º ano pois sempre apresentou muitas dificuldades, e "no ano 2007/2008, (...) beneficiou de adaptações curriculares e condições especiais de avaliação e apoio pedagógico acrescido", estando ela melhor informada.

Quanto à inserção e adaptação no 2.º ciclo onde se encontra, o único elemento que a mãe refere é que "(...) foi agora no 5.º ano. (...) quando ele começou (...) a não estar tanto atento na escola", tendo o educando ido com ela "(...) a uma consulta... ao Hospital do Distrito, de psicologia, tem tido terapeuta da fala (...) pediatra e agora está tomando medicação". Ao que a diretora de turma complementa afirmando que o Sujeito B "(...) revela muitas dificuldades", "(...) lê muito mal, dá muitos erros, escreve muito mal e não tem motivação para fazer melhor", este "(...) não traz o material muitas vezes, trabalhos de casa, não faz", em suma "é assim uma criança difícil".

Quando inquirimos sobre o apoio em casa e a existência de uma rotina diária, a encarregada de educação defende a existência de uma rotina, apesar de chegar tarde a casa, fruto de muitas horas de trabalho, e "(...) quando chego a casa mando-o... ele não quer... é o tempo que eu estou em casa... depois vou buscar a irmã. (...) Meia hora, uma hora, depende. Por parte do pai a ajuda torna-se mais complicada pois este "(...) tirou o 4.º ano. É mais complicado, porque a matéria agora é diferente da altura", porém, "(...) ao fim de semana tem o pai. Este impõe certas regras para ele em casa. (...) Mas ele não está sempre em casa". Já o Sujeito B afirma que não possui uma rotina definida "(...) no outro dia a minha mãe disse que era para eu estudar e a mim não me apetecia, eu... e eu não sabia dos livros onde é que eles estavam" e "estudo às vezes (...) Às vezes, não é sempre (...)". Às vezes o Sujeito B tem a ajuda da mãe na realização das tarefas escolares, tendo esta chegado a comprar "(...) um bloquinho (...) e a mãe ia ver o bloco com as notas, com os apontamentos".

No entanto, quando confrontamos estas afirmações com a opinião da diretora de turma vemos que são diferentes. Esta por sua vez menciona, que o Sujeito B "(...) é uma criança desacompanhada em casa em termos de pais", não lhe sendo perguntando se já fez os trabalhos ou arrumou a pasta, sendo deixada por conta própria, ou seja, não possui uma rotina. A professora chega inclusive a referir que "(...) em termos de higiene, da roupa, do corpo (...) não

vem limpo muitas vezes (...). No entanto, num ponto existe um elemento comum, a “(...) a senhora (a mãe) não está em casa muito tempo (...) não consegue organizar-se, (...) nota-se que a criança não está organizada”.

Apesar destes elementos, é reconhecido pela mãe e pelo Sujeito B que este tem algumas tarefas em casa que podem contribuir para alguma estabilidade e organização, como lavar a loiça, arrumar o quarto, contudo, por vezes “(...) às vezes digo para ele, eu canso-me contigo, porque estás sempre à espera que eu faça tudo e não pode ser, tu tens que começar a fazer as coisas por ti. Eu estou aqui para te ajudar, para te explicar, não estou para te fazer os trabalhos”. É claro que a falta de rotina se revela no Sujeito B, tendo “a inquietude dele atrapalha-o mais nas atividades escolares, ele perde a sequência dos conteúdos por não estar atento, (...) nas disciplinas teóricas é mais desatento”.

No que se refere à socialização do aluno este apenas sai quando há alguma consulta ou vai um “Um bocadinho ao café... pouco mais”, ou até mesmo almoçar a casa da avó. A mãe afirma que é sossegado e calmo, não tendo “ (...) nenhuma queixa dele, de ninguém dizer que ele tratou mal, ou tratou mal aquele”. O próprio aluno afirma que pouco mais faz além de visitar a avó, ir ao café, brincar no computador, andar de bicicleta ou brincar com algum amigo. Não existindo assim muito incentivo ou contato dos pais ou família com a criança. Na escola a professora reconhece que “(...) na turma (...) dão-se todos muito bem”.

Quanto as aspirações futuras e até mesmo uma profissão, o Sujeito B revela apenas que “(...) gostava de trabalhar num restaurante”, pois aí convive com as pessoas. No entanto, quanto ao futuro, a encarregada de educação não revela grandes desejos, esperando que este consiga mais que ela própria, “(...) o 12.º (...) porque senão, hoje sem o 12.º ano eu não vejo agora grandes opções”. Já a diretora de turma mostra-nos uma realidade diferente, “Não revelam aspirações. Nem falam sobre isso”.

Como se pode observar pelo cruzamento das três entrevistas não existe por parte da encarregada de educação e da diretora de turma um trabalho conjunto no sentido de promover um melhor desenvolvimento académico e pessoal do Sujeito B. Começando pelo fato de ter sido diagnosticado recentemente e pelo fato de os pais não terem tempo para proporcionar uma rotina tanto de trabalho em casa como de estudo, não promovendo um bom seguimento para o Sujeito B. A diretora de turma reconhece que o aluno “pode melhorar em termos de aproveitamento da escola”. Não obstante este não tem uma orientação adequada, pelo que “só a medicação não seria suficiente, é preciso apoio paralelo dos pais. Todavia, por “(...) agora, desde que está a ser medicado, esperemos (...) que esse comportamento mude e (...) permita avançar em termos de escolaridade”. Vemos assim que é um indivíduo que até tem competências e capacidade para prosseguir na sua vida académica, mas a falta de apoio e ajuda parental condicionam esse avanço.

6.4 Análise Comparativa dos Sujeitos em estudo

Na análise comparativa dos Sujeitos A e B, muitas conclusões podem ser retiradas. Apesar

de se ter tentado seguir o mesmo modelo de entrevista é certo que nem sempre foi possível. Devemos referir um pequeno incidente que ocorreu na entrevista do Sujeito B, tendo-se dado uma interrupção de quase dois minutos, devido ao fato de terem batido à porta, ocorreu uma interferência (elemento distrator), podendo ter influenciado o desenrolar da entrevista, caso que não deve ocorrer como afirma Yin (1994). Contudo, todas as outras entrevistas e recolha de informação transcorreram sem qualquer problema.

É igualmente de interesse mencionar, como foi indicado no ponto anterior, que em certos momentos e perguntas, tanto a encarregada de educação como a diretora de turma do Sujeito B não se encontram de acordo. É certo que nem sempre os professores sabem o que se passa nas casas dos seus alunos, porém, é também evidente a falta de apoio e acompanhamento, por falta de tempo dos pais. Já no Sujeito A, a presença da família é marcante, fazendo-se presente, atuante, oferecendo todo o apoio provável e necessário (dentro das suas limitações) para o desenvolvimento do seu educando. De facto, a compreensão de que a família é, foi e sempre será um elemento importante na formação pessoal e profissional de um indivíduo é crucial. Neste sentido, e da análise de dois casos distintos de apoio e negligência familiar foi possível esta observação (Relvas, 1982).

Confirma-se que a família deve esforçar-se por estar presente nos momentos da vida dos filhos. Presença essa que implica envolvimento, comprometimento e colaboração. Deverá estar sempre atenta às dificuldades não só cognitivas, como comportamentais. Como já foi referido, deve estar pronta para intervir, da melhor maneira possível, visando sempre o bem dos filhos, mesmo que isso signifique dizer sucessivos "nãos" às suas exigências (Kaloustian, 2002).

Entendemos, no decorrer deste estudo, que a PHDA é efetivamente uma perturbação e como tal, deve ser tratada, observando-se que, na maioria dos casos, o indivíduo hiperativo pode auferir mais sucesso se for auxiliado por uma equipa multidisciplinar, mas os pais devem ser os líderes do processo e estar a par tudo. Como o maestro dirigindo uma orquestra, há muitos instrumentos a tocar, mas a orientação, a direção, o comando, é único e exclusivamente do maestro, no caso do indivíduo com PHDA, os pais devem ter a liderança sob o seu comando, estar na linha da frente para apoiar filho e os demais "colaboradores", como no caso do Sujeito A. Mais uma vez confirma-se Goldstein (2006) que a transmissão da informação e a consciencialização da família, é o principal passo no tratamento das crianças com este tipo de perturbação.

Antes de mais, a compreensão de que um diagnóstico correto e a informação sobre o transtorno conduzem a uma reestruturação interna e externa da vida de um portador de PHDA, bem como do meio onde se encontra. Como vimos da experiência com os Sujeitos A e B, há uma profunda sensação de alívio em saber o porquê de determinadas incapacidades e entender que o comportamento é comumente independente da vontade. A culpa também diminui e existe um aumento real da possibilidade de superar as dificuldades e alcançar o sucesso (Goldstein, 1998). No caso de ambos os Sujeitos esse diagnóstico foi efetuado, tendo o Sujeito A sido sempre acompanhado, porque como sofria de um problema de saúde, era constantemente observado tanto pela mãe, como por médicos, tornando-se mais fácil o diagnóstico e o tratamento

adequado. Quanto ao Sujeito B não existiu uma vigilância e uma dedicação, tendo sido sobretudo terceiros a indicar a necessidade de intervenção e mesmo assim só recentemente foi diagnosticado e começou a ser medicado.

Antes de tudo, é necessário encaminhar o portador de PHDA para avaliação o mais precoce possível e um tratamento apropriado, pois é uma perturbação que tratada de modo adequado conduz a respostas positivas e concretas, como foi verificado no Sujeito A. Para se ter um resultado final no processo de tratamento, muito se pode fazer, e vai depender da disponibilidade dos professores, da escola, das condições de trabalho que esta proporcione.

Um passo fundamental é o de reconhecer que o indivíduo sofre desta perturbação, sendo que a partir deste momento se deve encetar um trabalho em conjunto tanto com a escola, como com a família e a equipa de profissionais que atuam nessa área, para que assim haja uma melhoria nos sintomas e para que o indivíduo hiperativo tenha uma aprendizagem mais adequada. Com o diagnóstico da PHDA comprovado é necessário prestar muita atenção, pois as crianças apresentam maior probabilidade de apresentar outros problemas (comorbilidade) (DSM-IV-TR, 2006). Os indivíduos hiperativos em idade escolar possivelmente apresentarão baixo rendimento escolar, como se verificou nos dois Sujeitos. No caso do Sujeito A o seu ingresso escolar foi adiado e ocorreu uma retenção no primeiro ciclo e no Sujeito B ficou retido um ano, pois crianças com esta patologia são comumente desatentas e impulsivas e, muitas vezes, não conseguem ter autocontrolo, condicionando melhores resultados na sua aprendizagem académica.

Como se pode verificar, o indivíduo com PHDA apresenta dificuldades, seja no convívio em sociedade, em casa ou na escola, pois mostra um grau de atividade maior que as outras crianças da mesma faixa etária.

É certo que nos dois casos, ambas as famílias não demonstram muitas aspirações quanto ao futuro das duas crianças; no caso do Sujeito A, não é esperado que este alcance a universidade, e no B, seria satisfatório se este completasse o 12º ano, mas, o que nem todos sabem é que esse transtorno possui características positivas, como: criatividade, questionamento, alto nível de atividade, inteligência e com capacidade de fazer uma caminhada académica com os apoios necessários, sobretudo, da família e da escola.

Os comportamentos associados a PHDA tornam-se mais evidentes na altura do ingresso na vida escolar, como também ficou visível nos dois casos, fazendo com que esta não consiga seguir simples comandos e ter uma aprendizagem estável (Leandro, 2001).

Os pais desenvolvem um papel muito importante na vida da criança com este distúrbio, como tal devem estar devidamente preparados para lhe dar o suporte necessário. Apesar do apoio de uma equipa especializada, do uso de medicação adequada, da atenção e cuidado por parte dos professores, os pais sem sombra de dúvida, como vimos, são os pilares mais importantes (Leandro, 2001).

A relação com a família dos portadores de PHDA pode ser prejudicada uma vez que, a sua atitude impaciente e de falta de calma, leva os pais a uma falta de controlo. Com uma criança hiperativa em casa ou na escola é necessário pensar antes de agir, pois muitas vezes o seu

comportamento leva-os a reagirem de forma errada, já que para a criança hiperativa é de suma importância o reforço, ao invés da punição, a rotina de estratégias, uma boa comunicação, e a escolha certa de uma escola, para que a criança se adapte às suas regras e tenha uma aprendizagem adequada às suas necessidades. As diferenças entre estas realidades estão bem patentes nos dois Sujeitos em que, no caso do Sujeito A, existe uma motivação e dedicação familiar e, no caso do Sujeito B, não se verifica. De facto, o cuidado, a criação de rotinas, a dedicação por parte da mãe/família fazem com que a criança se torne mais calma, organizada e sociável, conseguindo aprender e seguir o mesmo caminho que os outros colegas (Cervený & Berthoud, 2002).

Claro que, e como afirma Barkley (2002, p. 21), "educar uma criança com PHDA pode ser a coisa mais difícil que alguém terá que fazer na vida". Quando os pais, professores e alunos trabalham em conjunto, o retorno na aprendizagem tanto cognitiva, quanto social é muito importante na vida da criança, pois esta "(...) pode ter de enfrentar o insucesso académico, isolamento social, depressão, baixa auto estima e também envolver-se em diversos conflitos com outros membros da família, nomeadamente, os irmãos". Por isso, o diálogo e o acompanhamento tornam-se vitais entre a família para que assim sejam evitados graves problemas (Topczewski, 1999).

É certo que nem todos os pais têm as mesmas capacidades intelectuais, psicológicas ou temporais para dedicar aos filhos. No caso do Sujeito A, o fato de ter outros problemas de saúde, bem como uma mãe e família dedicadas, fizeram com que se tornassem mais atentos aos seus problemas e necessidades, criando-lhe um conjunto de regras e comportamentos que deveria respeitar desde cedo, bem como uma disponibilidade familiar e comunicacional. No caso do Sujeito B, o fato de se encontrar inserido num meio familiar com necessidades económicas, que levam os pais a ausentarem-se durante uma grande quantidade de horas, a não existência de uma rotina diária e a falta de interesse ou comunicação regular, levam a que o jovem, apesar de possuir, segundo a diretora de turma, capacidades, se encontre menos preparado e motivado (Cypel, 2003).

O que por vezes acontece é que o pai é o profissional e a mãe fica no lar. Quando a mãe não trabalha fora é da sua responsabilidade o cuidado com a casa e com os filhos. Para as mães que trabalham esse contexto modifica-se, mas nem tanto. Por uma condição cultural, ainda permanecem com elas os cuidados domésticos e familiares. Funcionando dessa maneira, geralmente o pai exime-se de qualquer participação na educação dos filhos (Cypel, 2003). Por outro lado, o pai não tem consciência da sua importância no processo de desenvolvimento do filho, pensando que as dificuldades se encontram na escola, e como tal é lá que devem ser concertadas. A sua presença e participação são fundamentais para que com a mãe possa estabelecer limites, incentivar, motivar, valorizar e manter uma relação com o filho que promova seu crescimento emocional. A falta desse vínculo estabelecido de maneira sólida e harmónica, favorece distorções no desenvolvimento da criança, expondo-a a distúrbios afetivos, podendo gerar ansiedade, depressão e comportamentos do tipo desatenção e/ ou hiperatividade (Cypel, 2003).

Esta realidade é facilmente constatada no caso do Sujeito B, em que estão presentes distorções dos vínculos familiares e, muitas vezes, os fatores ambientais familiares, tais como os desentendimentos entre o casal, comportamentos agressivos, psicopatologias na família, podem ser relacionados ao agravamento dos sintomas da hiperatividade (Topczewski, 1999).

Mesmo com a aplicação medicamentosa, o apoio por parte dos professores e demais profissionais, entre eles o psicólogo, por si só não são suficientes e não substituem o cuidado familiar, nem a adequação e rotinas utilizadas nesse contexto. Para melhorar a convivência e estimular bons comportamentos nas crianças, os pais devem saber diferenciar desobediência e inabilidade. Uma vez que os pais e/ou cuidadores conheçam suficientemente bem o problema, eles estarão aptos a distinguir quando a criança é desobediente e rebelde, ou quando, simplesmente, não está a conseguir controlar os seus impulsos e fazer o que eles ou outras pessoas responsáveis estão a pedir.

O próximo passo é saber dar ordens positivas (Jones, 2004). A posterior é a continuidade dos anteriores e o seu objetivo principal é sempre promover o sucesso da criança. Hábitos arraigados são difíceis de mudar, mas não impossíveis. Trata-se de abandonar o padrão antigo de valorizar mais as atitudes negativas da criança (ela percebe perfeitamente que se chama mais à atenção quando faz algo errado) e mudar para um padrão de incentivar, reforçar e promover o sucesso dela (Jones, 2004). É evidente que muitas vezes os pais não têm disponibilidade para se envolverem mais na educação dos filhos, porém, contatos mensais ou até mesmo quinzenais, em que os professores trocariam progressos e experiências com pais, poderia ser uma forma de fomentar e envolver mais os pais. Cabe aos professores, de algum modo, arranjar forma de absorver mais tempo e dedicação dos pais para este facto, pois deles depende não só a saúde, mas o futuro dos seus próprios filhos (Topczewski, 1999).

O filho com PHDA só têm a beneficiar com um ambiente familiar mais estruturado e baseados em rotinas e regras claras e precisas, representada por interações relacionais dialógicas e um ambiente salutar em casa. Os pais travam um combate diário com as dificuldades para lidar com o filho irrequieto, mais indisciplinado do que a média dos seus pares e sabem que ele pode até ser marginalizado no seu círculo de amigos (Costa & Kanarek, 2006).

É indispensável enfatizar que o contexto familiar é de extrema importância nesses casos. Os peritos afirmam que as famílias consistentes e estáveis, assim como o ajuste social e emocional desses indivíduos, são fatores que antevêm um progresso melhor. É importante entender como foi/é o vínculo desse indivíduo com os seus pais e irmãos, para clarificar o problema. Como foi referido é da natureza dessa ligação que num determinado indivíduo da família poderá estabelecer-se a mudança do comportamento. Deste modo, entenda-se que as mudanças na conduta do indivíduo com PHDA advêm de uma junção de fatores: ambientais, familiares e do próprio indivíduo.

O êxito do tratamento ou do programa educacional está ligado ao entendimento da estrutura ecológica, onde o comportamento se insere (Patterson, 1967). No caso do Sujeito A, a família é estável e relacional, no caso do Sujeito B verifica-se instabilidade na família, percecionando-se uma dinâmica a-relacional.

De acordo com o modelo ecológico do desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1979), em qualquer situação de intervenção, os profissionais deverão estar cientes das interações entre os diferentes subsistemas familiares, pois possibilitam reconhecer as zonas problemáticas no sistema familiar, buscando a posterior mudança, gerando uma harmonia nas interações. Assim, deve-se realçar a importância de não nos centrarmos exclusivamente no indivíduo com PHDA, mas também examiná-lo no seu contexto familiar e ambiental.

Sob a perspectiva sistémica, o indivíduo com PHDA só será entendido se for compreendido como parte integrada de uma rede complexa que liga e relaciona as pessoas num todo que envolve aspetos biopsicossociais e familiares (Alarcão & Relvas, 1989). Assim deve-se, realçar a importância de não nos centrarmos exclusivamente no indivíduo com PHDA, mas também examiná-lo no seu contexto familiar e ambiental

Para ajudar os filhos a serem bem-sucedidos na escola e na vida, os pais devem ajudá-los a encontrar as suas aptidões e as suas competências singulares. À medida que os pais aprendem mais sobre o filho, aprendem mais sobre eles próprios, é possível que se tornem parceiros no processo de definição de sucesso e na conceção dos objetivos para o atingir. Devem ser persistentes na sua tentativa de ajudar o filho a transpor os obstáculos, assumindo acordos, aceitando a necessidade de intervenções e colaborando para sua realização.

Em suma, podemos concluir que, embora a PHDA seja uma perturbação que provoca inúmeras alterações no comportamento e desenvolvimento da criança, quando diagnosticada precocemente e tratada corretamente pode levar o portador a ter uma vida normal e a ser bem aceite nos ambientes que frequenta, sobretudo na escola. Mas, este trabalho deve ser realizado em parceria, ou seja, a família e a escola devem unir-se para estabelecerem as regras necessárias e estas não podem divergir para que a criança não se sinta insegura (Diogo, 1998).

7. Conclusão

O papel do professor é variado, complexo, mas motivador. Pretende-se que ele seja inovador, dinâmico, comunicativo, crítico e eficaz, devendo ensinar ao mesmo tempo que educa. Ele transmite conhecimentos, ensina métodos, instrumentos de trabalho e alguns valores fundamentais aos alunos, como, por exemplo, a compreensão e o respeito pelo outro, a entreaajuda e a responsabilidade. Além disso, deve promover o desenvolvimento do espírito crítico, da reflexão, da criatividade e da curiosidade em termos de aprendizagem. Por isso, cabe-lhe atualizar e aperfeiçoar continuamente os conhecimentos e debruçar-se sobre o seu desempenho pedagógico, modificando ou corrigindo a sua atuação. É certo que o papel é de grande responsabilidade e o processo educativo exige dele uma profunda reflexão e grande disponibilidade, para poder apoiar os alunos, em particular aqueles com NEE ou com comportamentos inadequados e perturbadores (Relvas, 1996).

Não obstante, todo este processo deve ser partilhado com os pais porque a educação e a aprendizagem não podem ser reduzidas ao contexto escolar. A escola e o professor não podem atuar isoladamente, devem dividir responsabilidades com a família do aluno. A relação

construída com os pais favorece o contato, a troca e uma educação/aprendizagem significativa. Esta articulação entre a escola e a vivência dos alunos é realmente necessária. Porém, quando os alunos revelam algum problema, tal como a PHDA, tanto pais como professores, muitas vezes, não sabem como agir, visto que isoladamente o acompanhamento farmacológico se tem mostrado ineficaz. É necessária uma atenção especializada dada à criança que apresenta agitação e falta de concentração, assim como à sua família.

Com o envolvimento dos pais na escola, estes passam a estar melhor informados sobre o que nela se passa e através desta articulação pode resultar uma partilha de responsabilidades. Atendendo à dificuldade que está inerente ao ato de educar, torna-se pertinente que haja uma relação escola-família, de cooperação e interajuda. Segundo Leandro (2001), “A família de hoje (...) investe cada vez mais na escolarização dos filhos, em busca de um futuro melhor para os mesmos” (p. 78). Palco de interações com múltiplas influências recíprocas e dinâmicas, a escola não está imune às tensões e desequilíbrios da sociedade envolvente.

O relatório da *United Nations Education Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors, Delors (1998), definiu como os quatro pilares fundamentais da educação: “aprender a conhecer (...); aprender a fazer (...); aprender a viver juntos (...), aprender a viver com os outros (...); aprender a ser (...)” (p. 90). Esta Comissão considera que esses quatro pilares merecem cuidado semelhante no ensino estruturado, “(...) a educação devia fazer com que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo, (...) ultrapassando a questão instrumental da educação, (...) do saber fazer (...) para a realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser” (p. 90).

Neste contexto, a educação exige a mobilização de toda a comunidade educativa: dos professores, dos pais, dos alunos, apoiando e buscando a melhor resolução para cada caso. O Ministério da Educação e Ciência dirigido pelo ministro Nuno Crato, que tomou posse no dia 21 de junho de 2011, sobre a educação, menciona:

A Educação determina o futuro do país e deve gerar igualdade de oportunidades para as gerações futuras. Para obter bons resultados é necessário determinação e rigor. A cooperação de pais, professores e alunos é fundamental para a criação de um ambiente de trabalho favorável, que privilegie a exigência. O Governo assume a Educação como serviço público universal e defende como princípios o esforço, a disciplina e a autonomia (Portal do Governo de Portugal, 2012).

O envolvimento das famílias na escola é vista como uma mais-valia no processo de formação do aluno, pois estes dois ambientes são as principais referências da criança nos primeiros anos de vida e onde ela mais se movimenta. “A família e a escola são por esta ordem, os dois primeiros ambientes sociais que a criança conhece, sendo instituições fundamentais no seu crescimento social fornecendo-lhe estímulos, ambientes e modelos vitais que orientam a construção do seu processo formativo” (Diogo, 1994, p. 181).

O acompanhamento possibilita a inserção e o envolvimento de toda a família, retirando o foco da criança e ressaltando a necessidade de modificações no sistema habitual como um todo, possibilitando à família uma reflexão acerca dela própria enquanto unidade, bem como a tomada

de novos posicionamentos que possam contemplar o bem-estar de todos os membros que compõem a mesma (Relvas, 1996). Verifica-se que no modelo sistémico já referenciado, é fundamental que os profissionais não se centrem exclusivamente no indivíduo com PHDA, mas examinem o seu contexto familiar e ambiental.

Para que a criança tenha sucesso escolar e para que desenvolva a sua aprendizagem com facilidade é essencial que se sinta apoiada, quer pela escola, quer pela família.

O envolvimento das famílias na vida das crianças dá-lhes influência e permite-lhes um conhecimento maior dos seus papéis e das suas competências para ajudarem os filhos a crescerem, razão pela qual também devem participar e contribuir para a dinâmica da escola (Almeida & André, 2004, p. 40).

Diogo (1998) considera que, de um modo geral, o envolvimento dos pais na escola é muito positivo não só para o aluno, mas também para o próprio encarregado de educação, para a escola e até para a sociedade. A articulação de práticas educativas familiares com práticas escolares permite a partilha de responsabilidades em questões mais complicadas como a educação sexual, a educação para a cidadania, apoio nas atividades extracurriculares ou mesmo conflitos que possam surgir dentro da escola. Esta participação das famílias constitui uma forma de exercer a democracia e a cidadania. O mesmo autor refere que o envolvimento da família na escola “(...) pode ser visto como uma forma de educação de adultos e de desenvolvimento pessoal que pode ter efeitos sociais e educacionais benéficos para além do impacto positivo nas crianças” (Diogo, 1988, p. 33-34).

Comumente as crianças e adultos com PHDA são descritas como tendo dificuldades crónicas como desatenção e/ou impulsividade/hiperatividade. Acredita-se que apresentam estas características desde cedo, num grau que é desapropriado para a sua idade ou nível de desenvolvimento e numa variedade de situações que diminui a sua capacidade para prestar atenção, restringir os seus movimentos, inibir os seus impulsos e regular o seu comportamento em relação às regras, tempo e futuro (Barker, 2000). Nesse sentido, tanto a escola como os pais têm de desenvolver algumas estratégias de forma a promover e estimular a criança. A família e a escola unidas, devem e necessitam, de desenvolver estratégias de trabalho de modo a vencerem as suas dificuldades. Para isso, é indispensável que se vejam como companheiras de caminhada, as duas responsáveis, podendo corroborar ou contrariar a influência uma da outra.

Saber que um indivíduo pode ter PHDA e ser capaz de trabalhar eficazmente com ele, são duas coisas distintas. Os pais das crianças portadoras de PHDA devem comunicar o seu diagnóstico aos professores e a outros profissionais que interagem com eles e informa-los sobre a toma de medicação, se for o caso. Este conhecimento pode ser muito útil, pois ajuda a explicar o comportamento do indivíduo, bem como saber que estratégias podem funcionar. Também ajuda os técnicos que interagem com o indivíduo em atividades extracurriculares, como vimos no caso do Sujeito A, saber como ajudá-lo a integrar-se melhor nas atividades de grupo, uma vez que para muitas destes indivíduos este é o período mais importante do seu dia ou semana, e basta o conhecimento de algumas estratégias para ajudar a melhorar a experiência do indivíduo, do profissional e de todo o grupo (Cypel, 2003).

Com este trabalho foi nossa intenção analisar em que medida a intervenção e apoio familiar são, ou não, benéficos para o desenvolvimento de competências escolares. Dos estudos e artigos lidos vemos que, em todas as atividades, a família deve desempenhar uma função primordial, funcionando como suporte, não só educacional, mas igualmente emocional, intelectual e vivencial.

Seguramente que a análise destes dois casos trouxe conclusões significativas relativamente à importância do envolvimento da família no desempenho escolar dos Sujeitos com PHDA envolvidos neste estudo.

Como se pode constatar, ambos os Sujeitos portadores desta perturbação, atualmente na escola são alvo de preocupação por parte da psicóloga, da diretora de turma e dos professores. Os professores estão sensibilizados para esta questão e os Sujeitos têm uma atenção especial relacionado com suas NEE.

No entanto, através da análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos intervenientes e aos documentos dos Sujeitos (já analisados e enunciados de forma particularizada anteriormente), pode-se constatar que, apesar do apoio da comunidade educativa, os dois Sujeitos têm tido uma evolução escolar e comportamento diferenciados. Obviamente que existem inúmeras hipóteses que poderiam ser investigadas para se perceber o motivo desta evolução tão distinta, como por exemplo, a personalidade dos Sujeitos, as dificuldades económicas, o ambiente que os envolve, etc. No entanto, o que mais ressaltou nestes dois Sujeitos foi a diferença da envolvimento familiar, ao longo do percurso escolar de ambos, tendo este trabalho seguido este percurso de análise.

Dos dados recolhidos, pode-se constatar que este fator tem, de fato, influência no comportamento e aprendizagem escolar dos alunos. No caso do Sujeito A, em que precocemente foi detetado algo de diferente no seu comportamento e desde cedo houve uma preocupação e entrega dos pais relativamente ao problema diagnosticado no filho, verificou-se que o seu aproveitamento escolar e o seu comportamento na sala de aula são mais positivos e adequados do que no caso do Sujeito B, em que mais tardiamente foi detetado essa perturbação e em que a envolvimento dos pais é menos ativa. Verificamos que as práticas ocorridas no relacionamento familiar têm influência no comportamento de ambos, funcionando como estrutura na interação social e no sucesso escolar. Desta forma, pode-se assumir que a família é um agente imprescindível não somente na estabilidade emocional mas tendo, sobretudo, um papel de destaque no sucesso e insucesso escolar dos Sujeitos envolvidos no estudo.

São vários os aspetos detetados no comportamento/atitudes da família que contribuíram positiva ou negativamente para isso. Os elementos detetados que influenciaram positivamente o sucesso escolar e comportamental do Sujeito A foram:

- ✓ Encaminhamento para consulta do desenvolvimento no Jardim da Infância e o diagnóstico precoce da PHDA. Como é sabido o diagnóstico precoce é importante para o seguimento de medidas assertivas para o desenvolvimento do indivíduo com PHDA.
- ✓ Acolhimento e seguimento pela família, pela escola e outros profissionais de toda a orientação após o diagnóstico.

- ✓ Aceitação da família na permanência de mais um ano no Jardim de Infância, devido à falta de maturidade na aprendizagem.
- ✓ Constância nos padrões de atitudes no meio ambiente familiar.
- ✓ Tentativa da família em facultar possibilidades normais ao filho, fazendo-o compreender as normas e impondo limites.
- ✓ Persistência da família na educação até chegar ao comportamento considerado adequado: ser responsável, determinar os próprios limites, defrontar-se com as consequências dos próprios erros.
- ✓ Envolvência dos familiares com a comunidade educativa e com os outros profissionais.
- ✓ Apoio familiar constante nas atividades escolares diárias e no estudo.
- ✓ Presença de diálogo frequente.
- ✓ Informação apropriada da família sobre a PHDA.
- ✓ Colaboração no apoio medicamentoso - tratamento coadjuvante.
- ✓ Cooperação com a escola nas medidas do regime educativo especial,
- ✓ Desempenho no 2º ciclo é unanimemente encarado como positivo pela família e pela comunidade educativa.
- ✓ Tanto em casa, como na escola, os professores e os pais procuram manter a socialização equilibrada com a aprendizagem.
- ✓ Respeito por parte da família pelas aspirações escolares e profissionais do Sujeito.
- ✓ Todos os intervenientes estiveram/estão empenhados na educação do Sujeito.

Os elementos detetados no comportamento/atitudes da família que influenciaram negativamente o sucesso escolar e comportamental do Sujeito B foram:

- ✓ Deteção tardia da presença da PHDA no Sujeito.
- ✓ Os sintomas associados à PHDA não foram valorizados quando estes começaram a manifestar-se (no Jardim de Infância e no primeiro ciclo).
- ✓ Não comparecimento da família nas consultas de desenvolvimento.
- ✓ Instabilidade familiar, relacionada com o alcoolismo paterno.
- ✓ Falta de diálogo e de atividades de lazer em família.
- ✓ Falta de orientação adequada por parte da família.
- ✓ Ausência da mãe durante várias horas ao longo do dia, devido ao seu trabalho (situação económica).
- ✓ Dificuldade dos pais em dar apoio escolar devido ao baixo nível de escolaridade.
- ✓ Ausência de uma rotina diária em casa, mesmo quando os pais estão presentes.
- ✓ Dificuldades adiadas e nunca sanadas em relação aos estudos.
- ✓ Responsabilidade da avaliação e acompanhamento apenas a cargo da própria escola, durante o primeiro ciclo.
- ✓ Escassez de verificação por parte dos pais do cumprimento dos trabalhos escolares em casa.
- ✓ Falta de direcionamento educacional (perceção por parte da escola da falta de apoio familiar).

- ✓ Não verificação por parte da família relativamente ao material necessário para levar para a escola (frequente falta de material).

Certamente que a análise destes dois casos trouxe conclusões importantes que no futuro poderão ter um prosseguimento e até mesmo sensibilizar os professores e os pais de crianças portadoras de PHDA para a importância do seu envolvimento no percurso escolar dos seus filhos. Este é um campo pouco abordado e qualquer contribuição é bem-vinda, visto que é essa prestação que se pretende conferir a este Trabalho de Projeto. Contudo, mais importante que isso, é entender que os indivíduos com PHDA são inteligentes e querem ser bem-sucedidos. Aprendendo algumas estratégias, os pais, os professores, os psicólogos e outros adultos podem ajudar o indivíduo com PHDA a encontrar o caminho para atingir os seus objetivos.

É importante referir que este estudo é de tal forma relevante que merecia certamente mais tempo para aprofundar alguns dos dados recolhidos pois possibilitaria evidenciar a importância da família no desenvolvimento e no processo de aprendizagem das crianças em geral nomeadamente das com PHDA.

O envolvimento foi extraordinariamente gratificante, mas complicado em termos da gestão de tempo de modo a poder torná-lo mais completo, tendo em vista a conciliação da vida profissional/familiar/Trabalho de Projeto.

É um estudo de caso, envolvendo dois Sujeitos, dois encarregados de educação e um diretor de turma, não permitindo a generalização dos resultados, no entanto, considero-o um contributo importante para a minha reflexão profissional, bem como para a sensibilização da comunidade educativa.

Para finalizar este Trabalho de Projeto considera-se relevante apontar algumas sugestões, de forma a serem alcançados resultados mais consistentes relativamente à problemática em estudo.

Estas sugestões baseiam-se não só na análise dos resultados desta pesquisa, mas particularmente, na minha experiência profissional junto de crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem e com NEE, há vários anos, algumas delas com PHDA e em verificar a dificuldade dos pais e professores em orientá-los e acompanhá-los no seu dia-a-dia.

Desenvolver condições para a implementação de estratégias por parte dos professores, tais como:

- ✓ Sensibilizar a direção e os docentes na escola, para a criação de grupos de estudo para crianças com dificuldades na aprendizagem, entre elas as crianças com PHDA, em paralelo com uma supervisão psicopedagógica efetiva dos mesmos.

- ✓ Apontar sugestões para os professores no seu trabalho diário, de forma a direcioná-los para a identificação do problema e a utilizar estratégias diferenciadas de maneira a beneficiar a aprendizagem desses indivíduos.
- ✓ Incentivar os professores a terem paciência, perseverança e determinação. Os resultados nem sempre são imediatos e é natural que inicialmente se sintam apreensivos e sem saber o que fazer.
- ✓ Reforçar a importância da postura do(s) professor(es) junto ao aluno com PHDA pois influencia, com certeza, o sucesso da intervenção.
- ✓ Transmitir relação de diálogo, de afeto e de sentimentos positivos, não só para o aluno PHDA se sentir amparado, mas sobretudo para os demais alunos praticarem uma atitude semelhante à do professor (modelo), no que diz respeito à maneira de se interrelacionarem com o colega.
- ✓ Identificar no aluno os seus pontos fracos e fortes e criar possibilidades para, com base nos pontos fortes, auxiliá-lo a melhorar a sua autoimagem (estes alunos são constantemente alvo de reações menos boas e de punições).
- ✓ Persistir principalmente nos sucessos e nas habilidades e ignorar os comportamentos diferentes e desadequados (quando o indivíduo se sente apoiado, o trabalho é mais fácil de realizar).

Quanto aos pais, alvo de investigação neste trabalho, algumas sugestões:

- ✓ Difundir informações claras e precisas junto aos pais e fornecer materiais para leitura e reflexão (conhecer e entender a PHDA dota os pais de habilidades necessárias que lhes permite auxiliarem melhor o comportamento e aprendizagem do seu filho).
- ✓ Incentivar programas de intervenção (treino/formação), levando-os a compreender a importância da participação da família na condução e prevenção destes problemas.
- ✓ Levar os pais a se autodisciplinarem para depois ensinar o filho.
- ✓ Considerar que os técnicos que trabalham com indivíduos com PHDA, atuem em equipa e se esforcem para encontrar estratégias adequadas para envolver as famílias (só um trabalho de parceria com todos os que rodeiam o indivíduo poderão ajudá-lo a ultrapassar as suas dificuldades).

- ✓ Rotinas diárias consistentes e perseverantes e um meio escolar previsível auxiliam esses indivíduos a manter o controle emocional.
- ✓ Salientamos, ainda, o papel do Ministério da Educação: se a atual legislação defende a inclusão das crianças e jovens com NEE, apontando para a igualdade instrutiva, com objetivo de apoios especializados que permitam responder às NEE dos alunos, entre eles os portadores de PHDA, os pais e os educadores devem lutar e fazer com que a legislação seja cumprida.

Enquanto psicóloga:

- ✓ O psicólogo pode e deve ser um técnico necessário na ligação entre o grupo familiar e os profissionais que participam do tratamento. A sua função não é apenas dar um diagnóstico mas, principalmente, elucidar os pais que a perturbação não tratada origina imensas complicações para o seu educando (quanto mais informações a comunidade educativa adquirir sobre esta matéria, muito mais poderão colaborar para abrandar o tormento e o insucesso das crianças e adolescentes).
- ✓ O Psicólogo pode também apoiar o aluno em terapia, ajudando-o na melhoria da sua autoestima, dos comportamentos de tristeza e/ou depressão, da ansiedade, da impulsividade..., bem como, ajudá-lo “a apreender mais padrões de comportamento eficazes em termos de resolução de problemas” (Parker, 2003, p. 25).
- ✓ Ainda, sobre as famílias dos portadores de PHDA e as suas dificuldades de intervir, e com o trabalho que exerço como psicóloga numa escola, considero fundamental que o gabinete dos Serviços de Psicologia e Orientação desenvolvam um programa de intervenção junto dos pais/família, alunos e professores.

A partir deste estudo, foi-me possível refletir sobre algumas questões que podem ser tratadas, dando continuidade a futuras pesquisas:

- ✓ A importância de uma análise pormenorizada das dificuldades emocionais dos indivíduos diagnosticadas com PHDA e a interferência no percurso/sucesso escolar: como devem proceder os pais.
- ✓ O papel do(a) médico(a) de família na orientação à família do portador de PHDA, sobretudo, nos meios pequenos, onde este profissional é de grande relevância aos utentes da comunidade, uns mais ativos do que outros.

Consideramos que os pais têm de estar determinados a ser líderes no processo de reabilitação do seu educando, muitos podem ajudar, mas o comando é deles. Se não se empenharem e mergulharem integralmente no seu plano, nos seus objetivos diariamente, irão dificultar a possibilidade de mudança no filho com PHDA. Ambos (pai e mãe) têm de assumir essa função. Por vezes, são necessárias renúncias, mas o que está em jogo é o futuro da família, do filho e, se for o caso, dos demais filhos.

Investigamos um tema que ainda tem muito para ser investigado, temos consciência que este estudo estabelece apenas um curto contributo na importância do envolvimento parental no percurso escolar do indivíduo com PHDA, mas envolveu uma grande reflexão da minha parte e uma enorme satisfação na sua realização.

Bibliografia¹

- Ainscow, M. (1999). *Understanding the development of inclusive schools*. London: Falmer Press.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios Familiares: Uma Visão Sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Alarcão, M. & Relvas, A. P. (1989). Quando uma comunicação se torna intervenção: um contacto pontual do psicólogo com a escola. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Coimbra: UC. Nova série, 23(1), 425-437.
- Almeida, A. N. & André, I. (2004). O país e a família através das crianças – ensaio exploratório. *Revista de Estudos Demográficos*, 35, 5-37.
- Almeida, A. N. (2005). O que as famílias fazem à escola... pistas para um debate. *Análise Social*, XL(176), 579-593.
- Amado, J. S. (2000). Técnicas de Análise de Conteúdo. *Revista Referência*, 5, 53-56.
- American Psychological Association [APA]. (2010). *Publication manual of the American Psychological Association* (6a ed.). Washington: APA
- American Psychiatric Association. (2006). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (4a ed., DSM-IV-TR) (J. N. Almeida Trad., M. L. Figueira, rev. técnica). Lisboa: Climepsi Editores.
- Andolfi, M. (1996). *A terapia familiar: um enfoque internacional*. São Paulo: Tecnicópias.
- Antunes, C. (2003). *Miopia da Atenção - Problemas de atenção e Hiperatividade em Sala de Aula*. São Paulo: Salesiana.
- Antunes, N. L. (2009). *Mal-entendidos* (4a ed.). Lisboa: Verso Kapa-Edição de Livros, Lda.
- Armstrong, F. (2001). Intégration ou inclusion? L'évolution de l'éducation spéciale en Angleterre. Une étude de cas. *Revue française de Pédagogie*, 134, 87-96.
- Associação Brasileira do Déficit de Atenção. (n.d.). *O que é o TDAH*. Recuperado em 05 de outubro, 2011, de <http://www.tdah.org.br/oque01.php>
- Associação Portuguesa da Criança Hiperativa. (2009). Recuperado em 05 de outubro, 2011, de <http://www.apdch.net/hiperatividade>.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo* (4a ed.). (L. A. Reto e A. Pinheiro Trad.). Lisboa: Edições 70, Lda. (Obra original publicada em 1977).
- Barker, P. (2000). *Fundamentos da Terapia Familiar* (F. Andersen, Trad.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Barkley, R. A. (2002). *Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade (TDAH): guia completo para os pais, professores e profissionais da saúde*. (L. S. Roizman Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Barros, A. J. P. & Lehfel, N. A. S. (2001). *Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas* (12a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Bell, J. (1989). *Doing your research Project: a guide for the first-time researchers in education and social science*. Milton Keynes, England: Open University Press.
- Bell, J. (1997). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Dinalibro.
- Berelson, B. (1954). Content analysis. In G. Lindsey (Ed.). *Handbook of Social Psychology: Theory and Method*. (Vol. I, pp. 488-522). Addison-Wesley Publishers: Cambridge.
- Bourbon, S. B. (2006). *Compreensão, Avaliação e Atuação: Uma visão geral sobre TDAH*. Recuperado em 08 de outubro, 2011, de <http://www.hiperatividade.com.br/search.php?query=&topic=38&author>
- Bronfenbrenner, U. (1987). *La ecología del desarrollo humano*. Barcelona: Paidós.
- Caballo, V. E. (1996). *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento*. São Paulo: Ed. Santos.
- Capra, F. (2001). *O Ponto de Mutação*. (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Cultrix.
- Casey, J. (1992). *A História da Família*. São Paulo: Ática.

¹ De acordo com o estilo APA - American Psychological Association

- Cavalcante, T. S. B. Oliveira, R. E., Cardoso, C. S. & Lima, M. F. M. (2005). *Manual de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC*. Centro Universitário do Norte - UNINORTE, Manaus, AM, Brasil. Recuperado em 01 de dezembro, 2010, de <http://srvweb.uninorte.com.br/novoportal/modulos/ensino/posgraduacao/arquivos/manualtccpos.pdf>
- Cervený, C. M. de O. (1994). *A Família como um Modelo: Desconstruindo a Patologia*. São Paulo: Artes Médicas.
- Cervený, C. M. de O. & Berthoud, C. M. E. (2002). *Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- César, M. (2003). A escola inclusiva enquanto espaço-tempo de diálogo de todos para todos. In David Rodrigues (Org.). *Perspetivas sobre a inclusão. Da educação à sociedade*. Porto: Porto Editora.
- Conners, C. K. (1969). A teacher rating scale for use in drug studies with children. *American Journal of Psychiatry*, 126, 884-888.
- Conners, C. K. (1973). Rating scales for use in drug studies with children. *Psychopharmacology Bulletin* (Special issue: Pharmacotherapy with children) 9, 24-84 .
- Conners, C. K. (1997). Discussion of Acceptability of Conners Parent Rating Scale and Children Behavior Checklist to Dakotan/Lakotan Parents. *J. Am. Acad. Child Adol. Psychiatry*, 36, 63-64.
- Correia, L. M. & Serrano, A. M. (1999). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. In L. M. Correia (Org.). (Coleção Educação Especial). Porto: Porto Editora.
- Correia, L. (2001). Educação inclusiva ou educação apropriada? In D. Rodrigues (Org.). *Educação e diferença. Valores e práticas para uma educação inclusiva*. Porto: Porto Editora.
- Costa, A. B. (1998). Projeto "Escolas inclusivas". *Revista do Instituto de Inovação Educacional*, 11, 57-85.
- Costa, A. & Kanarek, D. (2006). Hiperativo ou mal-educado? *Crescer*, São Paulo, 152, 31-33.
- Costa, A. C. & Melo, A. S. (Orgs.). (1997). *Dicionário da Língua Portuguesa* (7a. ed.). Porto: Porto Editora, Lda.
- Cypel, S. (2003). *A criança Com Déficit de Atenção e Hiperatividade - Atualização para Pais, Professores e Profissionais da Saúde* (2a ed.). São Paulo: Lemos.
- Declaração de Salamanca (1994). Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Unesco. Recuperado em 10 de maio, 2012, de http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf
- Decreto-lei n.º 319, de 23 de Agosto de 1991. (1991). *Diário da República*, 1ª série A, N.º 193. Lisboa: Ministério da Educação.
- Decreto-Lei n.º 3, de 7 de Janeiro de 2008. (2008). *Diário da República*, 1ª série, n.º 4. Lisboa: Ministério da Educação.
- Despacho Normativo n.º 50, de 9 de novembro de 2005. (2005). *Diário da República*, 1ª série B, n.º 215. Lisboa: Ministério da Educação.
- Delors, J. (Coord.) (1998). *Educação um tesouro a descobrir, relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI* (J. C. Eufrásio, trad., M. L. Almeida e E. Martins ver. técnica). São Paulo: Cortez Editora. Recuperado em 07 de maio, 2012, de <http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>
- Diez, J. (1989). *Família-Escola, uma relação vital*. Porto: Porto Editora.
- Diogo, J. (1998). *Parceria Escola - Família. A Caminho de uma educação participada*. Porto: Porto Editora.
- Diogo, J. (1994). *Cultura de escola e interação com a família: contributo para o estudo das dinâmicas de envolvimento das famílias na vida escolar*. Curso de Estudos Especializados - Ensino Especial. Vila Nova de Gaia: Instituto Jean Piaget.
- Formosinho, J. O. (Org.). (2008). *A Escola Vista pelas Crianças*. Porto: Porto Editora.
- Freire, P. (2000). *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP.
- Glat, R. & Pletson, M. D. (2004). O papel da Universidade frente à políticas públicas para educação inclusiva. *Benjamin Constant* (Rio de Janeiro), 10(29), 3-8.
- Goldstein, S. (1998). *Hiperatividade: como desenvolver a capacidade de atenção da criança*. Campinas (SP): Papyrus.
- Goldstein, S. (2006). *Compreensão, Avaliação e Atuação: Uma visão geral sobre TDAH*. Artigos. Recuperado em 08 de outubro, 2011, de <http://www.hiperatividade.com.br/article.php?sid=14>
- Gomes, M., Palmimi, A., Barbirato, F., Rohde, A., & Mattos, P. (2007). Conhecimento sobre o transtorno do deficit de atenção/hiperatividade no Brasil. *J Bras Psiquiatr*, 56(2), 94-101. Recuperado em 13 de junho, 2011, de

- http://www.portaleducacao.com.br/arquivos/arquivos_sala/media/objeto_de_aprendizagem_conhecimento_atencao_hiperatividade.pdf
- Gonçalves, H. & Gomes, S. (n.d.). *Perturbação da Hiperatividade e Défice de Atenção (PHDA)*. Hospital do Espírito Santo de Évora. Recuperado em 29 de Abril, 2012, de <http://www.hevora.min-saude.pt/docs/pediatria/phda.pdf>
- Hamel, J., Dufour, S. & Fortin, D. (1993). *Case Study Methods*. Sage publications.
- Jones, M. (2004). *Hiperatividade: Como Ajudar Seu Filho*. São Paulo: Plexus.
- Kaloustian, S. M. (Org.). (2002). *Família Brasileira, a base de tudo* (5a ed.). São Paulo/Brasília: Cortez/Unicef.
- Lasswell, H. D. (1968). The uses of content analysis date in studying social changes, *Social Scientist Information*, 7(1), 57-70.
- Leandro, M. E. (2001). *Sociologia da Família nas Sociedades Contemporâneas*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Leite, N.T.C. & Ferreira, J.P. (2008). Hiperatividade X indisciplina: contribuições para o cotidiano escolar. *Portal Educação*. Recuperado em 12 de maio, 2012, de <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/3941/hiperatividade-x-insdisciplina-contribuicoes-para-o-cotidiano-escolar>
- Martins E. C. (1996). *Sínteses de Investigação Qualitativa*. Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco, pp. 21-22.
- Meijer, J. M. (Coord.). (1998). *Intégration en Europe: dispositions concernant les élèves à besoins éducatifs spécifiques*. European agency for development in special needs education.
- Montadon, C. (1991). *L'école dans la vie des familles*. Genève: Service de la Recherche Sociologique, Cahier.
- Nadeau, K. G. (1995). *A Comprehensive Guide to Attention Deficit Disorder in Adults, Research, Diagnosis and Treatment*. New York: Brunner-Mazel.
- Organização Mundial de Saúde (1997). *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde* (CID-10). São Paulo: EDUSP.
- Organização Mundial de Saúde. (2004). *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF)* (A. Leitão, Trad.). [Manual]. Direção Geral da Saúde. Lisboa. Recuperado em 01 de fevereiro, 2011, de http://www.inr.pt/uploads/docs/cif/CIF_port_%202004.pdf
- Parker, H. C. (2003). *Desordem por défice de atenção e hiperactividade* (I. M. P. H. Soares Trad.). Porto: Porto Editora.
- Patterson, G. (1967). Prediction of victimization from an instrumental conditioning. *Journal of Consultation Psychology*, 31, 147-152.
- Pastura, G. M. C., P. Araújo & A. P. Q. Campos (2005, novembro/dezembro). Desempenho escolar e transtorno do défice de atenção. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 32(6), São Paulo. Recuperado em 11 de maio, 2012, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-60832005000600003&script=sci_arttext
- Ponte, J. P. (2006). Estudos de caso em educação matemática. *Bolema*, 25, 105-132.
- Porter, G. L. (1997). Organização das escolas: conseguir o acesso e a qualidade através da inclusão. In M. Ainscow, G. Porter e G. L. M. Wang. *Caminhos para as escolas inclusivas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Rego, J.A. (2010). A importância das TIC na promoção de uma escola inclusiva. *O Portal da Educação*. Recuperado em 1 de maio, 2011, de <http://www.educare.pt/educare/Opinioao.Artigo.aspx?contentid=7803CEAC76273686E0400A0AB8002553&opsel=2&channelid>
- Relvas, A. P. (2000). *O Ciclo Vital da Família*. Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A. P. (1996). Textos e contextos educativos familiares. *Revista Portuguesa de Pedagogia* (Coimbra: UC), 30(1), 65-78.
- Relvas, A. P. (1982). A Família: introdução ao seu estudo numa perspetiva sistémica. *Revista Portuguesa de Pedagogia* (Coimbra: UC), ano XVI, 307-321 (sep.).
- Report, W. (1978). *Report of the Committee of Enquiry into the Education of Handicapped Chikdren and Youn People*. London: Her Magesty's Stationery Office.
- Rodrigues, A. N. (2005). Hiperatividade e Défice de Atenção. Compreender e Intervir na Escola e na Família. *Cadin*, Recuperado em 18 de abril, 2011, de <http://pt.scribd.com/doc/11787791/Hiperatividade-CADIN>.
- Rohde, L. A. & Matos, P. (2003). *Princípios e Práticas em TDHA - Transtorno de déficit de Atenção/Hiperatividade*. Porto Alegre: Editora Artmed.

- Sanches, I. & Teodoro, A. (2006). Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. *Revista Lusófona de Educação*, 8, 63-83.
- Sasaki, R. K. (1999). *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA.
- Sobre o Ministério da Educação e Ciência (2012). Portal do Governo de Portugal. Recuperado em 09 de Maio, 2012, de <http://www.portugal.gov.pt/pt/os-ministerios/ministerio-da-educacao-e-ciencia.aspx>
- Sousa, A. P & Filho, M. J. (2008). A Importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. *Revista Iberoamericana de Educación*, 44(7), 3. Recuperado em 16 de dezembro, 2010, de <http://www.rieoei.org/1821.htm>.
- Stainback, S. & Stainback, W. (1999). *Inclusão: um guia para educadores*. (M. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Teixeira, A.T. J., Froes, R.C. & Zago, E.C. (2006, janeiro/junho). A Comunicação e o Relacionamento da Família atual em virtude dos novos tempos [Versão eletrônica]. *Revista Eletrônica de Comunicação_@Unifacef_1*, 1-7. Recuperado em 9 de maio, 2012, de http://legacy.unifacef.com.br/rec/ed01/ed01_art01.pdf
- Topczewaki, A. (1999). *Hiperatividade: Como Lidar?* São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais (5º ed.)*. Porto: Edições Afrontamento.
- Viaro, C. D. F. (2008). *A Criança com Transtorno de Atenção e Hiperatividade: O Papel da Escola e do Educador, sua Influência e Motivação no Ensino-Aprendizagem*. Trabalho de conclusão de curso, Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem, São Paulo, Brasil. Recuperado em 28 de junho, 2011, de <http://www.crda.com.br/tccdoc/15.pdf>
- Yin, R. K. (1994). *Pesquisa Estudo de Caso - Desenho e Métodos (2a ed.)*. Porto Alegre: Bookman.

Lista de Apêndices e Anexos

Apêndices

- APÊNDICE A - Carta de Autorização à Diretora da Instituição
- APÊNDICE B - Carta de Autorização ao Encarregado de Educação do Sujeito A
- APÊNDICE C - Carta de Autorização ao Encarregado de Educação do Sujeito B
- APÊNDICE D - Guião /entrevista aos Sujeitos
- APÊNDICE E - Guião /entrevista aos encarregados de educação
- APÊNDICE F - Guião /entrevista a diretora de turma
- APÊNDICE G - Transcrição da entrevista ao Sujeito A
- APÊNDICE H - Transcrição da entrevista ao Sujeito B
- APÊNDICE I - Transcrição da entrevista ao encarregado de educação - Sujeito A
- APÊNDICE J - Transcrição da Entrevista ao encarregado de educação - Sujeito B
- APÊNDICE L - Transcrição da Entrevista à diretora de turma - Sujeito A
- APÊNDICE M - Transcrição da Entrevista à diretora de turma - Sujeito B
- APÊNDICE N - Validação da transcrição da entrevista - Sujeito A
- APÊNDICE O - Validação da transcrição da entrevista - Sujeito B
- APÊNDICE P - Validação da transcrição da entrevista - encarregado de educação Sujeito A
- APÊNDICE Q - Validação da transcrição da entrevista - encarregado de educação Sujeito B
- APÊNDICE R - Validação da transcrição da entrevista - diretora de turma - Sujeito A
- APÊNDICE S - Validação da transcrição da entrevista - diretora de turma - Sujeito B
- APÊNDICE T - Tabela - Análise de Conteúdo - Sujeito A
- APÊNDICE U - Tabela - Análise de Conteúdo - Sujeito B
- APÊNDICE V - Tabela - Análise de Conteúdo - encarregado de educação Sujeito A
- APÊNDICE X - Tabela - Análise de Conteúdo - encarregado de educação Sujeito B
- APÊNDICE Z - Tabela - Análise de Conteúdo - diretora de turma - Sujeito A
- APÊNDICE AA - Tabela - Análise de Conteúdo - diretora de turma - Sujeito B

Anexos

Sujeito A

- ANEXO A - Relatório do Jardim de Infância (ano letivo 2003/2004 e 2004/2005)
- ANEXO B - Relatório da consulta de desenvolvimento (02 de junho de 2005)
- ANEXO C - Relatório confidencial de observação e avaliação psicológica (30 de janeiro de 2006)
- ANEXO D - Relatório confidencial de observação e avaliação psicológica (19 de abril de 2007)
- ANEXO E - Relatório da consulta de desenvolvimento (05 de junho de 2007)
- ANEXO F - Registo de avaliação do 3.º período (ano letivo 2006/2007)

ANEXO G - Relatório da consulta de desenvolvimento (04 de janeiro de 2008)
ANEXO H - Relatório confidencial de observação e avaliação psicológica (14 de março de 2008)
ANEXO I - Registo de avaliação do 3.º período (ano letivo 2007/2008)
ANEXO J - Informação clínica do serviço de pediatria do hospital distrital (28 de Outubro de 2008)
ANEXO L - Declaração da consulta de desenvolvimento (02 de junho de 2009)
ANEXO M - Informação psicológica (30 de junho de 2009)
ANEXO N - Declaração da consulta de desenvolvimento (10 de julho de 2009)
ANEXO O - Registo de avaliação trimestral do 3.º período (ano letivo 2008/2009)
ANEXO P - Relatório Técnico Pedagógico (17 de julho de 2009)
ANEXO Q - Avaliação do 3.º período (ano letivo 2009/2010)
ANEXO R - Anamnese (outubro de 2010)
ANEXO S - Relatório do SPO (06 de outubro de 2010)
ANEXO T - Ata da 1.ª reunião do conselho de turma (09 de Setembro de 2010)
ANEXO U - Relatório circunstanciado (27 de junho de 2011)

Sujeito B

ANEXO V - Relatório do Jardim de Infância (05 de julho de 2005)
ANEXO X - Registo de avaliação do 3.º período (ano letivo 2005/2006)
ANEXO Z- Relatório confidencial de observação e avaliação psicológica (12 de outubro de 2006)
ANEXO AA- Registo de avaliação pela professora no decorrer do ano (ano letivo 2006/2007)
ANEXO BB - Registo de avaliação do 3.º período (ano letivo 2006/2007)
ANEXO CC - Relatório confidencial de observação e avaliação psicológica (20 de junho de 2008)
ANEXO DD - Registo de avaliação do 3.º período (ano letivo 2007/2008)
ANEXO EE - Registo de avaliação do 3.º período (ano letivo 2008/2009)
ANEXO FF - Registo de avaliação do 3.º período (ano letivo 2009/2010)
ANEXO GG - Anamnese (01 de outubro de 2010)
ANEXO HH - Relatório do SPO (10 de outubro de 2010)
ANEXO II - Consulta do desenvolvimento (09 de agosto de 2011)
ANEXO JJ - Relatório circunstanciado (27 de junho de 2011)

Apêndices

APÊNDICE A - Carta de Autorização à Diretora da Instituição

Exm^a. Sra. Dra.
Diretora Pedagógica

██████████, 27 de Julho de 2011

Eu, Luzia Sequeira Martins Romanini, aluna, a frequentar o Curso de Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo Motor, ministrado no Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior de Educação, encontro-me a realizar um Trabalho de Projeto com o tema, *“Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: importância do envolvimento parental no percurso - estudo comparativo”*.

Conforme contacto informal anterior, venho solicitar a Vossa Excelência, autorização para a realização do mesmo e consentimento para o levantamento de dados necessários sobre estes dois alunos da comunidade escolar e comunidade educativa a vários níveis, que constituirá o estudo de caso e a realização de entrevistas, à Diretora de Turma, aos Encarregados de Educação e aos dois alunos, no sentido de considerar as ideias sobre o envolvimento parental na aquisição de competências destes educandos.

Enquanto profissional, desempenhando funções de psicóloga, comprometo-me a guardar sigilo e a não divulgar ou publicar o seu conteúdo, sendo único exclusivamente utilizado para fins de investigação.

Na esperança da concordância de Vossa Exa. a este meu pedido, agradeço antecipadamente.

Com os melhores cumprimentos,

A coordenadora do Projeto de Investigação

Luzia Sequeira Martins Romanini

Autorização da Diretora Pedagógica

APÊNDICE B - Carta de Autorização ao Encarregado de Educação do Sujeito A

Exm^a. Sra.

Encarregada de Educação

██████████

██████████, 15 de Setembro de 2011

Eu, Luzia Sequeira Martins Romanini, aluna, a frequentar o Curso de Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo Motor, ministrado no Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior de Educação, encontro-me a realizar um trabalho de investigação com o tema, "*Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: importância do envolvimento parental no percurso escolar - estudo de caso comparativo*".

Venho através desta carta solicitar a Vossa Excelência, autorização para o levantamento de dados sobre o seu educando que constituirá o estudo de caso e a realização de uma entrevista semiestruturada a V. Ex.^a e outra ao seu educando, que envolverão a forma de uma conversa, com objetivo de recolher informação fundamental na realização do trabalho de investigação sobre a temática acima exposta.

Enquanto profissional, desempenhando funções de psicóloga, comprometo-me a guardar sigilo e a não divulgar ou publicar o seu conteúdo, sendo único e exclusivamente utilizado para fins de investigação.

Informo que a recolha de dados e o tratamento dos mesmos será feito de forma anónima e confidencial.

Na esperança da concordância de V. Ex.^a a este meu pedido, agradeço antecipadamente.

Com os melhores cumprimentos,

Luzia Sequeira Martins Romanini

Autorização da Encarregada de Educação

APÊNDICE C - Carta de Autorização ao Encarregado de Educação do Sujeito B

Exm^a. Sra.

Encarregada de Educação

██████████

██████████, 15 de Setembro de 2011

Eu, Luzia Sequeira Martins Romanini, aluna, a frequentar o Curso de Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo Motor, ministrado no Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior de Educação, encontro-me a realizar um trabalho de investigação com o tema, “*Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: importância do envolvimento parental no percurso escolar - estudo de caso comparativo*”.

Venho através desta carta solicitar a Vossa Excelência, autorização para o levantamento de dados sobre o seu educando que constituirá o estudo de caso e a realização de uma entrevista semiestruturada a V. Ex.^a e outra ao seu educando, que envolverão a forma de uma conversa, com objetivo de recolher informação fundamental na realização do trabalho de investigação sobre a temática acima exposta.

Enquanto profissional, desempenhando funções de psicóloga, comprometo-me a guardar sigilo e a não divulgar ou publicar o seu conteúdo, sendo único e exclusivamente utilizado para fins de investigação.

Informo que a recolha de dados e o tratamento dos mesmos será feito de forma anónima e confidencial.

Na esperança da concordância de V. Ex.^a a este meu pedido, agradeço antecipadamente.

Com os melhores cumprimentos,

Luzia Sequeira Martins Romanini

Autorização da Encarregada de Educação

APÊNDICE D - Guião / entrevista aos Sujeitos

GUIÃO DA ENTREVISTA - SUJEITO

ENTREVISTADO: Sujeito A e B

ENTREVISTADORA:

LOCAL: Escola B2+B3 e ES da Zona Centro

DATA:

HORÁRIO:

DURAÇÃO:

Guião da Entrevista

TEMA: “Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: importância do envolvimento parental no percurso escolar - estudo de caso comparativo”

Objetivo Geral:

- Compreender a organização familiar da criança com Perturbação da Hiperatividade e a forma como a família lida com ela, sobretudo no decorrer do seu percurso escolar.

Organização temática da entrevista:

- I. Legitimação e Motivação da Entrevista
- II. Identificação e Caracterização do Sujeito / Agregado Familiar
- III. Inclusão do Sujeito(trajetória escolar)
- IV. Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola X família)
- V. Expectativas quanto ao futuro
- VI. Complemento

Áreas Temáticas	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Questões
<p data-bbox="257 188 387 212">Temática I</p> <p data-bbox="241 408 403 528">Legitimação e Motivação da Entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="481 188 857 212">➤ Legitimar a Entrevista. <li data-bbox="481 552 857 639">➤ Salientar a importância da colaboração do entrevistado. <li data-bbox="481 711 857 831">➤ Assegurar o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos na entrevista. <li data-bbox="481 903 857 991">➤ Solicitar autorização para fazer o registo audiográfico da entrevista. 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="880 188 1350 276">➤ Explicar com clareza ao entrevistado o objetivo da entrevista. <li data-bbox="880 536 1350 655">➤ Dar conhecimento da utilidade do contributo e cooperação do entrevistado para a realização e sucesso deste trabalho. <li data-bbox="880 695 1350 847">➤ Garantir o anonimato e não divulgar ou publicar o seu conteúdo, sendo único exclusivamente para fins de investigação. <li data-bbox="880 919 1350 975">➤ Solicitar consentimento para o registo audiográfico da entrevista. 	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="1373 188 2045 435">➤ Sou psicóloga escolar e pretendo desenvolver um trabalho de investigação no âmbito de um mestrado em Educação Especial. Deste trabalho de investigação faz parte duas entrevistas, com dois alunos portadores de PHDA com objetivo de recolher informações e a forma como a família lidou/lida com a situação, sobretudo no decorrer do teu percurso escolar. <li data-bbox="1373 536 2045 655">➤ Para tal, peço a tua colaboração, que é de extrema importância ao estudo em causa, uma vez que conheces o que se passa contigo e muito me ajudará neste conhecimento. <li data-bbox="1373 695 2045 815">➤ Garanto o anonimato e a confidencialidade dos teus depoimentos. A informação recolhida não será utilizada para outros fins, sendo único e exclusivamente para fins de investigação. <li data-bbox="1373 855 2045 943">➤ Para maior facilidade na análise de dados, peço permissão para fazer o registo audiográfico da entrevista.

Área Temáticas	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Questões																								
<p>Temática II</p> <p>Identificação e Caracterização do Sujeito / Agregado Familiar</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Obter informação para a caracterização do Sujeito. ➤ Obter dados biográficos do Agregado familiar. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Solicitar informações sobre: <ul style="list-style-type: none"> . Idade, género, escolaridade. ➤ Solicitar informações sobre o agregado familiar: <ul style="list-style-type: none"> . Idade, género, estado civil, escolaridade, profissão (número e idade). ➤ Proporcionar ao entrevistado a possibilidade de tomar a palavra e ganhar confiança 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Solicitação das informações dos pontos a abordar. <ul style="list-style-type: none"> Sujeito: Género: Idade: Escolaridade: ➤ Dados pessoais do agregado familiar: Agregado Familiar: <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; text-align: center;"> <thead> <tr> <th style="width: 15%;">Agregado familiar</th> <th style="width: 15%;">Género</th> <th style="width: 15%;">Estado Civil</th> <th style="width: 15%;">Idade</th> <th style="width: 15%;">Escolaridade</th> <th style="width: 15%;">Profissão</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> </tr> <tr> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> </tr> <tr> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> </tr> </tbody> </table>	Agregado familiar	Género	Estado Civil	Idade	Escolaridade	Profissão																		
Agregado familiar	Género	Estado Civil	Idade	Escolaridade	Profissão																						
<p>Temática III</p> <p>Diagnóstico/ Inclusão</p> <p>(Trajetória escolar</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Procurar informação sobre o diagnóstico da PHDA. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Recolher dados sobre a informação que a família e os profissionais deram ao Sujeito sobre o seu Diagnóstico da PHDA. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Tu já fostes algumas vezes a consultas médicas e também a consultas com psicólogos, conforme pude constatar nos documentos que se encontram na escola entregues pela tua mãe e pela escola onde estudastes anteriormente e nesta. ➤ Sabe por que fostes? Os pais te explicaram? Sabes o que se passa? ➤ Tens atividades diferentes dos teus colegas de turma? 																								

Áreas Temáticas	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Questões
<p>Temática III Diagnóstico/ Inclusão (Trajetória escolar)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer o percurso escolar do Sujeito. ➤ Conhecer o grau de articulação entre a escola e os profissionais de saúde. ➤ Compreender o processo da inclusão do Sujeito com PHDA na escola 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Recolher informação sobre o percurso ensino aprendizagem. ➤ Avaliar os conhecimentos e as estratégias adotadas face à PHDA. ➤ Referir as atitudes face à inclusão plena do Sujeito com PHDA na escola, por parte da comunidade educativa. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Fale-me do percurso escolar: <ul style="list-style-type: none"> - Fostes para a creche? - Lembrastes da pré-escola? quem foi a tua educadora? O que fazias - e no 1.º Ciclo? ➤ Como foi o 1.º ano? Tivestes sempre a mesma professora? ➤ Quando os meninos não faziam os TPC acontecia-lhes alguma coisa? ➤ Os meninos eram castigados quando não faziam os trabalhos? e tu? ➤ Como era a tua escola no 1.º ciclo? e a professora? E os amigos? ➤ E agora? ➤ Os professores, o que fazem quando não sabes? ➤ Chamam a tua atenção na sala de aula? por que? ➤ Consideras que os professores e a escola, em geral se preocupam com as tuas dificuldades? Queres especificar?

Áreas Temáticas	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Questões
Temática IV Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola x família)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer o grau de envolvimento parental na aquisição de competências do Sujeito em casa, na escola e nas atividades sociais. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Descrever o envolvimento e comprometimento do ambiente familiar na aquisição de competências. ➤ Conhecer as rotinas diárias do Sujeito e as atitudes da família face à mesma. ➤ Compreender a autoridade dos pais frente a responsabilização das atividades sociais, escolares e domésticas. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Os teus pais sabem quando tens trabalhos de casa? Eles vêm o teu material todos os dias? ➤ Tens horário de estudo em casa? Costumas cumpri-lo? ➤ O pai e a mãe ajudam-te nos teus estudos? Falam contigo sobre a escola? Leem as informações que escola manda? ➤ Tu passeias com os teus pais? Onde vão? o que fazem? ➤ Tens amigos? Eles vão a tua casa? Brincam de que? ➤ Como é o relacionamento com os colegas? ➤ Tem responsabilidade por algum trabalho em casa, para além de estudares? O que fazes? ➤ Quando não queres fazer algum trabalho da escola ou outro trabalho que os teus pais te mandam, como reagem? ➤ Os teus pais chamam a tua atenção quando não te portas bem em casa? e fora de casa? castigam-te?
Temática V Expectativas quanto ao futuro	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Obter elementos das perspectivas de futuro, para o Sujeito. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aspirações quanto ao nível escolar e profissional do seu educando 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ O que gostarias de estudar ou trabalhar quando fores mais velho?
Temática VI Complemento	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Recolher dados complementares 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Solicitar informações complementares relativas aos assuntos tratados 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Para além do que falamos, quer referir outros aspetos que não tenhamos abordado e consideres importante?

ENTREVISTA - SUJEITO

ENTREVISTADO: Sujeito

ENTREVISTADORA:

LOCAL: Escola B2+B3 e ES da Zona Centro

DATA:

HORÁRIO:

DURAÇÃO:

Matriz da Entrevista

TEMA: “Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: envolvimento parental na aquisição de competências, em dois alunos do 5.º ano de escolaridade”

Objetivo Geral:

- Compreender a organização familiar da criança com Perturbação da Hiperatividade e a forma como a família lida com ela, sobretudo no decorrer do seu percurso escolar.

Organização temática da entrevista:

- I. Legitimação e Motivação da Entrevista
- II. Identificação e Caracterização do Sujeito / Agregado Familiar
- III. Inclusão do Sujeito (trajetória escolar)
- IV. Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola X família)
- V. Expectativas quanto ao futuro
- VI. Complemento

Temática I

Legitimação e Motivação da Entrevista

- Sou psicóloga escolar e pretendo desenvolver um trabalho de investigação no âmbito de um mestrado em Educação Especial.
Deste trabalho de investigação faz parte duas entrevistas, com dois alunos portadores de PHDA com objetivo de recolher informações e a forma como a família lidou/lida com a situação, sobretudo no decorrer do teu percurso escolar.
- Para tal, peço a tua colaboração, que é de extrema importância ao estudo em causa, uma vez que conheces o que se passa contigo e muito me ajudará neste conhecimento.
- Garanto o anonimato e a confidencialidade dos teus depoimentos. A informação recolhida não será utilizada para outros fins, sendo único e exclusivo para fins de investigação
- Para maior facilidade na análise de dados, peço permissão para fazer o registo audiográfico da entrevista.

Temática II

Identificação e Caracterização do Sujeito / Agregado Familiar

- Solicitação das informações dos pontos a abordar.

Sujeito:

Género:

Idade:

Escolaridade:

- Dados pessoais do agregado familiar:

Agregado Familiar:

Agregado familiar	Género	Estado Civil	Idade	Escolaridade	Profissão

Temática III

Diagnóstico/ Inclusão (Trajetória escolar)

Tu já fostes algumas vezes a consultas médicas e também a consultas com psicólogos, conforme pude constatar nos documentos que se encontram na escola entregues pela tua mãe e pela escola onde estudastes anteriormente e nesta.

- Sabe por que fostes? Os pais te explicaram?
- Sabes o que se passa?
- Tens atividades diferentes dos teus colegas de turma?

Temática IV

Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais

(articulação escola x família)

- Fale-me do percurso escolar:
- Fostes para a creche?
- Lembrastes da pré-escola? quem foi a tua educadora? O que fazias?
- e no 1.º ciclo?
- Como foi o 1.º ano? Tivestes sempre a mesma professora?
- Quando os meninos não faziam os TPC acontecia-lhes alguma coisa?
- Os meninos eram castigados quando não faziam os trabalhos? e tu?
- Como era a tua escola no 1.º ciclo? e a professora? E os amigos?
- E agora?
- Os professores, o que fazem quando não sabes?
- Chamam a tua atenção na sala de aula? Por que?
- Consideras que os professores e a escola, em geral se preocupam com as tuas dificuldades? Queres especificar?
- Os teus pais sabem quando tens trabalhos de casa? Eles vêm o teu material todos os dias?
- Tens horário de estudo em casa? Costumas cumpri-lo?
- O pai e a mãe ajudam-te nos teus estudos? Falam contigo sobre a escola? Leem as informações que a escola manda?
 - Tu passeias com os teus pais? Onde vão? O que fazem?
 - Tens amigos? Eles vão a tua casa? Brincam de que?
 - Como é o relacionamento com os colegas?
 - Tens responsabilidade por algum trabalho em casa, para além de estudares? O que fazes?
 - Quando não queres fazer algum trabalho da escola ou outro trabalho que os teus pais te mandam, como reagem?
 - Os teus pais chamam a tua atenção quando não te portas bem em casa? e fora de casa? castigam-te?

Temática V

Expectativas quanto ao futuro

- O que gostarias de estudar ou trabalhar quando fores mais velho?

Temática VI

Complemento

- Para além do que falamos, quer referir outros aspetos que não tenhamos abordado e consideres importante?

APÊNDICE E - Guião / entrevista aos encarregados de educação

GUIÃO DA ENTREVISTA - ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

ENTREVISTADO: Encarregado de Educação do Sujeito ____

ENTREVISTADORA:

LOCAL: Escola Be+B3 e ES da Zona Centro

DATA: HORÁRIO: DURAÇÃO:

Guião da Entrevista

TEMA: Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: envolvimento parental no percurso escolar - estudo de caso comparativo”.

Objetivo Geral:

- Compreender a organização familiar da criança com Perturbação da Hiperatividade e a forma como a família lida com ela, sobretudo no decorrer do seu percurso escolar.

Organização temática da entrevista:

- I. Legitimação e Motivação da Entrevista
- II. Identificação e Caracterização da Encarregada de Educação/Agregado Familiar
- III. Identificação e Caracterização do Sujeito/Diagnóstico/Inclusão (trajetória escolar)
- IV. Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola X família)
- V. Expectativas quanto ao futuro
- VI. Complemento

Áreas Temáticas	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Questões
<p>Temática I</p> <p>Legitimação e Motivação da Entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Legitimar a Entrevista. ➤ Salientar a importância da colaboração do entrevistado. ➤ Assegurar o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos na entrevista. ➤ Solicitar autorização para fazer o registo audiográfico da entrevista. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Explicar com clareza ao entrevistado o objetivo da entrevista. ➤ Dar conhecimento da utilidade do contributo e cooperação do entrevistado para a realização e sucesso deste trabalho de investigação. ➤ Garantir o anonimato e não divulgar ou publicar o seu conteúdo, sendo único exclusivamente para fins de investigação. ➤ Solicitar consentimento para o registo audiográfico da entrevista. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Sou psicóloga escolar e pretendo desenvolver um trabalho de investigação no âmbito de um mestrado em Educação Especial. Deste trabalho de investigação faz parte uma entrevista a dois Encarregados de Educação, com objetivo de recolher informações sobre alunos com diagnóstico de PHDA e a forma como a família lidou/lida com elas, sobretudo no decorrer do seu percurso escolar. ➤ Para tal, peço a sua colaboração, que é de extrema importância ao estudo em causa, a experiência que possui com o seu educando, permite-lhe ter conhecimento das dificuldades sentidas pela família, aquando do diagnóstico/intervenção e aquisição de competências (social, escolar...). ➤ Garanto-lhe o anonimato e a confidencialidade dos seus depoimentos. A informação recolhida não será utilizada para outros fins, sendo único e exclusivo para fins de investigação. ➤ Para maior facilidade na análise de dados, peço permissão para fazer o registo audiográfico da entrevista.

Área Temáticas	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Questões																				
<p>Temática II</p> <p>Identificação e Caracterização da Encarregada de Educação / Agregado Familiar</p>	<p>➤ Obter dados biográficos sobre o Encarregado de Educação e Agregado familiar</p>	<p>➤ Solicitar informações sobre: . Idade, género, estado civil, escolaridade, profissão. . Filhos (número e idade).</p> <p>➤ Proporcionar ao entrevistado a possibilidade de tomar a palavra e ganhar confiança.</p>	<p>➤ Dados pessoais do entrevistado:</p> <p>Idade: _____ Religião: _____ Escolaridade: _____ Profissão: _____ Grau de parentesco com o educando: () pai () mãe () outro</p> <p>Agregado Familiar</p> <table border="1" data-bbox="1391 539 2076 671"> <thead> <tr> <th>Filhos</th> <th>Género</th> <th>Idade</th> <th>Escolaridade</th> <th>Profissão</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> </tr> <tr> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> </tr> <tr> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> <td> </td> </tr> </tbody> </table>	Filhos	Género	Idade	Escolaridade	Profissão															
Filhos	Género	Idade	Escolaridade	Profissão																			
<p>Temática III</p> <p>Identificação e Caracterização do Sujeito/ Diagnóstico/ Inclusão</p> <p>(Trajetória escolar)</p>	<p>➤ Obter informação para a caracterização do Sujeito e as suas necessidades educativas especiais.</p> <p>➤ Procurar informação sobre o diagnóstico da PHDA.</p>	<p>➤ Solicitar informações sobre: . Idade, género, escolaridade.</p> <p>➤ Recolher dados sobre como a família chegou ao Diagnóstico da PHDA.</p>	<p>➤ Solicitação das informações dos pontos a abordar. Sujeito: Género: Idade: Escolaridade: Medidas de Apoio:</p> <p>➤ Como e em que circunstâncias foi diagnosticado a PHDA no seu educando?</p>																				

Área Temáticas	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Questões
<p>Temática III</p> <p>Identificação e Caracterização do Sujeito/ Diagnóstico/ Inclusão</p> <p>(Trajetória escolar)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer o percurso escolar do Sujeito. ➤ Conhecer o grau de articulação entre a escola e os profissionais de saúde. ➤ Compreender o processo da inclusão do Sujeito com PHDA na escola. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Recolher informação sobre o percurso ensino aprendizagem. ➤ Descrever o trabalho de cooperação entre a escola e os profissionais de saúde, promotores da inclusão. ➤ Avaliar os conhecimentos e as estratégias adotadas face à PHDA. ➤ Referir as atitudes face à inclusão plena do Sujeito com PHDA na escola, por parte da comunidade educativa. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Fale-me do percurso escolar do seu educando: <ul style="list-style-type: none"> - na creche, - na pré-escola, - e no 1.º e 2.º Ciclos. ➤ Qual a orientação dos profissionais da saúde? ➤ A informação dos profissionais da saúde chega à escola? ➤ Os professores estão informados e apoiam o seu educando na sala de aula? ➤ Há estratégias diferenciadas para o seu educando na sala de aula? ➤ Fale sobre a atitude da comunidade educativa face à PHDA do seu educando.
<p>Temática IV</p> <p>Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais</p> <p>(articulação escola x</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer o grau de envolvimento parental na aquisição de competências do Sujeito em casa, na escola e nas atividades sociais 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Descrever o envolvimento e comprometimento do ambiente familiar na aquisição de competências. ➤ Conhecer as rotinas diárias do Sujeito e as atitudes da família face à mesma. <p>Compreender a autoridade dos pais frente a responsabilização das atividades sociais, escolares e domésticas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ O seu filho tem horário de estudo? Cumpre-o? Acompanha-o nas atividades escolares? Como? ➤ O seu filho tem uma rotina diária? ➤ O que fazem socialmente? ➤ Como é o comportamento do seu educando fora de casa, na comunidade? ➤ Como é o relacionamento com os colegas? ➤ Tem responsabilidade em executar tarefas em casa? Especificar quais as atividades que realiza sem interferência de outras pessoas?

Área Temáticas	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Questões
<p>Temática IV</p> <p>Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais</p> <p>(articulação escola x família)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer o grau de envolvimento parental na aquisição de competências do Sujeito em casa, na escola e nas atividades sociais. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Descrever o envolvimento e comprometimento do ambiente familiar na aquisição de competências. ➤ Conhecer as rotinas diárias do Sujeito e as atitudes da família face à mesma. ➤ Compreender a autoridade dos pais frente a responsabilização das atividades sociais, escolares e domésticas. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Como reagem os pais frente a responsabilização nas atividades sociais, escolares e domésticas? ➤ Com o trabalho realizado por si e pela sua família com o seu educando até o momento presente, considera que trouxe benefícios ao mesmo? ➤ O seu filho tem horário de estudo? Cumpre-o? Acompanha-o nas atividades escolares? Como? ➤ O seu filho tem uma rotina diária? ➤ O que fazem socialmente? ➤ Como é o comportamento do seu educando fora de casa, na comunidade? ➤ Como é o relacionamento com os colegas? ➤ Tem responsabilidade em executar tarefas em casa? Especificar quais as atividades que realiza sem interferência de outras pessoas? ➤ Como reagem os pais frente a responsabilização nas atividades sociais, escolares e domésticas? ➤ Com o trabalho realizado por si e pela sua família com o seu educando até o momento presente, considera que trouxe benefícios ao mesmo?
<p>Temática V</p> <p>Expectativas quanto ao futuro</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Obter elementos das perspetivas de futuro, para o Sujeito. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aspirações quanto ao nível escolar e profissional do seu educando. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Quais as aspirações quando ao nível escolar e profissional do seu educando
<p>Temática VI</p> <p>Complemento</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Recolher dados complementares 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Solicitar informações complementares relativas aos assuntos tratados 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Para além do que falamos, quer referir outros aspetos que não tenhamos abordado e considere importante

ENTREVISTA - ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

ENTREVISTADO: Encarregado de Educação do Sujeito A e B

ENTREVISTADORA: Mestranda

LOCAL: Escola EB2+3 e ES da Zona Centro

DATA:

HORÁRIO:

DURAÇÃO:

Matriz da Entrevista

TEMA: Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: envolvimento parental no percurso escolar - estudo de caso comparativo”.

Objetivo Geral:

- Compreender a organização familiar da criança com Perturbação da Hiperatividade e a forma como a família lida com ela, sobretudo no decorrer do seu percurso escolar.

Organização temática da entrevista:

- VII. Legitimação e Motivação da Entrevista
- VIII. Identificação e Caracterização da Encarregada de Educação/Agregado Familiar
- IX. Identificação e Caracterização do Sujeito/Diagnóstico/Inclusão (trajetória escolar)
- X. Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola X família)
- XI. Expectativas quanto ao futuro
- XII. Complemento

Temática I

Legitimação e Motivação da Entrevista

- Sou psicóloga escolar e pretendo desenvolver um trabalho de investigação no âmbito de um mestrado em Educação Especial.
Deste trabalho de investigação faz parte uma entrevista a dois Encarregados de Educação, com objetivo de recolher informações sobre alunos com diagnóstico de PHDA e a forma como a família lidou/lida com elas, sobretudo no decorrer do seu percurso escolar.
- Para tal, peço a sua colaboração, que é de extrema importância ao estudo em causa, a experiência que possui com o seu educando, permite-lhe ter conhecimento das dificuldades sentidas pela família, aquando do diagnóstico/intervenção e aquisição de competências (social, escolar...).
- Garanto-lhe o anonimato e a confidencialidade dos seus depoimentos. A informação recolhida não será utilizada para outros fins, sendo único e exclusivamente para fins de investigação.
- Para maior facilidade na análise de dados, peço permissão para fazer o registo audiográfico da entrevista.

Temática II

Identificação e Caracterização Encarregada de Educação / Agregado Familiar

- Dados pessoais do entrevistado:

Idade: _____ Religião: _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Grau de parentesco com o educando:

() pai () mãe () outro

Agregado Familiar

Filhos	Género	Idade	Escolaridade	Profissão

Temática III

Identificação e Caracterização do Sujeito/ Diagnóstico/ Inclusão

(Trajetória escolar)

- Solicitação das informações dos pontos a abordar.

Sujeito: _____

Género: _____

Idade: _____

Escolaridade:

Medidas de Apoio:

- Como e em que circunstâncias foi diagnosticado a PHDA no seu educando?
- Fale-me do percurso escolar do seu educando:
 - na creche,
 - na pré-escola,
 - e no 1.º e 2.º Ciclos.
- Qual a orientação dos profissionais da saúde?
- A informação dos profissionais da saúde chega à escola?
- Os professores estão informados e apoiam o seu educando na sala de aula?
- Há estratégias diferenciadas para o seu educando na sala de aula?
- Fale sobre a atitude da comunidade educativa face à PHDA do seu educando.

Temática IV

Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais

(articulação escola x família)

- O seu filho tem horário de estudo? Cumpre-o? Acompanha-o nas atividades escolares? Como?
- O seu filho tem uma rotina diária?
- O que fazem socialmente?
- Como é o comportamento do seu educando fora de casa, na comunidade?
- Como é o relacionamento com os colegas?
- Tem responsabilidade em executar tarefas em casa? Especificar quais as atividades que realiza sem interferência de outras pessoas?
- Como reagem os pais frente a responsabilização nas atividades sociais, escolares e domésticas?
- Com o trabalho realizado por si e pela sua família com o seu educando até o momento presente, considera que trouxe benefícios ao mesmo?

Temática V

Expectativas quanto ao futuro

- Quais as aspirações quando ao nível escolar e profissional do seu educando?

Temática VI

Complemento

- Para além do que falamos, quer referir outros aspetos que não tenhamos abordado e considere importante?

APÊNDICE F - Guião / entrevista a diretora de turma

GUIÃO DA ENTREVISTA - DIRETORA DE TURMA (Sujeito A e B)

ENTREVISTADO: Diretora de Turma

ENTREVISTADORA: Mestranda

LOCAL: Escola EB2+B3 e ES da Zona Centro

DATA:

HORÁRIO:

DURAÇÃO:

Guião da Entrevista

TEMA: “Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: envolvimento parental no percurso escolar - estudo de caso comparativo”.

Objetivo Geral:

- Compreender a organização familiar da criança com Perturbação da Hiperatividade e a forma como a família lida com ela, sobretudo no decorrer do seu percurso escolar.

Organização temática da entrevista:

- I. Legitimação e Motivação da Entrevista
- II. Identificação e Caracterização do Diretor de Turma
- III. Identificação e Caracterização do Sujeito/Diagnóstico/Inclusão (trajetória escolar)
- IV. Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola X família)
- V. Expectativas quanto ao futuro
- VI. Complemento

Áreas Temáticas	Objetivo Geral	Objetivo Específico	Questões
<p>Temática I</p> <p>Legitimação e Motivação da Entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Legitimar a Entrevista. ➤ Salientar a importância da colaboração do entrevistado. ➤ Assegurar o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos na entrevista. ➤ Solicitar autorização para fazer o registo audiográfico da entrevista. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Explicar com clareza ao entrevistado o objetivo da entrevista. ➤ Dar conhecimento da utilidade do contributo e cooperação do entrevistado para a realização e sucesso deste trabalho de investigação. ➤ Garantir o anonimato e não divulgar ou publicar o seu conteúdo, sendo único exclusivamente para fins de investigação. ➤ Solicitar consentimento para o registo audiográfico da entrevista. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Sou psicóloga escolar e estou a desenvolver um trabalho de investigação no âmbito de um mestrado em Educação Especial. Deste trabalho de investigação faz parte duas entrevistas a Diretora de Turma, com objetivo de recolher informação sobre dois alunos com diagnóstico de PHDA, da sua direção de turma e a forma como a família lidou/lida com elas, sobretudo no decorrer do seu percurso escolar. ➤ Para tal, a sua colaboração, que desde já agradeço, sendo de extrema importância para o desenvolvimento do estudo em causa. A vivência que possui com o Sujeito, permite-lhe ter conhecimento das dificuldades sentidas pela família, aquando do diagnóstico/intervenção e aquisição de competências (social, escolar...). ➤ Garanto-lhe o anonimato e a confidencialidade dos seus depoimentos. A informação recolhida não será utilizada para outros fins, sendo único e exclusivo para fins de investigação. ➤ Para maior facilidade na análise de dados, peço permissão para fazer o registo audiográfico da entrevista.
<p>Temática II</p> <p>Identificação e Caracterização do Entrevistado</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Obter dados biográficos sobre o Entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Solicitar informações sobre: <ul style="list-style-type: none"> . Idade, género, estado civil, filhos (número e idade), geral e específica, tempo de serviço, formação no âmbito da NEE. ➤ Proporcionar ao entrevistado a possibilidade de tomar a palavra e ganhar confiança. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Dados pessoais do entrevistado: <ul style="list-style-type: none"> Idade: _____ Estado civil: _____ Género: _____ Formação Geral: _____ Formação Específica: _____ Tempo de Serviço: _____ Formação no âmbito das NEE: _____

Área Temáticas	Objetivo Geral	Objetivo Específico	Questões
<p>Temática III</p> <p>Identificação e Caracterização do Sujeito/ Diagnóstico/ Inclusão</p> <p>(Trajetória escolar)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Obter informação para a caracterização do Sujeito e as suas necessidades educativas especiais. ➤ Procurar informação sobre o diagnóstico da PHDA. ➤ Conhecer o percurso escolar do Sujeito. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Solicitar informações sobre: <ul style="list-style-type: none"> . Idade, género, escolaridade. ➤ Recolher dados sobre como a família/escola chegou ao Diagnóstico da PHDA. ➤ Recolher informação sobre o percurso ensino aprendizagem. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Solicitação das informações dos pontos a abordar. <ul style="list-style-type: none"> Sujeito: Género: Idade: Escolaridade: Medidas de Apoio: ➤ Tem conhecimento de como a família e a escola chegaram ao diagnóstico da PHDA do Sujeito? ➤ O que sabe do percurso escolar do Sujeito: <ul style="list-style-type: none"> - na pré-escola - no 1.º Ciclo - no 2.º Ciclo
<p>Temática III</p> <p>Identificação e Caracterização do Sujeito/ Diagnóstico/ Inclusão</p> <p>(Trajetória escolar)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer o grau de articulação entre a escola e os profissionais de saúde. ➤ Compreender o processo da inclusão do Sujeito com PHDA na escola. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Descrever o trabalho de cooperação entre a escola e os profissionais de saúde, promotores da inclusão. ➤ Avaliar os conhecimentos e as estratégias adotadas face à PHDA. ➤ Referir as atitudes face à inclusão plena do Sujeito com PHDA na escola, por parte da comunidade educativa. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Qual a orientação dos profissionais da saúde? ➤ A informação dos profissionais da saúde chega à escola? como? ➤ Os professores estão informados e apoiam o Sujeito na sala de aula? ➤ Há estratégias diferenciadas para o Sujeito na sala de aula? ➤ Fale sobre a atitude da comunidade educativa face à PHDA do Sujeito.

Área Temáticas	Objetivo Geral	Objetivo Específico	Questões
Temática IV Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola x família)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer o grau de envolvimento parental na aquisição de competências do Sujeito em casa, na escola e nas atividades sociais. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Descrever o envolvimento e comprometimento do ambiente familiar na aquisição de competências. ➤ Conhecer as rotinas diárias do Sujeito. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ O Sujeito tem horário de estudo? Cumpre-o? Os pais acompanham-no nas atividades escolares? Como? ➤ Considera que o Sujeito tem uma rotina diária em casa? ➤ Descreva o comportamento do Sujeito na sala de aula? e nas atividades realizadas na comunidade educativa (visita de estudo, atividades lúdicas...)? ➤ Como é o relacionamento com os colegas? ➤ É responsável na execução das atividades realizadas em sala de aula? Especifique quais as atividades que realiza sem interferências de outras pessoas.
Continuação Temática IV	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer o grau de envolvimento parental na aquisição de competências do Sujeito em casa, na escola e nas atividades sociais 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Compreender a autoridade dos pais frente a responsabilização das atividades sociais, escolares e domésticas. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Como percebe os pais frente a responsabilização das atividades sociais, escolares e domésticas? Faz sempre os TPC's? ➤ Com o trabalho realizado pela escola (professores, auxiliares da ação educativa, técnicos) com o Sujeito até o momento presente, considera que trouxe benefícios ao mesmo?
Temática V Expectativas quanto ao futuro	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Obter elementos das perspectivas de futuro, para o Sujeito. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aspirações quanto ao nível escolar e profissional do Sujeito. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Observa aspirações dos pais quando ao nível escolar e profissional do Sujeito?
Temática VI Complemento	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Recolher dados complementares 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Solicitar informações complementares relativas aos assuntos tratados 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Para além do que falamos, quer referir outros aspetos que não tenhamos abordado e considere importante?

ENTREVISTA - DIRETORA DE TURMA

ENTREVISTADO: Diretora de Turma do Sujeito A e B

ENTREVISTADORA: Mestranda

LOCAL: Escola EB2+3 e ES da Zona Centro

DATA:

HORÁRIO:

DURAÇÃO:

Matriz da Entrevista

TEMA: “Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: envolvimento parental no percurso escolar - estudo de caso comparativo”.

Objetivo Geral:

- Compreender a organização familiar da criança com Perturbação da Hiperatividade e a forma como a família lida com ela, sobretudo no decorrer do seu percurso escolar.

Organização temática da entrevista:

- I. Legitimação e Motivação da Entrevista
- II. Identificação e Caracterização do Diretor de Turma
- III. Identificação e Caracterização do Sujeito/Diagnóstico/Inclusão (trajetória escolar)
- IV. Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola X família)
- V. Expectativas quanto ao futuro
- VI. Complemento

Temática I

Legitimação e Motivação da Entrevista

- Sou psicóloga escolar e estou a desenvolver um trabalho de investigação no âmbito de um mestrado em Educação Especial.
Deste trabalho de investigação faz parte duas entrevistas a Diretora de Turma, com objetivo de recolher informação sobre dois alunos com diagnóstico de PHDA, da sua direção de turma e a forma como a família lidou/lida com elas, sobretudo no decorrer do seu percurso escolar.
- Para tal, a sua colaboração, que desde já agradeço, sendo de extrema importância para o desenvolvimento do estudo em causa. A vivência que possui com o Sujeito, permite-lhe ter conhecimento das dificuldades sentidas pela família, aquando do diagnóstico/intervenção e aquisição de competências (social, escolar...).
- Garanto-lhe o anonimato e a confidencialidade dos seus depoimentos. A informação recolhida não será utilizada para outros fins, sendo único e exclusivo para fins de investigação.
- Para maior facilidade na análise de dados, peço permissão para fazer o registo audiográfico da entrevista.

Temática II

Identificação e Caracterização do Entrevistado

- Dados pessoais do entrevistado:

Idade:

Género:

Formação Geral:

Formação Específica:

Tempo de Serviço:

Formação no âmbito das NEE:

Temática III

Identificação e Caracterização do Sujeito/ Diagnóstico/ Inclusão (Trajetória escolar)

- Solicitação das informações dos pontos a abordar.

Sujeito:

Género:

Idade:

Escolaridade:

Medidas de Apoio:

- Tem conhecimento de como a família e a escola chegaram ao diagnóstico da PHDA do Sujeito?
- O que sabe do percurso escolar do Sujeito:
 - no 1.º Ciclo

- no 2.º Ciclo

- Qual a orientação dos profissionais da saúde?
- A informação dos profissionais da saúde chega à escola? como?
- Os professores estão informados e apoiam o Sujeito na sala de aula?
- Há estratégias diferenciadas para o Sujeito na sala de aula?
- Fale sobre a atitude da comunidade educativa face à PHDA do Sujeito.

Temática IV

Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola x família)

- O Sujeito tem horário de estudo? Cumpre-o? Os pais acompanham-no nas atividades escolares? Como?
- Considera que o Sujeito tem uma rotina diária em casa?
- Descreva o comportamento do Sujeito na sala de aula? e nas atividades realizadas na comunidade educativa (visita de estudo, atividades lúdicas...)?
- Como é o relacionamento com os colegas?
- Como perceciona os pais frente a responsabilização das atividades sociais, escolares e domésticas? Faz sempre os TPC's?
- Com o trabalho realizado pela escola (professores, auxiliares da ação educativa, técnicos) com o Sujeito até o momento presente, considera que trouxe benefícios ao mesmo?

Temática V

Expectativas quanto ao futuro

- Observa aspirações dos pais quando ao nível escolar e profissional do Sujeito?

Temática VI

Complemento

- Para além do que falamos, quer referir outros aspetos que não tenhamos abordado e considere importante?

APÊNDICE G - Transcrição da entrevista ao Sujeito A

ENTREVISTA - SUJEITO

ENTREVISTADO: Sujeito A

ENTREVISTADORA: Mestranda

LOCAL: Escola B2+3 e ES da Zona Centro

DATA: 28/09/2011

HORÁRIO: 14:00hs

DURAÇÃO: 30´

TEMA: “Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: envolvimento parental na aquisição de competências, em dois alunos do 5.º ano de escolaridade”

Temática I

Legitimação e Motivação da Entrevista

- Sou psicóloga escolar e pretendo desenvolver um trabalho de investigação no âmbito de um mestrado em Educação Especial.
Deste trabalho de investigação faz parte duas entrevistas, com dois alunos portadores de PHDA com objetivo de recolher informações e a forma como a família lidou/lida com a situação, sobretudo no decorrer do teu percurso escolar.
- Para tal, peço a tua colaboração, que é de extrema importância ao estudo em causa, uma vez que conheces o que se passa contigo e muito me ajudará neste conhecimento.
- Garanto o anonimato e a confidencialidade dos teus depoimentos. A informação recolhida não será utilizada para outros fins, sendo único e exclusivamente para fins de investigação.
- Para maior facilidade na análise de dados, peço permissão para fazer o registo audiográfico da entrevista.

Temática II

Identificação e Caracterização do Sujeito / Agregado Familiar

Sujeito: Sujeito A

Género: masculino

Idade: 12 anos

Escolaridade: Frequenta o 6.º ano de escolaridade

Agregado Familiar:

Agregado familiar	Género	Estado Civil	Idade	Escolaridade	Profissão
Pai	masculino	casado	50	5.º	eletricista/agricultor
Mãe	feminino	casado	42	9.º	doméstica
Irmão	masculino	solteiro	19	2.º ano da universidade	estudante
Sujeito A	masculino	solteiro	12	Frequenta o 6.º ano	estudante

E - Qual é o teu nome completo?

SA - Sujeito A

E - És do género masculino.

E - Que idade tu tens?

SA - Tenho 12.

E - 12 anos . E estás a frequentar...

SA - O 6º ano.

E - Agora vamos falar da tua família. Na tua família tens o teu pai...

SA - O meu pai, a minha mãe e o meu avô.

E - Mas que moram na tua casa?

SA - Não. Vive assim mais perto.

E - Mas na tua casa é o teu pai, a tua mãe e o teu irmão.

E - E o teu pai tem quantos anos?

SA - Hum....acho que uns 50.

E - E ele estudou ate que ano?

SA - Estudou até ao 5º.

E - Ele trabalha no que?

SA - É eletricista.

E - É eletricista o teu pai?

E - E a tua mãe? Quantos anos ela tem?

SA - 42.

E - E ela estudou ate que ano?

SA - Ate ao 9º.

E - E o teu irmão tem quantos anos?

SA - Meu irmão tem 19.

E - E ele estuda o que?

SA - Estuda na universidade.

E - E em que ano é que ele está na universidade?

SA - No 2º.

E - E ele faz que curso?

SA - Enfermagem.

E - Então o teu pai é eletricista?

SA - Sim

E - E ele não trabalha na agricultura?

SA - Sim.

E - Mas também é eletricista. Ele faz as duas coisas?

SA - Sim. É assim, as pessoas telefonam ao meu pai para lá ir no tal dia e assim. E quando não há isso o meu pai trabalha também com os animais.

E - Ah! então era isso que eu não estava entendendo.

Temática III

Diagnóstico/ Inclusão (Trajetória escolar)

E - Então é o seguinte, tu já foste algumas vezes às consultas médicas não é? E também a consultas com o psicólogo, não é? Conforme eu pude constatar nos documentos que se encontram na escola que foram entregues pela tua mãe e pela escola onde tu estudaste anteriormente, na escola primária. E agora nos já temos também alguns documentos depois que vieste para cá estudar. Tu sabes porque é que tu foste às consultas? Os teus pais te explicaram o motivo?

SA - Que eu era hiperativo ou o que é que era.

E - Que era hiperativo. E tu sabes o que é que é hiperativo?

SA - Sim. É não conseguir estar assim muito com atenção.

E - E tu não conseguias....

SA - Estar atento.

E - E o que é que significa isso para ti?

SA - Por exemplo, depois que eu tomo os comprimidos parece que fico assim mais atento.

E - E antes era diferente?

SA - Era.

E - E tu te lembras ainda da época em que não ficavas muito atento ou já não te lembras?

SA - Sim, sim.

E - E tu sabes qual é que é o nome desses comprimidos?

SA - Rubifene.

E - E tu tomas eles todos os dias?

SA - Sim, um de manhã e outro ao almoço.

E - Tu tomas sozinho? Precisas da ajuda de alguém?

SA - Não. Eu já sei.

E - Então tu sentes que depois que começaste a tomar esses comprimidos ficaste mais atento às aulas...? É isso? E para estudar em casa a mesma coisa?

SA - Sim, fico mais coiso.

E - Mais coiso como? Mais concentrado?

SA - Sim.

E - Tu tens atividades diferentes dos teus colegas da turma?

SA - Sim, teatro e assim, às vezes.

E - Não, não, eu digo assim, na sala de aula, tu tens atividades diferentes dos teus colegas?

SA - Não.

E - Isso aí não? Nenhuma?

SA - Não. Faço tudo igual.

E - Então fazes tudo igual. Não há nada assim em que os professores dão mais atenção para ti?

SA - Sim, às vezes. Por exemplo, explicam-me o exercício.

E - Porque às vezes tu não consegues perceber bem e eles chegam ao pé de ti e te explicam?

SA - Sim.

E - Mas isso são todos os professores ou são só alguns?

SA - São todos.

E - São todos. Tu percebes assim que eles vão ao pé de ti e explicam e sempre fazem perguntas para ti?

SA - Sim. Até eu e o colega C estamos juntos na carteira, por exemplo, e a professora explica aos dois.

E - O colega C é teu amigo?

SA - Sim.

E - Mas tu sentes-te diferente dos teus colegas por teres hiperatividade?

SA - Não.

Temática IV

Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais

(articulação escola x família)

E - Falemos do teu percurso escolar agora.

E - Tu foste para a creche?

SA - Fui.

E - Para creche quando eras bebé, de ficares lá pequenininho na creche ou não?

SA - Não. Fui para lá para creche tinha...acho que era 6 anos.

E - Tu foste então para a pré escola não é? Tu não foste para a creche?

SA - Não.

E - Então tu não frequentaste a creche...tu falaste 5/6 anos, então foi com 5 anos que tu foste...

SA - Sim.

E - E tu lembras-te da pré escola?

SA - Lembro.

E - É?

SA - Eu fazia muitas coisas.

E - Do que é que tu te lembras?

SA - Lembro-me das visitas de estudo...de ir pintar coisas...lembro-me mais de fazer desenhos...

E - E quem é que foi a tua educadora?

SA - Foi a professora X e a professora Y.

E - Ah tiveste duas então...tu fazias visitas de estudo, tu pintavas...que mais que tu fazias?

SA - Via filmes....

E - Fazias muitas coisas então...

SA - Íamos brincar para a rua.

E - Gostavas de brincar na rua?

SA - Sim. E lá o parque tinha tipo, quando estava sol, aquilo tinha tipo uma palmeira assim grande floral, assim podíamos brincar por todo o parque à sombra.

E - Ah é? Então tu gostavas...?

SA - Sim. E havia um escorrega muito grande...

E - Então tens boas lembranças da pré-escola ainda.

SA - Sim.

E - Que bom, que bom. Então tu brincavas e depois na sala de aula fazias aquelas atividades...

E - Lá tu lembras-te de ser distraído?

SA - Sim. Lembro assim de às vezes estar a pintar e estar a olhar para outra coisa e estar a pintar ao mesmo tempo. Estar a pintar, olhar para outra coisa e largo aquilo.

E - Tu tens muitas lembranças então...

E - E como é que foi o Primeiro ano?

SA - O primeiro ano foi bom. Fiz logo amigos...já tinha amigos lá da aldeia que já lá tinham andado. Tipo havia lá um amigo que andou lá e eu ainda andei um ano com ele...

E - Que já estava mais adiantado mas que era teu amigo lá da aldeia...?

SA - Sim.

E - E foi fixe o Primeiro ano? Aprendeste muitas coisas lá?

SA - Sim, eu lembro-me de aprender o aeiou...mais...assim...escrever o meu nome...

E - Gostaste?

SA - De aprender a usar um lápis...

E - Aprendeste coisas especiais então...

SA - Aprendi a cortar...nós fazíamos muitos bonecos assim picotados...muitos barquinhos...e depois cortávamos e assim...

E - Então eram mesmo muitas coisas...

SA - Sim, fazia.

E - Tu tiveste sempre a mesma professora?

SA - Sim tive. Foi sempre a mesma.

E - Da 1ª a 4ª classe foi sempre a mesma professora...

SA - Sim.

E - E tinhas um bom relacionamento com ela? Gostavas dela?

SA - Sim.

E - E quando os meninos não faziam os trabalhos de casa, acontecia-lhes alguma coisa?

SA - Não. Praticamente nós fazíamos em casa aquilo que conseguíamos e no outro dia fazíamos tudo outra vez, mas bem.

E - Então ela nesse ponto orientava vocês...

SA - Sim.

E - E os meninos eram castigados quando não faziam os trabalhos?

SA - Não.

E - Não eram castigados....e tu?

SA - Não. Também não.

E - Como é que era a tua escola primária?

SA - Era grande, tinha muito espaço verde, árvores, muitas condições. Tinha um parque bom com colchão de borracha.

E - E a tua professora era boa?

SA - Sim. Era boa. Compreensiva, compreendia.

E - Compreensiva, compreendia como?

SA - Compreendia quando não fazíamos uma coisa. Então ela depois explicava melhor como é que era.

E - E os amigos? Como é que eram os teus amigos?

SA - Eram bons.

E - Tiveste sempre uma boa relação com eles ou tiveste algum problema?

SA - Sim. Nunca tive nenhum problema.

E - E como é que a tua relação com eles agora?

SA - É boa na mesma.

E - Continuas a ter amigos...

SA - Sim.

E - Isso é ótimo.

SA - Vamos falar agora no 5º ano. Os teus professores, o que é que eles fazem quanto tu não sabes?

E - Explicam o exercício.

SA - Eles chamam a tua atenção na sala de aula?

SA - Sim.

E - Porque é que eles chamam a tua atenção na sala de aula?

SA - Sim, por exemplo, no exercício na outra aula, eu não sabia depois estavam a explicar-me uma coisa que estava no quadro e chamou-me a atenção: "é assim, é assim".

E - Como é que tu sentes os teus professores aqui?

SA - Como é que eu os sinto? Bons...

E - Não tens problemas com nenhum?

SA - Não.

E - E como é que tu vês esta escola?

SA - É boa.

E - Gostas de andar aqui?

SA - Sim.

E - E como é que seria a escola ideal para ti?

SA - Não sei!

E - Não? Achas que para ti a escola ideal é ter outras coisas que tu gostasses?

SA - Não...até estou bem...

E - E gostas de estudar?

SA - Sim.

E - Tu consideras que os professores e a escola em geral se preocupam com as tuas dificuldades?

SA - Sim, preocupam-se.

E - Tu dizes que eles se preocupam...especifica isso para mim. Como é que tu achas que eles se preocupam?

SA - Por exemplo, quando eu estou a fazer um exercício eles perguntam se eu tinha alguma dúvida...

E - Eles estão sempre atentos contigo então. Isso é uma forma de eles se preocuparem contigo...

SA - Sim.

E - Mais alguma coisa que tu percebes neles?

SA - Não.

E - Achas que és tratado de forma diferente pelos teus colegas, pelos teus professores?

SA - Não.

E - És tratado igual a toda a gente não é?

SA - Sim.

E - Como é o teu relacionamento em casa com os teus pais?

SA - É bom.

E - É bom? Como assim?

SA - Damo-nos todos bem...

E - E o que é que é dar-se bem?

SA - É, por exemplo, estamos felizes, não temos nenhum tipo de problemas...

E - Tu sentes isso da parte do teu pai, da tua mãe...?

SA - Sim.

E - Do teu irmão?

SA - Sim.

E - E os teus pais sabem quando tens trabalhos de casa?

SA - Sim. Porque eu tenho assim um bloquinho onde eu aponto os trabalhos de casa. Quando a minha mãe pergunta se eu trago trabalhos de casa eu vou ver sempre ao bloco se tenho alguma coisa anotada.

E - Tu tens sempre um bloquinho a parte para escrever os trabalhos de casa?

SA - Sim.

E - E que é que te orientou para pôr isso assim num bloquinho?

SA - Fui eu sozinho.

E - Então quando tens um trabalho de alguma disciplina tu vais anotando sempre ali?

SA - Sim.

E - Não anotas em cada caderno...anotas naquele bloquinho.

SA - Sim. Depois ao fim do dia quando chego a casa, vou ver o bloco e faço os trabalhos que tenho para fazer.

E - E eles vêm o teu material todos os dias?

SA - Sim, vêm.

E - Como é que eles vêm?

SA - Por exemplo, não perdeste nada, ou...eu vejo sempre as coisas antes de arrumar a mala e ela está sempre ao pé de mim.

E - Tu é que fazes as coisas e ela está sempre ao pé de ti?

SA - Sim.

E - Mas ela pergunta-te se está a faltar alguma coisa?

SA - Não.

E - Não, não é preciso. Ela está sempre ao pé de ti...

SA - Sim. Até quando eu tenho alguma dúvida ela ajuda-me...

E - Mas tu chegas da escola e tu tens o teu bloquinho com as tuas anotações? Ela vê caderno por caderno?

SA - Não, isso não. Ela basta ver o bloco e sabe as coisas que eu tenho para fazer.

E - E ela não precisa estar sempre a mandar-te estudar?

SA - Não.

E - Tu fazes por tua conta?

SA - Sim.

E - E tu tens horário de estudo em casa?

SA - Sim. Quando chego a casa, chego às 18h, como assim um lanche e depois vou estudar as 19 ou assim, a seguir faço os trabalhos até as 20h. Das 20h para cima nunca faço os trabalhos.

E - Então quando chega as 20h já conseguiste fazer tudo?

SA - Sim.

E - E tu costumavas cumprir esse horário todos os dias?

SA - Sim. Porque tenho 2h já de trabalhos.

E - E tu fazes tudo. Costumas fazer já tudo dentro daquele horário porque depois ficas livre...

SA - Sim. A seguir vejo o telejornal e outros programas assim...

E - E a tua mãe deixa-te ver...?

SA - Sim, sim.

E - Mas isso porque tu cumpres o teu trabalho direitinho.

SA - Sim, mas até uma certa hora, para não deitar-me muito tarde.

E - Costumas deitar-me a que horas?

SA - 22h...

E - E acordas cedo?

SA - Sim.

E - O pai e a mãe ajudam-te nos teus estudos?

SA - Sim, em algumas dúvidas.

E - Mais a tua mãe ou mais o teu pai?

SA - Normalmente quando chego a casa é a minha mãe que está lá sempre...

E - Ela está ao pé de ti...

SA - Sim.

E - E tu muitas vezes tens dúvidas ou nem por isso?

SA - Nem por isso...

E - Mas quando tens dúvidas....

SA - Eu pergunto.

E - E ela sempre responde?

SA - Sim.

E - Eles falam contigo sobre a escola?

SA - Sim. O que é que fizeste hoje...? Sim.

E - Que mais que eles perguntam?

SA - Como é que correu o dia, se correu bem....

E - Então há diálogo na tua casa...?

SA - Sim.

E - E eles leem as informações que a escola manda?

SA - Sim.

E - Sempre ou é só de vez em quando?

SA - Sempre.

E - Tu passeias com os teus pais?

A - Sim.

E - Onde é que vocês vão?

SA - Por exemplo, se é fim de semana, vamos a Cidade e assim, fazer coisas. Por exemplo, agente vai a Cidade e vamos ver o meu irmão. Depois eu e o meu irmão, os meus pais ficam lá na casa do meu irmão, e depois eu e o meu irmão, tipo, há muitas lojas e agente vai ver e assim...

E - Que mais...Para além de irem a Cidade que fazem?

SA - Vamos passear...

E - Mas vão só a Cidade ou vão a outros lugares também?

SA - Sim, também vamos a outros lugares bonitos...

E - O que é que tem lá na aldeia?

SA - Por exemplo, temos a ribeira, depois tem assim muitos caminhos e nós podemos ir ver assim a andar.

E - E além de caminhar, tem mais coisas que tu fazes lá na aldeia?

SA - Sim, pescar. Nas férias, com o meu irmão, às vezes pescava.

E - Só tu e o teu irmão ou os teus pais vão também?

SA - Não. Minha mãe não gosta de ir assim para sítios onde não há quase ninguém...ela tem medo de cair e assim.

E - Mas já foste algumas vezes à pesca com ela...

SA - Sim, já fomos mas assim para os sítios mais longes vou eu e o meu irmão. E depois assim para os sítios mais perto vou eu e a minha mãe...porque eu moro ali logo ao pé da ribeira.

E - E quando vais à pesca com a tua mãe, vocês só ficam pescando ou vocês também conversam?

SA - Sim, conversamos.

E - Conversam sobre o que?

SA - Ah, tipo, sobre o teu olhar, outras coisas, tipo, os passarinhos, as arvores...

E - O teu pai às vezes não vai. Porque? Ele está trabalhando?

SA - Sim.

E - És muito amigo do teu irmão?

SA - Sim, sou.

E - Quando ele vai à pesca estou percebendo que ele te chama....

SA - Sim, chama. "Queres ir comigo? Olha se não queres ir comigo diz à mãe onde é que eu fui " e assim...

E - E tens amigos?

SA - Tenho.

E - Eles vão à tua casa?

SA - Vão.

E - Quem são os amigos que tu levas à tua casa?

SA - Olha é o colega D, o colega E, às vezes também levo lá a colega F e assim.

E - E são da tua turma?

SA - Não, são da minha terra.

E - Vocês brinca de que?

SA - Ora, brincamos assim, andamos de bicicleta, jogamos à bola assim todos juntos e jogamos, por exemplo, aquele jogo com aquelas raquetes...badmington...

E - E como é que é o relacionamento com os teus colegas?

SA - É bom!

E - É bom? O que é que tu chamas a um relacionamento bom?

SA - Nunca nos chateamos, nada.

E - Então é gostoso? É bom estar com eles?

SA - É.

E - Tu és o menino que não te chateias com os teus amigos?

SA - Não.

E - E tu tens responsabilidade por algum trabalho em casa para além de estudares?

A - Olha, por exemplo, ajudo a estender a roupa, às vezes quando o meu pai não está em casa vou tratar os animais e assim...

E - E com as tuas coisas? Guardas sempre os teus materiais?

SA - Sim.

E - E o teu quarto?

SA - É arrumado.

E - E como é que eu posso saber que o teu quarto é arrumado?

SA - Porque eu tenho estantes e tenho lá os livros todos. Por exemplo, tenho um estante com os livros do 5º todos e agora tenho lá os do 6º e depois meto os do 7º, porque por exemplo, às vezes agora a matéria que estamos a dar e eu preciso às vezes de consultar outro livro. Quando estou a fazer os trabalhos de história, por exemplo, tenho os dois livros abertos que há muitas coisas que ainda aparecem...

E - E com as tuas coisas? Com as tuas roupas, os teus sapatos os teus brinquedos? Como é?

SA - Arrumo tudo.

E - Mas tu arrumas porque arrumas ou porque a tua mãe exige?

SA - Não. Se eu deixar alguma coisa espalhada depois posso ir a correr e posso cair... por exemplo, eu nunca gosto de usar aquele lápis redondos porque às vezes posso deixar cair um depois não o encontrar, depois posso ir um dia a correr ou a andar e meter lá o pé e escorregar. Gosto sempre desses lápis assim de bico.

E - Então tu arrumas o teu material, não deixas nada espalhado, às vezes vai dar comida aos animais.

SA - Sim, ajudo-a a levar as coisas.

E - Ajudas a levar o que?

SA - Por exemplo uma lata ou um balde e assim. Mas nunca levo pesos.

E - Mas sempre ajudas? Não és um menino que ficas sem fazer nada..? Sempre tens algumas responsabilidades em casa...?

SA - Sim. A minha mãe quando sai, por exemplo, deixa sempre o telemóvel dela em casa. Se eu precisar de alguma coisa ligo para o meu pai. O meu pai tem telemóvel. O meu pai anda sempre ao pé da minha mãe. Meu pai nunca sai assim para a horta sem a minha mãe.

E - Muito bem. E quando não queres fazer algum trabalho da escola ou trabalho que não queiras fazer, como é que eles reagem?

SA - Não fazes agora, fazes daqui a bocado quando te apetecer.

E - Mas tens que fazer?

SA - Faço sempre. Quando por exemplo está calor eu fico cá dentro e digo ao meu pai que vou lá daqui a bocado porque agora está calor.

E - E o teu pai respeita isso em ti?

SA - Respeita.

E - Mas tu também depois cumpres?

A - Sim.

E - Sempre cumpres?

SA - Oh às vezes, por exemplo para desligar alguma luz ou assim... Por exemplo, às vezes a minha mãe sai para a rua e depois eu vou atrás dela e ela diz assim “olha eu esqueci-me de apagar aquela luz, vai lá”, depois então eu vou lá.

E - Então é assim, quando tens algum trabalho de escola ou algum trabalho que os teus pais te mandam...

SA - Sim, eu faço.

E - Tu fazes...Mas quando tu não queres fazer...É difícil tu não queres fazer ou...

SA - Não, eu faço sempre. Mas se eu estiver a estudar nunca me mandam fazer nada.

E - Aí eles não te comprometem....Mas se eles te mandam fazer isso ou aquilo e tu dizes que depois fazes eles também de compreendem?

SA - Sim.

E - Mas é porque? Tu sempre cumpres ou tu às vezes não cumpres? Tu cumpres sempre?

SA - Sim.

E - Os teus pais confiam em ti?

SA - Confiam.

E - Tu cumpres mesmo?

SA - Sim.

E - Os teus pais chamam a tua atenção quando tu não te portas bem em casa?

SA - Sim, chamam. Para a outra vez não faças assim. Por exemplo, quando eu estou a fazer uma coisa e ela cai, eu nunca digo que não fui eu. Eu digo que fui eu.

E - Não mentes?

SA - Não.

E - Então eles chamam a tua atenção...Eles falam e tu nunca mentes se foste tu ou não.

SA - Sim.

E - E fora de casa eles também chamam a tua atenção se te portas mal?

SA - Sim.

E - Castigam-te?

SA - Sim. Não. Raramente.

E - E tu fazes coisas mal?

SA - Não.

E - Então não te castigam porque tu também não fazes coisas mal...tu portas-te bem...

Temática V

Expectativas quanto ao futuro

E - O que é que tu gostarias de estudar ou trabalhar quando fores mais velho?

SA - Não sei.

E - Mas já passou alguma coisa pela tua cabeça?

SA - Enfermeiro...

E - Mas porque enfermeiro?

SA - Porque é assim uma coisa que eu até gosto...

E - O que é que faz um enfermeiro?

SA - Ajuda o médico, dá-lhes os instrumentos para a mão, a agulha, a tesoura, arruma as coisas, vai dar a medicação a um homem ou outra coisa assim, ou ajudar a fazer qualquer coisa.

E - Olha eu só queria fazer uma pergunta aqui para ti. Além de seres hiperativo, tu agora já tomas a medicação, tens mais alguma dificuldade na sala de aula?

SA - Dificuldades? Por exemplo em, em...

E - Escrever?

SA - Não, eu escrevo bem. A maior dificuldade que eu tenho é que eu às vezes estou atento e não quero dar erros e não sei como é que eles aparecem.

E - Então tu das erros quando escreves?

SA - Sim. Eu não quero dar erros mas...

E - Acabas por dar....

SA - Sim.

Temática VI

Complemento

E - Para além daquilo que falamos aqui agora, queres referir alguma coisa? Algum aspeto que nós não tenhamos falado e tu consideras importantes?

SA - Não.

E - Então Sujeito A, eu agradeço-te imenso pela tua atenção, pelo teu carinho, por estar aqui contigo...

APÊNDICE H - Transcrição da entrevista ao Sujeito B

ENTREVISTA – SUJEITO

ENTREVISTADO: Sujeito B

ENTREVISTADORA: Mestranda

LOCAL: Escola B2+3 e S da Zona Centro

DATA: 28/09/2011 HORÁRIO: 14:33hs DURAÇÃO: 27'45''

TEMA: “Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: envolvimento parental na aquisição de competências, em dois alunos do 5.º ano de escolaridade”

Temática I

Legitimação e Motivação da Entrevista

E - Então deixa eu dizer-te uma coisa, eu...hoje de manhã né, já tinha falado contigo e a tua mãe também já tinha falado, porque a tua mãe deixou que eu fizesse uma entrevista contigo, tá?

SB - Tá!

E - Então, eu só vou ler aqui umas coisas, né para te explicar porquê que eu estou fazendo esta entrevista...

SB - Está bem!

E - Então eu sou psicóloga aqui na escola, e eu estou, e eu pretendo fazer um trabalho de investigação num curso de mestrado, no ensino especial que eu estou a fazer, deste trabalho faz parte duas entrevistas com dois alunos que são portadores de, da perturbação de hiperatividade e défice de atenção, é com o objetivo de eu recolher informações, e a forma como a família lidou e lida com a situação, sobretudo no decorrer do teu percurso escolar, e para tal, então é que eu estou pedindo a tua colaboração que é de extrema importância no estudo que eu estou fazendo, né! É uma vez que tu conheces o que é que se passa contigo e muito me ajudará também nesse conhecimento. E é assim, eu garanto o anonimato e a confidencialidade do depoimento, tudo o que a gente conversar aqui é sigiloso. É, eu, eu...é nem o teu nome vai aparecer nem nada, é só mesmo para eu conhecer mais e, querer conhecer mais sobre o tema para eu investigar sobre isso, né! A informação que eu recolher aqui é só mesmo para, para o objetivo desta investigação deste trabalho que eu estou a fazer, está bem?

SB - Está bem!

E - E, e para maior facilidade, para eu analisar depois aquilo que nós falarmos aqui eu peço a tua permissão para fazer a gravação, está bem?

SB - Está bem.

Temática II

Identificação e Caracterização do Sujeito / Agregado Familiar

Sujeito: Sujeito B

Género: masculino

Idade: 12

Escolaridade: Frequenta o 6.º ano de escolaridade

Agregado Familiar:

Agregado familiar	Género	Estado Civil	Idade	Escolaridade	Profissão
Pai	masculino	casado	37	4.º ano	pedreiro
Mãe	feminino	casado	33	9.º ano	cozinheira
Sujeito B	masculino	solteiro	12	Frequenta o 6.º ano	estudante
Irmã	feminino	solteira	1	creche	Creche

E - Então vamos lá, é...diz o teu nome completo?

SB - Sujeito B

E - Quantos anos tens?

SB - 12.

E - É, qual...em que ano tu estudas?

SB - Sexto.

E - Na tua casa, quem é que mora na tua casa?

SB - É a mãe, pai e irmã.

E - E o teu pai tem quantos anos?

SB - Trinta e sete.

E - Trinta e sete, e o teu pai estudou até que ano na escola?

SB - Quarto ano.

E - Quarto ano, e qual é a profissão do teu pai?

SB - Pedreiro.

E - E a tua mãe tem quantos anos?

SB - Trinta e três.

E - Trinta e três, que ano, até que ano ela estudou?

SB - Nono.

E - Nono. E ela trabalha no quê? Qual é a profissão?

SB - Cozinha.

E - E a tua mana tem que idade?

SB - Um ano.

E - Um ano. E, e ela é, ela, em que escola ela vai?

SB - Ainda não...

E - Na creche?

SB - Na creche.

Temática III

Diagnóstico/ Inclusão (Trajetória escolar)

E - Pronto, é assim tu já foste algumas vezes a consultas médicas, né?! E também a consultas com psicólogos.

SB - Sim.

E - Conforme eu pude constatar nos documentos que se encontram na escola entregues pela tua mãe e entregues pela escola onde estudaste anteriormente e também nesta escola. Tá?! Tu sabes porquê é que foste ao psicólogo, aos médicos? Os teus pais te explicaram?

SB - Não.

E - Mas tu foste, mas nunca te explicaram?

SB - Às vezes explicavam mas só que eu não entendia muito bem!

E - Ah ok! Aaah...tu sabes o que se passa contigo?

SB - Mais ou menos...

E - Mais ou menos, explica para mim, assim mais ou menos...

SB - Às vezes quando, aaa uma vez a sto... a professora de História aqui da escola estava a falar para mim e eu estava a olhar para outro sítio e não ouvi falar, depois ela chamou por mim depois é que eu fiquei, respondi...

E - Então tu queres dizer o quê? Queres, ficas o quê?

SB - Quando estou a olhar, aaa uma coisa que, que, como é que hei-de dizer...

E - Estás a olhar para uma coisa , olhas para outra e não ouves?

SB - Sim às vezes..

E - Então o quê que é, distrais-te?

SB - Sim...

E - É isso então...

SB - Sim

E - É isso que acontece, então...então...na sala de aula então já te apercebeste disso, e os teus pais nunca te explicaram nada?

SB - Não!

E - Nunca falaram sobre isso?

SB - Não!

E - Tu tens assim um, ééé...vamos falar uma coisa aqui, já foste ao médico ultimamente?

SB - Sim.

E - Os médicos falaram alguma coisa sobre o que tu tens?

SB - Eu não percebia muito bem o que eles diziam, mas disseram...

E - Mas disseram, não percebias muito bem mas aquilo, que eles falaram o quê é que tu percebeste?

SB - Que tinha de tomar uns comprimidos para estar atento.

E - Estar atento, mas falaram mais alguma coisa?

SB - Disseram que (não dá para perceber minuto 36.12)

E - Não sabes o nome?

SB - Não me lembro.

E - Pronto! E tu estás tomando os comprimidos agora?

SB - Estou!

E - E o que é que tu estás a tomar?

SB - Aaaa metade de...ai...

E - Metade!

SB - De um comprimido. De manhã metade de um, e à tarde, quando almoçar outra metade...

E - E esses comprimidos são para quê?

SB - Para, para estar atento às aulas.

E - Aaah!! Tu tens atividades diferentes dos teus colegas de turma?

SB - Não. Na sala de aula, não.

Temática IV

Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais

(articulação escola x família)

E - Agora vamos falar um pouquinho do seu percurso escolar, tu foste para a creche? Quando eras pequenino?

SB - Não.

E - Não, não foste para a creche. E da pré-escola, tu lembraste da pré-escola?

SB - Lembro.

E - Tu sabes quem foi, quem é que foi a tua educadora?

SB - Não me lembro muito bem de nomes, de quem foi...

E - Aaah, e o que é que tu fazias na pré-escola?

SB - Eu brincava, desenhava...

E - Que mais?

SB - Brinca...aaaa...mais nada!

E - Mais nada...huuummmm! E gostavas da tua educadora?

SB - Sim...

E - Então, mas brincavas, desenhavas..

SB - Sim!

E - Era mais isso que tu fazias?

SB - Sim.

E - E, e no primeiro ciclo, agora na escola primária, como é que foi o teu primeiro ano?

SB - Foi bom.

E - Foi bom! Ééé...fazias também lá muitas coisas?

SB - Fazia!

E - O que é que tu fazias por exemplo no primeiro ano?

SB - As professoras mandavam-me fazer uma coisa e às vezes eu ia...eu uma vez lá na escola primária não fiz os trabalhos, depois fiquei de castigo a faze-los! E depois...

E - Mas..sim diz...

SB - Fui à procura da professora, a professora, fui à procura dela, ela não estava onde costumava procurá-la depois estava na sala e disse que já tinha acabado e ela disse que eu podia já ir brincar..

E - Tá.

SB - Para o intervalo...

E - Mas gostaste do primeiro ano?

SB - Gostei!

E - Aprendeste muitas coisas?

SB - Aprendi.

E - O que é que tu aprendeste sobretudo no primeiro ano?

SB - Aprendia a fazer uma coisa com os papéis, que agora já não me lembro muito bem...

E - Tu tiveste sempre a mesma professora?

SB - E...

E - Tiveste sempre a mesma professora no primeiro ano?

SB - Tive!

E - E quando, quando eu falei que no primeiro ano não, da primeira à quarta classe foi sempre a mesma professora?

SB - Não!

E - Mudastes?

SB - Mudei!

E - Quantas vezes mudaste de professoras?

SB - Do primeiro para o terceiro foi a mesma, e do terceiro chumbei uma vez, também foi a mesma e...

E - Chumbaste o quê, no terceiro ano?

SB - Sim! E depois fui para a escola da zona centro e mudei de professora...

E - Ahh então está...e tu chumbaste porquê? O que é que se passou que tu chumbaste...

SB - Aaahh... não sei...

E - Tinhas alguma dificuldade, alguma coisa?

SB - Sim...

E - Mas não sabes dizer, o quê?

SB - Não.

E - A tua mãe te explicou porquê que tu perdeste o ano? A tua professora te explicaram...

SB - Não me lembro...

E - Não te lembras! Quando os meninos não faziam os tpc's né, acontecia-lhes alguma coisa?

SB - Ficavam de castigo.

E - E o que é que era ficar de castigo?

SB - Ficavam na sala a fazer-los...

E - Ai é...Como aquele que tu falaste agora à pouco?

SB - Sim...

E - E depois quando vocês acabavam de fazer...

SB - Íamos levar se estava tudo bem e se não tivesse modificávamos qualquer...

E - Mas isso de, de tu fazeres aaa, tinham que fazer era o quê? Na hora que vocês iam para o recreio, na hora que iam brincar é que não podiam...

SB - Sim...

E - Ah então tá! Então vocês assim, não faziam os trabalhos, ficavam a fazer-los na hora do intervalo...

SB - Sim...

E - No recreio...

Dos 40:16 m entra uma pessoa na sala até aos 41:02 m

E - Então enquanto eles ficavam no intervalo, ficava tudo resolvido! E os meninos eram castigados quando não faziam os trabalhos?

SB - Às vezes, uma vez a professora pu..eu não fiz os trabalhos e a professora puxou-me a orelha!

E - Ai é!! E como é que tu te sentistes?

SB - Senti-me mal...

E - Ai é...e o que é que foi sentir mal? Como é que tu ficaste?

SB - Fiquei triste, fiquei a chorar...

E - E ela depois falou alguma coisa?

SB - Não!

E - Isso só aconteceu um vez ou aconteceu outras vezes?

SB - Só aconteceu uma vez!

E - Como é que era a tua, a tua escola no primeiro...na escola primária, como é que era a tua escola?

SB - A minha escola era...o professor tinha duas turmas...

E - Sim...

SB - E...nós tínhamos de levar o almoço a primeira vez, tínhamos que levar o almoço porque ainda não havia cantina...

E - Mas como é que ela era, era assim uma escola grande...

SB - Era grande, era grande!

E - Como é que era o pátio, como é que era a sala?

SB - O pátio era cheio de pedras, pedras, e onde nós tínhamos o baloiços e os escorregas era de cimento com umas proteções para não aleijar...

E - E e gostavas da tua profe...e a tua professora, como é que era a tua professora?

SB - A minha professora era boa...

E - Todas elas?

SB - Algumas!

E - Algumas!? Então significa que havia alguma que não era tão boa assim?

SB - Sim! Acho que era um professor que não era bom!

E - Era?

SB - Sim..

E - O quê que...o que é que tu lembras que não era bom?

SB - Uma vez queria ir à casa de banho e o professor disse que não ia!

E - E o que é que aconteceu?

SB - Tive, pedi ao professor outra vez, estava aflito e fui lá...

E - Ele deixou ir?

SB - Sim!

E - E isso é que...ele não percebeu que tu estavas com vontade de fazer xixi...

SB - Sim...

E - E os teus amigos como é que eram?

SB - Eram bons, simpáticos!

E - Ai é! Para falar dos teus amigos os teus olhos até brilharam, né!? Como é que era a tua relação com eles?

SB - Era boa!

E - E agora como é que é a relação com os amigos aqui desta escola?

SB - Também é boa!

E - É! Tens assim, não tens problemas?

SB - Não.

E - Eles gostam de ti? Gostas deles?

SB - Sim!

E - E os professores é, o que é...não...agora é outra coisa. Como é que tu vês a escola?

SB - A escola..

E - Desculpa vou voltar um pouquinho ali atrás...e agora os professores o que é que eles fazem quando tu não sabes?

SB - Dizem para tentar outra vez.

E - E eles chamam a tua atenção na sala de aula?

SB - Sim!

E - Porquê?

SB - Porque, um dia esqueci-me de tomar o comprimido e, estava distraído e a minha professora de português disse se eu tinha tomado o comprimido e eu disse que não, depois fui tomá-lo.

E - Mas antes de tu tomares os comprimidos eles também, eles chamavam a tua atenção?

SB - Sim!

E - E porquê que eles chamavam a tua atenção?

SB - Por causa que eu às vezes estava distraído...

E - Acontecia isso muitas vezes?

SB - Às vezes falava para o colega do lado...

E - E ainda acontece isso?

SB - Às vezes...

E - Está bem! Como é que tu vês a escola?

SB - A escola!? Vejo-a...como é que eu hei-de dizer...um dia fui para a escola, para o primeiro ano que eu cá estive, no quinto ano, não sabia onde é que era a sala, baralhei-me todo...

E - Mas depois passou?

SB - Sim...

E - Como é que tu...como é que seria a escola ideal para ti? Como é que tu gostarias que fosse a tua escola?

SB - A minha escola gostava que fosse só com meninos bons...

E - Mas tu estás a dizer...não tem só meninos bons na escola?

SB - Não!

E - Ai é...e o que é que se passa, o quê que, o quê que é não ter meninos bons na escola?

SB - Ser maus para os colegas...

E - E há amigos que são maus para os colegas?

SB - Sim!

E - Acontece isso contigo?

SB - Um dia, no primeiro ano aconteceu...

E - Aconteceu no primeiro ano da escola primária?

SB - Não...

E - Aqui...

SB - Do quinto ano...

E - Ai é?! E o que é que aconteceu contigo?

SB - Estava para ir carregar o cartão, eu estava na fila e tiraram-me da fila para último.

E - Mas aconteceu isso já outras vezes, acontece isso agora?

SB - Não.

E - Agora já não acontece?

SB - Não.

E - Pois, quem sabe foi uma brincadeira, mas tu não gostastes né?! Tu consideras que os professores na escola em geral se preocupam com as tuas dificuldades?

SB - Sim!

E - Explica melhor isso para mim?

SB - E agora como é que eu vou explicar...

E - Me diz assim se preocupam com as tuas dificuldades, o que é que eles fazem para se preocuparem contigo? Como é que, como é que tu vês que eles fazem para ti?

SB - (pausa) Um dia não trouxe uma coisa assinada e a professora disse que, disse que tinha de trazer no outro dia, e, e e trouxe.

E - Ah tá!! E na sala de aula, assim, é quando tu tens assim uma dificuldade como é que tu percebes que eles se preocupam contigo?

SB - Porque ajudam-me.

E - Como é que eles te ajudam?

SB - Às vezes pergunto uma coisa à professora e ela explica no quadro para todos...

E - Então quando tu tens uma dúvida e perguntas eles assim respondem!

SB - Sim...

E - E quando tu tens assim uma dificuldade eles se aproximam de ti, uma pergunta, eles fazem alguma coisa nesse sentido?

SB - Sim.

E - Tua achas que és tratado de forma diferente pelos professores em relação aos teus colegas?

SB - Não.

E - Não! E com as auxiliares?

SB - Não.

E - E pelos teus colegas?

SB - Há alguns...

E - Alguns como?

SB - Os meus melhores amigos sim...

E - Os teus melhores amigos...

SB - Tratam melhor!

E - Tratam melhor! Mas tens algum problema grave com algum menino aqui?

SB - Não!

E - E em casa, como é o teu relacionamento em casa?

SB - É bom!

E - É bom! O que é que tu queres dizer com...

SB - A minha mãe ajuda-me a fazer os trabalhos, o meu pai quando é preciso alguma coisa ele vê se sabe, se souber ajuda-me, se não souber diz para eu deixar ver a minha mãe!

E - Ah tá! E os teus pais sabem quando tu tens trabalhos de casa?

SB - Eu digo-lhes que tenho. Eles vão ver, a minha mãe, a minha mãe no ano passado comprou-me um bloquinho e a minha mãe ia ver o bloco com as notas, com os apontamentos.

E - Às vezes tu esquecias de apontar algumas coisas?

SB - Sim!

E - É! Então às vezes não fazias alguns trabalhos porque não anotastes?

SB - Sim.

E - E como é que tu te esquecias de anotar?

SB - Metia-me na brincadeira...

E - Brincavas muitas vezes é?

SB - Sim..

E - E levavas o teu material da escola todos, todos os dias?

SB - Às vezes...

E - Às vezes, não é todos os dias...

SB - A minha mãe no outro dia eu estava a fazer os trabalhos de História, ela emprestou-me uma caixa com uma calculadora e com canetas e trouxe-a para a escola e ela agora pergunta-me sempre se eu a tenho!

E - Mas é só nisso, mas às vezes já esqueceste alguma vez material?

SB - Sim!

E - Mas porquê? Ela, ela via ou ela não via sempre...

SB - Ela via, ela comprava-me os cadernos, uma vez comprou-me tudo o que era para EVT, a minha mãe, eu levei para casa, a minha mãe sabia e pôs em tudo em meu nome...

E - Ah tá!! E tu quando arrumavas a tua mala esquecias alguma vez alguma coisa?

SB - Hoje esqueci-me do livro de Ciências, não sei onde é que o pus...

E - E isso aconteceu já outras vezes?

SB - Já!

E - Tens horário de estudo em casa?

SB - Aaaa não!

E - Não...mas estudas todos dias ou não?

SB - Estudo às vezes!

E - Às vezes, não é sempre...

SB - Mas pouquinho!

E - Ai é! Mas porquê? Estás sozinho, não te apetece?

SB - Não me apetece!

E - O pai e a mãe ajudam nos teus estudos?

SB - Sim...

E - Quando tens dúvidas?

SB - Sim.

E - E eles falam contigo sobre a escola?

SB - Sim, às vezes...

E - Às vezes! Porquê que só às vezes?

SB - Porque às vezes não estou em casa, vou para a biblioteca jogar computador!

E - Vais várias vezes à biblioteca?

SB - Várias!

E - E eles vêm as informações que a escola manda?

SB - Veem!

E - Tu passeias com os teus pais?

SB - Quando vamos buscar a minha irmã.

E - Só quando vais...

SB - Sim, às vezes quando vamos ao café e isso...

E - É só isso ir buscar a tua irmã, vão ao café, e que mais que vocês fazem?

SB - Uma vez, fui mais o meu pai à casa da minha avó, vamos quase todos os dias, mas agora o meu pai falou que não tinha lá a mota e não temos ido.

E - Mas o teu pai, a tua mãe, tu e a tua mana saem muitas vezes juntos?

SB - Saímos!

E - Aonde é que vocês vão?

SB - Uma vez fomos jantar!

E - Uma vez?

SB - Mais que uma vez!

E - Está bem! E os teus amigos eles vão a tua casa?

SB - Alguns!

E - Quem é que vai a tua casa?

SB - O André.

E - E vocês brincam do quê?

SB - Computador!

E - Eee só computador?!

SB - E Nintendo.

E - Hum?

SB - E Nintendo!

E - Nin...

SB - Nintendo para jogar!

E - Ah tá!

SB - E agora vou ter outra Nintendo, o meu tio, não o namorado da minha madrinha que é meu primo vai-me comprar uma.

E - Mas é só com o computador que você brinca com os seus amigos?

SB - E às vezes vamos jogar à bola!

E - E que mais?

SB - Andar de bicicleta.

E - Andar de bicicleta...

SB - Só que eu não posso!

E - Porquê? O que é que se passa para não poder andar de bicicleta?

SB - Falta-me uma peça, o meu pai não a quer por!

E - Ai é...parece que ficas triste com isso! Porquê que ele não a quer por?

SB - Porque é para eu não andar, para ir fazer os trabalhos.

E - E como é o relacionamento com os teus colegas?

SB - É bom.

E - Consideras que é um bom relacionamento, o que é ter um bom relacionamento?

SB - É, ser amigos um dos outros (pausa) falar sempre com eles!

E - Tu tens responsabilidade por algum trabalho em casa para além de estudares?

SB - Sim!

E - O que é que tu fazes?

SB - Lavo a loiça.

E - Que mais?

SB - Arrumar o meu quarto.

E - Que mais?

SB - Arrumar o que eu deixo espalhado na sala, por a máquina a lavar...

E - E tu lavas sempre, sempre a loiça?

SB - Às vezes...

E - E limpas sempre, sempre o teu quarto?

SB - Às vezes...

E - Arrumas, sempre, sempre o que está espalhado na sala?

SB - Às vezes, às vezes é a minha mãe.

E - Quando tu não queres fazer algum trabalho da escola ou trabalhos que os teus pais te mandam como é que eles reagem?

SB - Chateados!

E - Ficam chateados! Mas o que é que eles fazem contigo?

SB - Humm, aaaa põem-me de castigo.

E - E o que é que é, o que é que é por de castigo?

SB - No outro dia eu abalei daqui e fui à casa do, do André, o meu pai tinha chegado... para ir para casa às seis, às seis e meia, eu esqueci-me das horas, fui lá ter às oito...o meu pai pôs-me de castigo no quarto.

E - Tu respeitas isso?

SB - Sim!

E - Os teus pais chamam a tua atenção quando tu, quando não te portas bem em casa?

SB - Sim!

E - Chamam sempre?

SB - Sim, às vezes...

E -E fora de casa, às vezes?

SB - Às vezes, um dia o meu pai, fiz um bocado de barulho no meu quarto e está gente ali mesmo por baixo á noite, o meu disse que era para não fazer barulho, para eu ver televisão...

E - Hummm, eles te castigam quando tu não te portas bem?

SB - Sim...

E - Como aconteceu quando tu perdeste a hora naquele dia e foste para casa..

SB - Sim...

Temática V

Expectativas quanto ao futuro

E - O que é que tu gostarias de estudar ou trabalhar quando fores mais...

SB - Gostaria... gostava de trabalhar num restaurante como o meu tio!

E - E o que é que o teu tio faz?

SB - Agora foi para a França, mas já veio, só que deixou o trabalho no restaurante...

E - E o que é que ele fazia lá...

SB - Servia às mesas.

E - E é isso que tu gostarias de ser quando, quando...

SB - E o meu padrinho também é..

E - Ai é, teu padrinho também é?!

SB - Sim...

E - Então os dois trabalham nisso...

SB - No mesmo sitio não, o meu tio é em X e o meu tio trabalhava na B..

E - Então tu gostarias de servir às mesas, e porquê que tu pensas em fazer isso?

SB - Por causa que convi...convivemos com as pessoas.

E - Tu gostas de conviver com as pessoas, é?

SB - Sim.

E - E tu gostas de estudar?

SB - Aaaa... mais ou menos.

E - Mais ou menos como?

SB - Aaaa como é que eu hei-de...no outro dia a minha mãe disse que era para eu ir estudar e a mim não me apetecia, eu... e eu não sabia dos livros onde é que eles estavam...

E - Tu às vezes perdes os livros?

SB - Não tenho-os em casa, só que não sei depois onde é que os ponho...

E - Oh é...tu não tens um lugar próprio para pones os livros?

SB - Tenho, só que eu às vezes vou arrumar a mala para um sitio e deixo noutro, para o outro e deixo noutro...

E - Aaa...não tens assim um sitio no teu quarto para colocar o material, para por as coisas em ordem...

SB - Tenho...

E - E porquê que não deixas arrumadas?

SB - Às vezes, porque está a mesa cheia...

E - Está cheia a mesa? Então porque não arrumas a mesa, não organizas a mesa do teu quarto?

SB - Às vezes..

E - E a tua mãe...

SB - Quando eu estou sozinho, não tenho a minha irmã.

E - Então às vezes as coisas...as coisas estão sempre organizadas na tua casa?

SB - Sim.

E - Mas a tua mesa do teu trabalho não? E a tua mãe não te manda arranjá-la?

SB - Às vezes, só que não me apetece!

E - E quando não te apetece tu não fazes?

SB - Não.

E - E nessas alturas o que é que a tua mãe diz para ti?

SB - Fica chateada comigo.

E - Mas não te manda arranjar?

SB - Manda, só que eu digo que não. Vou brincar para a rua depois.

E - E muitas vezes isso acontece ou...

SB - Sim...

E - Muitas vezes...

SB - No ano passado não, este ano estava na rua a brincar com o meu vizinho a minha mãe disse que era para eu ir arrumar a mesa e eu não fui, ficou chateada comigo!

E - Então é isso que às vezes se passa contigo?

SB - Sim.

Temática VI

Complemento

E - E para além do que nós falámos aqui queres referir alguma coisa, que agente não, que nós tenhamos abordado e que tu consideres importante?

SB - Não.

E - Então quero-te agradecer imenso pelo carinho, muito, muito, muito obrigado, tudo de bom para ti.

APÊNDICE I - Transcrição da entrevista ao encarregado de educação - Sujeito A

ENTREVISTA – ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

ENTREVISTADO: Encarregado de Educação do Sujeito A

ENTREVISTADORA: Mestranda

LOCAL: Escola B2+3 e ES da Zona Centro

DATA: 03/10/2011

HORÁRIO: 14:00hs

DURAÇÃO: 38´

TEMA: Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: envolvimento parental no percurso escolar - estudo de caso comparativo”.

Temática I

Legitimação e Motivação da Entrevista

- Sou psicóloga escolar e pretendo desenvolver um trabalho de investigação no âmbito de um mestrado em Educação Especial.
Deste trabalho de investigação faz parte uma entrevista a dois Encarregados de Educação, com objetivo de recolher informações sobre alunos com diagnóstico de PHDA e a forma como a família lidou/lida com elas, sobretudo no decorrer do seu percurso escolar.
- Para tal, peço a sua colaboração, que é de extrema importância ao estudo em causa, a experiência que possui com o seu educando, permite-lhe ter conhecimento das dificuldades sentidas pela família, aquando do diagnóstico/intervenção e aquisição de competências (social, escolar...).
- Garanto-lhe o anonimato e a confidencialidade dos seus depoimentos. A informação recolhida não será utilizada para outros fins, sendo único e exclusivamente para fins de investigação.
- Para maior facilidade na análise de dados, peço permissão para fazer o registo audiográfico da entrevista.

Temática II

Identificação e Caracterização Encarregada de Educação / Agregado Familiar

- Dados pessoais do entrevistado:

Idade: 41

Escolaridade: 9.º ano do 3.º Ciclo

Profissão: Doméstica

Grau de parentesco com o educando:

() pai (X) mãe () outro

Agregado Familiar

Agregado	Género	Idade	Escolaridade	Profissão
pai	masculino	55	4.º ano	agricultor
mãe	feminino	41	9.º ano	doméstica
irmão	masculino	19	2.º universidade	Estudante universitário
Sujeito A	masculino	12	6.º ano incomp.	estudante

Temática III

Identificação e Caracterização do Sujeito/ Diagnóstico/ Inclusão

(Trajetória escolar)

- Solicitação das informações dos pontos a abordar.

Sujeito: Sujeito A

Género: Masculino

Idade: 12 anos e 11 meses - 24/11/1998

Escolaridade: Frequenta o 6.º ano de escolaridade

Medidas de Apoio: Eu sei que ele sempre teve apoio, na escola primária tinha uma professora de apoio duas vezes por semana a todas as disciplinas e ia a psicomotricidade em outra escola, no Agrupamento, mas eu não sei quais. Aqui também, eu assinei uns documentos para ele, sei que tem apoio especial, mas das medidas eu não sei dizer.

E- Como e em que circunstâncias foi diagnosticado a PHDA no seu educando?

M- Foi no infantário ainda, eu até já falei sobre isso consigo, eu pedi para a educadora para ele ficar mais um ano no infantário, eu via que ele não tinha condições, ele era imaturo, os outros já faziam as coisas e ele não. Ele queria brincar, depois a educadora encaminhou-me para o Hospital Distrital e confirmou-se a Hiperatividade. Então ele ficou mais um ano na pré escola, há uma carta enviada pela médica, que estão junto com os documentos dele na escola, que fala sobre isso. Foi na pré escola.

E- Fale-me do percurso escolar do seu educando:

- na creche

M- Ele não frequentou a creche. Até aos 5 anos ficou comigo, eu estava em casa, depois ele ficou mais um ano no Jardim Infantil.

- na pré-escola

E- Ele ficou mais um ano na pré escola.

M- la fazer 6 anos e eu pedi para ficar mais um ano, eu achava que ele não tinha condições de ir para o primeiro ano. Da vez dele entrar nos 6, entrou entrando nos 7.

E- Porque achava que ele não tinha condições?

M- Ele ficava sempre comigo, moramos na aldeia. Quando ele foi para a pré-escola e se viu no meio das crianças com professor diferente, afastado da mãe, ele sentiu bastante, quer dizer, ele não conseguiu lá ficar, ele chorava e tudo mais. Eu fui embora com o coração partido, mas fui embora. Pensei, ele tem de ficar e ficou mesmo. E ficou, a partir dai ficou sempre, só nos 2 ou 3 primeiros dias é que foi complicado, depois ele a partir dai já se habituou, já.

E- E depois como foi a adaptação dele?

M- Pois, estava lá dentro nos trabalhos dele e ele pedia para ir, para vir a rua para brincar na areia e essas coisas assim e não o deixavam. Via-se logo que ele não se adaptava ali bem a aqueles trabalhos dos outros. Enquanto os outros faziam ele estava desatento. Queria brincar na areia, ir para o baloiço, pedia para sair...

E- Até a entrada dele para a escola, você não percebia essa desatenção nele...

M- Não, não, só depois é que passei a notar. Não é bem assim, eu é que comecei a ver que não era bem assim...

E- Porque?

M- Eu já tinha visto que os outros... Eu já tinha a comparação com o irmão e via que ele não fazia certas coisas...

E- Você viu que ele não fazia certas coisas... E você falou com a educadora?

M- Eu fui logo falar com ela. Depois ela disse, ela já andava a uma temporada, eu notava-a estranha, era ela que me queria dizer qualquer coisa, mas eu pensava o que se passava? Ela andava estranha, era ela, como se quisesse dizer alguma coisa, mas começava e calava. Bem... eu pensava, há aqui qualquer coisa, o que se passa...? em casa eu matutava, falei com o marido, dele ir para o primeiro ano, mas ele ir para o primeiro ano... assim não dá... eu tenho que ver se falo com a educadora a ver se pede, depois ela teve que pedir uma autorização. Pronto foi preciso preencher um termo regular, para ele ficar mais um ano. E depois quando eu disse isso, ela disse: já algum tempo eu tinha pensando em lhe dizer isso, mas tinha um bocadinho de receio daqui e dali e pronto, depois ficou contente por eu tomar a iniciativa.

E- Você sugeriu para ele ficar mais um ano e a educadora também achou que sim...

M- Ela já me andava para dizer a uma temporada, mas ela tinha medo, ela tinha receio. Ela disse que eu pudesse não aceitar, que eu pudesse me zangar, mas não, já há muito que andava na minha cabeça e eu cheguei e pedi.

E- E esse ano a mais foi bom para ele?

M- Foi a noite do dia como se costuma dizer, foi uma evolução muito grande.

E- E depois?

M- Ai foi quando ela marcou a consulta no Hospital...

E- A partir daí?

M- A partir daí até agora foi sempre, sempre...

E- Como foi recebida na consulta.

M- Muito bem.

E- já naquele momento deu para definir o diagnóstico?

M- Já, já. Já ia tudo da escola, da escola primária.

E- Já ia tudo...

M- Por exemplo, da escola primária eu levava para o hospital de lá para cá, havia assim aquela troca (as avaliações feitas). Pronto era sempre assim. Tudo bem organizado.

E- E quando a médica falou para você desse diagnóstico: hiperatividade. Como reagiu?

M- Eu a primeira ainda comecei a pensar que ele era inferior aos outros, primeiro ainda pensei nisso, será que ele é menos que os outros? que ele não consegue isto, não consegue... aquilo... Mas depois disse: NÃO, ele é igual, não, não posso pensar assim, NÃO, nós somos todos iguais,

uns chegam lá primeiro, outros, outros chegam lá depois. Pronto comecei a pensar assim, pela positiva, não devia, não podia me encostar ali e ele é menos.

- e no 1.º e 2.º Ciclos.

E- E depois ele teve esse ano a mais na pré escola, entrou para o primeiro ano com um ano de atraso.

M- Pronto daí, ele já fez o primeiro ano, o 2.º, o 3.º, o 4.º, mas sempre com apoio.

- Qual a orientação dos profissionais da saúde?
- A informação dos profissionais da saúde chega à escola?

E- Você disse que havia sempre uma orientação da médica do hospital para a escola e da escola para o médico do hospital. Além do diagnóstico que o médico deu sobre a hiperatividade, começou já a medicá-lo na pré escola?

M- Não, não, foi só na primária, agora já não sei bem, mas eu acho que na primária foram dois anos, mas eu tenho escrito isso lá em casa a data que ele começou a ser medicado, eu acho que isso está escrito no meu caderninho azul. Mas afóra eu não sei, mas na primária foram dois anos, não tenho certeza.

E- Como você sentiu a medicação no seu filho, sentiu diferença?

M- Ele toma Rubifene, ½ comprimido de manhã e ½ no almoço.

Senti e continuo. Quando é nas férias e no fim-de-semana ele não toma. É assim, dizem que aquilo faz efeito quatro horas de manhã e 4 à tarde, mas não, faz efeito mais horas. Eu acho que faz mais porque ele sai daqui as 5 da tarde, quando chega a casa são 6 e ele lancha e vai direitinho fazer os trabalhos, portanto, cá para mim faz efeito mais horas. Mas pronto quem sou eu prá tar a dizer. Mas eu noto depois aos fins-de-semana, já está meio aéreo (ele não toma), e depois nas férias, com o horário de verão, horários maiores, piora, mas depois aí eu já puxo por ele, eu digo, vai ler isto ou vai ler aquilo. Vejo que ele não se concentra como ele se concentra nos dias de aulas. Por exemplo logo à noite, a concentração é diferente, inclusive nos sábados e domingos (não toma a medicação).

E- Você percebe isso.

M- Eu percebo isso tudo. Portanto quem não está, eu percebo, mas por exemplo, outra pessoa que não esteja a par das coisas, já não percebe.

E- Você está ligada no seu filho...

M- Eu apanho-lhe os pontinhos todos e o meu marido também.

E- Sobre os profissionais da saúde, você disse que teve uma orientação dos profissionais da saúde, que houve sempre orientação da escola para o hospital, do hospital para a escola, houve uma ligação fale mais sobre isso.

M- Mas... mesmo voltando atrás, mesmo antes dele entrar no infantário (pré-escola). Quando ele ia as consultas de 15 em 15 dias, o acompanhamento dele já era diferente, como ele era prematuro, o acompanhamento dele já foi diferente. As consultas do desenvolvimento já foi sempre, desde sempre, percebe.

E- As consultas do desenvolvimento já foi sempre, desde sempre, ele foi prematuro.

M- Quando ele nasceu, pouco tempo depois fez uma cirurgia ao estomago em Coimbra, teve um problema, perdeu peso, e a partir dali ele passou a ser seguido nas consultas de desenvolvimento.

E- A partir daí ele passou a ser seguido a nível orgânico e do desenvolvimento. O facto dele estar a ser seguido de 15 em 15 dias, fez essa ligação com os profissionais da saúde.

M- Sim..., ia a consulta, era outra médica, acho que ela já foi embora, ela dizia, olha nesta idade o normal já é abrir e fechar a mão, isto e aquilo, mas o meu ainda não fazia.

E- Ao nível do desenvolvimento, ele era diferente...

M- Já, eu às vezes, punha-me assim, ficava assim um bocadinho triste, mas depois dizia: não ele vai lá chegar. E a outra vez que eu ia lá, ele já abria as mãos e ela punha-lhe os dados direitinho.

E- Você não deixava que as coisas ficassem por ali.

M- Sim, sempre fiz as coisas lá em casa. A médica me dizia: mas na outra vez ele não fazia isto tão bem feito como ele faz agora. E então como é que fez? E eu, eu improvisava as coisas lá em casa com outros objetivos, com outras coisas, eu mudava as coisas daqui para lá, não...não...não...Eu via como ela fazia as coisas lá na sala, no consultório, chegava em casa não tinha aquelas pecinhas, mas tinha outras coisas que faziam as mesmas coisas. Então eu fazia as coisas lá em casa.

E- Então você foi uma mãe que quando ela dizia: ele não faz, na próxima você trabalhava, ficava ali uma interrogação, mas ele vai fazer, só um pouco mais devagar...

M- Sim, mas aí ninguém me ensinou a ser assim eu é que pensava por mim, tem que ser assim... Mas veja, há coisas que com o passar dos anos eu já, há muitas coisas que com o passar dos anos há muitas coisas que eu vou esquecendo, e agora, pode haver coisas que eu já não me lembro.

E- Além das consultas de desenvolvimento, houve outros profissionais?

M- A médica de família, sempre me ajudou a tirar as dúvidas que tinha com o Sujeito A. A médica de família foi sempre uma pessoa que me orientou sempre e mesmo no fim, e mesmo agora ainda continuo com esse hábito. Ela foi uma pessoa que me ajudou muito, por exemplo o Sujeito A e o meu outro filho, ela é uma médica que está sempre a par de tudo, porque eu sempre, falei tudo para ela, embora ela não apontasse, nas minhas consultas havia sempre um tempo para os filhos isto, os filhos aquilo. Sempre houve um bocadinho e ela ainda hoje está a par de tudo.

E- Portanto, quando você sentia alguma dificuldade era a ela que você recorria.

M- Era, para lidar com a minha sogra no final do ano, era muito complicado, eu não tinha a quem perguntar nada porque ali na aldeia não há a quem perguntar. Ela fazia isto e isto e batia tudo certinho.

E- Quer dizer as informações dos profissionais de saúde sempre chegaram à escola, nunca houve problema, houve sempre essa ligação.

M- Sim, sim

➤ Os professores estão informados e apoiam o seu educando na sala de aula?

➤ E- E agora os professores, desde a Pré-escola, o 1.º ciclo, e agora no 2.º ciclo. Daquilo que você já me falou, eles estão informados e eles apoiam o Sujeito A em sala de aula. Como sente isso...

M- Desde a professora X, que foi a professora dele sempre, foi impecável. Começou com a professora Y. Ali com a professora X foi sempre excelente. Sempre, eu vinha cá, todas as dúvidas que eu tinha ela explicava. Eu ia também ao Agrupamento as consultas com o Sujeito A ao psicólogo, o Dr. Z, depois mudou. Depois fui ao professor de psicomotricidade, nas aulas de

psicomotricidade, ele dava apoio em psicomotricidade. Sempre andei nestas andanças. Sempre andei a procura demais. E aqui continua igual.

➤ Há estratégias diferenciadas para o seu educando na sala de aula?

E- Então, desde sempre ele teve medidas diferenciadas em sala de aula.

M- Ele sempre teve apoio. Ele teve uma professora de ensino especial, umas horas por semana a tudo na escola primária.

E- Sessões de psicomotricidade...

M- Com o professor de psicomotricidade no agrupamento em XX.

E- Além de você ir as consultas de desenvolvimento ao Hospital distrital, ter a médica de família, você tinha consultas com o psicólogo do agrupamento todos os anos, como constatei em documentos no arquivo individual do Sujeito A....

M- Sim, sim. As pessoas diziam, mas é preciso, ir a tanto lado? eu dizia; sim, sim, quanto mais melhor, sempre foi assim.

➤ Fale sobre a atitude da comunidade educativa face à PHDA do seu educando.

E- Por exemplo a atitude dos auxiliares, dos próprios colegas, dos professores. Como foi sempre a atitude em relação ao Sujeito A?

M- Sempre foi normal. Mesmo os amiguinhos na escola, tudo, tudo, nunca disseram tu és menos do que nós, não.

E- Você nunca sentiu nenhuma discriminação...

M- Não, não, nunca, ninguém, nadinha, excelente, até hoje tem sido sempre excelente.

E- Sempre de igual para igual?

M- Empregados, colegas, professores, sempre excelente, não tenho nada a apontar.

Temática IV

Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais

(articulação escola x família)

➤ O seu filho tem horário de estudo? Cumpre-o? Acompanha-o nas atividades escolares? Como?

M- Não...não, das 4 a 5 para brincar, das 5 as 6 para estudar, não, não. Ele por ele é que tem de estudar, acaba de estudar vai fazer isto, ele por ele é que faz, ele faz tudo.

E- Mas você ajudou-o a organizar-se.

M- Sim...sim

E- Hoje ele já tem o sentido...

M- Já, já.

E- Como assim?

M- Eu tive que trabalhar bastante. Às vezes eu tinha que fazer certas coisas mas não podia, tinha que estar ali e acompanhar. No início quando ele tinha que fazer as atividades dizia que lhe doía a mão... ai eu observei: ele tinha sono e eu ia pô-lo a dormir e ele não dormia; tinha fome, e eu ia pô-lo a comer e ele não comia, essas coisas todas.

E- E você percebeu o que?

M- Ele queria dormir e não dormia, vamos comer e ele não comia... Ora é treta. Porque é quê estás a fazer isso comigo? Comecei assim prá ele. Então ele olhava assim prá mim (arregalou os olhos).

E- Você nunca cedeu?

M- Não, não.

E- E hoje você não precisa ter um horário de estudo para ele?

M- Ele é que sabe que tem de estudar, brincar...

E- Mas quando ele tem alguma dificuldade você o acompanha?

M- Ai sim, sempre, agora já não, mas já chegou naquelas altura mais complicadas dele, não se jantava as 8, jantava-se as 9, mas eu não podia deixar assim.

E- Você não podia deixar, porque?

M- Porque no outro dia ele ia querer prolongar

E- Parece que hoje está mais organizado...

M- Mas é preciso trabalhar muito e continuo a trabalhar muito para isto estar assim. Isto nada cai do céu.

➤ O seu filho tem uma rotina diária?

E- Digo, uma rotina diária que ele incorporou?

M- Mas feita por mim, eu dei-lhe as orientações, olha tem que ser assim, assim e assim e vais ver que resulta. Ele agora faz sozinho.

E- E sobre a medicação que ele faz diariamente? (sei que é medicado)

M- Quando ele mudou de escola para esta escola, expliquei a Diretora de Turma que ele tomava a medicação e que queria que os professores o alertassem, mas logo de seguida, no dia que começou as aulas, eu disse: não primeiro ele vai fazer a medicação, se ele não tiver condições depois eu volto a falar consigo, mas nunca foi preciso.

E- Essa rotina é dele, ele sabe?

M- Eu nem pergunto se ele toma. Eu coloco a medicação para ele, os comprimidos têm que ser partidos. Eu parto, ponho uma na caixinha em casa e outra vai para a caixinha na mochila.

E- A noite você confere para ver se ele tomou?

M- Não é preciso, porque eu confio, eu sei que ele não deita fora. Ele toma eu sei mesmo. Temos que confiar neles. “Oh mãe eu sei que tenho que tomar, eu não preciso de ninguém, não preciso de ninguém, não preciso que deixes lá os medicamentos (na escola), não peças a ninguém na escola, eu é que faço. Estas são coisas minhas. Isso foi logo o que ele fez”.

E- Em termos dos materiais dele de escola. Ele esquece muito, você tem que supervisionar ou não é preciso supervisionar, ou uma régua, ou o livro de matemática, por exemplo...

M- Não, eu disse filho, tens que arrumar a tua malinha, tem estas e estas disciplinas, tens que saber o material que te faz falta prá um e prá outra, ver se o estojo está completo, depois levas falta de material. Oh mãe deixa que eu arranjo, eu sei. E portanto, ele nunca se esquece, nunca. Em casa já se pode esquecer como nós...

E- Mas antes você tinha que supervisionar.

M- Sim arrumar a mala muitas vezes.

E- Essa independência que ele tem hoje você trabalhou com ele

M- Sempre, no 5.º ano ele nunca teve falta de material, nada, nada.

E- Isso não que dizer que ele tenha aquele horário rígido...

M- Não, não, ele arranja a sua maneira. Como eu já disse o tempo dá prá tudo. Ele chegou a conclusão que dá prá tudo, mesmo prá tudo.

E- O que fazem socialmente?

M- O Sujeito A vai a catequese, vai começar agora dia 9, vai a missa, eu não tenho esse hábito.

E- Além do seu marido trabalhar na agricultura e você nos trabalhos de casa...

M- Ainda ontem fomos a Cidade, fomos ver o irmão, fomos as compras, outras vezes vamos dar um passeio.

➤ Como é o comportamento do seu educando fora de casa, na comunidade?

M- Porta-se muito bem, porta-se sempre muito bem. Não mexe aqui ou ali é sempre normal, não é preciso chamar a sua atenção.

➤ Como é o relacionamento com os colegas?

M- Só com um colega que já veio de outra escola, o Sujeito A dizia que ele o distraia, às vezes prejudicava o Sujeito A, mas acho que ele continua a falar com o miúdo. Ele andava com ele, mas eu dizia para ele ter cuidado, depois ele arma uma brincadeira, depois tu distrais-te e depois não apanhas a matéria. Como é que é? Olha mãe deixa estar que eu sei me cuidar, ele agora já diz mesmo assim.

E- Mas nunca teve nenhum problema com algum colega?

M- Não, não, o Sujeito A dá-se bem com todos os meninos. Ele é educado. Mesmo agora na aldeia ele é educado com as pessoas todas. Por exemplo as pessoas idosas, ele cumprimenta, senta-se ao pé dos idosos, fala com eles, eu vejo que alguns não fazem isso, ele faz. Ele aí puxa a mim, porque eu também sou assim. Eu às vezes vejo aqueles idositos e paro, fico ali meia horinha com eles, isso já me aconteceu, por exemplo, eu estar ali sentada com eles ali, porque com os idosos a gente aprende muito. E pessoas das famílias deles, passarem e ainda me xingarem, porque eles não lhe ligam nenhuma. Estas coisas me chateiam.

E- Você está dizendo do Sujeito A, que ele faz isso.

M- Faz e algumas vezes vamos os dois e ficamos um bocadinho a conversa e ele faz estas coisas mesmo indo sozinho. Depois as pessoas dizem, olha o que o teu Sujeito A ontem teve comigo. Olha isto, aquilo e outros dizem-me.

E- Você parece que fica contente...

M- Pois, algumas pessoas ficam de boca aberta. E depois, dizem que ele é muito bem-educado. Já também o irmão é muito bem-educado. Mas o Sujeito A é assim. Ele é educado, dão-lhe qualquer coisa, ele diz sempre bem aja, obrigado, ele diz sempre. Ele aceita e depois tem sempre alguma coisa para dizer. É...é.

➤ Tem responsabilidade em executar tarefas em casa? Especificar quais as atividades que realiza sem interferência de outras pessoas?

➤ Como reagem os pais frente a responsabilização nas atividades sociais, escolares e domésticas?

M- Ele não deixa uma peça aqui, outra ali ele arruma.

E- E ele ajuda você em casa?

M- As vezes ele faz coisas e diz: mãe está bem? às vezes não está, mas a gente diz que está, porque da outra vez ele faz melhor.

E- E com o pai?

M- Ai ele vai a horta.

E- E nas férias?

M- Sim, e a minha mãe que já tem mais idade e já tem as dificuldades, oh avó isto, oh avó aquilo. Agora está para a cozinha, oh mãe a quantidade disto e daquilo, está sempre assim. Ele gosta, mas o irmão já era assim e ele foi assim aprendendo conforme o irmão, o Sujeito A está a aprender. Sobre dobrar a roupa, Sujeito A: não é assim, desmancha e ele já faz. Mesmo tomando banho, ainda hoje de manhã, tomou banho. Sujeito A passa uma água na banheira e ele já fez e o pijama para a roupa suja. Pronto qualquer um pode ir atrás dele que não apanha, como se diz, porcaria nenhuma, fica sempre tudo organizado. Sujeito A faz a cama, isso faz tu, olha a cama agora fica aberta para arejar e eu já tenho que me ir embora (a mãe riu-se). Mas aos fins-de-semana muitas vezes já faz, sem eu pedir.

E- Nas férias também?

M- Sim, mas eu acho que ele vai num bom caminho.

➤ Com o trabalho realizado por si e pela sua família com o seu educando até o momento presente, considera que trouxe benefícios ao mesmo?

M- Ele teve sorte. Ele foi um menino que teve sorte em ter a família que tem.

E- Como assim?

M- É... (pensou) ele tem muita sorte em ter a família que tem porque sempre ajudamos, sempre seguimos as orientações. Nunca viro as costas. Porque eu sei que há pais que não se ralam com nada com aquilo. Não aprende este ano, aprendes para o ano. Eu não, eu vou sempre lá ao fundo, tenho que estar sempre dentro do assunto.

E- Ele ainda agora voltou para escola e a Diretora de Turma me falou que ele era um dos que sempre respondia ao que ela perguntava. Tem também a ver com a estimulação que você deu nas férias para ele estar assim?

M- O Sujeito A trabalhou nas férias, o que podíamos fazer fazíamos tudo. Oh, Sujeito A, é férias, mas nós nuns minutos em cada dia nós temos que estudar, sempre... sempre..., ele nunca dizia não, tu és maluca como tanta gente. Tínhamos a nossa tarde para a pesca, às vezes a manhã, sempre... sempre. Sujeito A, cada um com a sua cana, Sujeito A vamos a pesca. Pronto sempre foi assim e depois estávamos a falar em tudo, é assim.

E- Como você trata o Sujeito A?

M- O Sujeito A é um amigo, porque por exemplo, nós também vamos a pesca os dois e estamos ali e conversamos de tudo, às vezes parece que não é o filho, é o amigo e com o mais velho é a mesma coisa. Às vezes me esqueço que é o filho, é um amigo que tá ali. Sempre acontece isso.

Temática V

Expectativas quanto ao futuro

➤ Quais as aspirações quando ao nível escolar e profissional do seu educando?

M- Ele agora vai estudando, portanto ele está a crescer e eu vou escutando o que ele me vai dizendo, percebe. Eu agora não estou a espera disto ou daquilo, não, eu não sou assim. Com o outro foi a mesma coisa. Eles por eles é que vão crescendo, vão aprendendo, vão dizendo. Eu não, porque eu gostaria que fosses isto ou aquilo. Eu nunca digo isso, eu vou escutando e depois quando lá chegar, oh mãe eu vou seguir isto ou aquilo não.

E- Mas você, não fica esperando, mas tem aspirações.

M- Sim, quero que ele chegue onde puder chegar. O irmão sempre foi dizendo e este também, vai começar a dizer. Como se diz há pessoas que tem aqueles sonhos. Há pessoas como vou dizer, têm aqueles sonhos, eu não. É um dia de cada vez. Ontem já passou, foi bom. Hoje está a ser melhor ainda. Eu sou assim.

E- É positiva...

M- Pois se calhar, sou... sou... Portanto aí, ele vai lá chegar.

E- Vai chegar, ele esta sempre chegando?

M- Sim e cada vez está a subir mais alto.

E- E você, quando vem a escola, as reuniões, sempre escuta coisa boas do Sujeito A, do seu crescimento, você sempre ouve coisas da sua evolução ou coisas que ele está para trás?

M- Não ele está sempre em evolução. A Diretora de Turma está sempre a me dizer coisas boas. Muitas vezes ela está a me dizer coisas novas. Muitas vezes ela está a me dizer mas eu já as sabia, mas eu não digo que eu já sabia, percebe o que eu estou a dizer. Ela está a me dar um recado, mas já não é um recado porque eu já sabia. Eu estou sempre atenta.

E- Está sempre atenta...

M- Eu só olho para ele quando chega a casa, eu já sei se o dia foi bom ou se foi mau. Eu não sei se sou diferente.

E- É uma mãe realmente atenta?

M- Estou atenta sempre. Eh prá frente sempre. Todos os dias, quando entram em casa, os meus filhos, é naquele momento, sei se estão bem ou não, com os dois, eu não sei se as outras pessoas são assim, eu sou assim. É um trabalho que eu sempre tenho. Eu estou sempre atenta. Meu marido não é tanto, como eu sou assim, mas eu acabo por chamar atenção. Não consigo deixar nada para trás, eu não sei como isso se faz, eu estou sempre atenta. Eu faço minha análise.

Temática VI

Complemento

➤ Para além do que falamos, quer referir outros aspetos que não tenhamos abordado e considere importante?

M- Não, não tenho.

E- Agradeço-lhe imenso.

M- Eu estou sempre disponível à tarde. Se precisar demais alguma coisinha, eu estou sempre lá.

E- Mais uma vez, muito Obrigado.

APÊNDICE J - Transcrição da entrevista ao encarregado de educação - Sujeito B

ENTREVISTA – ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

ENTREVISTADO: Encarregado de Educação do Sujeito B

ENTREVISTADORA: Mestranda

LOCAL: Escola EB2+3 e ES da Zona Centro

DATA: 20/10/2011 HORÁRIO: 9:30 horas DURAÇÃO: 34'12''

TEMA: Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: envolvimento parental no percurso escolar - estudo de caso comparativo”.

Temática I

Legitimação e Motivação da Entrevista

- Sou psicóloga escolar e pretendo desenvolver um trabalho de investigação no âmbito de um mestrado em Educação Especial.
Deste trabalho de investigação faz parte uma entrevista a dois Encarregados de Educação, com objetivo de recolher informações sobre alunos com diagnóstico de PHDA e a forma como a família lidou/lida com elas, sobretudo no decorrer do seu percurso escolar.
- Para tal, peço a sua colaboração, que é de extrema importância ao estudo em causa, a experiência que possui com o seu educando, permite-lhe ter conhecimento das dificuldades sentidas pela família, aquando do diagnóstico/intervenção e aquisição de competências (social, escolar...).
- Garanto-lhe o anonimato e a confidencialidade dos seus depoimentos. A informação recolhida não será utilizada para outros fins, sendo único e exclusivamente para fins de investigação.
- Para maior facilidade na análise de dados, peço permissão para fazer o registo audiográfico da entrevista.

Temática II

Identificação e Caracterização Encarregada de Educação / Agregado Familiar

- Dados pessoais do entrevistado:

Idade: 32

Escolaridade: 9.º ano de escolaridade

Profissão: Cozinheira

Grau de parentesco com o educando:

() pai (X) mãe () outro

Agregado Familiar

Agregado Familiar	Género	Idade	Escolaridade	Profissão
pai	masculino	37	4.º ano	pedreiro
mãe	feminino	32	9.º ano	cozinheira
Sujeito B	masculino	12	Frequenta o 6.º ano	estudante
irmã	feminino	20 meses	creche	creche

Temática III

Identificação e Caracterização do Sujeito/ Diagnóstico/ Inclusão

(Trajetória escolar)

- Solicitação das informações dos pontos a abordar.

Sujeito: Sujeito B

Género: Masculino

Idade: 12 anos

Escolaridade: Frequenta o 6.º ano de escolaridade

Medidas de Apoio:

E- Que medidas de apoio você sabe que ele tem ?

M- O apoio nos estudos e às vezes... bem, eu não sei, eu não sei bem, como é que ele faz os testes, mas sei, ele diz que tem apoio quando é a fazer os testes.

E-Como e em que circunstâncias foi diagnosticado a PHDA no seu educando?

SB- bom... foi agora no 5.º ano. Bom foi agora quando ele começou a ter mais, a não tar tão atento na escola.

E- Notou mais quando ele veio para o 5.º ano, e então o que é que foi feito?

SB- Bom... foi a uma consulta... ao Hospital do distrito, de psicologia, tem tido terapeuta da fala também, terapeuta..., pediatra e agora está a tomar medicação.

E- Qual a medicação que está tomando?

SB- Rubifene.

E- E essa pediatra que atendeu, a psicóloga e a terapeuta da fala, elas confirmam o diagnóstico de hiperatividade, e quando foi que você conseguiu esse diagnóstico completo, foi só agora?

SB- Foi só agora.

E- Agora...julho.

SB- agosto.

E- No meio de agosto, então você entregou no início do ano a escola.

SB- Sim, sim, tá ai a carta “(...) apresenta Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção, Concentração moderada”(...).

E- Você já tinha percepção do seu filho em relação a isso?

SB- Tinha... Que ele era um bocado mesmo, não...não, em casa a fazer os trabalhos, estava a fazer mas não, a cabeça não estava cá.

Porque era assim...quando eu comecei a namorar com o meu marido, ele tinha sobrinha que tem 8 anos de diferença do primo e então eu ajudei-a muitas vezes nos trabalhos de casa. Mesmo depois quando casei, eu é que a ajudava de vez em quando nos trabalhos de casa, pronto, não era comigo que ela estava, mas a tarde a mãe ia para a horta ou qualquer coisa e eu ficava em

casa com o Sujeito B e ajudava-a na escola e não era agora como as 5h30. Ela saía as 15h30 e então ajudava-a com os trabalhos de casa. Depois o Sujeito B, com os trabalhos dele já notei a diferença. É que ele qualquer coisinha...

E - Era diferente dela...ela era mais atenta...?

M - Era mais sossegada...mais atenta com os trabalhos de casa...

E- Então você notou que foi aqui nesta escola que foi notado mais essa falta atenção. E você como mãe?

M - Eu notava...eu cheguei a falar com o médico, na altura o médico dele de família, que é agora a pouco mais de 2 anos...que é o mesmo que o meu, que na altura eu também...era um médico que eu também não dava muitas expectativas, nem com o médico de família do pai que é o Dr. B. Nunca foi assim médico que eu confiava porque uma vez a minha irmã falou-lhe que o miúdo podia ser hiperativo, eu falei com o médico...

E - A tua irmã é educadora de infância...

M - Na altura estava a tirar o curso ainda...ainda estava a tirar o curso quando ela falou...e então eu falei com o médico e médico falou...disse que ele, era das crianças serem assim...muito rebeldes...nem foi rebelde...foi traquina...achou que era deles...não fez caso...nem quando ele teve com uma otite também não...

➤ Percurso escolar

E- Agora fale-me do percurso escolar do seu filho, na creche. Ele frequentou a creche?

M- Não, frequentou só a pré escola.

E- A pré escola... e quantos anos frequentou a pré escola?

M- Foram 3, dos 3 aos 6.

E- E como é que foi o desenvolvimento na pré escola?

M- No jardim infantil nunca se notou muito, tando lá, todos juntos, eram quase todos por igual, mesmo a educadora, houve uma das educadoras que achou que ele era muito meiguinho, muito atencioso, só que na creche não se nota tanto porque quase são iguais.

E- Quase são iguais, ativos, então não houve assim, nada, nada assim, que despertasse...

M- Não...não...

E- Défice de atenção...

M- Havia bem piores...

E- E na escola primária?

M- A professora do primeiro ano, achava que ele era muito imaturo, muito criança para a idade dele e então aconselhou que ele fosse ao psicólogo.

E- Ao psicólogo do agrupamento...

M- Do agrupamento, ele foi ao psicólogo no final do primeiro ano, senão me engano, ou no início do segundo. Não tenho certeza, mas foi qualquer coisa assim e o psicólogo notou que ele tinha... um bocado de dislexia. Só que nunca... não disse mais nada... nem recomendou nada.

E- E nessa época... a atenção, a professora falou que ele era um bocado imaturo e o psicólogo quanto a isso não disse nada.

M- Também não disse nada. Quando foi no segundo, porque todos os anos ele fazia, ir uma vez ao psicólogo... Pois foi no segundo ano que ele lá foi, depois voltou a ir mas tarde, mas os

psicólogos nunca... como, não era sempre o mesmo, era sempre um diferente, nunca disseram nada de... nem aconselharam a ir a terapeuta, nem nada.

E- Essa consulta, a professora encaminhou, depois era um hábito, com ele foi avaliado uma primeira vez, ir uma vez no início e outra no final do ano. Houve mudança de psicólogos e portanto você nunca...

M- Nunca ficou a saber. Mandavam o relatório para a escola. A última vez que ele lá foi, lá ao agrupamento, a psicóloga, era um psicólogo, na altura em que a irmã nasceu, também não me deu nada, assim de... concreto.

E- Nada... nada que fizesse pensar.

M- Nada. Porque é assim, ele começou desde que ele teve a primeira vez no psicólogo, depois como ele tinha aquele problema de dislexia.

E- A dislexia está confirmada.

M- Ele... tá. Eh.. ah... na escola começou a ter um professor pelos menos duas vezes por semana a apoiá-lo.

E- Dentro da sala de aula.

M- Dentro da sala de aula, se ele não tivesse ninguém ao pé dele, ele não fazia nada.

E- Isso só no 2.º, 3.º ano...

M- No 2.º, no 3.º e no 4.º ano.

E- Então ele teve sempre esse apoio...

M- Ele tinha um professor 2 vezes por semana que vinha dar-lhe apoio.

E- Ele não fazia nada? como assim?

M- Punha-se a olhar, não fazia os exercícios...

E- Então com ela ali, com ele ali (professor de apoio), ele fazia os exercícios...

M- Fazia.

E- Quando ele chegou ao final do... 1.º ciclo, foi tudo bem... Ele reprovou algum ano?

M- Reprovou no 3.º ano.

E- No 3.º ano, e qual foi o motivo?

M- Ahhh... porque, no primeiro período, correu tudo bem, a professora achou que ia bem. O segundo período já não lhe correu tão bem assim.

E- Mesmo como o apoio da professora?

M- Sim, sim, já, já... não, já foi, em vez de ir prá frente ia para trás. E ela então no final do segundo período disse-me que ele, ele ia ficar porque, achava que ele ia ficar porque não introduziu-se. Depois no 3.º período, se, se ele melhorasse que, mas não tinha a certeza e então ele ficou no 3.º.

E- E você sentiu que isso foi bom para ele?

M- Sim.

E- Pronto, depois foi para o 4.º ano, acabou, não houve problema nenhum, a professora não fez nenhuma observação?

M- Não, não

E- Continuou com o apoio da professora até ao final do 4.º ano. Então teve sempre um professor de apoio na sala de aula.

M- Sempre teve, pelo menos duas vezes por semana sei que ele teve, uma ou duas vezes por semana.

E- Alguma vez a professora do apoio chamou você para conversar?

M- Não.

E- E a professora dele, Você ia as reuniões?

M- Ia.

E- E qual foi assim... na reunião final, o que ela disse?

M- Nada de especial, que ele era bom aluno, só que ele de vez em quando andava com a cabeça no ar.

E- E no 2.º ciclo, foi aqui que se notou mais a distração dele...

M- Sim, sim... Foi feito uma avaliação com ele e depois foi a consulta no hospital

E- Qual foi a orientação desses profissionais de saúde? Que mais eles disseram, além da medicação?

M- Ah... a medicação por enquanto ele tá a tomar metade de manhã de um comprimido e metade a tarde.

E- Metade a tarde.

M- A hora do almoço, só durante as aulas, no período letivo, fins-de-semana, feriados, férias, não, ele não toma.

E- Além de medicação, eles deram outra orientação prá você, falaram alguma coisa...

M- Não, não.

E- Só mesmo da medicação, pediram prá voltar.

M- Foi agora lá no dia 11 de Outubro.

E- Você foi no dia 11 de Outubro...

M- Sim, sim e irá lá agora no mês, no período que vem, no início do período letivo no dia 10, levar as notas e a psicóloga pediu para levar um caderno dele, onde ele escreva.

E- Esse 11 de Outubro que você foi lá, foi mais para ver o que? o que eles queriam observar?

M- Foi mais prá ver se ele... por causa do comprimido, pronto. Prá ver se ele estava a adaptar ao comprimido, senão se era preciso subir para o comprimido inteiro de manhã e a hora do almoço, senão, por enquanto ficou igual.

E- Ele passou pela psicóloga ou pela médica?

M- Pelas duas.

E- E elas observaram a mesma coisa, que não houve necessidade...

M- Por enquanto não.

E- A informação dos profissionais de saúde chega a escola?

M- Sim, sim.

E- Nesse 11 de Outubro a diretora turma, também ficou a par.

M- Sim.

E- Os outros professores estão informados e apoiam o se filho na sala de aula?

M- Sim. Pelo menos eu acho que sim. Que ele disse que, ainda agora, aqui a dias, ele, tendo eu, sendo eu, um bocadinho... diferente, diferente, disse ele, tenho outra maneira diferente de fazer os exercícios.

E- Você perguntou e ele disse isso para você.

M- Sim, sim. Não sei que disciplina que ele mostrou o teste, mostrou assim a pressa para assinar, porque de resto, foi de manhã, já foi a pressa.

E- E há estratégias diferenciadas para o Sujeito B na sala de aula? Estratégias... forma diferente de... atuarem com ele ou é só mais esse apoio individualizado que você está falando?

M- Ai agora não sei, mas eu acho que sim, que há, que ele tá na sala de aula, tá na mesa à frente.

E- Fale sobre a atitude de comunidade educativa face a PHDA do seu filho a atitude dos professores, do auxiliares, das pessoas da cozinha. Qual é a atitude que você sente em relação ao Sujeito B?

M- Acho que é normal. Pelo menos eu não tenho queixas dele...pois que venha se queixar que o tratam mal entre outras coisas...porque ele sempre que passou-se alguma coisa, ele diz logo.

E- Normal... não observa diferenças...

M- Não.

Temática IV

Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais

(articulação escola x família)

E- Agora, eu queria falar sobre o envolvimento de vocês, família em relação ao Sujeito B, em relação aos estudos. O seu filho, ele tem horário de estudo?

M- Tem, tem, ele tem um bocadinho quando eu estou em casa, um bocadinho a tarde, depois dele vir da escola, até eu voltar a ir outra vez tem... tem..

E- Como assim?

M- Ele quando chego a casa mando-o... ele não quer... mas tem que fazer porque é assim... é o tempo que eu estou em casa... depois vou buscar a irmã e... tem que ser aquele bocadinho antes de ir buscar a irmã.

E- Mais ou menos quanto tempo?

M- Meia hora, uma hora, depende.

E- Você sai do trabalho a que horas a noite?

M- Ontem eram 22 e 20 quando saí.

E- Depende do teu trabalho. E ele cumpre esse horário?

M- Tem alturas que, que não.

E- Isso acontece muitas vezes?

M- Ele quer brincar. Eu tenho que andar sempre a chamá-lo.

E- Ele vai mais para a brincadeira.

M- É, ele tá sempre a resmungar que não pode brincar.

E- Se você então deixá-lo por conta própria as coisas não saem.

M- Não, ontem ele saiu.

E- Saiu como?

M- Ontem, ele fez sem eu lhe dizer nada.

E- Ah! ontem ele fez...

M- Acho que houve qualquer coisa que eles saíram à tarde.

E- Sem você lhe dizer nada...

M- Ah sim, mas primeiro foi a brincadeira.

E- Primeiro ele foi brincar.

M- Primeiro foi prá brincadeira, chegou e foi, foi a casa de um colega, como não tava lá a minha vizinha debaixo e já me tinha pedido para ir buscar a miúda a escola, eu disse prá ele, já que vais buscar para esses lados não te esqueças de trazer a mana prá baixo.

E- Algumas vezes ele deixou de fazer as atividades da escola, esqueceu algum material?

M- Sim, sim, algumas vezes, porque é assim... eu, perguntava e depois ele na altura... e depois à noite quando ele chegava já era tarde... é quando ele lembrava.

E- E o pai? o pai ajuda?

M- O pai é assim... ele tirou o 4.º ano, a 4.ª classe. É mais complicado, porque a matéria de agora é diferente da altura. Então torna-se mais complicado.

E- Quando você está ele consegue cumprir mais...

M- Ao fim de semana tem o pai. O pai é que impõe certas regras para ele em casa.

E- Você acha que o pai consegue?

M- Mas ele não está sempre em casa.

E-O Sujeito B é um menino que tem uma rotina diária? Por exemplo, ele vem a escola, depois ela lancha, depois tem um horário para fazer os trabalhos, para tomar banho, Ele consegue fazer essa rotina diária ou não?

M- Não! ele não tem.

E- Se você não estiver ali, ele...

M- Ai, ele não faz. Eu... quer dizer... é muito complicado... porque... é complicado mesmo para mim fazer assim essa rotina .

E- Então depende muito de você.

M- Se a gente diz que tem que ser assim ele faz. Tem alturas que faz. Mas tem alturas, se lhe der na cabeça que não é não...

E- O que vocês fazem socialmente?

M- (silêncio) Tem dias que se sai, outros dias fica-se em casa.

E- Quando vocês saem, o que normalmente vocês fazem?

M- (silêncio) Um bocadinho ao café... pouco mais...

E-Trabalho-casa.

M- Casa-trabalho.

E- É assim que é normalmente a tua vida. As saídas vossas são ao café.

M- É... tenho alguma consulta, quando fui agora para Castelo Branco, mas depois tinha que fazer em casa, fiquei por casa. Agora, 4.ª feira tenho que ir outra vez a Castelo Branco, mas isso vou eu.

E- Então nesses momentos você aproveita para relaxar um bocadinho também.

M- É.

E- faz bem?

M- Faz... (suspirou).

E- Você fala: as vezes vamos ao café, quando vou a Castelo Branco, ou vou a uma consulta, segunda-feira, vou sozinha. É muito sozinha as vezes, ou com os filhos e, com o marido?

M- Tem altura...

E- Tem alturas, mas não é sempre... Ele não participa muito socialmente com vocês, de sair com vocês.

M- As vezes saímos, ainda há tempos saímos, fomos aonde? fui a Vila (pausa) e fomos a minha mãe, fomos, fomos lá almoçar... todos... Nas férias do Sujeito B, fomos todos lá. Vamos aqui, vamos ali, não é sempre que vamos todos juntos porque não calha, mas mesmo assim ainda se sai.

E- E como é o comportamento do Sujeito B fora de casa? na comunidade, ou nas brincadeiras, pronto, outro lugar, fora de casa, na casa da avó, aonde você vai, ou quando vocês vão a Castelo Branco, como é o comportamento dele?

M- É sossegado... é calmo...

E- Como é o relacionamento dele com os colegas?

M- Não tenho queixas.

E- Não tem queixas do comportamento dele?

M- Não, não tenho, por enquanto...

E- Daquilo que você observa quando está com os amigos, você fala que ele vai muito para a brincadeira, é com os amigos? como é que você o observa? é de igual para igual?

M- É... nunca não... não tive assim nenhuma queixa dele, de ninguém a dizer que ele tratou mal, ou tratou mal aquele.

E- E ele tem responsabilidade em executar tarefas em casa?

M- Tem...

E- O que ele faz assim, especificamente, o que ele faz?

M- (pausa) arruma a louça, toma conta da irmã, isso prá ele, prá ele a irmã é o mais importante.

E- Você falou que ela tem 20 meses, e ele cuida direitinho da irmã?

M- Desde os 5 meses.

E- Desde os 5 meses, o que é que ele faz para a irmã? o que é cuidar da irmã?

M- É olhar por ela enquanto eu não tô em casa, é dar-lhe a comida, mudar-lhe a fralda, às vezes até se lembra de metê-la na banheira e dar-lhe banho.

E- Dar a comida, você deixa a comida feita e ele dá. Você nunca teve problemas quanto a isso? Ele faz direitinho?

M- Faz, e quando eu dava o peito, quando era preciso, era preciso ela mamar, pois, ele pegava-a e ia levá-la ao pé de mim para lhe dar o peito.

E- Desde pequenino. Você falou da louça, da irmã, nesse ponto ele é responsável e há outras coisas mais que ele faz?

M- Quando preciso por roupa a lavar ele mete a roupa a lavar, põe a roupa, põe detergente e tudo, põe a lavar, tira a roupa da máquina.

E- Ajuda você em casa. Sim ele já faz sem a interferência de vocês, ela já sabe, já aprendeu...

M- É só eu dizer.

E- É preciso você dizer, se você não diz, ele não faz.

M- É só preciso dizer põe-me a roupa na máquina a lavar, tem alturas até que se esquece e depois não põe, mas depois daí a bocadinho já põe, quando se lembra.

E- Como é que vocês reagem, você e o seu marido frente a responsabilização nas atividades sociais, escolares e domésticas. Como é que vocês reagem, por exemplo: você fala que ele é

responsável por isso, como é que vocês reagem quando ele não faz. Como é que vocês reagem quando ele faz, como é que vocês reagem quando ele faz isso, você por exemplo elogia, agradece? como é que é?

M- Eu elogio, eu agradeço, pois quando não faz, quando não faz é que depois... depois chego a casa e vejo que as coisas não tão feitas tenho que discutir com ele, porque, contam logo comigo prá tudo e não pode ser, tem também que fazer alguma coisa. E outras vezes até lhe digo, eu quando tinha a tua idade já fazia tudo e mais alguma coisa em casa. Pois, porque eu fiquei sem pai tinha 9 anos, tinha 9 anos quando fiquei sem pai, a minha irmã é mais nova, o meu irmão tinha 3 anos... Ah, e então, tinha os pais da minha mãe em casa doentes ... que eram doentes e a minha mãe teve que começar a trabalhar... para a família, prá nos sustentar, prá nós irmos, prá nós conseguirmos estudar e então nós tínhamos que fazer o serviço de casa, desde arrumar a roupa, desde fazer camas, desde lavar louça, desde tudo, e então eu digo muitas coisas prá ele, que eu da tua idade já fazia tudo em casa e às vezes vira-se o pai e diz: não digas assim porque ele é rapaz. Não por ele ser rapaz que vai, não vai fazer, porque eu conheço um casal nosso vizinho, da minha mãe, tem dois filhos, eles iam trabalhar e os filhos é que tratavam da casa, tratavam da comida, da roupa, faziam tudo e por ele não fazer essas coisas na casa dos pais dele, não é por isso que não se vai ensinar os filhos, sendo rapazes ou raparigas que também tem que fazer as tarefas domésticas em casa.

E- Você está me dizendo duas coisas: uma que você tenta, ele é dependente nalgumas coisas, prá ele fazer ele sei distrai e outra coisa do pai, você disse do pai: ele é rapaz, o que é que ele quis dizer com isso?

M- Que os rapazes também não devem fazer certas, tarefas em casa, pronto, porque em casa dos pais ele nunca fez.

E- E agora ele faz?

M- Faz, não é tanto como eu desejo, mas no início fazia mais do que eu esperava, agora não, não é tanto, mas sempre faz.

E- É impressão minha ou às vezes se sente cansada com essa dependência dele.

M- Sinto, às vezes eu até digo prá ele, eu canso-me contigo, por que estás sempre a espera que eu faça tudo e não pode ser, tu tens que começar tu a fazer as coisas por ti. Eu só to aqui prá te ajudar, prá te explicar, não to pra te fazer os trabalhos.

E- Você acha que o trabalho que você e o seu marido até agora fizeram com o SB, você acha que trouxe benefícios para o SB?

M- As vezes fico assim na pendura...não sei se sim, nem sei se não. Porque às vezes falo para ele e ele reage normalmente a responder mal, parece que eu fiz as coisas erradas. Outras vezes parece que ele vem, fala, faz bem, aceita bem, que não responde mal, aceita as coisas de boa mente e tudo o mais.

M- Às vezes ele julga que, ele é assim, desde que entrou pó 5.º ano que ele julga, que eu já não tenho muito direito em mexer nas coisas dele.

E- Como assim...

M- Nas coisas de escola, no telemóvel, na carteira, às vezes preciso ver qualquer coisa, tu não podes, não mexes nas minhas...

E- Como é que você reage?

M- Eu, digo assim: mas tu julgas que eu, tu só tens 12 anos, ainda não tens 18, para ser maior de idade. Eu tenho do direito e dever de mexer nas tuas coisas. Tu nas minhas não, mas eu nas tuas tenho. Ele cala-se, há outras vezes ainda responde.

Temática V

Expectativas quanto ao futuro

E - Você tem aspirações com o Sujeito B a nível de escolar e profissional? O que é que você sonha para ele? O que é que você imagina?

M - Eu profissão, assim, não penso em nada para ele...mas que seja melhor que eu. Já que eu não consegui tirar o curso, que eu tentei tirar o curso de informática na escola profissional só que não consegui acabar o curso como ficou um ou dois módulos para trás. Depois foi na altura que eu também engravidei e tudo o mais já não deu para o tirar, então ficou bloqueado, só tenho o 9º ano. Espero que ele alcance ainda mais.

Ele ainda não disse o queria seguir, mas sei, mas sei que ter o 12.º e que se quiser seguir continuar prá frente, mas que tire o 12.º.

E- Esse aí é o teu objetivo, mesmo que ele não vai seguir, o 12.º, tá claro prá você que ele vai...

M- Tem que ser por que senão...

E- Por que senão...

M- Por senão, hoje sem o 12,º ano eu não vejo assim agora grandes opções.

E- Hoje sem o 12.º é mais complicado?

M- Antes era o 9.º ano, agora é mais o 12.º. Eu acho que sim, sem o 12.º que...que é mais complicado, agora é seguir em frente.

Temática VI

Complemento

E- E para além do que falamos aqui, você quer refletir outros aspetos que não tenhamos abordado e considere importante?

M- Não.

E- Então te agradeço imenso. Obrigado por você me ter ajudado. Obrigado, mas obrigado mesmo...

APÊNDICE L - Transcrição da entrevista à diretora de turma - Sujeito A

ENTREVISTA – DIRETORA DE TURMA

ENTREVISTADO: Diretora de Turma (Sujeito A)

ENTREVISTADORA: Mestranda

LOCAL: Escola B2+3 e ES da Zona Centro

DATA: 29/09/2011

HORÁRIO: 11:00 Horas

DURAÇÃO: 32´

TEMA: “Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: envolvimento parental no percurso escolar - estudo de caso comparativo”.

Temática I

Legitimação e Motivação da Entrevista

- Sou psicóloga escolar e estou a desenvolver um trabalho de investigação no âmbito de um mestrado em Educação Especial.
Deste trabalho de investigação faz parte duas entrevistas a Diretora de Turma, com objetivo de recolher informação sobre dois alunos com diagnóstico de PHDA, da sua direção de turma e a forma como a família lidou/lida com elas, sobretudo no decorrer do seu percurso escolar.
- Para tal, peço a sua colaboração, que desde já agradeço, sendo de extrema importância para o desenvolvimento do estudo em causa. A vivência que possui com o Sujeito, permite-lhe ter conhecimento das dificuldades sentidas pela família, aquando do diagnóstico/intervenção e aquisição de competências (social, escolar...).
- Garanto-lhe o anonimato e a confidencialidade dos seus depoimentos. A informação recolhida não será utilizada para outros fins, sendo único e exclusivamente para fins de investigação.
- Para maior facilidade na análise de dados, peço permissão para fazer o registo audiográfico da entrevista.

Temática II

Identificação e Caracterização do Entrevistado

- Dados pessoais do entrevistado:

Idade: 40

Género: Feminino

Formação Geral: Licenciada no Ensino do Inglês e Português - 2.º Ciclo

Formação Específica: Não tenho

Tempo de Serviço: 22.º ano

Formação no âmbito das NEE: Não, apenas duas disciplinas no currículo.

Temática III

Identificação e Caracterização do Sujeito/ Diagnóstico/ Inclusão

(Trajetória escolar)

- Solicitação das informações dos pontos a abordar.

Sujeito: Sujeito A

Género: masculino

Idade: 12 anos

Escolaridade: Frequenta o 6.º ano de escolaridade

Medidas de Apoio:

DT- Beneficiou no ano letivo das medidas n.º 2, do art. 16.º do Decreto-lei n.º 3 de 7 de Janeiro de 2008, nomeadamente: art. 17.º (apoio pedagógico personalizado: reforço das estratégias utilizadas ao nível da organização, do espaço e das atividades; estímulo e reforço das competências e aptidões envolvidas na aprendizagem; antecipação e/ou reforço da aprendizagem de conteúdos lecionados e desenvolvimento e/ou reforço de competências gerais de aprendizagem e/ou específicas); art. 18.º (adequações curriculares- respeitam as orientações curriculares competências essenciais das disciplinas a Língua Portuguesa, Inglês e Matemática) e art. 20.º (adequações no processo de avaliação: tipo de prova; instrumentos de avaliação e/ou certificação; formas e meios de comunicação e periodicidade e meios de comunicação). Ainda, apoio na sala de estudo a disciplina de Matemática (faz a leitura das medidas transcritas no Programa Educativo Individual).

E- Tem conhecimento de como a família e a escola chegaram ao diagnóstico da PHDA do Sujeito?

DT- Portanto, por aquilo que eu sei no processo, o historial dele é que logo aos 5 anos ele andava na pré ainda, foi considerado pela professora que o tinha na turma, que ele era um menino muito inquieto, não conseguia estar sossegado, a partir daí foi encaminhado para a consulta de desenvolvimento e aí foi diagnosticado a hiperatividade.

E- E como você sabe desse diagnóstico.

DT- Está tudo documentado.

- O que sabe do percurso escolar do Sujeito:

E- Você sabe como foi o percurso escolar do Sujeito A na pré escola.

DT- Portanto, eu sei estas informações, ele não conseguia estar sossegado, que não conseguia aprender como os outros. Foi a própria pré-escola quem encaminhou para a consulta do desenvolvimento, foi aí que foi percebido e foi aí que foi feito o diagnóstico. Ele tinha um desenvolvimento global lento, portanto, era um menino que não conseguia estar quieto.

- no 1.º Ciclo

E- E depois, como foi a entrada dele no 1.º ciclo?, deu-se forma natural?

DT- Portanto, ele já ia com as recomendações mas não foi fácil porque ele reprovou, durante o 1.º ciclo duas vezes.

E- Ele chegou a reprovar...

DT- Reprovou uma vez, ano letivo 2006/2007, ele repetiu. Ele teve uma retenção no primeiro ciclo e no Jardim Infantil ficou um ano a mais, foi adiada a matrícula dele em função dos comportamentos dele. Achou-se que ele não tinha maturidade suficiente.

E- Depois continuou a escolaridade no 1.º ciclo, como foi?

DT- Eu acho que foi adequada, portanto, eu acho que foram tomadas as medidas das profissionais adequadas.

- no 2.º Ciclo

E- E agora no 2.º ciclo já é do seu conhecimento, você foi Diretora de Turma dele.

DT- Sim, o ano passado e sou este ano. Portanto, a mãe falou comigo logo no início. Portanto, eu tinha esta documentação toda e a mãe veio falar comigo, explicar que o Sujeito A era uma criança especial, que precisava de um acompanhamento especial, porque em termos de comportamento, tinha um comportamento normal, desde que era medicado, mas em termos de aprendizagem havia coisas que eram difíceis para ele aprender, a organização dos cadernos também era complicado, os erros que ele dá são muitos. Portanto, a mãe explicou essa situação...

E- Ele dá muitos erros...

DT- Sim, também é referido nos documentos que ele é portador de dislexia e disgrafia.

E- Então quando a mãe veio falar consigo trazia essa documentação....

DT- Não, ela referiu apenas, porque a documentação veio com o seu processo da escola primária.

E- Sentiu a mãe consciente da problemática do filho?

DT- Sim, sim, muito.

E- Muito a vontade, para falar do assunto, sabia do que ela estava falando?

DT- Sabia, sabia, ela estava muito bem informada. E já a conhecia porque tinha sido Diretora de Turma do filho mais velho. Portanto, ela explicou-me muito bem.

➤ Qual a orientação dos profissionais da saúde?

E- E qual foi a orientação que ela tinha dos profissionais de saúde. O que ela disse sobre isso?

DT- Ah... o que ela disse para ela própria?

E- Não, qual foi a orientação que os profissionais de saúde deram?

DT- Em termos de comportamento disseram que o Sujeito A tinha o comportamento controlado desde que era medicado. Comportava-se bem e isso tudo, portanto, depois tinha aquelas dificuldades de aprendizagem.

E- Quanto a medicação, ele faz medicação...

DT- Sim faz.

E- Ele toma com regularidade?

DT- E é responsável por isso quando tem que tomar cá na escola, ele é responsável, a mãe explicou isso.

➤ A informação dos profissionais da saúde chega à escola? como?

E- Você percebe que toda a informação dos profissionais de saúde chega a escola? tudo o que é feito pelo que você já leu anteriormente no se processo?

DT- Sim chega e há uma boa orientação nesse sentido.

➤ Os professores estão informados e apoiam o Sujeito na sala de aula?

E- os professores estão informados e eles apoiam o Sujeito A na sala de aula?

DT- Sim, sim, os professores nos Conselhos de Turma, a situação é explicada, a situação do Sujeito A e dão-lhe o apoio que ele necessita.

➤ Há estratégias diferenciadas para o Sujeito na sala de aula?

E- Há estratégias diferenciadas para o Sujeito A na sala de aula? Por saber que ele necessita de medidas de apoio, há estratégias diferenciadas para ele na sala de aula ou ele é tratado com naturalidade...

DT- Ele é tratado com naturalidade e vai acompanhando a aula normalmente, só que ele precisa de um apoio, por exemplo, devido aos erros, às vezes ele não entende bem as perguntas, é preciso estar mais ao pé dele e explicar várias coisas porque ele não está a entender bem como se faz. Além do défice de atenção que ele tem, que é controlado pela medicação, ele também tem dislexia e disortografia, dá muitos erros e os professores leem para ele compreender e interpreta melhor.

E- Isso a todas as disciplinas?

DT- Sim, sim.

E- Os professores...

DT- Sim, sim, os professores estão conscientes disso.

➤ Fale sobre a atitude da comunidade educativa face à PHDA do Sujeito.

E- A atitude da comunidade educativa. Quando eu estou falando da comunidade educativa, estou falando dos alunos, dos professores, dos auxiliares. Como é a atitude desses profissionais com o Sujeito A?

DT- Eu acho que o Sujeito A se sente muito bem aqui. Eu acho que toda a gente o trata normal, ele está bem integrado, os colegas o tratam como um colega qualquer, não é, portanto, têm também conhecimento das dificuldades que ele tem mas tão sempre dispostos a ajudar, portanto, não se nota que eles ajam diferente.

E- A comunidade educativa está disposta a ajudar porque o Sujeito A...

DT- No grupo não se nota, a diferença nota-se sobretudo na sala de aula. Em grupo vai por aí com os colegas, anda pelos corredores a brincar....

E- Então quer dizer que ele tem um comportamento adequado...

DT- Sim. Ele não é uma criança tímida, fala normalmente com os outros, com os adultos.

E- E você como profissional pelo acompanhamento descrito no seu processo desde a pré escola, a nível médico, a nível de escola, a mãe seguindo todo esse planeamento. Você acha que ajudou o Sujeito A no ponto em que ele se encontra hoje.

DT- Sim, sem dúvida, eu acho que sim, portanto, ele sempre sentiu que os outros a volta dele o entendem, não é, portanto, eu acho que ele nunca se sentiu diferente sendo diferente, porque foram tomadas as medidas necessárias no momento certo.

E- E isso é muito importante...

DT- E é. O acompanhamento dos pais é muito importante. A mãe está bastante inteirada, coloca-se sempre a disposição para o que for preciso.

Temática IV

Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais

(articulação escola x família)

- O Sujeito tem horário de estudo? Cumpre-o? Os pais acompanham-no nas atividades escolares? Como?

DT- Tem, tem...

E- Ele cumpre os horários. Os pais acompanham-no nas atividades....

DT- Tratam-no muito, como é que eu ei de explicar. Têm consciência das dificuldades dele, mas não se servem disso para ele não ter que cumprir as tarefas que tem que cumprir como toda a gente.

- Considera que o Sujeito tem uma rotina diária em casa?

DT- Portanto, ele em casa tem horários para estudar, tem horários para tudo, tem regras e portanto, cumpre-as, e isso nota-se que ele é um miúdo que tem regras e que tem que cumprir.

Eu até acho que a mãe faz outro trabalho que é muitos exercícios, o que ele fez na escola ela diz para ele voltar a fazer em casa e ele faz com ela novamente.

E- E sente pelo que ela fala que ele cumpre mesmo?

DT- Sim, segundo ela, ele já entrou nessa rotina diária em termos de escola, na higiene dele e outras coisa mais. Ela o orienta muito bem.

- Descreva o comportamento do Sujeito na sala de aula? e nas atividades realizadas na comunidade educativa (visita de estudo, atividades lúdicas...)?

E- Acha que o João tem um comportamento adequado dentro da sala de aula, acha que ele participa, ele pergunta? ele participa como um menino normal?

DT- Sim. Fora as dificuldades que ele tem, a participação dele é como os outros.

E- E quando há atividades que são realizadas na comunidade educativa... estou falando por exemplo de atividades como o dia das bruxas, ou uma festa qualquer...

DT- A participação dele é como a dos outros, nas visitas de estudo, nas atividades lúdicas..., ele participa com os outros, ele é impecável. Está bem integrado.

- Como é o relacionamento com os colegas?

DT- Ele pelo que me parece é tem um bom relacionamento. Vejo os colegas tratarem-no como tratam os outros, não o tratam diferente. E penso que é um relacionamento normal.

- É responsável na execução das atividades realizadas em sala de aula? Especifique quais as atividades que realiza sem interferências de outras pessoas.

DT- Ele é responsável sim, trás os livros, não trás falta de material, faz os trabalhos, ele é responsável.

E- Você disse que tem que apoiá-lo...

DT- Sim, individualmente muitas vezes.

E- Mas há muitas atividades que ele realiza sem interferência dos professores.

DT- Exatamente, e não tem problema nenhum em perguntar e dizer que não está a entender. Se posso explicar novamente, não tem problema nenhum.

Mas o que eu acho bom no Sujeito A é que ele nunca se mostra desmotivado. Ele mantém, a gente olha para ele e vê que ele pode ter dificuldades, mas ele está interessado naquilo que ele está a fazer.

E- Você percebe isso como...

DT- Ele não fica assim a olhar para o ar, está a fazer aquele exercício, ele está a fazer com as dificuldades que ele possa ter, mas ele está a fazer. Não se olha para ele e vê-o assim aborrecido por estar na aula. Não... tá ativamente na aula.

E- Como assim...

DT- Porque há alunos na turma que também tem algumas dificuldades, não tão graves como ele, como os problemas dele, quem muitas vezes estão desmotivados, às vezes aproveitam o tempo para brincar com a borracha, como lápis e canetas e ele realmente não. Nota-se que se mantém interessado naquilo que está a fazer, naquilo que estamos a fazer.

➤ Como percebe os pais frente a responsabilização das atividades sociais, escolares e domésticas? Faz sempre os TPC's?

DT- Pronto, eu acho que ele é assim porque os pais impuseram regras desde pequeno.

E- Ele tem que seguir as regras.... fazer os TPC's...

DT- Ele não tem forma de fugir. Portanto, ele é tratado como outro qualquer, como outra criança qualquer. Ele tem as responsabilidades dele, tem que as cumprir.

➤ Com o trabalho realizado pela escola (professores, auxiliares da ação educativa, técnicos) com o Sujeito até o momento presente, considera que trouxe benefícios ao mesmo?

E- Você considera que o trabalho realizado pela escola desde a pré escola, trabalho do 1.º ciclo e agora aqui no 2.º ciclo, todo o trabalho realizado pelos professores, auxiliares da ação educativa, com o Sujeito A até o momento presente trouxe benefícios para ele?

DT- Ah com certeza, trouxe benefícios. Ele, eu até noto, como eu de explicar, ele está mais rápido no raciocínio. Fazia-lhe perguntas assim sobre o material do ano passado, ele tem respondido, até mais rápido do que alguns colegas.

E- E você acha, acha... acha que ele continuou a trabalhar nas férias...

DT- Acho, acho. Com certeza a mãe trabalhou com ele nas férias.

E- Sobre isso o que você tem a dizer...

DT- Acho que apesar das dificuldades que ele tem, acho que ele vai chegar mais longe do que os meninos ali na turma que não têm dificuldades nenhuma. Os pais trabalham com ele em casa, não se acomodam, sobretudo a mãe, pela sua disponibilidade. Falei com todos os pais da turma..., da importância de trabalharem com os filhos nas férias, percebi que ele foi um dos poucos que os pais trabalharam.

E- Mesmo em relação aos professores da turma... Sente que eles partilham dessa opinião também?

DT- Na generalidade sim, acho que toda a gente tem essa consciência.

Temática V

Expectativas quanto ao futuro

➤ Observa aspirações dos pais quando ao nível escolar e profissional do Sujeito?

DT- Eu acho que o outro irmão que ele tem, era um rapaz muito inteligente, chegou ao fim do secundário e foi para a Universidade. Acho que para a mãe, ela pensa que ele realmente não conseguirá chegar a universidade não é, porque penso que foi isso que ela transmitiu, mas de qualquer forma ela vai continuar a insistir para ele chegar o mais longe que ele puder. Se ele não puder chegar a universidade poderá chegar até o 9.º ano, até ao 12.º ano porque a escolaridade é até ao 12.º ano e depois fará um curso técnico. Não sei... provavelmente.

Temática VI

Complemento

- Para além do que falamos, quer referir outros aspetos que não tenhamos abordado e considere importante?

DT- Foi o primeiro aluno que eu tive hiperativo, normalmente, os hiperativos estão ligados a má educação, a falta de regras e ao desinteresse. E esta criança representa exatamente o oposto. É um hiperativo que é uma criança educadíssima, é organizado, portanto, não tem nada a ver com os hiperativos que conheço até hoje. Portanto, só há coisas positivas a dizer dele.

APÊNDICE M - Transcrição da entrevista à diretora de turma - Sujeito B

ENTREVISTA – DIRETORA DE TURMA

ENTREVISTADO: Diretora de Turma (Sujeito B)

ENTREVISTADORA: Mestranda

LOCAL: Escola EB2+3 e ES da Zona Centro

DATA: 29/09/2011

HORÁRIO: 14:35

DURAÇÃO: 25´

TEMA: “Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: envolvimento parental no percurso escolar - estudo de caso comparativo”.

Temática I

Legitimação e Motivação da Entrevista

- Sou psicóloga escolar e estou a desenvolver um trabalho de investigação no âmbito de um mestrado em Educação Especial.
Deste trabalho de investigação faz parte duas entrevistas a Diretora de Turma, com objetivo de recolher informação sobre dois alunos com diagnóstico de PHDA, da sua direção de turma e a forma como a família lidou/lida com elas, sobretudo no decorrer do seu percurso escolar.
- Para tal, peço a sua colaboração, que desde já agradeço, sendo de extrema importância para o desenvolvimento do estudo em causa. A vivência que possui com o Sujeito B, permite-lhe ter conhecimento das dificuldades sentidas pela família, aquando do diagnóstico/intervenção e aquisição de competências (social, escolar...).
- Garanto-lhe o anonimato e a confidencialidade dos seus depoimentos. A informação recolhida não será utilizada para outros fins, sendo único e exclusivamente para fins de investigação.
- Para maior facilidade na análise de dados, peço permissão para fazer o registo audiográfico da entrevista.

Temática II

Identificação e Caracterização do Entrevistado

- Dados pessoais do entrevistado:

Idade: 40

Género: Feminino

Formação Geral: Licenciada no Ensino do Inglês e Português - 2.º Ciclo

Formação Específica: Não tenho

Tempo de Serviço: 22.º ano

Formação no âmbito das NEE: Não, apenas duas disciplinas no currículo.

Temática III

Identificação e Caracterização do Sujeito/ Diagnóstico/ Inclusão

(Trajetória escolar)

- Solicitação das informações dos pontos a abordar.

Sujeito: Sujeito B

Género: masculino

Idade: 12 anos

Escolaridade: Frequenta o 6.º ano de escolaridade

Medidas de Apoio:

Beneficiou no ano letivo anterior das medidas n.º 2, do art. 16.º do Decreto-lei n.º 3 de 7 de Janeiro de 2008 (2008), nomeadamente: art. 18.º (adequações curriculares a Língua Portuguesa, Inglês e Matemática) e art. 20.º (adequações no processo de avaliação). Ainda, apoio na sala de estudo as disciplinas de Matemática e Inglês (leu as medidas transcritas no seu Programa Educativo Individual).

- Tem conhecimento de como a família e a escola chegaram ao diagnóstico da PHDA do Sujeito?

DT- Pelo historial dele eu percebo que, foi também logo quando ele era muito novito, quando ele foi para o primeiro ano que se percebeu que ele se desconcentrava, que era imaturo, que demorava a realizar as atividades, portanto no primeiro ano.

E- Ai já foi feito o diagnóstico, já houve um diagnóstico médico?

DT- Não foi só um levantamento das suas dificuldades.

E- Por quem foi feito esse levantamento?

DT- Pela professora dele. Depois foi avaliado pelo psicólogo do Agrupamento de escolas no ano seguinte, mas continuou a não haver essa articulação entre os profissionais todos.

E- Mas ele foi a alguma consulta, teve alguma orientação médica?

DT- Não penso que não, apenas o relatório do Psicólogo do Agrupamento. Penso que o relatório referenciou as dificuldades dele ao nível da leitura e da escrita e foi proposto para beneficiar de um Plano Educativo Individual, de acordo com o Decreto-Lei 319, em vigor na época.

- O que sabe do percurso escolar do Sujeito:

- na creche

DT- Aqui no PEI dele faz referência que ele não frequentou a creche, ficou com a mãe em casa, até a altura dele ir para a pré-escola.

- na pré-escola

DT- Penso que ele frequentou os três anos e aqui não há nenhuma referência sobre algum comportamento.

E- Como assim.

DT- Acho que fez uma adaptação normal pelo que li.

- no 1.º Ciclo

E- E no primeiro ciclo?

DT- Ele também ficou retido no 3.º ano. Teve sempre muitas dificuldades, teve um plano de acompanhamento.

E- Ele chegou a beneficiar no 1.º ciclo de Medidas do Ensino Especial.

DT- Sim beneficiou ainda no 2.º ano de escolaridade, teve adaptações curriculares e apoio pedagógico acrescido.

No ano a 2007/2008, ele também beneficiou de adaptações curriculares e adaptações curriculares e condições especiais de avaliação e apoio pedagógico acrescido.

Depois no terceiro ano ficou retido e no ano seguinte teve plano de recuperação.

E- Então ele foi um aluno com algumas dificuldades na aprendizagem...

DT- Sim e essas orientações foram dadas sempre pela escola, como eu pude observar no processo vindo do primeiro ciclo. Ele me parece que não foi as consultas de desenvolvimento. Durante o primeiro ciclo, a responsabilidade da sua avaliação e acompanhamento foi da escola.

E- Então apesar das dificuldades não se observou um diagnóstico de PHDA...

DT- Não, não. Não há nada por escrito, nenhum documento.

- no 2.º Ciclo

E- E no 2.º ciclo, como foi o seu percurso escolar, que diz mais respeito a si por ter sido Diretora de Turma dele no ano passado e neste ano.

DT- Ele foi um aluno que revela muitas dificuldades. É uma criança que lê muito mal, dá muitos erros, escreve muito mal e não tem motivação para fazer melhor.

E- Motivação...

DT- Ele não tem motivação para fazer melhor. E como não consegue fazer melhor está sempre a falar com os colegas do lado e do outro, apesar de o ter colocado sozinho a frente mas, portanto, ele está sempre a perturbar. A volta dele, ele está sempre a interagir com os outros, a perturbar mesmo.

E- Só para me situar, você é professora dele a que disciplinas?

DT- Língua Portuguesa e Inglês.

E- Então ele acaba por não ter uma sequências nos conteúdos.

DT- Sim, nas outras disciplinas é a mesma coisa. Depois não trás o material muitas vezes, trabalhos de casa, não faz. É assim uma criança difícil.

E- Foi feita alguma avaliação no 2.º ciclo?

DT- Foi feita uma avaliação pela psicóloga e o Conselho de Turma e a partir daqui a mãe foi orientada a que ele tivesse uma consulta de desenvolvimento.

E- Essa orientação foi feita quando?

DT- Foi feita no 1.º período.

E- E ele foi a essa consulta? Veio alguma informação dessa consulta?

DT- Só agora em setembro. Portanto só agora é que a mãe nos entregou uma carta vinda da consulta do desenvolvimento em que diz que realmente o aluno necessita de ser medicado, porque realmente tem um Déficit de Atenção. Aqui está a carta que a mãe entregou.

E- Pode ler o que está escrito...

DT- Esta carta é do dia nove de agosto e foi entregue no primeiro dia de aulas. “Observamos o aluno Sujeito B, por apresentar Perturbação de Hiperatividade e Déficit de Atenção Concentração Moderada, pelo que necessita de estratégias pedagógicas comportamentais dirigidas às suas dificuldades e vai iniciar metilfenidato (...)”.

➤ Qual a orientação dos profissionais da saúde?

➤ A informação dos profissionais da saúde chega à escola? como?

DT- Foi apenas orientado pelo psicólogo do Agrupamento, portanto é uma criança com necessidades educativas especiais que foi integrado no Decreto-Lei 319, mas medicamente não tinha orientação nenhuma e agora da Consulta de Desenvolvimento.

E- Você acha que a informação não veio dos profissionais de saúde por falta da mãe ou faltou orientação a mãe?

DT- A mãe coitada é uma pessoa muito ocupada, tem uma menina mais pequena, mas eu penso que na altura que nós a orientamos ela foi logo ao médico de família, mas só que estas consultas não é fácil muitas vezes serem logo marcadas. Eu penso que a partir do momento que foi logo marcada, ela sempre foi. Portanto eu acho que o atraso não se deu dela. Penso que no primeiro Ciclo ele não teve essa orientação de ir a uma consulta do desenvolvimento.

E- Houve uma orientação da escola e uma avaliação psicológica.

DT- Sim, penso que o atraso não se deve a ela a partir do momento que a encaminhamos marcou logo a consulta e penso que foi apenas lá em Castelo Branco a demora. Penso que o diagnóstico demorou porque não houve orientação a mãe.

➤ E os professores estão informados e apoiam o Sujeito na sala de aula? como o apoiam?

DT- Estão informados, toda a documentação do Sujeito B é discutida por todos em todos os Conselhos de Turma, portanto os professores estão informados e apoiam o aluno individualmente na sala de aula.

➤ Há estratégias diferenciadas para o Sujeito na sala de aula?

DT- Sim, cada professor, portanto, enumera as suas estratégias e usa-as para que ele esteja mais atento.

E- Ele só tem problemas de atenção?

DT- Tem também problemas na leitura e na escrita. Ele tem dislexia, disgrafia e disortografia.

E- Como é a leitura e compreensão dele...

DT- Muito má.

E- Quando os professores leem para ele, ele entende bem?

DT- Mesmo assim ele não entende, não compreende.

➤ Fale sobre a atitude da comunidade educativa face à PHDA do Sujeito.

E- Qual é a atitude da comunidade educativa face à PHDA do Sujeito B.

DT- Agem com ele, portanto, é um bocadinho tareco, mas agem com ele em conformidade.

E- Ele acaba por não ser mal educado.

DT- Não, mal-educado ele não é.

E- Tareco... você quis dizer o que com tareco.

DT- Disperso, mexido. Se falamos com ele, ele ouve mas passado alguns minutos ele volta a dispersar-se sem perceber. Eu acho que ele não tem noção de qual é o comportamento correto, simplesmente ele não consegue. Agora que ele está a ser medicado é que se nota alguma diferença.

E- Começou a ser medicado.

DT- Já, já, começou na 2.ª feira, já se nota alguma diferença. Ele me disse ontem que não gosta nada de tomar o comprimido a hora do almoço porque fica cheio de sono. E depois eu expliquei-lhe que era normal, prá ele estar mais atento nas aulas, que ele deve tomar.

Temática IV

Envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais

(articulação escola x família)

- O Sujeito tem horário de estudo? Cumpre-o? Os pais acompanham-no nas atividades escolares? Como?

E- Agora falando do envolvimento familiar em casa, na escola e nas atividades sociais... acha que ele tem horário de estudo? Cumpre-o? Os pais acompanham-no nas atividades escolares? Como?

DT- Não, acho ele é uma criança desacompanhada em casa em termos dos pais. Portanto a mãe, portanto, a mãe sei que trabalha até tarde, sei que trabalha num restaurante e trabalha até tarde. O pai acho que muitas vezes está em casa, mas acho que não lhe é exigido. Acho que da escola sequer lhe é perguntado nada, se há trabalho, se tem que fazer trabalhos, se já arrumou a pasta para o dia seguinte. Eu acho que esta criança é deixada um pouco por conta própria.

E- Ele trás sempre os materiais necessários para escola...

DT- Não, há muitos dias em que se esquece. Ele esquece ou o livro de português, ou de Inglês, ou de Matemática, muitas vezes.

- Considera que o Sujeito tem uma rotina diária em casa?

E- Diante do que está me dizendo, considera que ele tem uma rotina diária em casa?

DT- Não, não tem. Vê-se por exemplo, mesmo em termos de higiene, da roupa, do corpo, vê-se que é uma criança que não vem limpo muitas vezes, a roupa não vem limpa muitas vezes.

E- Muitas vezes....

DT- Até as vezes é desadequada a roupa. Às vezes está frio, ele trás roupa insuficiente para aguentar o frio.

E- Há ocupação excessiva da mãe para com o trabalho, ou desorientação da mesma...

DT- Acho que tem de haver uma desorientação. Pronto, eu sei que a senhora não está em casa muito tempo não e então não se consegue organizar, não sei, nota-se que a criança não está organizada.

- Descreva o comportamento do Sujeito na sala de aula? e nas atividades realizadas na comunidade educativa (visitas de estudo, atividades lúdicas...)?

E- E sobre o comportamento na sala de aula.

DT- Ele é inquieto, ele é disperso, ele atrapalha os outros, ele não para.

E- E nas atividades realizadas na comunidade educativa, visitas de estudo, atividades lúdicas, recreativas...

DT- A inquietude dele atrapalha-o mais nas atividades escolares, ele perde a sequência dos conteúdos por não estar atento. Em disciplinas mais praticas acho até que tudo se passa normalmente, mas nas disciplinas teóricas é mais desatento.

- Como é o relacionamento com os colegas?

E- E no relacionamento com os colegas?

DT- É bom, por acaso aquela turma dele dão-se todos muito bem, não vejo ali grande conflitos. Há mais conflitos entre eles, nestas idades, por exemplo dos rapazes com as raparigas, mas entre eles, nestas idades até se dão, é rapazes com rapazes e raparigas com raparigas. Entre os rapazes não vejo grandes conflitos.

- É responsável na execução das atividades realizadas em sala de aula? Especifique quais as atividades que realiza sem interferências de outras pessoas.

DT- Não, ele muitas vezes não quer fazer, mostra-se desmotivado, diz que é aborrecido, agora não me apetece fazer isto, tem atitudes deste tipo.

E- E há atividades que realiza sem interferências de outras pessoas, por exemplo os professores.

DT- Em termos de leitura e de escrita posso dizer que sim, por exemplo, se ele tiver um computador a frente ai ele não precisa, é uma atividade que em si, já o motiva. Se ele tiver uma atividade que fazemos às vezes no computador, uma pesquisa sobre certos temas, ai já não há problema nenhuma, ele ai já se mostra motivado.

E- Ele manuseia bem o computador?

DT- Sim, mesmo que depois o produto final não seja extremamente correto, vamos dizer assim, mas ele faz. O computador em si já o motiva.

- Como percebe os pais frente a responsabilização das atividades sociais, escolares e domésticas? Faz sempre os TPC's?

DT- O que foi dito pela encarregada de educação é que ele é realmente uma criança que não consegue estar quieta. Agora foi pedido essencialmente a encarregada de educação que ele tivesse um acompanhamento, que ele tivesse regras, mas acho que ali não é muito possível, devido ao trabalho da mãe, o pai também, as vezes está, outras vezes não está... Também não percebo muito bem a dinâmica.

E- Não percebo muito bem a dinâmica...

DT- O que se pode pensar é que esta criança é muito responsável, não em termos de escola, mas sabemos que ele tem uma irmã pequenita e muitas vezes toma conta dela. Muitas vezes... e ele é responsável ai.

E- Parece que falta orientação...

DT- Essa falta de orientação dos pais ativa a sua desorganização, a falta de concentração, a sua falta de regras. Tem falta de vontade... de motivação...

- Com o trabalho realizado pela escola (professores, auxiliares da ação educativa, técnicos) com o Sujeito até o momento presente, considera que trouxe benefícios ao mesmo?

DT- Pode melhorar em termos de aproveitamento da escola, mas ainda não vejo orientação adequada. Só a medicação não seria suficiente, é preciso o apoio paralelo dos pais.

Temática V

Expectativas quanto ao futuro

- Observa aspirações dos pais quando ao nível escolar e profissional do Sujeito?

DT- Não revelam aspirações. Nem falam sobre isso.

Temática VI

Complemento

- Para além do que falamos, quer referir outros aspetos que não tenhamos abordado e considere importante?

DT- O Sujeito B, o Sujeito B é uma criança doce, é verdade. Ele é doce, ele não é mal-educado. Tem realmente esses problemas de não conseguir estar quieto e calado. Acho que as vezes os professores não sabem bem o que lhe ão de fazer por causa disso.

Mas portanto, agora, desde que está sendo medicado, esperemos também que esse comportamento mude e também permita avançar em termos de escolaridade.

E- Por ele ser doce, é uma criança que cativa os professores?

DT- Sim, acho até aqui que o único prejudicado é ele próprio. Ele é que tem sido prejudicado. Faltou também ação no seu desenvolvimento, sobretudo ação familiar.

APÊNDICE N - Validação da transcrição da entrevista - Sujeito A

██████████, 04 de janeiro de 2012.

De acordo com a leitura realizada à entrevista ao meu educando, Sujeito A, aluno matriculado no 6.º ano de escolaridade (ano letivo 2011/2012), no dia 28 de Setembro de 2011, a Luzia Sequeira Martins Romanini, aluna a frequentar o curso de Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo Motor - ministrado no Instituto Politécnico de Castelo Branco, concordo com a transcrição realizada, estando de acordo com as respostas dadas por ele (duração: 30').

A Mãe do aluno

APÊNDICE O - Validação da transcrição da entrevista - Sujeito B

██████████, 04 de janeiro de 2012.

De acordo com a leitura realizada à entrevista ao meu educando, Sujeito B, aluno matriculado no 6.º ano de escolaridade (ano letivo 2011/2012), no dia 28 de Setembro de 2011, a Luzia Sequeira Martins Romanini, aluna a frequentar o curso de Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo Motor - ministrado no Instituto Politécnico de Castelo Branco, concordo com a transcrição realizada, estando de acordo com as respostas dadas por ele (duração: 27´45´´) .

A Mãe do aluno

APÊNDICE P - Validação da transcrição da entrevista - encarregado de educação Sujeito A

██████████, 04 de janeiro de 2012.

De acordo com a leitura realizada à entrevista sobre o meu educando, Sujeito A, aluno matriculado no 6.º ano de escolaridade (ano letivo 2011/2012), no dia 03 de Outubro de 2011, a Luzia Sequeira Martins Romanini, aluna a frequentar o curso de Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo Motor - ministrado no Instituto Politécnico de Castelo Branco, concordo com a transcrição realizada, estando de acordo com as respostas dadas por mim (duração: 38').

A Mãe do aluno

APÊNDICE Q - Validação da transcrição da entrevista - encarregado de educação Sujeito B

██████████, 04 de janeiro de 2012.

De acordo com a leitura realizada à entrevista sobre o meu educando, Sujeito B, aluno matriculado no 6.º ano de escolaridade (ano letivo 2011/2012), no dia 20 de Outubro de 2011, a Luzia Sequeira Martins Romanini, aluna a frequentar o curso de Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo Motor - ministrado no Instituto Politécnico de Castelo Branco, concordo com a transcrição realizada, estando de acordo com as respostas dadas por mim (duração: 34´12´´).

A Mãe do aluno

APÊNDICE R- Validação da transcrição da entrevista - diretora de turma - Sujeito A

██████████, 04 de janeiro de 2012.

De acordo com a leitura realizada à entrevista sobre o meu aluno, Sujeito A, aluno matriculado no 6.º ano de escolaridade (ano letivo 2011/2012), no dia 29 de Setembro de 2011, a Luzia Sequeira Martins Romanini, aluna a frequentar o curso de Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo Motor - ministrado no Instituto Politécnico de Castelo Branco, concordo com a transcrição realizada, estando de acordo com as respostas dadas por mim (duração: 30').

A Diretora de Turma

APÊNDICE S - Validação da transcrição da entrevista - diretora de turma - Sujeito B

██████████, 04 de janeiro de 2012.

Prezada Diretora de Turma,

De acordo com a leitura realizada à entrevista sobre o meu aluno, Sujeito B, aluno matriculado no 6.º ano de escolaridade (ano letivo 2011/2012), no dia 29 de Setembro de 2011, a Luzia Sequeira Martins Romanini, aluna a frequentar o curso de Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo Motor - ministrado no Instituto Politécnico de Castelo Branco, concordo com a transcrição realizada, estando de acordo com as respostas dadas por mim (duração: 25´).

A Diretora de Turma

APÊNDICE T - Tabela - Análise de Conteúdo - Sujeito A

Análise de Conteúdo

Sujeito A

Temática II: Identificação e caracterização do Sujeito / Agregado Familiar		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Caracterização do Sujeito A	Sujeito	- Sujeito A
	Idade	- 12 anos
	Escolaridade	- Frequenta o 6.º ano de escolaridade
	Constituição do agregado familiar/profissão	- Quatro pessoas: pai (eletricista/agricultor), mãe (doméstica), irmão (2.º ano da universidade) e o Sujeito A
Temática III: Diagnóstico/Inclusão (trajetória escolar)		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Medidas de Apoio	Sala de aula / Atividades diferentes	- “Não. <u>Faço tudo igual</u> ”. - “(...) <u>às vezes</u> . Por exemplo, <u>explicam-me o exercício</u> ”. - “(...) eu o colega C estamos juntos na carteira (...) e <u>a professora explica aos dois</u> ”.
Diagnóstico de PHDA	Consultas / Explicação dos pais	- “Que eu era hiperativo (...)”. - “(...) não conseguir estar assim com muita atenção”.
	Diferente dos colegas/ PHDA	- Não.
Percurso Escolar	Creche	- “Não”.
	Pré-Escola Frequência	- “(...) fui para lá (...) tinha... acho que 6 anos”. - “ Eu <u>fazia muitas coisas</u> ”. - “ <u>Lembro-me das visitas de estudo...de ir pintar coisas... (...) de fazer desenhos...</u> ”. - “ <u>via filmes...</u> ”. - “ <u>Íamos brincar para a rua. (...) podíamos brincar por todo o parque à sombra</u> ”.

Percurso Escolar	Pré Escola Atividades	- " <u>f</u> amos brincar para a rua. (...) <u>pod</u> íamos brincar por todo o parque à sombra". - "(...) <u>h</u> avia um <u>es</u> correga muito grande".
	Pré escola Distração	- "(...) Lembro-me assim de <u>às</u> vezes estar a pintar e estar a olhar para outra coisa (...) <u>ao</u> mesmo tempo". - " <u>E</u> star a pintar, olhar para outra coisa e largo aquilo".
	1.º Ciclo/ Aprendizagem	- "O primeiro ano foi bom". - "(...) lembro-me de aprender o aeiou...(...) escrever o meu nome". - "(...) aprender a usar um lápis...". - "Aprendi a cortar... nós fazíamos muito bonecos assim picotados... muitos barquinhos (...)". - "(...) nós fazíamos em casa aquilo que conseguíamos e no outro dia fazíamos tudo outra vez, mas bem".
	1.º Ciclo / Castigos	- " <u>N</u> ão".
	1.º Ciclo/ professora	- "(...) <u>E</u> ra boa. <u>C</u> ompreensiva, <u>c</u> ompreendia". - " <u>C</u> ompreendia quando não fazíamos uma coisa. (...) <u>d</u> e depois explicava melhor como <u>é</u> que era". - "(...) Foi sempre a mesma".
	1.º Ciclo/ Os amigos	- " <u>F</u> iz logo amigos... já tinha amigos lá da aldeia (...) - "(...) <u>h</u> avia lá um <u>a</u> migo (...) andei um ano com ele...". - " <u>E</u> ram bons".
	2.º Ciclo/ A escola	- " <u>É</u> boa". - "(...) até <u>e</u> stou bem..."
	2.º Ciclo/ Apoio dos professores	- "Explicam o exercício". - "(...) no exercício da outra aula, eu não sabia (...) estava no quadro e chamou-me a atenção, é assim, é assim". - "(...) eu os sinto? Bons...". - " Sim, <u>p</u> reocupam-se. (...) quando eu <u>e</u> stou a fazer um exercício, eles <u>p</u> erguntam

Percurso Escolar	2.º Ciclo/ Apoio dos professores	se eu tinha alguma dúvida...”.
	2.º Ciclo/ Os amigos	- “são bons”. - “(...) <u>Nunca tive nenhum problema</u> ”.
	Comunidade educativa Tratado diferente	- “Não”.
Articulação escola/ profissionais de saúde	Uso da medicação	- “(...) <u>tomo os comprimidos parece que fico mais atento</u> ”. - “ <u>Rubifene</u> . (...) um de manhã e outro ao almoço”.
Temática IV- Envolvimento Familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola X família)		
Categories	Subcategorias	Unidade de Registo
Envolvimento Familiar	Relacionamento com os pais	- “ <u>É bom</u> ”. - “ <u>Damo-nos todos bem...</u> ”. - (...) estamos felizes, <u>não temos nenhum tipo de problemas...</u> ”.
	Rotina diária	- “(...) eu <u>tenho um bloquinho</u> (...) <u>aponto os trabalhos de casa.</u> ” - “(...) <u>minha mãe pergunta</u> (...) <u>eu vou ver sempre</u> (...) <u>se tenho alguma coisa anotada</u> ”. - “(...) <u>ao fim do dia quando chego a casa, vou ver o bloco e faço os trabalhos que tenho para fazer</u> ”. - “(...) <u>eu vejo sempre as coisas antes de arrumar a mala e ela está sempre ao pé de mim</u> ”. - “(...) <u>chego a casa às 18h, como</u> (...) <u>um lanche</u> (...) <u>vou estudar, (...) faço os trabalhos até as 20 horas</u> ”. - “ Das 20 horas para cima nunca faço os trabalhos. (...) tenho 2 horas já de trabalhos”. - “ (...) <u>vejo o telejornal e outros programas</u> (...) <u>até uma certa hora</u> , para não me deitar muito tarde.”

Envolvimento Familiar	Apoio dos pais nos estudos	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim, em algumas dúvidas”. - “(...) quando chego a casa é a minha mãe que está lá sempre...”. - “(...) quando eu <u>tenho dúvidas ela ajuda-me</u>”. - “(...) ela <u>basta ver o bloco e sabe as coisas que eu tenho para fazer</u>”. - “<u>Eu pergunto</u>”. - “(...) <u>O que é que fizestes hoje? (...) Como é que correu o dia, se correu bem...</u>”
	Socialização	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) <u>fim de semana, vamos a Castelo Branco, (...) fazer coisas. (...) ver o meu irmão. (...) os meus pais ficam lá em casa (...) eu e o meu irmão, (...) há muitas lojas e a gente vai ver (...)</u>”. - “(...) também <u>vamos a outros lugares bonitos</u>”. - “<u>temos a ribeira, (...) muitos caminhos e nós podemos ir ver assim a andar</u>”. - “(...) <u>Nas férias, com o meu irmão, às vezes pescava</u>”. - para os <u>sítios mais longe vou eu e o meu irmão. (...) para os sítios mais perto vou eu e a minha mãe... eu moro ao pé da ribeira.</u>”. - “(...) <u>conversamos</u>”. - “(...) o colega D, o colega E, às vezes também levo o colega F (...), são da minha terra. (...) <u>brincamos, andamos de bicicleta, jogamos à bola (...) todos juntos e jogamos (...) badminton...</u>”. - “ <u>Nunca nos chateamos (...)</u>”.
	Responsabilidade por tarefas em casa	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) <u>ajudo a estender a roupa, às vezes (...)o meu pai não está em casa vou tratar dos animais (...)</u>”. - “<u>Arrumo tudo</u>”. (...) Se eu deixar alguma coisa espalhada (...) posso ir a correr e depois cair...”. - “(...) <u>levar as coisas. (...) uma lata ou um balde (...) nunca levo pesos</u>”. - “ (...) às vezes a minha mãe sai para rua (...) <u>vou atrás dela (...) esqueci-me de apagar aquela luz, vai lá. (...) eu vou lá</u>”. - “<u>Sim, eu faço</u>”. “(...) <u>eu faço sempre</u>”.

Envolvimento Familiar	Promoção das aprendizagens	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) <u>se eu tiver que estudar nunca me mandam fazer nada</u>”. - “<u>Não fazes agora, fazes daqui a bocado.</u> (...) <u>Faço sempre</u> (...). - “(...) <u>eu estou a fazer uma coisa e ela cai, eu nunca digo que não fui eu.</u> Eu digo que fui eu”.
Temática V - Expetativas quanto ao futuro		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Perspetivas de futuro	Aspirações a nível escolar e profissional	<ul style="list-style-type: none"> - “Não sei”. - “Enfermeiro...(…) é assim uma coisa que eu até gosto”. - “Ajuda médico, dá-lhes os instrumento para a mão, a agulha, a tesoura, arruma as coisas, vai dar a medicação a um homem (...)”.
Temática VI - Complemento		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Recolher dados	Informações complementares	<ul style="list-style-type: none"> - “Não”. - Então Sujeito A, agradeço-te imenso pela tua atenção, pelo teu carinho, por estar aqui contigo.....

APÊNDICE U - Tabela - Análise de Conteúdo - Sujeito B

Análise de Conteúdo

Sujeito B

Temática II: Identificação e caracterização do Sujeito / Agregado Familiar		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Caracterização do Sujeito A	Sujeito	- Sujeito A
	Idade	- 12 anos
	Escolaridade	- Frequenta o 6.º ano de escolaridade
	Constituição do agregado familiar/profissão	- Quatro pessoas: pai (pedreiro), mãe (cozinheira), irmã (creche) e o Sujeito B.
Temática III: Diagnóstico/Inclusão (trajetória escolar)		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Medidas de Apoio	Sala de aula / Atividades diferentes	- “ <u>Não</u> ”.
Diagnóstico de PHDA	Consultas/ Explicação dos pais	- “ <u>Mais ou menos...</u> ”. - “ <u>Às vezes explicavam só que eu não entendia muito bem</u> ”. - “ <u>Eu não percebia muito bem o que eles diziam, mas disseram...</u> ”. - “ <u>Que tinha que tomar uns comprimidos para estar atento.... (...) não me lembro</u> ”.
	Diferente dos colegas/ PHDA	- “ <u>Não</u> ”. - “ <u>uma vez (...) a professora de História aqui da escola estava a falar para mim e eu estava a olhar para outro sítio e não ouvi falar, depois é que eu (...) respondi...</u> ”.
Percurso Escolar	Creche	- “ <u>Não</u> ”.
	Pré Escola/ Atividades	- “ <u>Eu brincava, desenhava...</u> ”. - “ <u>Brinca...aaaa... mais nada</u> ”.

Percurso Escolar	1.º Ciclo/ Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> - <u>“Foi bom”</u>. - <u>“Gostei”</u>. - <u>“Aprendi”</u>. - <u>“Aprendia a fazer uma coisa com os papéis, que agora já não me lembro muito bem...”</u>. - <u>“As professoras mandavam-me fazer umas coisas”</u>. <u>“(…) nós tínhamos de levar o almoço (…)</u> <u>ainda não havia cantina”</u>.
	1.º Ciclo/ Castigos	<ul style="list-style-type: none"> - <u>“(…) uma vez lá na escola primária não fiz os trabalhos, (…)</u> <u>fiquei de castigo a faze-los. (…)</u> <u>fui à procura dela (…)</u> <u>disse que já tinha acabado (…)</u> <u>disse que eu podia ir brincar”</u>. - <u>“(…) Ficavam na sala a faze-los... (…)</u> <u>íamos levar, se estava tudo bem e se não estivéssemos, modificávamos (…)”</u>. - <u>“(…) uma vez (…)</u> <u>não fiz os trabalhos e a professora puxou-me a orelha. (…)</u> <u>Senti-me mal... (…)</u> <u>Fiquei triste, fiquei a chorar... (…)</u> <u>Só aconteceu uma vez”</u>.
	1.º Ciclo/ professora	<ul style="list-style-type: none"> - <u>“Do primeiro para o terceiro ano foi a mesma, e do terceiro chumbei uma vez, (…)</u> <u>foi a mesma.”</u> - <u>“A minha professora era boa...”</u>. - <u>“(…) depois fui para a escola da zona centro e mudei de professora...”</u>. - <u>“(…) o professor tinha duas turmas...”</u>. - <u>“(…) Acho que um professor não era bom. (…)</u> <u>Uma vez queria ir a casa de banho (…)</u> <u>disse que não ia. (…)</u> <u>pedi (…)</u> <u>outra vez, estava aflito e fui lá...”</u>.
	1.º Ciclo/ Os amigos	<ul style="list-style-type: none"> - <u>“Eram bons, simpáticos!”</u>.
	2.º Ciclo/ A escola	<ul style="list-style-type: none"> - <u>“(…) no 5.º ano, não sabia onde é que era a sala, baralhei-me todo...”</u>
	2.º Ciclo/ Apoio dos professores	<ul style="list-style-type: none"> - <u>“Dizem para tentar outra vez”</u>. - <u>“(…) um dia esqueci-me de tomar o comprimido (..)</u> <u>estava distraído (…)</u> <u>a minha</u>

Percurso Escolar	2.º Ciclo/ Apoio dos professores	<p>professora de (...) <u>disse</u> se eu tinha tomado o comprimido e eu disse que não, (...) <u>fui tomá-lo</u>".</p> <p>- "(...) eu <u>às vezes</u> estava distraído. (...) <u>Às vezes</u> falava para o colega do lado...".</p> <p>- "(...) <u>ajudam-me</u>".</p> <p>- "<u>Um dia não trouxe</u> uma coisa assinada e a professora (...) <u>disse</u> que eu tinha de <u>trazer no outro dia</u> (...) e <u>trouxe</u>".</p>
	2.º Ciclo/ Os amigos	<p>- "(...) <u>os meus melhores amigos</u> (...) <u>tratam melhor</u>".</p> <p>- "(...) <u>gostava que fossem só</u> <u>meninos bons...</u>".</p> <p>- "Um dia, aconteceu no primeiro ano (...) <u>carregar o cartão, eu estava na fila e tiraram-me da fila</u> <u>apara último</u>".</p>
	Comunidade educativa/ Tratado diferente	- " <u>Não</u> ".
Articulação escola/ profissionais de saúde	Uso da medicação	<p>- "Metade (...) de um comprimido. <u>De manhã, metade de um, e à tarde, quando almoçar</u> outra metade...".</p> <p>- "<u>Para estar atento às aulas</u>".</p>
Temática IV- Envolvimento Familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola X família)		
Categories	Subcategorias	Unidade de Registo
Envolvimento Familiar	Relacionamento com os pais	<p>- "<u>É bom</u>".</p> <p>- "(...) às vezes não estou em casa, vou para a biblioteca jogar computador".</p>
	Rotina diária	<p>- "<u>Aaaa não!</u>"</p> <p>- "<u>Estudo às vezes</u> (...) <u>Às vezes, não é sempre...</u> (...) <u>Mas pouquinho.</u> (...) <u>Não me apetece</u>".</p> <p>- "<u>Hoje esqueci-me do livro de Ciências não sei onde o pus...</u>".</p> <p>- "(...) <u>outro dia abalei</u> <u>daqui e fui a casa</u> (...) <u>do amigo</u> (...) <u>o meu pai</u> tinha chegado</p>

Envolvimento Familiar	Rotina diária	<p>... para eu ir para a casa às seis, às seis e meia, (...) <u>esqueci-me</u> (...) fui <u>ter as oito</u> (...) <u>pôs-me de castigo no quarto</u>".</p> <p>"(...) no outro dia a <u>minha mãe disse que era para eu estudar e a mim não me apetecia, eu... e eu não sabia dos livros onde é que eles estavam...</u>".</p> <p>- "(...) <u>tenho-os em casa, só que não sei onde os ponho...</u>".</p> <p>- "(...) <u>às vezes vou arrumar a mala para um sítio e deixo noutro, para o outro e deixo noutro...</u>".</p> <p>- "<u>Às vezes, (...) está a mesa cheia...</u>".</p>
	Apoio dos pais nos estudos	<p>- "(...) <u>mãe ajuda-me a fazer os trabalhos, (...) pai quando é preciso (...) ele vê se sabe, se souber ajuda-me, se não souber (...) ver a minha mãe</u>".</p> <p>- "<u>A minha mãe no ano passado comprou-me um bloquinho (...) mãe ia ver o bloco com as notas, com os apontamentos</u>".</p> <p>- "<u>A minha mãe no outro dia (...) estava a fazer os trabalhos (...) emprestou-me uma caixa com uma calculadora e com canetas (...) trouxe-a para a escola (...) pergunta-me sempre se as tenho</u>".</p> <p>- "(...) comprava-me os cadernos, <u>uma vez comprou-me tudo o que era para EVT, (...) eu levei para casa, (...) pôs em tudo o meu nome...</u>".</p>
	Socialização	<p>- "<u>Quando vamos buscar a minha irmã</u>".</p> <p>- "(...) <u>às vezes vamos ao café</u> (...)".</p> <p>- "<u>Uma vez, fui mais o meu pai à casa da minha avó</u> (...) vamos quase todos os dias, <u>agora o meu pai falou que não tinha lá a mota e não temos ido</u>".</p> <p>- "<u>Uma vez fomos jantar</u> (...) <u>mais que uma vez</u>".</p> <p>- "<u>O André. (...) Computador. (...) E às vezes vamos jogar a bola</u>".</p> <p>- "(...) <u>Andar de bicicleta. (...) Só que não posso. (...) Falta-me uma peça</u> (...) pai não a quer por (...) para eu não andar (...) <u>para eu fazer os trabalhos</u>".</p>

Envolvimento Familiar	Responsabilidade por tarefas em casa	<ul style="list-style-type: none"> - “<u>Sim</u>”. - “<u>Lavo a loiça</u>”. - “<u>Arrumar o quarto</u>”. - <u>Arrumar o que deixo espalhado (...)</u> <u>por a máquina a lavar... (...)</u> <u>às vezes é a minha mãe</u>”.
	Promoção das aprendizagens	<ul style="list-style-type: none"> - “Às vezes, só que não me apetece”. - “Manda, só que eu digo que não. Vou brincar para a rua “(...) - “(...) este ano estava na rua a brincar com o meu vizinho, a minha mãe disse que era para eu ir arrumar a mesa e eu não fui, ficou chateada comigo...”.
Temática V - Expetativas quanto ao futuro		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Perspetivas de futuro	Aspirações a nível escolar e profissional	<ul style="list-style-type: none"> -“(…) <u>gostava de trabalhar num restaurante</u>, como o meu tio”. - “Por causa que (...) <u>convivemos com as pessoas</u>”.
	Estudar	<ul style="list-style-type: none"> - “Aaa... mais ou menos”.
Temática VI - Complemento		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Recolher dados	Informações complementares	<ul style="list-style-type: none"> -“Não”. - (...) quero-te agradecer imenso pelo carinho, muito, muito, muito obrigado, tudo de bom para ti.

APÊNDICE V - Tabela - Análise de Conteúdo - encarregado de educação - Sujeito A

Análise de Conteúdo

Encarregado de Educação do Sujeito A

Temática II: Identificação e caracterização da Encarregada de Educação / Agregado Familiar		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Caracterização da Encarregada de Educação	Grau de parentesco	- Mãe
	Idade	- 41 anos
	Escolaridade	- 9.º ano
	Constituição do agregado familiar/profissão	- Quatro pessoas: pai (agricultor), mãe (doméstica), irmão (estudante universitário) e o Sujeito A.
Temática III: Identificação e Caracterização do Sujeito / Diagnóstico/Inclusão (trajetória escolar)		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Caracterização do aluno	Idade	- 12 anos e 11 meses
	Género	- Masculino
	Escolaridade	- 6.º ano
Medidas de Apoio	Escola Primária	- “ Eu sei que ele <u>sempre teve apoio</u> (...)”
	Tipo de Apoio na escola primária	- “ (...) tinha uma professora de apoio <u>duas vezes por semana a todas as disciplinas</u> (...)” - “(...) e <u>ia a psicomotricidade</u> em outra escola (...)”
	No 6.º ano	- “(...) sei que <u>tem apoio especial</u> (...)”
	Tipo de apoio no 6.º ano	- “(...) das medidas eu <u>não sei dizer</u> .”

Diagnóstico de PHDA	Infantário/Pré Escola	<ul style="list-style-type: none"> - “<u>Foi no infantário</u> ainda (...)” - “Foi na <u>pré-escola</u>..” - “(...) a educadora encaminhou-me para o <u>Hospital Distrital e confirmou-se a Hiperatividade</u> - “(...) há uma <u>carta enviada pela médica</u> (...)”
	Comportamento no Jardim Infantil	<ul style="list-style-type: none"> -“ (...) ele era <u>imaturo</u> (...)” - “(...) <u>os outros já faziam as coisas e ele não.</u>” - “Ele <u>queria brincar</u> (...)”
	Questionamento da Mãe	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) eu via que ele <u>não tinha condições</u> (...)” - “(...) ainda comecei a <u>pensar que ele era inferior aos outros</u>”. - “Será que ele é <u>menos que os outros?</u>” - “(...) ele não <u>consegue isto, não consegue ...aquilo</u> (...)”
	Atitude da Mãe perante o diagnóstico	<ul style="list-style-type: none"> - “Não, ele é <u>igual aos outros, não posso pensar assim</u>”. - “(...) nós somos todos iguais, <u>uns chegam lá primeiro, outros chegam lá depois</u>”. - “(...) comecei a <u>pensar pela positiva</u>, não devia, não podia me encostar ali (...)”
Percurso Escolar	Creche	<ul style="list-style-type: none"> - “Ele <u>não frequentou</u> a creche.” - “<u>Até aos cinco anos ficou comigo</u> (...)”
	Pré-Escola / Adaptação ao novo contexto	<ul style="list-style-type: none"> - “Quando ele foi para a pré-escola e se viu no meio das crianças com um professor diferente, afastado da mãe, <u>ele sentiu bastante</u> (...)”. - “(...) ele <u>não conseguiu lá ficar</u> (...)” - “(...) ele <u>chorava</u> e tudo mais”. - “(...) só <u>nos dois ou três primeiros dias é que foi complicado</u> (...)” - “(...) estava lá dentro nos trabalhos dele e ele <u>pedia para ir, para vir à rua para brincar</u> na areia (...)”

Percurso Escolar	Pré-Escola / Adaptação ao novo contexto	<ul style="list-style-type: none"> - “Via-se logo que ele <u>não se adaptava ali bem aqueles trabalhinhos dos outros.</u>” - “Enquanto os outros faziam ele <u>estava desatento.</u>” - “Queria brincar na areia, ir para o baloiço, <u>pedia para sair...</u>”
	Pré Escola / Adiar a entrada no 1.º ciclo do ensino básico	<ul style="list-style-type: none"> - (...) ele <u>ficou mais um ano</u> no Jardim Infantil.” - “ la fazer seis anos e eu <u>pedi para ficar mais um ano</u> (...)” - “<u>Da vez dele entrar nos 6, entrou nos 7</u>”.
	Pré-Escola / Perceção das dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) eu pensava, há aqui qualquer coisa, <u>o que se passa</u> (...)” - “(...) eu achava que ele <u>não tinha condições de ir para o primeiro ano</u>”. - “(...) eu é que <u>comecei a ver que não era bem assim...</u>” - “Eu já <u>tinha a comparação com o irmão</u> e via que <u>ele não fazia certas coisas...</u>” - “(...) <u>falei com o marido dele</u> ir para o primeiro ano (...)” - “(...) ver se <u>falo com a educadora</u> a ver se pede (...)”. - “(...) <u>ficou contente por eu tomar a iniciativa</u>”. - “(...) já há muito que andava na minha cabeça e <u>eu cheguei e pedi</u>”. - “(...) ela <u>teve que pedir uma autorização</u>”. - “(...) foi preciso <u>preencher um termo regular, para ele ficar mais um ano</u>”.
	Pré-Escola Evolução	<ul style="list-style-type: none"> - “<u>Foi a noite do dia</u> como se costuma dizer (...)” - “(...) foi uma <u>evolução muito grande</u>”.
	1.º e 2.º Ciclo	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) ele fez o primeiro ano, o 2.º, o 3.º, o 4.º, mas <u>sempre teve apoio</u>”.

Articulação escola/profissionais de saúde	Consultas do Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) <u>Antes dele entrar para ao Infantário (...) ia as consultas de 15 em 15 dias</u>”. - “(...) ele <u>era prematuro, o acompanhamento dele já foi diferente</u>”. - “(...) As consultas de desenvolvimento já <u>foi sempre.</u>” - “(...) ele nasceu, pouco tempo depois (...) <u>cirurgia do estomago (...) passou a ser seguido nas consultas de desenvolvimento</u>”. - “(...) <u>olha nesta idade o normal já é abrir a mão, isto e aquilo (...) ainda não fazia</u>”. - “E a <u>outra vez que ia lá, ele já abria (...)</u>”. - “(...) na outra vez ele <u>não fazia tão bem feito como ele faz agora (...) como fez?</u>”
	Orientação aos professores	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) da escola primária eu levava para o hospital, de lá para cá, <u>havia assim aquela troca</u>”.
	Atitude da mãe	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) ficava assim um bocadinho triste (...) depois (...) <u>ele vai lá chegar (...)</u>”. - “(...) <u>Sempre fiz as coisas lá em casa</u>”. - “Eu <u>improvisava as coisas lá em casa, com outros objetivos</u>”. - “(...) via como ela fazia as coisas na sala, <u>chegava a casa (...) tinha outras coisas que faziam as mesmas coisas</u>”. - “(...) outra <u>pessoa que não esteja a par das coisas, já não percebe (...)</u>.” - “(...) <u>apanho-lhe os pontinhos todos e meu marido também</u>”.

<p style="text-align: center;">Articulação escola/profissionais de saúde</p>	<p style="text-align: center;">Médica de família</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) <u>sempre ajudou a tirar dúvidas</u> (...)”. - “(...) foi sempre uma <u>pessoa que me orientou sempre</u> (...) e <u>mesmo agora</u> (...)”. - “(...) foi sempre uma <u>pessoa que me ajudou muito</u> (...)”. - “(...) o Sujeito A e o meu outro filho (...) ela <u>está sempre a par de tudo</u>”. - “(...) embora não apontasse, <u>havia sempre um tempo para os filhos</u> (...)”. - “(...) ela <u>ainda está a par de tudo</u>”. - “(...) eu não tinha a quem perguntar (...) <u>na aldeia não há a quem perguntar</u> (...)”. - “Ela, <u>faça isto e isto</u> e batia tudo certinho
	<p style="text-align: center;">Uso da medicação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) eu acho que <u>na escola primária foram dois anos</u> (...)”. - “Ele toma Rubifene, <u>½ comprimido de manhã e ½ no almoço</u>”.
	<p style="text-align: center;">Não uso da medicação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) nas <u>férias e no fim de semana, ele não toma</u>”. - “(...) eu noto (...) aos <u>fins de semana, já está meio aéreo</u>”.
		<ul style="list-style-type: none"> - “(...) com horário de verão, <u>horários maiores, piora</u> (...) mais eu já puxo por ele (...)”. - “(...) ele <u>não se concentra como se concentra nos dias de aula</u>”. - “(...) <u>à noite, a concentração é diferente</u>, inclusive nos sábados e domingos”.
	<p style="text-align: center;">Apoio dos professores e técnicos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “Desde a professora X, que foi <u>a professora dele sempre, foi impecável</u>”. - “(...) a professora X foi sempre excelente (...) <u>todas as dúvidas que eu tinha, ela explicava</u>”. - “(...) <u>ia também ao agrupamento</u> (...) <u>ao psicólogo</u>, o Dr. Z, depois mudou”.
<p style="text-align: center;">Atitude da comunidade educativa</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “<u>Sempre foi normal</u>”. - “os <u>amiguinhos da escola</u> (...), <u>nunca disseram tu és menos do que nós</u>”. - “(...) excelente, até hoje <u>tem sido sempre excelente</u>”. - “Empregados, colegas, professores (...), <u>nada tenho a apontar</u>”. 	

Temática IV - Envolvimento Familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola x família)		
Categories	Subcategories	Unidade de Registro
Envolvimento familiar	Rotina Diária	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) não, não. <u>Ele por ele é que tem de estudar (...)</u>”. - “(...) ele por ele é que faz, <u>ele faz tudo</u>”. - “Ele é que <u>sabe que tem de estudar, brincar.</u>” - “(...) <u>é férias, mas uns minutos em cada dia nós temos que estudar (...)</u> ele nunca dizia que não”. - “(...) eu <u>dei-lhe as orientações (...)</u> <u>ele agora faz sozinho</u>”. - “<u>Eu coloco a medicação para ele (...).</u> <u>Ele toma (...).</u> Não peças a ninguém na escola, eu é que faço”. - “(...) no 5.º ano <u>nunca teve falta de material (...)</u> <u>ele arranja a sua maneira</u>”.
	Promoção das aprendizagens	<ul style="list-style-type: none"> - “<u>Eu tive de trabalhar bastante</u>”. - “(...) tinha que <u>estar ali e acompanhar</u>”. - “(...) <u>agora já não (...)</u>, naquelas alturas mais complicadas dele, não se jantava as 8, jantava-se as 9, mas <u>eu não podia deixar assim (...)</u> <u>no outro dia ele ia querer prolongar</u>”. - “É preciso trabalhar muito e <u>continuo a trabalhar muito para isto estar assim.</u> Isto nada cai do céu”. - “No início, quando ele tinha que fazer as atividades, <u>dizia que lhe doía a mão</u>”. - “(...) ele tinha sono e eu <u>ia pô-lo a dormir e ele não dormia</u>”. - “tinha fome, eu <u>ia pô-lo a comer e ele não comia ...</u>” - “(...) ora <u>é treta</u>”.
	Socialização	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) <u>vai a catequese (...)</u> <u>vai a missa</u>”. - “(...) <u>ver o irmão (...)</u> <u>as compras (...)</u> <u>dar um passeio</u>”. - “(...) <u>porta-se sempre muito bem</u>”. - “(...) <u>não é preciso chamar a sua atenção</u>”. - “(...) na aldeia <u>é educado com as pessoas todas</u>”.

Envolvimento familiar	Socialização	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) dizem que <u>ele é muito bem educado</u>”. - “(...) dão-lhe qualquer coisa, <u>ele diz sempre bem aja, obrigado</u>”. - “(...) <u>dá-se bem com todos os meninos, (...) é educado</u>”.
	Responsabilidade por tarefas em casa	<ul style="list-style-type: none"> - “Ele nunca deixa uma peça aqui, outra ali, <u>ele arruma</u>”. - “(...) qualquer um pode ir atrás dele que não apanha, como se diz, porcaria nenhuma, <u>fica sempre tudo organizado</u>”. - “(...) acho que <u>ele vai num bom caminho</u>”.
	Implicações no desenvolvimento do Sujeito A	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) ele tem <u>muita sorte em ter a família que tem</u> - “(...) <u>sempre ajudamos, sempre seguimos as orientações</u> (...)”. - “(...) <u>não aprendes este ano, aprendes para o ano</u>”. - “Às vezes <u>esqueço que é filho, é um amigo que está ali</u>”.
Temática V - Expetativas quanto ao futuro		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Perspetivas de futuro	Aspirações ao nível escolar e profissional	<ul style="list-style-type: none"> - “Ele <u>agora vai estudando</u>”. - “ (...) ele está a crescer e eu <u>vou escutando o que ele vai me dizendo</u>”. - “(...) <u>não estou a espera disto ou daquilo</u> (...)” - “(...) vou escutando, e depois <u>quando lá chegar</u> (...) <u>eu vou seguir isto ou aquilo</u>”. - “(...) quero que ele <u>chegue onde puder chegar</u>”. - “É <u>um dia de cada vez</u>”. - “Eu <u>estou sempre atenta</u>”.
Temática VI- Complemento		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Recolher dados	Informações Complementares	<ul style="list-style-type: none"> - “ Não, <u>não tenho</u>”. - “Eu estou <u>sempre disponível à tarde</u>”. - “Se precisar demais alguma coisinha, <u>eu estou sempre lá</u>”.

APÊNDICE X - Tabela - Análise de Conteúdo - encarregado de educação - Sujeito B

Análise de Conteúdo

Encarregado de Educação do Sujeito B

Temática II: Identificação e caracterização da Encarregada de Educação / Agregado Familiar		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Caracterização da Encarregada de Educação	Grau de parentesco	- Mãe
	Idade	- 32 anos
	Escolaridade	- 9.º ano
	Constituição do agregado familiar/profissão	- Quatro pessoas: pai (pedreiro), mãe (cozinheira), o Sujeito A e irmã (20 meses).
Temática III: Identificação e Caracterização do Sujeito / Diagnóstico/Inclusão (trajetória escolar)		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Caracterização do aluno	Idade	- 12 anos
	Género	- Masculino
	Escolaridade	- 6.º ano
Medidas de Apoio	Escola primária	- “(...) como <u>ele</u> tinha aquele problema de dislexia (...) na escola começou a ter um professor pelo menos duas vezes por semana a apoiá-lo”. - “Dentro da sala de aula, <u>se</u> ele não tivesse ninguém ao pé dele, ele não fazia nada. (...) <u>Punha-se</u> a olhar, não fazia os exercícios”. - “No 2.º, no 3.º e 4.º ano (...) <u>tinha um professor 2 vezes por semana</u> que vinha dar-lhe apoio”
	No 6.º ano	- “ O <u>apoio nos estudos</u> (...)”e às vezes <u>eu não sei, eu não sei bem</u> (...)”
	Tipo de apoio no 6.º ano	- “(...) ele diz que tem <u>apoio quando é para fazer os testes</u> ”. - “(...) eu acho que sim, que há, que <u>ele tá na sala de aula, tá na mesa à frente</u> ”.
Diagnóstico de PHDA	2.º ciclo	- “(...) <u>foi agora no 5.º ano.</u> (...) quando ele <u>começou</u> (...) <u>a não tar tanto atento na escola</u> ”. - “(...) <u>foi a uma consulta...</u> ao Hospital do distrito, de psicologia, tem tido terapeuta da fala (...) pediatra e agora está tomando medicação. (...) “ <u>Foi só agora</u> (...) <u>agosto</u> .”

Diagnóstico de PHDA	2.º ciclo	- “(...) há ai a carta (...) <u>apresenta Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção, Concentração moderada (...)</u> ”.
	Perceção da mãe	- “(...) o meu marido, ele tinha uma sobrinha (...) eu ajudei-a muitas vezes nos trabalhos de casa. (...) Era mais sossegada, mais atenta (...) <u>com os trabalhos dele já notei a diferença. É que ele qualquer coisinha...</u> ”. - “(...) <u>em casa a fazer os trabalhos, estava a fazer mas não, a cabeça não estava lá</u> ”.
Percurso Escolar	Creche	- “ Não, <u>frequentou só a pré escola</u> ”
	Pré-Escola / Adaptação ao novo contexto	- “Foram 3, <u>dos 3 aos 6.</u> ” - “(...) <u>nunca houve assim muitos problemas</u> porque havia também crianças, assim muito ativas”. -“ <u>No Jardim Infantil nunca se notou muito</u> (...) todos juntos eram quase todos por igual”.
	Escola Primária	- “ <u>A professora do primeiro ano achava, achava que ele era muito imaturo, muito criança para a idade dele</u> (...) foi no segundo que ele lá foi (...) <u>o psicólogo notou que ele tinha ... um bocado de dislexia</u> (...) não disse mais nada (...)”. - “(...) <u>voltou a ir mais tarde</u> (...) <u>os psicólogos</u> (...) <u>não era sempre o mesmo</u> (...) <u>nunca disseram nada</u> (...) nem aconselharam a ir a terapeuta (...)”. - “(...) <u>Mandavam um relatório para a escola</u> ”. - “ <u>Reprovou no 3.º ano.</u> (...) em vez de ir prá frente ia para trás. (...) ela (...) no final do segundo período (...) achava que ele ia ficar <u>porque não introduziu-se</u> (...) ele ficou no 3.º (...)”. - “(...) <u>ele era bom aluno, só que de vez em quando andava com a cabeça no ar</u> ”.
	2.º Ciclo	-“(...) foi feito uma avaliação (...) ”.
Articulação escola/profissionais de saúde	Consultas do Desenvolvimento	- “(...) foi a consulta no hospital. (...) <u>Foi só agora</u> (...) <u>agosto.</u> - “Foi agora no dia 11 de Outubro. (...) Prá ver se ele estava a adaptar ao

Articulação escola/profissionais de saúde	Consultas do Desenvolvimento	comprimido (...) por enquanto igual”. - “(...) irá (...) no período que vem, no início do período letivo, (...) levar as notas e a psicóloga pediu um caderno dele, onde ele escreva”.
	Apoio e orientação dos professores	- “Sim. Pelo menos eu acho que sim. (...) ainda agora, aqui a dias, ele, (...) sendo eu, um bocadinho... diferente, (...) tenho outra maneira diferente de fazer os exercícios”.
	Médico de família	- “(...) eu <u>cheguei a falar com o médico (...) o médico dele de família (...)</u> ” - “(...) <u>Nunca foi (...) um médico que eu confiava</u> , porque uma vez a <u>minha irmã falou-lhe que miúdo podia ser hiperativo</u> , na altura estava a tirar o curso ainda (...) <u>o médico</u> falou (...) era das crianças serem assim muito rebeldes, nem foi rebelde, foi traquina, achou que era deles, <u>não fez caso (...)</u> ”.
	Uso da medicação	- “(...) <u>a medicação (...) ele tá a tomar metade de manhã de um comprimido e metade a tarde</u> ”. - “Rubifene”. - “(...) só durante as aulas, <u>no período letivo, fins de semana, feriados, férias, (...)</u> ele não toma”.
	Atitude da comunidade educativa	- “ <u>Acho que é normal</u> . Pelo menos eu <u>não tenho queixas dele...</u> (...) <u>sempre que passou-se alguma coisa ele diz logo</u> ”.
Temática IV- Envolvimento Familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola X família)		
Categories	Subcategorias	Unidade de Registo
Envolvimento Familiar	Rotina Diária	- “(...) <u>ele tem (...)</u> quando eu estou em casa, um bocadinho a tarde, depois dele vir da escola, até eu voltar a ir outra vez (...) Ontem eram 22 e 20 quando saí”. - “(...) <u>quando chego a casa mando-o... ele não quer...</u> é o tempo que eu estou em casa... depois vou buscar a irmã. (...) <u>Meia hora, uma hora, depende</u> . - “ <u>O pai (...)</u> tirou o 4.º ano. <u>É mais complicado, porque a matéria agora é diferente da altura</u> . Então torna-se mais complicado”.

<p style="text-align: center;">Envolvimento Familiar</p>	<p>Rotina Diária</p>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>“Ele quer brincar, eu tenho que andar sempre a chamá-lo. (...) tá sempre a resmungar que não pode brincar”</u>. - <u>“(...) Ontem ele fez sem eu lhe dizer nada. (...) mas primeiro foi a brincadeira. (...) chegou e foi a casa de um colega”</u>. - <u>“Não! ele não tem”</u>. - <u>“(...) é muito complicado... porque... é muito complicado mesmo para mim fazer assim essa rotina”</u>. - <u>“Se a gente diz que tem que ser assim ele faz. Tem altura que faz. Mas tem alturas, se lhe der na cabeça, que não é não...”</u> - <u>“(...) Ao fim de semana tem o pai. O pai impõe certas regras para ele em casa. (...) Mas ele não está sempre em casa”</u>.
	<p>Socialização</p>	<ul style="list-style-type: none"> - <u>“Um bocadinho ao café... pouco mais”</u>. - <u>“Casa-trabalho”</u>. - <u>“(...) quando tenho alguma consulta, quando fui agora a Castelo Branco”</u>. - <u>“As vezes saímos, ainda há tempos saímos, fomos aonde? (...) fomos a minha mãe, (...) fomos lá almoçar...todos...(...)”</u> - <u>“Vamos aqui, vamos ali, não é sempre que vamos todos porque não calha, mas mesmo assim ainda se sai”</u>. - <u>“É sossegado... é calmo...”</u>. - <u>“(...) nunca não... não tive assim nenhuma queixa dele, de ninguém dizer que ele tratou mal, ou tratou mal aquele”</u>.

Envolvimento Familiar	Responsabilidade por tarefas em casa	<p>- <u>“Tem... (...) arruma a louça, toma conta da irmã (...)”</u></p> <p>- <u>“(...) quando eu dava o peito, quando era preciso, era preciso ela mamar (...) ia levá-la ao pé de mim para lhe dar o peito”.</u></p> <p>- (...) põe a roupa, põe detergente e tudo, põe a lavar, tira a roupa da máquina. (...) É só eu dizer. (...) <u>“é preciso dizer (...) tem alturas até que se esquece e depois não põe, mas depois (...) já põe, quando se lembra.</u></p> <p>- <u>“(...) quando não faz (...) chego a casa e vejo que as coisas não tão feitas tenho que discutir com ele, porque contam comigo (...) prá tudo e não pode ser,</u> tem também que fazer alguma coisa (...) quando eu tinha a tua idade já fazia tudo e mais alguma coisa em casa”.</p> <p>- <u>“(...) às vezes o pai vira-se prá ele e diz: não dias assim porque ele é rapaz. Não é por ele ser rapaz que (...) não vai fazer (...) em casa dos pais ele nunca fez”.</u></p> <p>- <u>“(...) às vezes digo prá ele, eu canso-me contigo, porque estás sempre a espera que eu faça tudo e não pode ser, tu tens que começar a fazer as coisas por ti. Eu só to aqui prá te ajudar, prá te explicar, não to pra te fazer os trabalhos”.</u></p>
	Implicações no desenvolvimento do Sujeito B	<p>- <u>“As vezes fico assim na pendura... não sei se sim, nem sei se não. (...) às vezes falo para ele e ele reage normalmente a responder mal, parece que fiz as coisas erradas. Outras vezes parece que ele vem, fala, faz bem, aceita bem, que não responde mal, aceita as coisas de boa mente e tudo mais”.</u></p>
Temática V - Expetativas quanto ao futuro		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Perspetivas de futuro	Aspirações ao nível escolar e profissional	<p>- “Eu profissão, assim, não penso em nada para ele... mas que seja melhor do eu.</p> <p>- “(...) só tenho o nono ano. Espero que ele alcance ainda mais”.</p> <p>- “Ele ainda não disse o que queria seguir, mas sei, mas sei que ter o 12.º (...) porque senão, hoje sem o 12.º ano eu não vejo agora grandes opções”.</p>
Temática VI - Complemento		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Recolher dados	Informações Complementares	- “Não”.

APÊNDICE Z - Tabela - Análise de Conteúdo - diretora de turma - Sujeito A

Análise de Conteúdo
Diretora de Turma - Sujeito A

Temática II: Identificação e caracterização da Encarregada de Educação / Agregado Familiar		
Categories	Subcategories	Unidade de Registro
Caracterização da Diretora de Turma	Idade	- 40
	Género	- Feminino
	Formação Geral Formação Específica Formação no âmbito das NEE	- “Licenciada no Ensino do Inglês e Português - 2.º Ciclo”. - “Não tenho”. - “ (...) apenas duas disciplinas no currículo”.
	Tempo de Serviço	- 22.º ano
Temática III: Identificação e Caracterização do Sujeito / Diagnóstico/Inclusão (trajetória escolar)		
Categories	Subcategories	Unidade de Registro
Caracterização do aluno	Idade	- 12 anos
	Género	- Masculino
	Escolaridade	- 6.º ano
Medidas de Apoio	No 2.º ciclo	- <u>Beneficiou no ano anterior das medidas n.º 2, do art. 16.º do Decreto-lei n.º 3 de 7 de Janeiro de 2008, nomeadamente: art. 17.º (apoio pedagógico personalizado) (...); art. 18.º (adequações curriculares) (...) e art. 20.º (adequações no processo de avaliação). (...) apoio na sala de estudo a disciplina de Matemática.</u> - “(...) <u>é tratado com naturalidade (...)</u> só que ele precisa de um apoio. (...) <u>os professores leem para ele compreender e interpretar melhor</u> ”.
Diagnóstico de PHDA	Pré escola	- “(...) <u>foi encaminhado para a consulta de desenvolvimento e ai foi diagnosticado a hiperatividade.</u> - “(...) <u>“Está tudo documentado”</u> ”.

Percurso Escolar	Pré-Escola / Adaptação ao novo contexto	- “(...) <u>aos 5 anos</u> (...) foi considerado pela <u>professora</u> que o tinha na turma, que <u>ele</u> era um menino muito inquieto, não conseguia estar sossegado. (...) Ele tinha um desenvolvimento global lento, (...) era um menino que não conseguia estar quieto”.
	Pré-Escola / Adiar a matrícula do ensino Básico	- “(...) <u>foi adiada a matrícula dele em função dos comportamentos</u> . Achou-se que <u>ele não tinha maturidade suficiente</u> ”.
	1.º Ciclo	- “(...) ele <u>já ia com as recomendações mas não foi fácil</u> (...)”. - “(...) Ele <u>teve um retenção no primeiro ciclo</u> (...)”.
	2.º Ciclo	- “(...) a mãe falou comigo logo no início (...) <u>era uma criança especial</u> (...) <u>precisava de um acompanhamento especial</u> , (...) <u>tinha um comportamento normal, desde que era medicado</u> (...) <u>em termos de aprendizagem havia coisas que eram difíceis para ele aprender, a organização dos cadernos também era complicado, os erros que ele dá são muitos</u> ”. - “(...) é referido nos documentos que ele <u>é portador de dislexia e disgrafia</u> ”. - “(...) Além do déficit de atenção que ele tem, que é controlado pela medicação, ele também tem dislexia e disortografia,
	Mãe/ Consciência da problemática	- “ <u>Sim, sim muito</u> ”. - “(...) ela <u>estava muito bem informada</u> . (...) já a conhecia (...) tinha sido Diretora de Turma do filho mais velho. (...) <u>ela explicou-me muito bem</u> ”
Articulação escola/profissionais de saúde	Consultas do Desenvolvimento/ Orientação aos professores	- “(...) o Sujeito A <u>tinha um comportamento controlado desde que era medicado</u> . <u>Comportava-se bem</u> (...) depois <u>tinha aquelas dificuldades de aprendizagem</u> (...)”. - “(...) há uma <u>boa orientação nesse sentido</u> ”.
	Uso da Medicação	- (...) é responsável por isso quando tem que tomar cá na escola (...)”:
	Apoio dos professores e técnicos	- “(...) os professores nos Conselhos de Turma, a situação é explicada (...) <u>dão-lhe o apoio que ele precisa</u> ”. - “(...) <u>os professores estão conscientes</u> ”.

<p align="center">Articulação escola/profissionais de saúde</p>	<p align="center">Atitude da comunidade educativa</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) acho que (...) <u>se sente muito bem aqui</u>”. - “(...) <u>toda a gente o trata normal, ele está bem integrado, os colegas o tratam como um colega qualquer</u> (...)”. - “ (...) <u>têm conhecimento das dificuldades que ele tem</u> (...) <u>tão sempre dispostos a ajudar</u>”. - “ (...) <u>não se nota que ajam diferente</u>”. - “<u>No grupo não se nota</u> (...). vai por ai com os colegas, anda pelos corredores a brincar...”. - “(...) não é uma criança tímida, <u>fala normalmente com os outros, com os adultos</u>”.
<p align="center">Temática IV- Envolvimento Familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola X família)</p>		
<p align="center">Categorias</p>	<p align="center">Subcategorias</p>	<p align="center">Unidade de Registo</p>
<p align="center">Envolvimento Familiar</p>	<p align="center">Rotina Diária</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “Tem, tem..”. - “(...) em casa <u>tem horários para estudar, tem horários para tudo, tem regras,</u> (...)”. - “ (...) é um miúdo que <u>tem regras e que tem que as cumprir</u>”. - “ (...) <u>a mãe faz outro trabalho</u> (...) <u>o que ele fez na escola ela diz para ele voltar a fazer em casa e ele faz normalmente</u>”. - “ (...) ele já entrou nessa rotina diária em termos de escola, na higiene dele e outras coisa mais”. - “ (...) <u>é responsável,</u> trás os livros, não trás falta de material, faz os trabalhos(...)”.
	<p align="center">Promoção das aprendizagens</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “ <u>Têm consciência das dificuldades dele</u> (...) <u>não se servem disso para ele não ter que cumprir as tarefas que tem que cumprir</u>”. - “ (...) <u>foram tomadas as medidas dos profissionais adequadas</u>”. - “ (...) <u>não tem problema nenhum em perguntar e dizer quando não está a entender</u>”. - “ (...) ele <u>nunca se mostra desmotivado</u> (...) a gente olha para ele e vê que ele pode ter dificuldades, mas ele está interessado naquilo que ele está a fazer”.

Envolvimento Familiar	Promoção das aprendizagens	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) está a fazer <u>com as dificuldades que ele possa ter, mas ele está a fazer</u>”. - “Nota-se que <u>se mantém interessado naquilo que está a fazer, naquilo que estamos a fazer.</u>”
	Socialização	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) fora as dificuldades que ele tem, <u>a participação dele é como os outros</u> - “(...) na visita de estudos, nas atividades lúdicas, <u>ele participa como os outros</u>, ele é impecável. <u>Está bem integrado</u>”. - “(...) tem um <u>bom relacionamento</u>”. - “(...) <u>os colegas</u> tratam-no como tratam os outros, <u>não o tratam diferente</u>”. - “(...) <u>é um relacionamento normal</u>”.
	Implicações no desenvolvimento do Sujeito	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) ele é assim porque os pais impuseram regras desde pequeno”. - “<u>Ele é tratado como (...) outra criança qualquer</u>”. - “Ele <u>tem as responsabilidades dele, tem que as cumprir</u>”. (...) eu até noto, (...) <u>ele está mais rápido no raciocínio.</u> (...) Com certeza a mãe trabalhou com ele nas férias”. - “(...) importância de trabalharem com os filhos <u>nas férias, percebi que ele foi um dos poucos que os pais trabalharam</u>”. - “<u>Os pais trabalham com ele em casa</u>, não se acomodam, sobretudo a mãe, pela sua disponibilidade”.
Temática V - Expetativas quanto ao futuro		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Perspetivas de futuro	Aspirações a nível escolar e profissional	<ul style="list-style-type: none"> -“(...) para a mãe, <u>ela pensa que ele realmente não conseguirá chegar a universidade</u> (...) <u>penso que foi isso que ela transmitiu</u> (...)”. -“(...) <u>ela vai continuar a insistir para ele chegar o mais longe que puder.</u>

Temática VI - Complemento		
Categories	Subcategories	Unidade de Registo
Recolher dados	Informações complementares	<ul style="list-style-type: none"> - “<u>Foi o primeiro aluno que eu tive hiperativo, normalmente, (...) estão ligados a má educação, a falta de regras e ao desinteresse</u>”. - “(...) esta criança <u>representa exatamente o oposto. (...) é uma criança educadíssima, é organizado</u>”. - “(...) <u>não tem nada a ver com os hiperativos que conheço</u>”. - “(...) <u>só há coisas positivas a dizer dele</u>”.

APÊNDICE AA - Tabela - Análise de Conteúdo - diretora de turma - Sujeito B

Análise de Conteúdo

Diretora de Turma do Sujeito B

Temática II: Identificação e caracterização da Encarregada de Educação / Agregado Familiar		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registro
Caracterização da Diretora de Turma	Idade	- 40
	Género	- Feminino
	Formação Geral Formação Específica Formação no âmbito das NEE	- “Licenciada no Ensino do Inglês e Português - 2.º Ciclo”. - “Não tenho”. - “ (...) apenas duas disciplinas no currículo”.
	Tempo de Serviço	- 22.º ano
Temática III: Identificação e Caracterização do Sujeito / Diagnóstico/Inclusão (trajetória escolar)		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registro
Caracterização do aluno	Idade	- 12 anos
	Género	- Masculino
	Escolaridade	- 6.º ano
Medidas de Apoio	No 2.º ciclo	- “Beneficiou no ano letivo anterior das medidas n.º 2, do art. 16.º do Decreto-lei n.º 3 de 7 de Janeiro de 2008: art. 18.º (adequações curriculares a Língua Portuguesa, Inglês e Matemática) e art. 20.º (adequações no processo de avaliação). (...) <u>apoio</u> na sala de estudo <u>as disciplinas de Matemática e Inglês</u> ”. - cada professor (...) enumera-as suas estratégias e usa-as para que ele esteja mais atento”.
Diagnóstico de PHDA	1.º Ciclo	- “(...) se percebeu que <u>ele se desconcentrava, que era imaturo, que demorava a realizar as atividades, portanto no primeiro ano (...)</u> ”. - “(...) um <u>levantamento das suas dificuldades (...)</u> <u>pela professora dele</u> ”. - “(...) foi <u>avaliado pelo psicólogo do agrupamento (...)</u> <u>no ano seguinte (...)</u> ”.

Diagnóstico de PHDA	1.º Ciclo	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) o relatório referiu as <u>dificuldades dele ao nível da leitura e da escrita (...)</u>”. - “(...) <u>proposto para beneficiar de um PEI</u>, de acordo com o Decreto-Lei 319, em vigor na época”. - “(...) <u>orientações foram dadas sempre pela escola</u>, (...) processo vindo do 1.º ciclo”. - “<u>Não há nada por escrito, nenhum documento</u>”.
	2.º ciclo	<ul style="list-style-type: none"> - “Foi feita uma <u>avaliação pela psicóloga e conselho de turma (...)</u>”. - “<u>Mãe foi orientada a que ele tivesse uma consulta de desenvolvimento</u>”. - (...) a mãe entregou uma <u>carta vinda da consulta do desenvolvimento (...)</u> o aluno <u>necessita de ser medicado (...)</u> tem um <u>défice de atenção.</u>” - “(...) <u>Perturbação da Hiperatividade e Défice de Atenção Concentrada Moderada (...)</u>”. - “(...) o <u>diagnóstico demorou (...)</u> não houve orientação à mãe”.
Percurso Escolar	Creche	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) <u>não frequentou a creche, ficou com a mãe (...)</u>”.
	Pré-Escola / Adaptação ao novo contexto	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) <u>ele frequentou três anos e aqui não há nenhuma referência sobre algum comportamento</u>”. - “(...) <u>fez uma adaptação normal pelo que li</u>”.
	1.º Ciclo	<ul style="list-style-type: none"> - <u>beneficiou (...)</u> no 2.º ano de escolaridade, (...) <u>adaptações curriculares e apoio pedagógico acrescido</u>”. - “(...) <u>ficou retido no 3.º ano. Teve sempre muitas dificuldades (...)</u>”. - “No ano 2007/2008, (...) <u>beneficiou de adaptações curriculares e condições especiais de avaliação e apoio pedagógico acrescido</u>”.

Percurso Escolar	2.º Ciclo	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) <u>revela muitas dificuldades</u>”. - “(...) <u>lê muito mal, dá muitos erros, escreve muito mal e não tem motivação para fazer melhor</u>”. - “(...) <u>Tem (...) problemas na leitura e na escrita. Ele tem dislexia, disgrafia e disortografia</u>”. - “(...) <u>não entende, não compreende</u>”. - “(...) <u>está sempre a falar com os colegas do lado e do outro (...)</u>”. - “(...) <u>colocado sozinho a frente (...) ele está sempre a perturbar (...) nas outras disciplinas é a mesma coisa</u>”. - “(...) <u>não trás o material muitas vezes, trabalhos de casa, não faz</u>”. - “<u>É assim uma criança difícil</u>”.
	Mãe/ Consciência da problemática	<ul style="list-style-type: none"> - “ A mãe (...) é uma pessoa muito ocupada (...) <u>na altura que nós a orientamos foi logo ao médico de família (...)</u> - “(...) <u>a mãe (...) trabalha num restaurante e trabalha até tarde (...)</u>”. - “(...) <u>o pai (...) muitas vezes não está em casa (...)</u>”. - “Há <u>ocupação excessiva da mãe para com trabalho, ou desorientação da mesma...</u>”. - “(...) <u>tem de haver desorientação (...) não está em casa muito tempo (...) não se consegue organizar (...)</u>”.
Articulação escola/profissionais de saúde	Consultas do Desenvolvimento/ Orientação aos professores	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) <u>não foi as consultas de desenvolvimento</u>”. - “Durante o 1.º ciclo, a <u>responsabilidade da sua avaliação e acompanhamento foi da escola. (...) medicamente não tinha orientação nenhuma</u>”. - “(...) <u>orientado pelo psicólogo do Agrupamento (...) criança com necessidades educativas especiais (...) integrado no Decreto-Lei 319 (...)</u>”.
	Uso da Medicação	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) <u>começou na 2.ª feira, já se nota alguma diferença</u>”. - “(...) <u>não gosta de tomar o comprimido a hora do almoço porque fica cheio de sono</u>”.

Articulação escola/profissionais de saúde	Apoio dos professores e técnicos	- “Estão informados, toda a documentação (...) <u>é discutida por todos em todos os Conselhos de turma (...)</u> ”. - “(...) <u>apoiam (...)</u> individualmente na sala de aula”.
	Atitude da comunidade educativa	- “(...) <u>é um bocadinho tareco, mas <u>agem com ele em conformidade</u></u> ”. - “(...) <u>mal educado ele não é</u> ”. - “(...) <u>ele ouve mas passado alguns minutos ele volta a dispersar-se sem perceber</u> ”. - “(...) <u>não tem noção de qual é o comportamento correto</u> , simplesmente, ele não consegue”.
Temática IV- Envolvimento Familiar em casa, na escola e nas atividades sociais (articulação escola X família)		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Envolvimento Familiar	Rotina Diária	- “(...) <u>é uma criança desacompanhada em casa em termos de pais</u> ”. - “(...) da escola <u>sequer lhe é perguntado nada, se há trabalho, se já arrumou a pasta para o dia seguinte (...)</u> - “(...) <u>é deixada um pouco por conta própria</u> ”. - “ <u>Não, não, tem</u> ”. - “(...) em termos de higiene, da roupa, do corpo (...) <u>não vem limpo muitas vezes (...)</u> ; - “(...) as vezes <u>é desadequada a roupa</u> . Às vezes está frio, ele <u>trás roupa insuficiente para aguentar o frio (...)</u> ”. - “(...) <u>a senhora não está em casa muito tempo (...)</u> <u>não consegue organizar-se, (...)</u> nota-se que <u>a criança não está organizada</u> ”.
	Promoção das aprendizagens	- “(...) <u>é inquieto na sala de aula, (...) é disperso, (...) atrapalha os outros, (...) não para</u> ”. - “(...) <u>foi pedido (...)</u> a encarregada de educação <u>que ele tivesse acompanhamento, (...)</u> <u>tivesse regras, (...)</u> <u>não é muito possível, devido ao trabalho da mãe, o pai, (...)</u> <u>as vezes está, outras vezes não está (...).</u> ” - “(...) <u>falta de orientação dos pais ativa a sua desorientação, a falta de</u>

Envolvimento Familiar	Promoção das aprendizagens	<p><u>concentração, a sua falta e regras</u>".</p> <p>- "<u>Tem falta de vontade... de motivação</u>".</p>
	Socialização	- (...) por acaso aquela turma (...) dão-se todos muito bem (...)”
	Implicações no desenvolvimento do Sujeito	<p>- “ A <u>inquietude dele atrapalha-o mais nas atividades escolares, ele perde a sequência dos conteúdos</u> por não estar atento, (...) <u>nas disciplinas teóricas é mais desatento</u>”.</p> <p>- “<u>Pode melhorar em termos de aproveitamento da escola, (...) não vejo orientação adequada</u>”.</p> <p>- “<u>Só a medicação não seria suficiente, é preciso apoio paralelo dos pais</u>”.</p>
Temática V - Expetativas quanto ao futuro		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Perspetivas de futuro	Aspirações a nível escolar e profissional	- “ <u>Não revelam aspirações. Nem falam sobre isso</u> ”.
Temática VI - Complemento		
Categorias	Subcategorias	Unidade de Registo
Recolher dados	Informações complementares	<p>- “(...) Ele é doce, <u>não é mal educado</u>”.</p> <p>- “<u>Tem problemas (...) de não conseguir estar quieto e calado</u>”.</p> <p>- “(...) <u>os professores não sabem bem o que lhe ão de fazer</u> por causa disso”.</p> <p>- “(...) agora, <u>desde que está sendo medicado, esperemos (...) que esse comportamento mude e (...) permita avançar em termos de escolaridade</u>”.</p> <p>- “(...) <u>o único prejudicado é ele próprio</u>”.</p> <p>- “<u>Faltou (...) ação no seu desenvolvimento, sobretudo ação familiar</u>”.</p>

Anexos

Sujeito A

ANEXO A - Relatório do Jardim de Infância (ano letivo 2003/2004 e 2004/2005)

TRANSIÇÃO PRÉ-ESCOLAR - 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO
COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

JARDIM DE INFÂNCIA de _____ DATA da INFORMAÇÃO 01 / 07 / 2005

NOME _____
DATA de NASCIMENTO 24 / 11 / 1998 NACIONALIDADE Portuguesa

PERCURSO ESCOLAR	1 ANO	2 ANOS	3 ANOS	4 ANOS
Nº de ANOS de FREQUÊNCIA no JARDIM DE INFÂNCIA		X		

ASSIDUIDADE É assíduo
PONTUALIDADE É pontual

TEM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS Anexo relatório médico

ÁREA DE FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL - SÍNTESE DESCRITIVA
É autónomo
Mostra respeito pelos outros
Dialoga e colabora com os adultos
Cumpre as regras da sala
- Respeita as decisões tomadas em Grupp
- Conclui as actividades iniciadas

DOMÍNIO DAS EXPRESSÕES - SÍNTESE DESCRITIVA
Revela algumas dificuldades no domínio da motricidade Global. Manipula correctamente objectos (tesoura, lápis, pincel...). Identifica e reproduz sons e ritmos muito simples. Realiza jogos com regras.

DOMÍNIO DA LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA - SÍNTESE DESCRITIVA
Apresenta dificuldades em reproduzir/memorializar canções, poemas, letras-letras...
Relata cenas do quotidiano e exprime-se espontaneamente e de forma correcta. Identifica e escreve o 1.º nome. Executa grafismos livres e orientados. Lê e escreve nas aprendizagens relacionadas com as áreas da linguagem e cognição não verbal.

DOMÍNIO DA MATEMÁTICA - SÍNTESE DESCRITIVA
Agrupar objectos conforme as suas características. Identifica quantidade (mais, menos, tanto). Tem noção de grandeza e peso. Reconhece e nomeia as diferentes formas geométricas. Identifica os algarismos 1, 2 e 3 e relaciona-os com a quantidade. Identifica a esquerda e a direita.

ÁREA DE CONHECIMENTO DO MUNDO - SÍNTESE DESCRITIVA
Utiliza correctamente espaços e materiais comuns. Age segundo as normas e formas de comportamento social do meio envolvente. Observa e reconhece mudanças e alterações do meio envolvente.

Observações: _____

ANEXO B - Relatório da consulta de desenvolvimento (02 de junho de 1995)



HOSPITAL AMATO LUSITANO
Castelo Branco

SERVIÇO DE PEDIATRIA

Ministério da Saúde

Centro Distrital de Desenvolvimento da Criança

Ulterior o mesmo de 74 meses de idade com o objetivo
Apresenta CV e audição normal.
Pelo teste com o Griffiths colocou um interesse
e obtendo idade mental global 66 meses e por consequência
o Coeficiente Global 86 e por áreas revelou:

	Locomotor	Personal Social	Atividade Linguagem	Atividade	Atividade	Atividade
Idade mental (mes)	66	74	68	70	66	52
Coeficiente	86	96	88	91	86	67

Conclusão: Criança com avaliação de desenvolvimento global normal
Lento por revelar áreas normais em de audição e
motricidade fina, áreas centrais (1º e 2º graus) e de
noticiado de global, linguagem e cópias, verbal e
área a revelar deficiência cognitiva leve a área de
atividade cópias verbal.
Necessidade de estratégias dirigidas às suas
características.
Esja 2/6/01

ANEXO C - Relatório confidencial de observação e avaliação psicológica (30 de janeiro de 2006)

Relatório confidencial de observação e avaliação psicológica

No âmbito da proposta feita aos Serviços de Psicologia e Orientação pela Escola do 1º Ciclo da [redacted], foi efectuada uma avaliação psicopedagógica ao aluno [redacted] de 7 anos de idade, do 1º ano de escolaridade.

De acordo com o pedido de atendimento individual feito aos Serviços de Psicologia e Orientação, "o aluno tem dificuldades de aprendizagem (memorização), períodos de atenção muito curtos, tem vocabulário pobre para a sua idade. Troca letras que aprendeu (vogais, ditongos e algumas consoantes). Apresenta instabilidade emocional. Por último, tem aulas de psicomotricidade".

Esteve presente na sessão de avaliação psicológica a mãe do aluno. De acordo com as informações prestadas, não existem informações relevantes a salientar no período pré-natal. No entanto, aquando do parto, o [redacted] nasceu com um peso inferior (2,320 kg) e com o cordão umbilical à volta do pescoço (não foi precisa reanimação, e esteve 10 dias na incubadora). Com 1 mês de vida, foi operado na zona do estômago porque vomitava tudo o que comia. Aos 5 anos de idade, foi para o Jardim-de-infância (adaptação difícil). Considerou-se na altura que o aluno não tinha condições para entrar no 1º ciclo, pelo que se pediu adiamento de matrícula. A adaptação ao 1º ciclo foi normal, apesar de alguma resistência inicial. São referidas bastantes dificuldades a nível da atenção/concentração desde tenra idade.

O aluno foi observado na Consulta de Desenvolvimento de Castelo Branco (2/6/2005), que refere "criança com avaliação de desenvolvimento global normal lento que revela áreas normais as de autonomia e motricidade fina, áreas lentas (1 desvio-padrão) as de motricidade global, linguagem e cognição não verbal e área a revelar défice cognitivo ligeiro a área de cognição verbal. Necessita de estratégias dirigidas às suas características".

Durante a situação de avaliação, o [redacted] manteve níveis médios de atenção/concentração. Apresenta uma linguagem pouco elaborada para a sua idade e, de igual modo, uma lateralidade cruzada. Por fim, o aluno foi, em geral, algo impulsivo na realização das tarefas propostas.

A avaliação cognitiva realizada (Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças e as Matrizes Progressivas Coloridas de Raven) revela resultados que, no geral, se poderão considerar abaixo da média para a sua faixa etária.

Na Escala de Wechsler (WISC-III), o [redacted] apresenta um Q.I. Verbal Médio, um Q.I. de Realização Inferior (menos 1^{2/3} desvio-padrão em relação à média) e um Q.I. de Escala Completa Médio Inferior (menos 1^{1/3} desvio-padrão em relação à média).

Salientam-se, na parte verbal da escala, muitas dificuldades em provas que avaliam o cálculo mental e a memória auditiva sequencial. O aluno apresenta uma competência elevada nas experiências e conhecimento de regras de relacionamento social (demonstração de informação prática).

No domínio da realização, o [redacted] apresenta um perfil de resultados abaixo do esperado para a sua idade cronológica a nível da memória visual de curto e longo prazo, do raciocínio viso-espacial (inteligência não-verbal), e da análise e integração perceptiva.

Os resultados mais baixos encontrados estão em geral relacionados com défices a nível da capacidade de atenção/concentração (no caso, visual e auditiva), ansiedade, susceptibilidade à fadiga, impulsividade e dificuldades de aprendizagem. Verifica-se ainda que o aluno apresenta um rendimento inferior a nível da organização perceptiva (coordenação viso-motora e pensamento não-verbal) e da velocidade de processamento da informação (velocidade de resposta). Por outro lado, existe um resultado médio no índice compreensão verbal (expressão, conhecimento e conceptualização verbais).

Nas Matrizes Progressivas Coloridas de Raven, teste psicológico que visa avaliar a capacidade intelectual não verbal (raciocínio lógico-abstracto), o apresenta um resultado médio inferior para a sua idade, situando-se no percentil 31.

A nível emocional e comportamental são de referir vários problemas a nível da focalização e manutenção da atenção. A sua impulsividade faz com que tenha dificuldades em controlar e reflectir sobre o seu comportamento e em pensar antes de agir ou responder. Face ao exposto, e dada a presença de um quadro de dificuldades de aprendizagem, pensamos que este aluno deve beneficiar de algumas medidas do Decreto-Lei 319/91 (apoio pedagógico acrescido e/ou condições especiais de avaliação), sendo de igual modo necessária uma intervenção individualizada de âmbito psicopedagógico junto deste aluno na situação normal da sala de aula. De igual modo, e na medida do possível, deverão ser proporcionadas em casa tarefas de enriquecimento instrumental que sejam delineadas em colaboração com a escola. No próximo ano lectivo, o aluno deverá ser novamente alvo de avaliação psicológica.

No processo de ensino-aprendizagem deste aluno é ainda aconselhável o seguimento de algumas recomendações gerais:

- Uso de reforços verbais positivos (e.g. elogios) imediatamente a seguir a um bom desempenho. A ausência de reforços positivos é susceptível de produzir comportamentos de indiferença e afastamento das tarefas, ajudando, deste modo, a manter o sentimento de fracasso e a perpetuar um auto-conceito e auto-imagem negativos. Neste contexto, poderão utilizar-se expressões como *estou muito contente contigo; sim, tu fizeste bem; isso é um bom pensamento, tu estás a fazer muito bem;*

- Colocar o aluno numa das mesas da frente (melhor controlo da actividade do aluno e menos possibilidade de distração);

- Proporcionar apoio afectivo e relacional;

- Ensino acompanhado pela professora (ensino activo e o mais individualizado possível);

- Aumentar o grau de dificuldade das tarefas em função do nível de desempenho alcançado, de forma a facilitar a atenção e motivação;

- Possibilitar experiências de sucesso numa área que satisfaça os seus interesses;

- A avaliação dos seus progressos não deve ser feita tendo como referência os outros alunos, mas sim os seus desempenhos anteriores. Ele próprio deve fazer essa avaliação, registando a sua evolução;

- Chamar a atenção do aluno para áreas nas quais pode ser competente;

- Sensibilizar o aluno e o Encarregado de Educação para a importância da implementação de actividades de leitura e de hábitos e métodos de trabalho;
- Monitorizar e re-orientar com frequência. Neste contexto, ajudar a memorizar os procedimentos e a manter a atenção fazendo perguntas com regularidade;
- Os aspectos motivacionais devem ser enfatizados, elogiando e encorajando o João de forma sistemática, procurando, deste modo, estimular no aluno crenças positivas de auto-eficácia.

Ao nível do acompanhamento em casa sugerimos a implementação das seguintes medidas e estratégias:

- Chamar a atenção do aluno para áreas nas quais pode ser extremamente competente;
- Proporcionar apoio afectivo e relacional;
- Proporcionar condições que permitam um adequado desenvolvimento de estratégias e métodos de estudo e de trabalho;
- Comprometimento, por parte do Encarregado de Educação, em efectuar contactos frequentes com a Escola:
 - Diálogo mais frequente sobre as vivências, experiências escolares e dificuldades do João;
 - Evitar o recurso a comparações desnecessárias com os resultados e desempenhos das outras crianças;
- Proporcionar apoio afectivo e recorrer ao elogio de todas as aquisições;

30 de Janeiro de 2006
O Psicólogo

ANEXO D - Relatório confidencial de observação e avaliação psicológica (19 de abril de 2007)

**Serviços de Psicologia e Orientação do Agrupamento de Escolas Públicas
do Concelho de**

Relatório confidencial de observação e avaliação psicológica

No âmbito da proposta feita aos Serviços de Psicologia e Orientação pela Escola do 1º Ciclo da
foi efectuada uma nova avaliação psicopedagógica ao aluno de 8 anos
de idade, do 2º ano de escolaridade.

De acordo com o pedido de atendimento individual feito aos Serviços de Psicologia e Orientação, o aluno
“Tem pouca iniciativa e quando participa, por vezes está fora do contexto. Tem um ritmo lento de
aprendizagem. É pouco organizado e tem dificuldade em reter a informação que lhe é transmitida. Raramente
está concentrado. Ainda continua a levantar-se e falar com os colegas. Beneficia de sessões de
psicomotricidade”.

Segundo os seus pais, o é “muito preguiçoso e distraído, e pouco autónomo na realização das suas
actividades”.

Durante a situação de avaliação, o manteve níveis relativamente adequados de
atenção/concentração, tendo-se, no entanto, notado alguma irrequietude. Continua a apresentar uma
linguagem pouco elaborada para a sua idade, com um vocabulário reduzido e baixa fluência verbal.

A avaliação cognitiva realizada (Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças e as Matrizes
Progressivas Coloridas de Raven) revela resultados que, no geral, se poderão considerar abaixo da média
para a sua faixa etária.

Na Escala de Wechsler (WISC-III), o apresenta um Q.I. Verbal (verbalização) Médio Inferior, um
Q.I. de Realização (percepção visual) e um Q.I. de Escala Completa Muito Inferior (- 2 desvios-padrão em
relação à média). Existem diferenças estatisticamente significativas entre Q.I.'s/Índices, pouco comuns entre
a população.

Salientam-se, na parte verbal da escala, dificuldades em provas que avaliam o cálculo mental e,
sobretudo, a memória episódica de longo prazo e a memória auditiva sequencial. O aluno apresenta
competências médias em provas relacionadas com a compreensão de relações lógicas (pensamento
categorial), o desenvolvimento linguístico e a demonstração de informação prática (juízo social).

No domínio da realização, o apresenta um perfil de resultados bastante abaixo do esperado para a
sua idade cronológica, nomeadamente em subtestes ligados com a memória visual de curto prazo (velocidade
psicomotora e mental), o raciocínio viso-espacial (inteligência não-verbal), a sequenciação temporal, e a
análise e integração perceptiva.

Verifica-se ainda que o aluno apresenta um rendimento muito inferior a nível da organização perceptiva
(coordenação viso-motora e pensamento não-verbal) e da velocidade de processamento da informação
(velocidade de resposta). No índice compreensão verbal (expressão, conhecimento e conceptualização
verbais), o obteve um resultado médio inferior.

Nas Matrizes Progressivas Coloridas de Raven, teste psicológico que visa avaliar a capacidade intelectual
não verbal (raciocínio lógico-abstracto), o apresenta um resultado inferior para a sua idade, situando-se
no percentil 10 (notou-se a existência de impulsividade).

Verificou-se que efectua uma leitura com um ritmo muito lento (bradilexia), com baixa velocidade de leitura e incorrecta (quase ininteligível). Na escrita (muito demorada), os erros mais significativos dizem respeito a omissões, erros de acentuação, substituições e inversões. Apresenta uma caligrafia deficiente, com letras pouco diferenciadas e mal proporcionadas.

Nas duas escalas de Connors utilizadas (Pais e Professores- forma reduzida), que têm como objectivo avaliar problemas de comportamento, notou-se alguma concordância entre as duas avaliações. De facto, a avaliação dos pais aponta para a possibilidade de problemas significativos (resultados medianamente atípicos) em todas as sub-escalas consideradas. A avaliação da escola salienta de igual modo todas as sub-escalas, em especial a Escala de “Problemas Cognitivos-Desatenção”, com um resultado marcadamente atípico.

Face ao exposto, e dada a presença de um quadro de dificuldades de aprendizagem (desenvolvimento cognitivo inferior e dificuldades pedagógicas, sobretudo no domínio da leitura e escrita), pensamos que este aluno deve beneficiar de algumas medidas do Decreto-Lei 319/91 (apoio pedagógico acrescido, adaptações curriculares e/ou condições especiais de avaliação), e de uma intervenção individualizada de âmbito psicopedagógico junto deste aluno na situação normal da sala de aula. Na situação de apoio pedagógico acrescido, deve-se incidir em tarefas que permitam a estimulação das capacidades de **memória, atenção e organização**, e na promoção do sucesso na área da Língua Portuguesa (enriquecimento do vocabulário, produções escritas, compreensão e interpretação de textos, rimas e lengalengas, consciência silábica, de palavras, etc.). De igual modo, as várias informações recolhidas indicam no sentido de existirem alguns indícios de estarmos perante um quadro de **Perturbação da Hiperactividade com Défice de Atenção Tipo Combinado (défice de atenção e impulsividade)**, pelo que sugerimos a sua apreciação e avaliação no sentido de se aferir da necessidade de tratamento médico. O aluno deve continuar a beneficiar das sessões de psicomotricidade.

De igual modo, e na medida do possível, deverão ser proporcionadas em casa tarefas de enriquecimento instrumental que sejam delineadas em colaboração com a escola. No próximo ano lectivo, o aluno deverá ser novamente alvo de avaliação psicológica.

19 de Abril de 2007
O Psicólogo

ANEXO E - Relatório da consulta de desenvolvimento (05 de junho de 2007)



HOSPITAL

Ministério da Saúde

SERVIÇO DE PEDIATRIA

Centro Distrital de Desenvolvimento da Criança

Observação

De presente foi feita a Perícia de alguns exames e teste de inteligência, para o fim de definir o quadro.

Neste caso de uma inteligência, dirigida às suas dificuldades e de estratégias comportamentais dirigidas ao seu nível intelectual.

Decisão médica e terapêutica, no sentido de ajudar a que estas estratégias sejam melhor sucedidas, pelo que vai iniciar 1/2 cp. no 1º dia, + 1/2 cp. os outros dias, no próximo ao leite. Apesar, de ser inferior da sua idade, no estado, para melhor podemos ajustar a medicação.

O melhor sempre

Castelo Branco 05/06/07

A pediatra:

ANEXO F - Registo de avaliação do 3.º período (ano letivo 2006/2007)

Aluno _____ do 2.º Ano, Turma 1 Escola/Agrupamento <u>EB 1 de</u> <u>-Agrupamento de escolas</u>	1.º CICLO Ano lectivo <u>2006/2007</u> 3.º Período
--	---

Assiduidade	Presenças <u>168</u> Faltas <u>0</u>

Síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares (Área de Projecto, Estudo Acompanhado, Formação Cívica)

6 não tem responsabilidade, mas tem alguma imaginação criadora.
Gosta de trabalhar em grupo, mas é um pouco destabilizador do grupo.
Não é agressivo.

Síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares (Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Matemática, Expressões Artísticas e Físico-Motoras)

Em Língua Portuguesa tem um pouco de dificuldade em ler e escrever sem ajuda. Recorda alguns casos especiais, mas esquece depressa os que sabe.
Em Matemática identifica os números até 20. Faz sequências até este número.
Na área de Estudo do Meio está a par da matéria.

Educação Moral e Religiosa (a) <u>2º católico</u>

Actividades de enriquecimento do currículo

Apreciação global

Não conseguiram atingir os objectivos pretendidos, seria melhor para ele ficar no 2º Ano de escolaridade.

Observações

É muito imaturo.

AVALIAÇÃO FINAL DE ANO/CICLO

O Professor

Data 25/06/2007

J Encarregado de Educação

Data 27/06/2007

A síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares é preenchida pelo professor titular da turma, tem por base o Projecto Curricular de Turma e evidencia os aspectos em que as aprendizagens do aluno precisam de ser melhoradas, aponta modos de superar as dificuldades, valoriza o que o aluno já sabe e as competências que já adquiriu.

A síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares tem também como referência o estabelecido para estas áreas, no Projecto Curricular de Turma. Entre outros, são considerados os seguintes parâmetros de avaliação:

Área de Projecto: organização do projecto e nível de concretização das tarefas, trabalho cooperativo, qualidade dos produtos realizados e da sua apresentação, capacidade de iniciativa, reflexão sobre o trabalho desenvolvido, sentido de responsabilidade;

Estudo Acompanhado: autonomia na realização das aprendizagens, métodos de estudo, de organização e de trabalho, estratégias de resolução de problemas, pesquisa e utilização de diversas fontes de informação;

Formação Cívica: relação interpessoal, reflexão sobre a vida da turma, da escola e da comunidade, autonomia e sentido de responsabilidade.

A **Apreciação global** deve fazer referência, entre outras informações consideradas importantes para o sucesso escolar do aluno, às formações transdisciplinares, designadamente a Educação para a Cidadania, a valorização da Língua Portuguesa e a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação.

As **Actividades de enriquecimento do currículo** devem incluir uma síntese descritiva sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira, sempre que esta exista.

ANEXO G - Relatório da consulta de desenvolvimento (04 de janeiro de 2008)



Ministério da Saúde

HOSPITAL AMATO LUSITANO

Castelo Branco

SERVIÇO DE PEDIATRIA

Centro Distrital de Desenvolvimento da Criança

Declaração

Para o devido e justo se declarar por o mesmo
e portador de dificuldades

cognitivas sobretudo para a área de escrita, no sentido
revelando dificuldades no organismo receptor.

Para além das dificuldades, apresenta critérios
de leitura e Afectividade e Dificuldade de Atenção, com
prevalência desatento, pelo DSM-IV.

Neurotização de apoio de natureza espacial, e dificuldades
comportamentais e pedagógicas dirigidas às suas
dificuldades e ao diagnóstico realizado.

Por ser verdade e ter sido feita pessoalmente
presente por João e aldo,

C. Branca 04/01/08

ANEXO H - Relatório confidencial de observação e avaliação psicológica (14 de março de 2008)

Relatório Confidencial de Observação e Avaliação Psicológica

No âmbito da proposta feita aos Serviços de Psicologia e Orientação pela Escola do 1º ciclo da _____, foi efectuada uma reavaliação psicológica ao aluno _____, 9 anos de idade, e que frequenta o 2º ano de escolaridade.

Motivo do pedido: “ *nova reavaliação e observação. O aluno foi à consulta de desenvolvimento, e segundo o relatório o aluno continua com défice cognitivo acentuado. As suas aprendizagens continuam a ser muito lentas*”.

O _____ foi avaliado em exame nas seguintes provas:

- ✓ **DESENHO DA FIGURA HUMANA** (Goodenough - Teste de Desenvolvimento Cognitivo-Emocional);
- ✓ **WISC-III** (Escala de Inteligência de Wechsler para crianças);
- ✓ **BAPAE** (Bateria de Avaliação de Aptidões para a Prontidão Escolar)
- ✓ **CONNERS** (Escala de Avaliação Comportamental);
- ✓ **Matrizes Progressivas Coloridas de RAVEN** (Avaliação da capacidade intelectual não-verbal, raciocínio lógico-abstrato);
- ✓ **TESTE do DESENHO DA FAMÍLIA** (Avaliação dos Aspectos Afectivos, dos Sentimentos que Experimenta e Como se Posiciona Dentro da Família).
- ✓ **Exercícios de Escrita e Leitura;**

Durante a observação, esteve vigil, com actividade psicomotora lenta, mostrando interesse e cooperação no exame, e estabeleceu uma relação simpática com a examinadora. Revelou capacidade de concentração nas tarefas propostas.

Registou-se:

Desenho da Figura Humana

De acordo com os limites esperados para a faixa etária, e em equiparação com alguns resultados obtidos na WISC-III, o _____ apresenta um desenvolvimento cognitivo que se situa na Banda Inferior.

A figura com maior qualidade formal é a masculina, pelo que é um indicador de valorização e identificação.

A amplitude dos desenhos remete para a introversão, enquanto que a força do traçado denota impulsividade e audácia. A localização indica a expressão da fantasia latente. Da análise do traçado salienta-se um traçado racional, indicador da tendência para reprimir as emoções. A qualidade do traçado, mal controlado e a falta de proporções são indicadores de impulsividade. Na elaboração dos desenhos salientam-se a ausência de detalhes específicos, indicadores de ausência de abstracção cognitiva.

WISC-III

De acordo com a faixa etária, o . apresenta um Q.I. Escala Completa Inferior, um Q.I Verbal Médio Inferior e o Q.I de Realização Inferior.

Não existem diferenças estatisticamente significativas entre QI'S (8 pontos) os valores são homogéneos, isto dá-nos conta de que as suas competências verbais e não – verbais estão igualmente desenvolvidas, ou seja, as capacidades intelectuais cristalizadas, (mais relacionadas com o treino, educação e aculturação), e as capacidades fluidas (que permitem a adaptação a estímulos menos familiares) encontram-se ao mesmo nível, apesar de a parte verbal ser *um pouco superior* à de realização.

Relativamente aos índices avaliados pela WISC-III apresenta um resultado médio o índice de compreensão verbal, este refere-se à capacidade de conceptualização, conhecimento e expressão verbal, e esta associado à capacidade de resposta oral a questões que avaliam o conhecimento geral factual, significado das palavras, raciocínio e capacidade para expressar ideias em palavras, as provas avaliam: o processamento sequencial, e memória.

O índice de organização perceptiva apresenta um resultado inferior, e refere-se ao pensamento não verbal e coordenação visuo-motora, incide sobre a análise da integração de estímulos visuais, raciocínio não-verbal e aplicação de capacidades visuo – espaciais e visuo – motoras na resolução de problemas.

O desempenho no índice de velocidade de processamento revelou um resultado médio inferior, este índice refere-se à velocidade de resposta na resolução de problemas.

Acerca da forma como o se situa comparativamente ao esperado para a sua faixa etária e desempenho escolar nos subtestes avaliados, encontram-se abaixo da média as seguintes competências:

Conhecimento geral factual; capacidade de calculo/raciocínio quantitativo; conhecimento de comportamentos convencionais padronizados; memória de curto-prazo auditiva; reconhecimento e identificação visuais (memória visual a longo-prazo); formação de conceitos não – verbais, visualização espacial, análise do todo a partir das suas componentes; velocidade de procura visual; benefício do feedback sensório-motor, antecipação das relações entre as partes; capacidade de planeamento e organização perceptiva.

Estes resultados mais baixos significam que certos factores de promoção não estão disponíveis na criança, e podem ser influenciados por; pouco investimento emocional – cognitivo e consequente diminuição da disponibilidade para o conhecimento geral, dificuldades escolares associadas a uma atitude resistente a temas que podem suscitar ansiedade, susceptibilidade à fadiga, ansiedade relacionada com impulsividade, descuidado e falta de verificação; dificuldade de análise visuo-espacial (quando olha sem conseguir perceber como realizar a tarefa); dificuldade na verificação do seu comportamento (quando faz ao acaso); falta de interesse por tarefas manipulativas.

BAPAE

Na BAPAE, prova indicada para a avaliação da prontidão escolar, tendo em conta que avalia competências importantes, as quais a criança já deverá ter adquirido de forma a ser capaz de aprender as matérias escolares, o revela resultados abaixo da média de acordo com a sua faixa etária e nível de escolaridade, nas provas de Aptidão Numérica, Orientação e Relações Espaciais.

Apresentam-se também abaixo da média esperada de acordo com a escolaridade o resultado na prova de compreensão verbal.

RAVEN

Na Prova de Raven o revelou um resultado que se encontra abaixo da média para a sua idade.

CONNERS

Na escala de Conners para pais na versão forma completa, os resultados obtidos apontam para a possibilidade de existência de Problemas Cognitivos – Desatenção.

Teste Do Desenho Da Família

O grau de perfeição do desenho exprime imaturidade, que poderá depender não só do desenvolvimento cognitivo, mas sobretudo de factores afectivos, e pela estruturação global da personalidade.

O desenho da família realizado pelo [] permite afastar-se tanto quanto deseja ou necessita, da realidade objectiva e mostrar a sua concepção pessoal do mundo familiar. A Afectividade assume uma valência positiva, que se traduz em sentimentos de admiração ou de amor, que conduzem a criança a investir na figura privilegiada, colocando-a particularmente em relevo no seu desenho, essa figura é o avô paterno.

Relativamente aos laços e relações familiares denota-se uma relação afectiva de intimidade e aproximação muito significativa com o avô.

Escrita/Leitura

Nos exercícios efectuados verificou-se a existência de muitos erros e omissões na parte da escrita. A caligrafia é imperfeita, mal proporcionada e por vezes pouco legível. A leitura é lenta e silabada, mas correcta.

CONCLUSÃO:

Ao nível cognitivo os resultados obtidos são claramente abaixo da média face à escolaridade e faixa etária, pelo que apresenta fundamentos necessários para continuar (de acordo com a recomendação feita anteriormente pelo Dr. [] no SPO) a beneficiar de medidas do novo Decreto-Lei 3/08.

É importante também intervir do ponto de vista comportamental, a fim de estimular a concentração e atenção do []

É necessário que em casa continue a existir um acompanhamento diário das actividades escolares, fomentando o diálogo frequente sobre as vivências, experiências e dificuldades do [], e proporcionar apoio afectivo e relacional, e recorrer ao elogio de *todas* as aquisições.

Ao nível emocional salienta-se a relação afectiva significativa do [], com o avô paterno, importante para o seu desenvolvimento sócio-afectivo, no entanto recomenda-se que as interacções familiares se estabeleçam e sejam promovidas com todos os seus elementos.

, 14 de Março de 2008
Serviço de Psicologia e Orientação
(A Psicóloga)

ANEXO I - Registo de avaliação do 3.º período (ano letivo 2007/2008)

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS PÚBLICAS DO CONCELHO DE
REGISTO DE AVALIAÇÃO TRIMESTRAL

EB1 de _____

Aluno _____

Ano: 2º

1º Ciclo
Ano lectivo
2007/2008

3º Período

		Áreas Curriculares Disciplinares					NS	SP	S	SB	E
EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO	Físico-motora	Participação nas situações de jogo, cumprindo as regras;							X		
		Progressão/Evolução na aprendizagem;							X		
		Capacidade de praticar jogos, exercícios diversos, percursos na natureza							X		
		Domínio de técnicas de movimentos e de utilização de aparelhos							X		
	Musical	Desenvolvimento das competências específicas (memória, atenção, concentração, reflexos e coordenação áudio-visual-motora);								X	
		Conhecimento de músicas (canções, lengalengas, rimas e instrumentos)								X	
		Capacidade de produzir e/ou criar sons								X	
		Domínio progressivo da expressividade do corpo e da voz								X	
	Dramática	Compreensão de instruções de jogos verbais e não verbais								X	
		Conhecimento de diferentes papéis, de exercícios de comunicação								X	
		Capacidade de produzir e/ou criar personagens, histórias ou jogos de imaginação								X	
		Domínio progressivo da expressividade do corpo e da voz								X	
	Plástica	Exploração dos diversos materiais com criatividade								X	
Capacidade de produzir e/ou criar trabalhos diversos									X		
Domínio de técnicas de pintura, recorte, colagem, dobragem									X		
ESTUDO DO MEIO	Descrever os seus itinerários diários (casa/escola, lojas...).								X		
	Distinguir diferentes tipos de transportes utilizados na sua comunidade e conhecer outros tipos.								X		
	Reconhecer tipos de comunicação pessoal (correio, telefone...) e social (jornais, rádio, televisão...).							X			
	Comparar e agrupar materiais segundo algumas das suas propriedades (flexibilidade, resistência, solubilidade, dureza, transparência, combustibilidade)								X		
	Relacionar essas propriedades com a utilidade dos materiais e identificar a sua origem (natural/artificial).								X		
	Reconhecer a existência do ar e o seu peso (balões, seringas...).								X		
	Reconhecer a utilidade de alguns materiais e conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização.								X		
LÍNGUA PORTUGUESA	Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza								X		
	Revelar capacidade de retenção da informação oral								X		
	Manifestar gosto pela recolha de produções do património literário oral								X		
	Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação								X		
	Ler com expressividade								X		
	Interpretar o que ouve e o que lê (enunciados orais e escritos)								X		
	Produzir diferentes tipos de textos com clareza e imaginação								X		
	Escrever com caligrafia legível e cuidada								X		
	Utilizar os sinais gráficos de pontuação e acentuação								X		
MATEMÁTICA	Compor e decompor números								X		
	Relacionar e ordenar números inteiros e utilizar simbologia adequada								X		
	Efectuar operações com números inteiros								X		
	Identificar números pares e números ímpares.								X		
	Contar de 2 em 2, 3 em 3, 5 em 5, 10 em 10								X		
	Ler e escrever números por extenso								X		
	Relacionar a metade como o inverso de o dobro, a terça-parte como o inverso de o triplo, a quarta-parte como o inverso de o quádruplo.								X		
	Comparar capacidades, comprimentos e massas.								X		
	Conhecer as notas e as moedas em uso.								X		
	Relacionar o milhar, a centena, a dezena e a unidade								X		
	Calcular mentalmente								X		
Resolver problemas do dia a dia								X			

Áreas Curriculares Não Disciplinares		NS	SP	S	SB	E
ÁREA DE PROJECTO	Organização do projecto			X		
	Nível de concretização das tarefas			X		
	Trabalho cooperativo			X		
	Qualidade dos produtos realizados			X		
	Apresentação dos produtos realizados			X		
	Capacidade de iniciativa			X		
	Reflexão sobre o trabalho desenvolvido			X		
	Sentido de responsabilidade			X		

FORMAÇÃO CÍVICA	Relação interpessoal			X		
	Reflexão sobre a vida da turma			X		
	Reflexão sobre a vida da escola			X		
	Reflexão sobre a vida da comunidade			X		
	Autonomia			X		
	Sentido de responsabilidade			X		

ESTUDO ACOMPANHADO	Autonomia na realização das aprendizagens			X		
	Métodos de estudo, de organização e de trabalho			X		
	Estratégias de resolução de problemas			X		
	Pesquisa e utilização de fontes de informação variadas			X		

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA <u>Católica</u>	Interesse e empenho manifestado nas tarefas distribuídas			X		
	Qualidade da participação e das intervenções			X		
	Comportamento na sala de aula			X		
	Respeito e valorização pelas atitudes e ideias dos outros			X		

NS-Não Satisfaz, SP- Satisfaz Pouco, S- Satisfaz, SB- Satisfaz Bastante, E- Excelente

Pontualidade	8 pontual	
Assiduidade	53 presenças	2 faltas

APRECIACÃO GLOBAL

6
 pois já está mais amadurecido, pois já realiza os trabalhos que lhe são confiados.
 Evoluiu bastante, mas tem que estar ao pé de outra pessoa para o ajudar.

MEDIDAS DE APOIO EDUCATIVO

OBSERVAÇÕES

O Professor:	Doc. de Educação:	Avaliação Final de ano/ciclo:
Data: 25/06/2008	Data: 30/06/2008	Transitou para o 3º Ano com a avaliação de Satisfaz.

ANEXO J - Informação clínica do serviço de pediatria do hospital distrital (28 de Outubro de 2008)



Ministério da Saúde

HOSPITAL AMATO LUSITANO
Castelo Branco

SERVIÇO DE PEDIATRIA

Centro Distrital de Desenvolvimento da Criança

Informação clara

Criança que apresenta atraso de desenvolvimento abaixo do
1º ano de vida e Perturbação de Hipercatetese e Defici-
de Ativos Cerebrais pelo que necessita de estratégias
pedagógicas comportamentais dirigidas aos seus défices.
Necessita ainda de motofunção diária, no sentido
de maximizar as estratégias que exposta.

Castelo Branco 28/10/2014

A pediatria:
HOSPITAL AMATO LUSITANO
CASTELO BRANCO
SERVIÇO DE PEDIATRIA
CENTRO DISTRITAL DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

ANEXO L - Declaração da consulta de desenvolvimento (02 de junho de 2009)



Ministério da Saúde

HOSPITAL AMATO LUSITANO

Castelo Branco

SERVIÇO DE PEDIATRIA

Centro Distrital de Desenvolvimento da Criança

Declaração:

Eu, [nome], declaro que
 o meu filho(a) [nome], com idade de [idade] anos,
 de [sexo], apresenta sintomas de hiperatividade moderada a grave
 decorrente de alterações funcionais de carácter
 permanente, resultando em dificuldades
 continuadas a nível da aprendizagem e
 relacionamento interpessoal pelo que necessita
 das medidas educativas previstas no artigo 16º
 do Dec. Lei nº 3/2008 de 7 de Janeiro
 por ser verificado a [data] em [local] tendo, por
 a presente se dado a citação,

Castelo Branco, [data] de [mês] de [ano]

HOSPITAL AMATO LUSITANO
 CASTELO BRANCO
 CENTRO DISTRITAL DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA



ANEXO M - Informação psicológica (30 de junho de 2009)



Ministério da Saúde

HOSPITAL AMATO LUSITANO
Castelo Branco

SERVIÇO DE PEDIATRIA

Centro Distrital de Desenvolvimento da Criança

Informação Psicológica

de idade, de 10 anos, é acompanhado em consulta de desenvolvimento desde Maio de 2007, por apresentar uma Perturbação de Hiperactividade com Défice de Atenção. Está medicado com metilfenidato para controle de atenções, no entanto, apresenta um compromisso grave de Função b140, 2º Q C3F.

Rela avaliação psicológica realizada em Abril de 2007, é possível compreender que o tem também um compromisso grave das funções b156 (percepção) e b144 (memória).

Para que possa ter sucesso escolar

deverá ter apoio da Educação espe-
cial.

Será avaliada em consulta de
psicologia em Novembro 2009.

, 30 de Junho de 2009

ANEXO N - Declaração da consulta de desenvolvimento (10 de julho de 2009)



HOSPITAL AMATO LUSITANO

Castelo Branco

SERVIÇO DE PEDIATRIA

Ministério da Saúde

Centro Distrital de Desenvolvimento da Criança

Declaração

O ... e' portador de
 Certidão de Aderção Comportamental e Afetividade
 moderada e Dific. Cognitivo pelo
 necessite de estratégias comportamentais e
 pedagógicas dirigidas às suas dificuldades.
 Toda intervenção terapêutica e educativa de
 medidas educativas sempre prevista no Decl.
 de 3/2008 de 7 de Janeiro no seu art.º 10.
 De ser verificado a esta data todos
 pontos presentes no Decl. e outros

Castelo Branco 10/02/09

A pediatra:



ANEXO O - Registo de avaliação trimestral do 3.º período (ano letivo 2008/2009)

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE
REGISTO DE AVALIAÇÃO TRIMESTRAL
EBI de

1º Ciclo
Ano lectivo
2008/2009

Aluno _____

Ano: 3º

3º Período

Áreas Curriculares Disciplinares		NS	S	SB	E	
EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO	Físico-motora	Participação nas situações de jogo, cumprindo as regras;		X		
		Progressão/Evolução na aprendizagem;		X		
		Capacidade de praticar jogos, exercícios diversos, percursos na natureza		X		
		Domínio de técnicas de movimentos e de utilização de aparelhos		X		
	Musical	Desenvolvimento das competências específicas (memória, atenção, concentração, reflexos e coordenação áudio-visual-motora);		X		
		Conhecimento de músicas (canções, lengalengas, rimas e instrumentos)		X		
		Capacidade de produzir e/ou criar sons		X		
		Domínio progressivo da expressividade do corpo e da voz		X		
	Dramática	Compreensão de instruções de jogos verbais e não verbais		X		
		Conhecimento de diferentes papéis, de exercícios de comunicação		X		
		Capacidade de produzir e/ou criar personagens, histórias ou jogos de imaginação		X		
		Domínio progressivo da expressividade do corpo e da voz		X		
	Plástica	Exploração dos diversos materiais com criatividade		X		
		Capacidade de produzir e/ou criar trabalhos diversos		X		
		Domínio de técnicas de pintura, recorte, colagem, dobragem		X		
ESTUDO DO MEIO	Conhecer e aplicar alguns cuidados na utilização e conservação de objectos (tesoura, martelo, sacho, serrote, máquina fotográfica, gravador...)		X			
	Reconhecer a importância da leitura das instruções e/ou normas de utilização.		X			
	Identificar as várias actividades económicas existentes na região.		X			
	Identificar alguns produtos derivados das várias actividades económicas		X			
	Reconhecer as várias actividades económicas como fonte de alimentos ou de matérias primas		X			
	Relacionar as actividades económicas com os diversos problemas ambientais (produtos químicos, poluição, incêndios florestais)		X			
LÍNGUA PORTUGUESA	Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza		X			
	Revelar capacidade de retenção da informação oral		X			
	Manifestar gosto pela recolha de produções do património literário oral		X			
	Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação		X			
	Ler com expressividade		X			
	Interpretar o que ouve e o que lê (enunciados orais e escritos)		X			
	Produzir diferentes tipos de textos com clareza e imaginação		X			
	Escrever com caligrafia legível e cuidada		X			
	Descobrir aspectos fundamentais da estrutura e do funcionamento da língua a partir de situações de uso		X			
	Utilizar os sinais gráficos de pontuação e acentuação		X			
MATEMÁTICA	Multiplicar números inteiros por 10, 100 e 1000		X			
	Compor e decompor números		X			
	Efectuar operações com números inteiros e decimais		X			
	Decompor números em somas, diferenças e produtos		X			
	Relacionar o metro, o decímetro e o centímetro		X			
	Reconhecer a equivalência entre $1/10 \times$; $0,1 \times$ e $:10$.		X			
	Medir e calcular o perímetro de polígonos.		X			
	Calcular a medida de áreas.		X			
	Reconhecer o cm^2 e o dm^2 como unidade de medida de área.		X			
	Comparar volumes de objectos.		X			
	Relacionar as medidas de capacidade.		X			
	Relacionar as medidas de massa.		X			
	Utilizar estratégias diferentes para efectuar um cálculo		X			
	Ter capacidade de raciocínio		X			
Resolver problemas do dia a dia		X				

Áreas Curriculares Não Disciplinares		NS	S	SB
ÁREA DE PROJECTO	Organização do projecto		X	
	Nível de concretização das tarefas		X	
	Trabalho cooperativo		X	
	Qualidade dos produtos realizados		X	
	Apresentação dos produtos realizados		X	
	Capacidade de iniciativa		X	
	Reflexão sobre o trabalho desenvolvido		X	
	Sentido de responsabilidade		X	
FORMAÇÃO CÍVICA	Relação interpessoal		X	
	Reflexão sobre a vida da turma		X	
	Reflexão sobre a vida da escola		X	
	Reflexão sobre a vida da comunidade		X	
	Autonomia		X	
	Sentido de responsabilidade		X	
ESTUDO ACOMPANHADO	Autonomia na realização das aprendizagens		X	
	Métodos de estudo, de organização e de trabalho		X	
	Estratégias de resolução de problemas		X	
	Pesquisa e utilização de fontes de informação variadas		X	
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA Católica	Interesse e empenho manifestado nas tarefas distribuídas			X
	Qualidade da participação e das intervenções			X
	Comportamento na sala de aula			X
	Respeito e valorização pelas atitudes e ideias dos outros			X

NS-Não Satisfaz, S- Satisfaz, SB- Satisfaz Bastante, E- Excelente

Pontualidade	8 ^ª pontual		
Assiduidade	46	presenças	0 faltas

APRECIACÃO GLOBAL

Na globalidade conseguiu atingir os objetivos pretendidos. Tem dificuldade porque não sabe interpretar textos. Tem uma grande busca de vontade e por isso consegue superar certas dificuldades. (2^ª - fto a frequentar o 4^º ano de escolaridade)

MEDIDAS DE APOIO EDUCATIVO

OBSERVAÇÕES

O Professor:	O Enc. De Educação:	Avaliação Final de ano/letra:
Data: 13/06/2009	Data: 24/6/2009	04 ^º ano de escolaridade

ANEXO P - Relatório Técnico Pedagógico (17 de julho de 2009)

Relatório Técnico-Pedagógico

Nome: _____

Data de Nascimento: 24/11/1998

Idade: 10 anos

Ano de Escolaridade: 3º ano de escolaridade **Escola:** EB de _____

Perfil de funcionalidade

1. Actividade e participação

O aluno revela dificuldades em compreender e usar conceitos básicos e complexos, relacionados com as características dos objectos, pessoas e acontecimentos (d137). Mostra ainda graves dificuldades em ler com fluência e precisão, tais como vocalizar palavras e compreender o significado de palavras e frases (d140) e (d1402).

Ao nível da escrita tem dificuldades em aprender competências básicas para transpor palavras ou ideias pronunciadas oralmente em palavras e frase escritas (d1452).

Na área da Matemática tem dificuldade em aprender competências aritméticas para o uso de operações de adição, subtração e multiplicação (d1502).

Com base nas suas dificuldades está o fraco poder de concentração. O aluno não se consegue abstrair de estímulos específicos e de ruídos que o distraiam (d160).

2. Factores ambientais

O _____ por apresentar uma perturbação de hiperactividade com défice de atenção, é medicado com metilfenidato ao almoço e ao jantar (e110 e e1101).

A família é facilitadora nas suas aprendizagens. O aluno apesar de ter um bom relacionamento com os pais, o avô apresenta-se como uma referência para o aluno (e310).

O aluno é acompanhado desde Maio de 2007, na consulta de desenvolvimento no Hospital Amato Lusitano (e355).

O _____ às vezes é influenciável por outras pessoas (e425).

3. Funções do Corpo

Pela avaliação psicológica realizada, o aluno apresenta uma perturbação de hiperactividade com défice de atenção (b140).

Também revela um compromisso grave das funções de memória (b144) e de percepção (b156).

Razões que determinam as NEE de carácter permanente/tipologia

O _____ é um aluno que revela dificuldades de aprendizagem acentuadas. Irá frequentar o 4º ano de escolaridade, mas cognitivamente encontra-se ao nível de um terceiro ano inicial. É um aluno com distúrbios de atenção e défice cognitivo. Por vezes, mesmo com o professor ao pé, distrai-se, levanta-se e vai falar com os colegas ou simplesmente alheia-se. A sua caligrafia tornou-se quase ilegível. Também facilmente esquece o que aprendeu. Redige frases simples pouco criativas e com erros ortográficos. Em determinadas palavras omite ou insere grafemas. Apresenta uma grande imaturidade quer na linguagem, quer nas suas atitudes e maneira de ser. Necessita de motivação constante e apoio por parte da professora, para poder terminar o seu trabalho com êxito, caso contrario distrai-se e nada faz. Ainda não é autónomo. As suas aprendizagens processam-se a um ritmo muito lento.

O aluno frequenta aulas de psicomotricidade e é acompanhado em consulta de desenvolvimento desde Maio de 2007, por apresentar uma perturbação de hiperactividade com défice de atenção.

Respostas e medidas educativas a adoptar

De forma a adequar o processo de ensino e de aprendizagem este aluno deve beneficiar das seguintes medidas:

Artigo 17 – Apoio pedagógico personalizado

Artigo 18 – Adequações curriculares

Artigo 20 – Adequações no processo de avaliação

Relatório elaborado por:

Data: 14/07/2009

Concordo com o presente relatório

O Encarregado de Educação:

Data: 17/07/2009

Homologado por: _____

Cargo: _____

Data: ____/____/____

Assinatura: _____

ANEXO Q - Avaliação do 3.º período (ano letivo 2009/2010)

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE PROENÇA-A-NOVA
REGISTO DE AVALIAÇÃO TRIMESTRAL

EB de _____

Ano: 4º

1º Ciclo
Ano lectivo
2007-2010
3º Período

Aluno _____

Áreas Curriculares Disciplinares		NS	S	SB	E	
EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO	Físico-motora	Participação nas situações de jogo, cumprindo as regras;			X	
		Progressão/Evolução na aprendizagem;			X	
		Capacidade de praticar jogos, exercícios diversos, percursos na natureza;			X	
		Domínio de técnicas de movimentos e de utilização de aparelhos;			X	
	Musical	Desenvolvimento das competências específicas (memória, atenção, concentração, reflexos e coordenação áudio-visual-motora);			X	
		Conhecimento de músicas (canções, lengalengas, rimas e instrumentos);			X	
		Capacidade de produzir e/ou criar sons;			X	
		Domínio progressivo da expressividade do corpo e da voz.			X	
	Dramática	Compreensão de instruções de jogos verbais e não verbais;			X	
		Conhecimento de diferentes papéis, de exercícios de comunicação;			X	
		Capacidade de produzir e/ou criar personagens, histórias ou jogos de imaginação;			X	
		Domínio progressivo da expressividade do corpo e da voz.			X	
	Plástica	Exploração dos diversos materiais com criatividade;			X	
		Capacidade de produzir e/ou criar trabalhos diversos;			X	
		Domínio de técnicas de pintura, recorte, colagem, dobragem.			X	
ESTUDO DO MEIO	Reconhecer a agricultura, pecuária, silvicultura, pesca, indústria, comércio e serviços como actividades económicas importantes em Portugal;		X			
	Identificar os principais produtos agrícolas, pecuários, florestais e industriais portugueses;		X			
	Identificar e observar alguns factores que contribuem para a degradação do meio próximo (lixeiros, indústrias poluentes, destruição do património...);		X			
	Enumerar possíveis soluções;		X			
	Reconhecer os efeitos da poluição atmosférica (efeito de estufa, a rarefacção do ozono, chuvas ácidas...);		X			
	Reconhecer a importância das florestas para a qualidade do ar;		X			
	Reconhecer algumas formas de poluição dos cursos de água e dos oceanos (esgotos, fluentes industriais, marés negras...);		X			
	Identificar alguns desequilíbrios ambientais provocados pela actividade humana		X			
	Realizar experiências com materiais e objectos de uso corrente, água, electricidade, ar, som;		X			
	Conhecer e aplicar alguns cuidados na utilização e conservação de materiais e objectos;		X			
Reconhecer a importância da leitura das instruções e/ou normas de utilização.		X				
LÍNGUA PORTUGUESA	Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza;		X			
	Revelar capacidade de retenção da informação oral;		X			
	Manifestar gosto pela recolha de produções do património literário oral;		X			
	Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação;		X			
	Ler com expressividade;		X			
	Interpretar o que ouve e o que lê (enunciados orais e escritos);		X			
	Produzir diferentes tipos de textos com clareza e imaginação;		X			
	Escrever com caligrafia legível e cuidada;		X			
	Distinguir diferentes tipos de texto;		X			
Utilizar os sinais gráficos de pontuação e acentuação.		X				
MATEMÁTICA	Relacionar as unidades de medida de capacidade;		X			
	Procurar numa grelha quadriculada, os pontos de recta, equidistantes de um dado ponto;		X			
	Representar, no geoplano, figuras geométricas;		X			
	Relacionar as unidades de medida de massa;		X			
	Procurar estratégias diferentes para efectuar um cálculo;		X			
	Efectuar operações com números inteiros e decimais;		X			
	Ter capacidade de raciocínio;		X			
Resolver problemas do dia a dia.		X				

NS- Não Satisfaz, S- Satisfaz, SB- Satisfaz Bastante, E- Excelente

Áreas Curriculares Não Disciplinares		NS	S	SB	E
ÁREA DE PROJECTO	Organização do projecto;			X	
	Nível de concretização das tarefas;			X	
	Trabalho cooperativo;			X	
	Qualidade dos produtos realizados;			X	
	Apresentação dos produtos realizados;			X	
	Capacidade de iniciativa;			X	
	Reflexão sobre o trabalho desenvolvido;			X	
	Sentido de responsabilidade.			X	
FORMAÇÃO CÍVICA	Relação interpessoal;			X	
	Reflexão sobre a vida da turma;			X	
	Reflexão sobre a vida da escola;			X	
	Reflexão sobre a vida da comunidade;			X	
	Autonomia;			X	
	Sentido de responsabilidade.			X	
ESTUDO ACOMPANHADO	Autonomia na realização das aprendizagens;			X	
	Métodos de estudo, de organização e de trabalho;		X		
	Estratégias de resolução de problemas;		X		
	Pesquisa e utilização de fontes de informação variadas.		X		
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA <u>Católica</u>	Interesse e empenho manifestado nas tarefas distribuídas;			X	
	Qualidade da participação e das intervenções;		X		
	Comportamento na sala de aula;		X		
	Respeito e valorização pelas atitudes e ideias dos outros.			X	

NS-Não Satisfaz, S- Satisfaz, SB- Satisfaz Bastante, E- Excelente

Pontualidade	8 ^ª pontual.	
Assiduidade	47 presenças	0 faltas

APRECIÇÃO GLOBAL

Na globalidade o aluno é uma criança que "amadureceu" bastante ao longo dos anos do 1º ciclo. É empenhado e trabalhador. Também é bastante responsável. Tem habilidade na capacidade de raciocínio. Era um pouco tímido em algumas situações.

MEDIDAS DE APOIO EDUCATIVO

Requerer sempre o ensino bilingue, conforme decretos-lei nº 3/2008 em 2007/2008. Requerer o ensino bilingue em 2009/2010. Também, sempre requerer a prioridade, mas está em letra manuscrita.

OBSERVAÇÕES

Deverá continuar a beneficiar do decreto-lei nº 3/2008. Requerer a avaliação de desempenho do H.A.L.

O Professor:

O Enc. De Educação:

Avaliação Final de ano/ciclo:

Data:

23/06/2010

Data:

11/2/2010

Aprovado

ANEXO R - Anamnese (outubro de 2010)

[REDACTED]

ANO LECTIVO 2010/2011

ANAMNESE

I- IDENTIFICAÇÃO:

Nome: [REDACTED]

Data de Nascimento: 24/11/1998

Idade: 11 anos e 2 meses

Ano de escolaridade: 5.º

Local: Zona Centro

Nome do Pai: [REDACTED]

Idade: 54 anos

Profissão: Agricultor

Escolaridade: 4.º ano do 1.º Ciclo

Nome da Mãe: [REDACTED]

Idade: 40 anos

Profissão: Doméstica

Escolaridade: Secundário completo

II- AGREGADO FAMILIAR:

Nome	Parentesco	Idade	Grau de Instrução	Profissão
[REDACTED]	Pai	54	1.º Ciclo	agricultor
[REDACTED]	Mãe	40	Secundário	doméstica
[REDACTED]	Irmão	18	Universidade (1.º ano)	estudante
[REDACTED]	Filho	11	5.º Ano	estudante

Já viveu afastado dos pais? **Não**

Pais emigrantes? **Não**

Com quem passa férias? **Pais e um irmão**

Número de irmãos: 1

Quem vive na família: **O [REDACTED] vive com os pais e um irmão (anterior casamento da mãe) com 18 anos, atualmente no primeiro ano da Universidade, vindo a casa nos fins-de-semana e nas férias, com quem mantém boa proximidade.**

Viveu sempre em Portugal? **Sim**

III- MOTIVO DO ENCAMINHAMENTO:

Observações retiradas da avaliação do 4.º ano do primeiro ciclo:

. O [REDACTED] é um aluno que revela dificuldades de aprendizagem acentuadas na Língua Portuguesa e Matemática. Cognitivamente encontra-se abaixo do nível da sala que frequenta e grupo etário. Mesmo com os professores ao pé, distrai-se e vai falar com os colegas ou simplesmente alheia-se. A sua caligrafia muitas vezes é ilegível, esquece o que aprendeu, redige frases simples pouco criativas.....

. Frequentou o 2.º ano do primeiro ciclo duas vezes. Frequentou sempre o ensino especial. Foi-lhe retirado em 2007/2008. Retornou no Decreto-lei n.º 3 de 2008 em 2009/2010 (sempre frequentou a psicomotricidade, mas neste ano letivo não).

. No 4.º ano, teve medidas educativas, através do Decreto-lei n.º 3 de 2008: Apoio Pedagógico Personalizado (art.º 17.º), apoio individualizado e sistemático dentro da sala de aula, sempre em articulação com a docente titular e com a docente da educação Especial (três horas semanais com a professora de educação especial). Adequações Curriculares Individuais (art.º 18.º), simplificação e diminuição do grau de exigência nalgumas competências a adquirir em todas as áreas curriculares. Adequações no processo de avaliação (art.º 20.º), adequações no tipo de prova e na duração da mesma (dar mais tempo para a execução).

. O Conselho de Turma e o SPO propõem a reavaliação deste aluno de acordo com o modelo da Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF), para posterior elaboração do Programa Educativo Individual, ano letivo 2010-2011.

IV- HISTÓRIA PRÉ-PERI-PÓS NATAL:

CONCEPCÃO:

Idade do pai aquando do nascimento da criança: **42 anos**

Idade da mãe aquando do nascimento da criança: **28 anos**

Foi desejada? **Sim**

Posição na ordem das gestações e nascimentos: **Segunda gestação materna**

Abortos ou nascimentos prematuros: **O [REDACTED] foi prematuro**

GESTACÃO:

Cuidados médicos durante a gravidez: **Sim X** Não

Em caso afirmativo, data de início: **Desde o início**

Durante a gravidez teve problemas, tal como:

Hemorragias: **Não**

Náuseas e vômitos: **Não**

Tensão alta: **Não**

Albumina ou açúcar no sangue: **Não**

Outros problemas (situação emocional, saúde nos trimestres, tipo sanguíneo, medicamentos, anemia? Uso de bebida e tabaco? Intoxicação? **Não**. Duração da Gestação (**prematuro** ou post-maturo): **Nasceu na 34ª semana, prematuro (completando o 6.º mês). O [REDACTED] foi seguido de perto por médicos especialistas no Hospital da Universidade de Coimbra e no Hospital Distrital da sua residência.**

PARTO:

Médico ou parteira: **A mãe foi assistida por dois obstetras e um pediatra no momento do parto (médicos de plantão).**

Que relação a mãe tinha com o médico? **Nenhuma, conhece-os no momento do parto.** No momento do parto conhecia bem o processo? **Sim, mas ficou apreensiva por ser prematuro.**

Parto (**normal**, fórceps, cesariana, induzido): Nasceu com o cordão umbilical a volta do pescoço.

Muito rápido ou demorado? **Rápido**

A mãe estava dormindo ou despertada? Tomou anestesia? Parto húmido ou seco? **Não tomou anestesia e estava despertada.**

Posição do nascimento (**de cabeça**, ombros, nádegas, transversal) Em que condições estava a criança ao nascer, ocorreu lesões? **Não ocorreu lesões**

Chorou logo: **Sim**

Roxa: **Não**

Necessidade de oxigénio, de incubadora: **Não foi necessária reanimação, mas esteve dez dias na incubadora. Nesse período a mãe permaneceu no hospital, ficando com ele sempre na enfermaria (ele dormia, ela amamentava-o e tocava-o sempre).**

Incompatibilidade sanguínea: **Não**

Peso: **Nasceu com peso inferior (2220 gramas)**

Altura: **A mãe não soube responder, mas estava dentro dos padrões de normalidade.**

Reflexo de sucção: **Adequado**

Icterícia/convulsões: **Não**

A criança foi vista pelo pediatra? **Sim, o pediatra assistiu ao parto e examinou-o de seguida.**

Quanto tempo depois do parto a mãe viu o filho? **Assim que pode dirigiu-se a enfermaria, para observá-lo na incubadora.**

Recuperação da mãe após o parto (apresentou complicações) De que ordem? **A recuperação da mãe não apresentou complicações.**

PRIMEIRO ANO DE VIDA:

Primeiros cuidados com a criança (mãe – outras pessoas): **A mãe**

A mãe tinha experiência em lidar com bebés? **Já tinha experiência com o primeiro filho.**

Com um mês de vida foi operado na zona do estômago em No Hospital da Universidade de Coimbra devido ao facto de vomitar o que comia (a saída do estômago estava fechada, perdeu

peso antes da cirurgia). Vários exames foram realizados até descobrirem a causa. Nasceu com 2200 gramas e foi perdendo peso devido a não conseguir manter o leite no estômago. Como a situação não se resolvia no Hospital Distrital, os pais dirigiram-se a Coimbra, foi submetido a exames, fez uma ecografia e após uma hora de exames foi encaminhado para o bloco operatório e submetido a uma cirurgia de urgência. Ficou internado e após a sua recuperação retornou a casa e a alimentação normalizou.

V- DESENVOLVIMENTO

SONO: (calmo, agitado, fala durante o sono, sonambulismo, terror noturno, sudorese, baba...): **Dorme muito bem**

Atualmente dorme com quem? Camas separadas? Vai sozinho para a cama? Precisa de companhia para dormir? (de quem, qual a atitude da pessoa que fica com ela? Costuma acordar e ir para a cama dos pais? Quais os sentimentos e reação dos pais com relação a isso?

Dorme bem, tem o seu próprio quarto e desde pequeno a pai procurou adaptá-lo.

ALIMENTAÇÃO:

Período em que foi amamentada no seio: **Um dia, a mãe não teve leite**

Usou biberão: **Usou biberão até aos doze meses**

Reações à introdução de outros alimentos: **A introdução a outros alimentos deu-se com naturalidade**

Falta de apetite: **Não**

Alimenta-se em excesso, normal: **Alimenta-se normal**

DESENVOLVIMENTO VISUAL:

Suspeita de problemas: **Não há suspeita de problemas**

Exames realizados: **de rotina com o seu médico de Família**

Aproxima-se muito para ver TV ou observar livros: **Não**

Convergência visual: **Sim**

Usa óculos: **Não**

DESENVOLVIMENTO AUDIÇÃO/LINGUAGEM:

Em que idade começou a: **Ao nível da sua idade**

Balbuciar: **Ao nível da sua idade**

Dizer as primeiras sílabas: **Ao nível da sua idade**

Dizer as primeiras palavras: **Ao nível da sua idade**

Dizer adeus: **Ao nível da sua idade**

Sorrir: **Ao nível da sua idade**

Ouve bem? **Sim**

Adequada discriminação auditiva? **Sim**

Compreende tudo o que ela fala? **Compreendem tudo o que ele fala**

Defeito de linguagem: **Troca letras na leitura e na escrita desde sempre**

Gagueira: **Não**

Tem vocabulário completo? **Sim**

Usa auxiliar de audição (prótese)? **Não**

DESENVOLVIMENTO MOTOR:

Em que idade é que a criança começou a:

Sustentar a cabeça: **Sempre foi firme**

Gatinhar: **Entre os 7 e os 10/11 meses**

Pôr-se em pé: **Pouco antes de andar**

Andar sozinho: **Andou aos 12 meses**

Controle dos esfíncteres: **Durante o dia adequado ao nível da sua idade; durante a noite não tem controlo, faz uso da fralda (o irmão mais velho revelou o mesmo e superou, o médico de família, acha que ele também superará).**

Atitude da mãe frente a limpeza e a sujeira. **A mãe é tolerante e espera que supere tal qual o irmão mais velho.** Ocorreu algum facto nesse período que chamou a atenção dos pais? **Não**

Capacidade táctil e manual: **Revela adequada capacidade táctil e manual**

Lateralidade: **Esquerdino**

Cansa-se facilmente? **Cansa-se facilmente na realização das atividades escolares, antes dizia a mãe que lhe doía a mão (para não fazer), atualmente não. Como a mãe não cedeu, assumiu que tem de fazer e trabalhar.**

Cai frequentemente? **É desajeitado?** Tromba nos objetos? **É** quieto, parado? Ou inquieto, agitado?

É fisicamente ágil: pula a corda, anda de velocípede/bicicleta, joga a bola, sabe nadar? É um bocado desajeitado na realização de atividades e fisicamente ágil para andar de bicicleta, jogar a bola, etc...

VI- TIQUES E MANIPULAÇÕES:

(Usou chucha? Chupou o dedo? Roeu ou rói as unhas? Arranca os cabelos? Morde os lábios?

Tem algum tique? Qual a atitude perante estes hábitos?

Usou chucha por pouco tempo; arrasta a cutícula das unhas atualmente, mas já roeu as unhas; quando escreve movimentava a língua para um dos lados e prende-a entre os dentes, mantendo-a para fora dos lábios.

VII- SOCIABILIDADE:

(Socialização na família, na comunidade, na escola)

É bastante sociável, dá-se com o grupo de amigos, no primeiro ciclo nunca houve problemas, entretanto, distrai-se com facilidade nas atividades recreativas.

VIII- DOENÇAS:

Assinale com uma cruz as que já teve:

Convulsões ou desmaios		Tuberculose (gânglios)	
Difteria		Varicela	X
Escarlatina		Lesões Cerebrais	
Hepatite (icterícia)		Traumatismos	
Papeira (trasorelho)		Cardiopatia	
Rubéola	X	Infeções graves	
Sarampo	X	Diabetes	
Tosse convulsiva			

Alergias:

Asma

Eczema

Febre de Ferros

Alergia a medicamentos? **Não**

Quando o seu filho(a) está doente vai sobretudo (assinalar com uma cruz):

Aos Serviços Médicos da Caixa da Providência

Ao Hospital: **Não**

Ao Centro de Saúde: **X Quando tinha dúvidas sobre o comportamento e agitação do filho, recorreu a médica de família e teve sempre muito apoio, ainda hoje isso ocorre. Sempre que precisa de orientação recorre a ela.**

Médicos Particulares: **Não**

A outros serviços médicos: **Não**

Qual o nome e o telefone do médico a que recorre habitualmente? **Médica de família e vai com regularidade as consultas de Desenvolvimento, no Hospital Distrital da sua região.**

Está no momento a ser tratado de alguma doença? **Apenas da PHDA, tem acompanhamento médico e medicamentoso. De salientar que o mesmo tem um diagnóstico de Déficit de Atenção Concentração, sendo medicado duas vezes por dia com Rubifene (5mg cada vez).**

No Natal passado partiu a perna no mês de Dezembro e ficou um mês de cama para recuperar.

Teve mais alguma doença importante, ou já sofreu algum acidente ou operação grave? **Sim**
Porquê? **Com um mês de vida foi operado na zona do estômago devido ao facto de vomitar tudo o que comia, situação grave na época. Foi tratado durante um mês no Hospital da sua região, como a situação piorou e ele perdeu peso significativo, recorreu ao Hospital Pediátrico da Universidade de Coimbra, onde foi operado de urgência.**

Há doenças ou deficiências em outros membros da família, sobretudo nos que vivem com o aluno, que considere importante referir:

Família: **A bisavó materna, com noventa e dois anos, tem Alzheimer.**

Pai: **Não**

Mãe: **Não**

Irmãos: **Não**

IX- HABITACÃO-TRANSPORTES:

O agregado familiar vive numa casa independente? **Sim**

O aluno tem de esperar sozinho em casa (e ou na rua) antes de os pais chegarem? **Não**

Quem está habitualmente em casa quando chega da escola? **Sempre que o mesmo chega a casa a mãe está presente.**

O que come nessa refeição? **Alimentação ao nível da sua idade**

Que faz habitualmente fora das horas da escola e onde? **Brinca, convive com os avós e a mãe predispõe-se sempre a partilhar com ele brincadeiras, pois vive na aldeia e há poucos meninos da sua idade.**

Utiliza o auto carro para se deslocar a escola.

X- ANTECEDENTES ESCOLARES:

Creche: Não frequentou a creche

. Aos 5 anos ingressou no Jardim Infantil onde fez uma adaptação difícil. Considerou-se na altura que o aluno não tinha condições para frequentar o primeiro ciclo, pelo que foi pedido adiamento da matrícula no primeiro Ciclo. O ■■■■ frequentou o Jardim de Infância durante dois anos, tendo tido adiamento para o ingresso no 1.º ciclo de um ano.

. A adaptação ao primeiro ciclo foi normal apesar de alguma resistência inicial. De referir bastantes dificuldades a nível da atenção/concentração desde tenra idade. Ingressou no 1.º ciclo no ano letivo 2005/2006, apresentando uma retenção no 2.º ano de escolaridade. Ao longo do primeiro ciclo foi sempre acompanhado na consulta de desenvolvimento e teve

apoio da Educação especial, ao abrigo do Decreto-Lei N.º 319/91. No ano letivo 2008/2009 e com a entrada em vigor do Decreto-Lei N.º 3/2008, deixou de usufruir desse apoio.

. Apresentou sempre grandes dificuldades de atenção, perceção, memorização, pelo que o encarregado de educação, conjuntamente com a professora titular de turma tomaram providências para que o aluno fosse integrado no Decreto-Lei N.º 3/2008.

. No dia 24 de Junho de 2009, a escola do primeiro ciclo recebeu uma declaração médica do Centro de Desenvolvimento da Criança/Serviço de Pediatria do Hospital Distrital, onde é referido “...dificuldades continuadas a nível da aprendizagem e relacionamento interpessoal pelo que necessita de medidas educativas presentes no art.º 16.º do Decreto-lei 3/2008...”

. Foi avaliado pelos SPO do Agrupamento de Escolas Públicas do seu Conselho, em 30/01/2006, com 7 anos de idade, frequentando o primário ano do primeiro Ciclo. “(...) A nível emocional e comportamental são de referir vários problemas a nível da focalização e manutenção da atenção. A sua impulsividade faz com que tenha dificuldades em controlar e refletir sobre o seu comportamento e em pensar antes de agir o responder. Face ao exposto, e dada a presença de um quadro de dificuldades de aprendizagem, pensamos que este aluno deverá beneficiar de algumas medidas do Decreto-Lei n.º 319/91 (apoio pedagógico acrescido e/ou condições especiais de avaliação), sendo de igual modo necessária uma intervenção individualizada de âmbito psicopedagógico junto deste aluno na situação normal de sala de aula. De igual modo, e na medida do possível, deverá ser proporcionada em casa tarefas de enriquecimento instrumental que sejam delineadas em colaboração com a escola.

Recomendações gerais:

. Uso de reforços verbais positivos imediatamente a seguir a um bom desempenho. A ausência de reforços positivos é suscetível de produzir comportamentos de indiferença e afastamento das tarefas, ajudando, deste modo, a manter o sentimento de fracasso e perpetuar um autoconceito e autoimagem negativos. Neste contexto, poderão utilizar-se expressões como estou muito contente contigo; sim, tu fizeste bem; isso é um bom pensamento, tu estas a fazer bem; colocar o aluno numa das mesas da frente (melhor controlo da atividade do mesmo e menos possibilidade de distração); proporcionar apoio afetivo e relacional; ensino acompanhado pela professora (ensino ativo e o mais individualizado possível); aumentar o grau de dificuldade das tarefas em função do nível de desempenho alcançado, de forma a facilitar a atenção e motivação; possibilitar experiências de sucesso numa área que satisfaça os seus interesses; a avaliação dos seus progressos não deve ser feita como referência aos outros alunos, mas sim os seus desempenhos anteriores. Ele próprio deve fazer essa avaliação, registando a sua evolução; chamar a atenção do aluno para áreas nas quais pode ser

competente; sensibilizar o aluno e o Encarregado de educação para a importância da implementação de atividades de leitura e de hábitos e métodos de trabalho; monitorizar e reorientar com frequência. Neste contexto, ajudar a memorizar os procedimentos e a manter a atenção fazendo perguntas com regularidade; os aspetos motivacionais devem ser enfatizados, elogiando e encorajando o ■■■ de forma sistemática, procurando, deste modo, estimular no aluno crenças positivas de autoeficácia.

Ao nível do acompanhamento em casa, sugerimos a implementação das seguintes medidas e estratégias: chamar a atenção do ■■■ para as áreas nas quais pode ser extremamente competente; proporcionar apoio afetivo e relacional; proporcionar condições que permitam um adequado desenvolvimento de estratégias e métodos de estudo e de trabalho; comprometimento, por parte do encarregado de Educação, em efetuar contactos frequentes com a escola; diálogo mais frequente sobre as vivências, experiências escolares e dificuldades do ■■■ evitar o recurso a comparações desnecessárias com os resultados e desempenho das outras crianças; proporcionar apoio afetivo e recorrer ao elogio de todas as aquisições”.

. Foi reavaliado pelos SPO do Agrupamento de Escolas Públicas do seu Conselho, em 19/04/2007, com 8 anos de idade e frequentando o 2.º ano do primeiro ciclo. (...) “Face ao exposto, e dada a presença de um quadro de dificuldades de aprendizagem (desenvolvimento cognitivo inferior e dificuldades pedagógicas, sobretudo no domínio da leitura e da escrita), pensamos que este aluno deve beneficiar de algumas medidas do Decreto-Lei N.º 319/91 (apoio pedagógico acrescido, adaptações curriculares e/ou condições especiais de avaliação), e de uma intervenção individualizada de âmbito psicopedagógico junto deste aluno na situação normal da sala de aula. Na situação de apoio pedagógico acrescido, deve-se incidir em tarefas que permitam a estimulação das capacidades de memória, atenção e organização, e na promoção do sucesso na área da Língua Portuguesa (enriquecimento do vocabulário, produções escritas, compreensão e interpretação de textos, rimas e lengalengas, consciência silábica, de palavras, etc.). De igual modo, as várias informações recolhidas indicam no sentido de existirem alguns indícios de estarmos perante um quadro de **Perturbação da Hiperatividade com Défice de Atenção Tipo Combinado (défice de atenção e impulsividade)**, pelo que sugerimos a sua apreciação e avaliação no sentido de se aferir a necessidade de tratamento médico. O aluno deve continuar a beneficiar das sessões de psicomotricidade. De igual modo, e na medida do possível, deverão ser proporcionadas em casa tarefas de enriquecimento instrumental que sejam delineadas em colaboração com a escola. No próximo ano letivo, o aluno deverá se novamente alvo de avaliação psicopedagógica”.

. Em 10/07/2009, do Hospital do Distrito, a seguinte informação da médica pediatra: “o ■■■ é portador de Perturbação de Atenção e Hiperatividade moderada e déficit cognitivo pelo que necessita de estratégias comportamentais e pedagógicas dirigidas às suas dificuldades. Toma diariamente metilfenidato e necessita de Medidas Educativas conforme prescrito no Decreto-lei N.º 3 de 2008, no seu artigo 16.º”.

. Em 30/10/2009, do Hospital do Distrito, a seguinte informação psicológica: “o ■■■, de 10 anos de idade, é acompanhado em conduta de desenvolvimento desde Maio de 2007, por apresentar uma Perturbação de Hiperatividade com Déficit de Atenção. Está medicado com metilfenidato, para controle da atenção, no entanto, apresenta um compromisso grave da função b140, segundo a CIF. Pela avaliação psicológica realizada em Abril de 2007, é possível compreender que o ■■■ tem também um compromisso grave das funções b156 (percepção) e b144 (memória). Para que possa ter sucesso escolar deverá ter apoio especial”.

Sempre teve grande acompanhamento por parte dos pais. A mãe, sempre o apoiou na realização das tarefas escolares, tendo uma grande envolvimento com o meio escolar, manifestando grande interesse por toda a atividade educativa do seu educando, mostra-se receptiva no apoio ao seu educando também no segundo ciclo. Sempre procurou respostas junto a médico de família, na escola e nas consultas de desenvolvimento. “Pelo meu filho eu vou até ao fim do mundo, e tudo o que me orientarem eu vou procurar fazer como fiz até agora, nada me impede de correr atrás”.

Importância da escola (se gosta e é assíduo): **Gosta e é assíduo.**

Relacionamento com os colegas: **Bom, nunca foi conflituoso, apenas desatento e impulsivo, atualmente mantém um maior controle.**

Características Pessoais: há algumas características na maneira de ser do seu filho(a) que lhe pareçam de interesse mencionar que podem facilitar ou dificultar o seu aproveitamento e adaptação na escola? **Não**

XI- ACTIVIDADES DA VIDA DIÁRIA:

Hábitos de Higiene: **É independente nos hábitos de higiene**

Responsabilidade por tarefas em casa (tem responsabilidade em executar tarefas; especificar quais atividades que realiza sem interferência de outras pessoas): **Tem responsabilidade por tarefas em casa, a mãe orienta-o em relação a roupa, comida, trabalhos da escola, material escolar, etc., ele cumpre, a mãe, nunca deixou para depois o que devia ser feito no momento. Foi e continua a ser responsabilizado, se necessário castigado, atualmente**

não se faz necessário castigo por que ele compreende o que deve ser feito e fá-lo com naturalidade.

De salientar que o mesmo é responsável pela medicação que toma diariamente na escola, foi responsabilizado desde o início e gradualmente assumiu.

Os pais sempre o trataram como um menino normal, sendo punido e responsabilizado à medida que o diagnóstico e o tratamento ficaram claros e assumidos e todos foram responsabilizados: Pais, irmão, avós e demais familiares próximos e envolvidos com o [REDACTED].

XII- DINÂMICA FAMILIAR

Relacionamento dos pais entre si: **Há um bom relacionamento dos pais entre si. O diálogo está sempre presente.**

Relacionamento dos pais com os filhos: **Muito bom, o primeiro filho é assumido como filho pelo pai do [REDACTED].**

XIII- ANTECEDENTES FAMILIARES

Considerando-se os pais, irmãos, avós, tios e primos do aluno – (família materna e paterna)

Nervosismo - doença mental; alcoolismo, criminalidade, suicídio, deficiência mental, dirimia, convulsões, epilepsia, diabetes, mongolismo, asma, alergia:

Nada a registrar.

NOME DA PESSOA QUE PREENCHEU OU RELATOU A ENTREVISTA:

[REDACTED]

QUAL O GRAU DE PARENTESCO COM O ALUNO? Mãe

DATA: Outubro de 2010

A Psicóloga

[REDACTED]

ANEXO S - Relatório do SPO (06 de outubro de 2010)

Nome: [REDACTED]

Idade: 11 anos, 10 meses e 13 dias

Escolaridade: Frequenta o 5.º Ano do segundo Ciclo

Motivo da Reavaliação:

Observações retiradas da avaliação do 4.º ano do primeiro ciclo:

. O [REDACTED] é um aluno que revela dificuldades de aprendizagem acentuadas na Língua Portuguesa e Matemática. Cognitivamente encontra-se abaixo do nível da sala que frequenta e grupo etário. Mesmo com os professores ao pé, distrai-se e vai falar com os colegas ou simplesmente alheia-se. A sua caligrafia muitas vezes é ilegível, esquece o que aprendeu, redige frases simples pouco criativas.....

. Frequentou o 2.º ano do primeiro ciclo duas vezes. Frequentou sempre o ensino especial. Foi-lhe retirado em 2007/2008. Retornou no Decreto-lei n.º 3 de 2008 em 2009/2010 (sempre frequentou a psicomotricidade, mas neste ano letivo não).

. No 4.º ano, teve medidas educativas, através do Decreto-lei n.º 3 de 2008: Apoio Pedagógico Personalizado (art.º 17.º), apoio individualizado e sistemático dentro da sala de aula, em articulação com o docente titular e com o docente da educação Especial. Três horas semanais com a professora de educação especial. Adequações Curriculares Individuais (art.º 18.º), simplificar e diminuir o grau de exigência nalgumas competências a adquirir em todas as áreas curriculares. Adequações no processo de avaliação (art.º 20.º), adequações no tipo de prova e na duração da mesma (dar mais tempo para a execução).

OBS: O aluno acompanhou o currículo normal, onde teve algumas adaptações, contudo manifestou grandes dificuldades ao nível da Língua Portuguesa e de Matemática. No que concerne à Língua Portuguesa, apresenta dificuldades em distinguir substantivo, adjetivo e verbo; determinantes; grupo nominal, verbal e móvel; graus dos adjetivos e conjugar verbos regulares e irregulares. Na área da Matemática tem dificuldades em relacionar as medidas de comprimento, massa e capacidade; não distingue a área e o perímetro e não consegue reconhecer a equivalência entre X0,1 e :10, X0,01 e :100 e X0,001 e :1000. Ao nível cognitivo os resultados obtidos (avaliação do SPO) são claramente abaixo da média face à escolaridade

e faixa etária, pelo que apresenta fundamentos necessários para continuar a beneficiar das medidas do Decreto-lei n.º3 de 2008.

. O Conselho de Turma e o SPO propõem a reavaliação deste aluno de acordo com o modelo da Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF), para posterior elaboração do Plano Educativo Individual 2010/2011.

Avaliado por: SPO

Data: 06 de Outubro de 2010

RELATÓRIO PSICOPEDAGÓGICO

Provas Realizadas:

- A) Anamnese com a mãe;
- B) Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças - Revista (WISC-R);
- C) Prova Gráfica de Organização Perceptiva – Bender Santucci;
- D) Teste de Aptidão Perceptiva – Figura Complexa de Rey;
- E) Teste de Aptidão Perceptiva – Reversal Test;
- F) Ditado;
- G) Bateria Psico-Educacional de Woodcock-Johnson – Compreensão de Textos;
- H) Avaliação da Linguagem Oral – A.L.O.;
- I) Adaptação do Questionário Conners Revisto - para pais e professores.

Estado: Durante a avaliação, o ■■■ participou com empenho nas atividades propostas, entretanto, na primeira fase de avaliação pediu para parar, estava cansado, quis ir para o clube “ténis de mesa”, que era em frente a sala do SPO (distraiu-se porque sentiu os amigos a brincar). No segundo dia, escolhemos um horário em que não houve atividades de clube e avaliação ocorreu adequadamente. Estabeleceu uma boa relação com a psicóloga. É muito falante, é preciso trazê-lo para realidade, em alguns momentos.

Registou-se:

A)

O ■■■ vive com os pais e um irmão (anterior casamento da mãe) com 18 anos, atualmente na Universidade, vindo a casa nos fins de semana e nas férias, com quem mantém boa proximidade.

Conceção: aquando do nascimento o pai tinha 42 anos e mãe 28, 2.^a gestação materna.

Gestação e Parto: foi acompanhada durante a gravidez, nasceu na 34^a semana, prematuro. Parto normal, teve peso inferior (2.320 gramas), com o cordão umbilical a volta do pescoço. Não foi necessária reanimação, e esteve dez dias na incubadora. A mãe foi assistida por dois obstetras e um pediatra no momento do parto. Nesse período a mãe permaneceu no hospital, ficando com ele sempre na enfermaria (ele dormia, ela amamentava e tocava-o sempre). Adequado reflexo de sucção, a recuperação da mãe não apresentou complicações.

Primeiro ano de vida: com um mês de vida foi operado na zona do estômago em Coimbra devido ao facto de vomitar o que comia (a saída do estômago estava fechada, perdeu peso antes da cirurgia).

Desenvolvimento:

Sono: dorme bem, tem o seu próprio quarto.

Alimentação: foi alimentado no seio materno um dia, a mãe não teve leite, passou a usar biberão até aos doze meses; a introdução a outros alimentos deu-se com naturalidade, alimenta-se normal.

Desenvolvimento visual: não há suspeita de problemas.

Desenvolvimento da Audição/Linguagem: ouve bem, adequada discriminação auditiva; compreendem tudo o que ele fala; troca letras na leitura e na escrita desde sempre; apresenta vocabulário completo.

Desenvolvimento motor: andou aos doze meses; controle dos esfíncteres, durante o dia adequado ao nível da sua idade, durante a noite não tem controlo, fazendo uso da fralda (o irmão mais velho revelou o mesmo), revela adequada capacidade táctil e manual; esquerdino; cansa-se facilmente na realização das atividades escolares, antes dizia a mãe que lhe doía a mão (para não fazer), atualmente não; é um bocado desajeitado na realização de atividades e fisicamente ágil para andar de bicicleta, jogar a bola, etc...

Tiques e Manipulações: Usou chucha por pouco tempo; arrasta a cutícula das unhas atualmente, mas já roeu as unhas; quando escreve movimentava a língua para um dos lados e/prende-a entre os dentes, mantendo-a para fora dos lábios.

Sociabilidade: é bastante sociável, dá-se com o grupo de amigos, no primeiro ciclo nunca houve problemas.

Doenças: No Natal passado partiu a perna no mês de Dezembro e ficou um mês na cama. De salientar que o mesmo tem um diagnóstico de Défice de Atenção Concentração, sendo medicado duas vezes por dia com Rubifene (5mg cada vez).

Habitação: o agregado familiar vive numa casa independente e sempre que o mesmo chega a casa a mãe está presente. Utiliza o auto carro para se deslocar a escola.

Antecedentes Escolares:

. Aos 5 anos de idade foi para o Jardim de Infância da aldeia durante dois anos, onde fez uma adaptação difícil. Considerou-se na altura que o mesmo não tinha condições para frequentar o primeiro ano, pelo que foi pedido adiamento da matrícula. A adaptação ao primeiro ciclo foi normal apesar de alguma resistência inicial. São referidas bastantes dificuldades a nível da atenção/concentração desde tenra idade.

. Ingressou no primeiro ciclo no ano letivo 2005/2006, apresentando uma retenção no segundo ano de escolaridade. Ao longo deste ciclo foi sempre acompanhado na consulta de desenvolvimento e teve apoio da Educação especial, ao abrigo do Decreto-lei número 319/91. No ano letivo 2008/2009 e com a entrada em vigor do Decreto-lei número 3/2008, passou beneficiar das medidas do novo Decreto.

. Apresentou sempre grandes dificuldades de atenção, perceção e memorização, pelo que o Encarregado de Educação, conjuntamente com a professora titular tomaram providências para que o aluno fosse integrado no Decreto-lei número 3/2008. Tomados esses procedimentos, deu entrada na escola uma declaração médica do Centro de Desenvolvimento/Serviço de Pediatria do Hospital Distrital, datado de 24 de Junho de 2009 onde é referido “...*dificuldades continuadas a nível de aprendizagem interpessoal pelo que necessita de medidas educativas presentes no artº 16º do Decreto-lei n.º3/2008...*”.

. Sempre teve grande acompanhamento por parte dos pais. A mãe, sempre o ajudou na realização das tarefas escolares, tendo uma grande envolvimento com o meio escolar e manifestando grande interesse por toda a atividade educativa do seu educando, mostra-se recetiva no apoio ao seu educando também no segundo ciclo.

Atividades da Vida Diária: é independente nos hábitos de higiene e tem responsabilidade por tarefas em casa, a mãe orienta-o em relação a roupa, comida, trabalhos da escola, material escolar, etc...

Dinâmica Familiar: há um bom relacionamento dos pais entre si, dos pais com os filhos e entre os irmãos.

Antecedentes Familiares: a avó materna com noventa e dois anos tem Alzheimer.

B)

1. A avaliação do nível intelectual e cognitivo revelou um Q.I. Verbal (inteligência verbal) na banda Normal, um Q.I. de Realização (inteligência de realização) na banda Zona Fronteiriça e um Q.I. Total (inteligência global) na banda Normal Lento, com resultados ligeiramente abaixo dos valores normativos para a sua idade cronológica na realização.

2. A diferença entre Q.I's apresenta estatísticas significativas, sendo o QI Verbal superior ao QI de Realização. Tais resultados podem sugerir compromisso do hemisfério cerebral direito, o qual poderá ser consequência de lesão cerebral ou imaturidade cerebral derivada da falta de estimulação cognitiva e emocional. Deste modo, encontra-se mais voltado para a introspeção do que para a ação, não estando motivado para dispor da energia necessária à realização das tarefas.

3. Os resultados das provas de raciocínio puro, fatores relacionais e sócio emocionais revelam heterogeneidade pelo que se procedeu à análise de dispersão dos mesmos.

⇒ Os resultados mais elevados revelam:

- Ambiente cultural e familiar;
- Relação emocional com os pares;
- Riqueza de ideias associada a boa capacidade de abstração e erudição.

⇒ Os resultados mais baixos revelam:

- Descuido e falta de verificação no comportamento, faz muitas vezes ao acaso;
- Dificuldade de análise visuo-espacial, por vezes, olha sem conseguir perceber como realizar a tarefa;
- Distração e dificuldades em focalizar a atenção, causadas por ansiedade que invade os processos de pensamento com consequências no seu aproveitamento escolar;
- Dificuldade de análise visual e compreensão das relações das partes com o todo, que se encontram relacionadas com organização perceptiva e aquisição do esquema corporal;
- Ansiedade (relacionada com impulsividade);
- Pouca iniciativa para experimentar novas soluções.
- Défice: compreensão, conceptualização e expressão verbal; conhecimento adquirido; memória a longo prazo; distração; sequenciação; agilidade mental; raciocínio

numérico; dificuldade na aprendizagem; senso comum (causa-efeito); juízo social (inteligência social); organização perceptual e espacial; percepção visual de estímulos insignificantes; funcionamento cerebral integrado; raciocínio não verbal; capacidade de síntese.

4- Não apresenta Índice Geral de Perturbação Emocional e nem Perfil de Potencial de Esquizofrenia.

C)

Em termos de desempenho na organização perceptiva, espacial e representação gráfica, o ■■■■ apresenta um desempenho Inferior para a sua idade cronológica.

No que se refere a fatores organizacionais observa-se uma disposição de figuras confusa, que está associada a uma desorganização do funcionamento intelectual.

Revela pobreza e impulsos, característico de um pré adolescente, que se sujeita ao controlo adulto e reprimiu os seus impulsos e a sua responsabilidade emocional.

Segundo Indicadores Emocionais de Koppitz, revela: fraca capacidade de planeamento e de organização do material, confusão mental; ainda: ansiedade, retraimento, constrição e introversão.

Segundo Indicadores Emocionais conforme compilação de Groth-Marnat revela: ansiedade, hesitação, dúvida sobre si mesmo, dificuldade em terminar tarefas, sentimentos de inadequação, insegurança, constrição emocional, desorientação e má compreensão.

D)

Na prova que pretende avaliar a atividade perceptiva e a memória visual o ■■■■ apresenta um tempo de realização dentro da Média, entretanto, manifesta dispraxia de construção gráfica, percepção visual confusa, sincretismo e dificuldade de análise visual e espacial.

A insuficiência da reprodução confirma o nível inferior da elaboração visuo-espacial e alterações da memória visual.

E)

Mediante a aplicação do Reversal Test foi possível observar dificuldades ao nível da discriminação perceptiva, principalmente nas figuras em que se verifica simetria direita/esquerda, o que poderá levar, à troca de letras, no momento da leitura e da escrita, condicionando os bons resultados da aprendizagem.

F)

Submetido a um ditado a fim de averiguar a Classificação Estrutural dos seus Erros Ortográficos que permite a realização da análise qualitativa dos mesmos, observou-se:

Na **etapa primária**, a correspondência entre a letra e o som é clara e, cada letra representa apenas, um único som (a relação letra-som é unívoca). Os erros que se enquadram nesta etapa são comumente encontrados em crianças que iniciam o processo de alfabetização, mas devem desaparecer ao término do primeiro ano. O ■■■■ concluiu esta etapa, comete alguns erros, mas mais em palavras onde o som, pode ser representado por uma ou mais letras, enquadrando-se na segunda etapa.

1. Este nível compreende os seguintes erros: Os erros mais graves nesta etapa, são aqueles que são cometidos pela utilização de uma determinada grafia (letra) para representarem um som, mas tal grafia não possui qualquer correspondência com esse som. Neste item, enquadram-se todas as trocas chamadas de auditivas, visuais e mistas, além das diversas trocas que envolvem as diferentes associações entre fonema e grafema, assim como, as trocas entre vogais. Exemplo: verbo: vervo; cimo: sinbo; (poucas vezes).

2. Neste nível também se enquadram omissões de letras ou sílabas. Exemplo: grande: grade; princesa: pricesa; segundo: segudo; educação: idussão; brinco: brco; simples: spler; branco: barco...

3. Adições de palavras, sílabas ou letras. Exemplo: maapa- mapa. Neste item, também se enquadram a aglutinação de palavras. Exemplo: tratam-me: tartame; mantê-lo: mantelo;

4. Alterações na sequência de letras ou de sons dentro das palavras. Exemplo: porta: prota...

Na **segunda etapa**, as dificuldades ortográficas caracterizam-se pela não correspondência unívoca entre som e letra. Um som, pode ser representado por uma ou mais letras. Os erros cometidos nesta etapa evidenciam dificuldades no cumprimento de determinadas regras ortográficas que norteiam a escolha correta de grafia para representar o som, ou dificuldade no uso do contexto no qual a palavra está inserida para resolver dúvidas em relação à escolha gráfica adequada.

Erros cometidos pelo ■ nesta etapa:

1. Fonemas que são representados por dois grafemas independentes como no caso do “lh”, “ch”, “rr”, “ss”, “qu”. Exemplo: discussão: discosasao...
2. Confusões que envolvendo o “que”, “qui” e o “ce” e “ci”. Exemplo: ; quero: cero; quinta: cinta; química: cimica; quinta: cinta...
3. Erros que envolvem a representação do “g” antes do “e” e do “i”. Exemplo: guerra: gera; foguete: fogete; figueira: figeira...
4. Omissão “r” ou do “l” em qualquer das 13 combinações que podem ocorrer – “bl, br, dr, cl, cr, fl, gl, gr, pl, pr, tl, tr”. Exemplo: blusa: balsa; braço: barco; branco: barco; placa: palca; plasticina: paltisina; perfeito: prefeiro; prédio: perdios; propostos: portpostos; clara: calra; bicicleta. bicicelta; ciclismo: cicilmo; clorofila: colrofila; conclusão: comcolcão; cravo: carvo; flecha: lescha; alição: aficao; flutua: fultua; truque: turque; polvo: plovo; entrar: entar; tratam: tarta; terceiro: treceiro...
5. Trocas que ocorrem entre as sílabas “al” e “au”. Exemplo: audição: aldição...
6. Substituição do “m” pelo “n” antes de “p” e “b”. Exemplo: Setembro: setenbro; simpático: sinpatico; símbolo: sinbolo...
7. Substituição das letras maiúsculas por minúsculas no caso de nomes próprios e no início da oração. Da mesma forma o uso indevido da letra maiúscula (por exemplo, uso de letra maiúscula no meio de uma palavra). Exemplo: Maria: maria...
8. Trocas entre “ça, ço, çu, ce, ci”.

Na **terceira etapa**, encontram-se situações mais complexas da escrita. Neste caso, as dificuldades ortográficas só se resolvem levando em consideração a palavra como um todo ou a oração na qual a palavra está inserida. Nesta etapa, nem a discriminação auditiva dos diferentes fonemas, nem o uso de regras ortográficas podem orientar o ■ na escrita correcta das grafias.

1. Substituição entre as letras “g” (ge, gi) e “j”. Exemplo: gelo: jelo; mágico: majico; geladeira: jeladeira; giz: jiz; coragem: corasem; gelado: jelado; gincana: jincana; barragem barrajem; personagem: pressonajem; geografia: jiografia; frigideira: frisideira; engenheiro: emjieniro...
2. Trocas entre as letras “q” nas sílabas “qua, quo” por “c” ou, troca da letra “c” nas sílabas “ca”, “co”, “cu”, por “q”. Exemplo: quando: cuando; quase: cuase; quadrado: cuadrado: cuadra...

3. Uso da letra “s” para representar o som da letra “c” (em ce, ci). Exemplo: cebola: sebola; pertence: pertense...
4. Trocas entre as letras “s”, “ss” e “ça, ço, çu”. Exemplo: terraço: terrasso; balança: balansa; maçada: masada; massudo: masudo; marcação: marcassão; formação: formasão...
5. Trocas entre as letras “s” e “z” na representação som /z/. Aqui também se incluem todos os erros em palavras que terminam com “z”. Exemplo: capataz: capatas...
6. Todas as trocas da letra “x” por qualquer outra letra. Também se incluem as trocas de representação do fonema /s/ por /x/. Exemplo: faixa: faicha; choro: coro; fixe: ficli;
7. Erros referentes ao grafema “h”, que envolvem a omissão da letra no início das palavras, ou a dição da mesma. Exemplo: : habito: abito; horta: orta; harmonia: armonia; higiene: égiene; hora: ora; história: istoria...

Na **quarta etapa**, são registados todos os erros referentes ao obscurecimento de fonemas.

1. Erros que envolvem as combinações “sc”, “xc”, “ns”. Exemplo: piscina: pinhina; excepção: excepção; excesso: echesao; excepcional: echesiomal; transporte: trampotr; transparente: tramparente; fascinante: fachimante...
2. Obscurecimento no caso de vogais duplicadas, o que pode acarretar a representação de uma só vogal em vez de duas. Exemplo: álcool: alcol; zoológico: jologico; alcoolismo: alcolismo...
3. Omissões de semi-vogais em ditongos.
4. Omissões ou uso indevido de acentos. Exemplo: séria: seria; período: período; extensão: extesao; pinócio: pinocio; inquérito: inquérito; América: america
5. Obscurecimento do som /l/ quando antecedendo a “u”.
6. Omissões do som /r/ que aparece no final dos verbos quando estão no infinitivo. Exemplo: parar: para; comprar: compra...

Na **quinta etapa**, este nível fica restrito aos erros que possam ocorrer entre parónimos, ou seja, palavras que se escrevem de uma ou de outra maneira dependendo do contexto em que estão inseridas.

Exemplo:

- . O sinto das calssas é novo.
- . No Inverno sinto muinto frio
- . O comserto do camtror foi ótimo
- . O comseto dos sapatos e caro

Os erros mais graves, correspondem à Chave Primária. Geralmente, a relação Som-Letra é dominada durante o primeiro ano e, os alunos que ainda apresentam erros que se acumulam nesta etapa, merecem uma atenção especial, pois o processo de aprendizagem está bloqueado. No caso do ■■■■, ele cumpre esta etapa, comete alguns erros, mas mais em palavras onde o som, pode ser representado por uma ou mais letras, enquadrando-se na segunda etapa.

Esperava-se que ao terminar o 2.º ano, O ■■■■ já dominasse as dificuldades referentes a esta Chave, como estes erros persistem, ele não pode ser considerado alfabetizado na totalidade.

Os erros da Chave Terciária são os menos graves. As trocas ortográficas desta etapa dependem mais do vocabulário visual e da atenção que o ■■■■ dá ao contexto no qual as palavras estão inseridas.

O ■■■■ apresenta graves dificuldades ao nível da escrita.

G)

Classificou-se abaixo do nível da sala que frequenta e grupo etário, na compreensão. O ■■■■ por vezes, troca as letras quando lê, dando outro sentido ao texto, exemplo: lentamente: levemente; providos: promovidos; apregoar: espremer... A sua leitura é soletrada, quando o texto é um pouco mais complicado (acima do seu nível de vocabulário). Tem problemas na compreensão de textos narrativos e informativos, apresentando uma grande dificuldade em interpretá-los. Se lemos o texto a sua compreensão é melhor, o seu desenvolvimento na interpretação quando lhe explicam oralmente é melhor. Necessário maior atenção no treino da leitura e interpretação de textos diariamente. O mesmo revela uma leitura e compreensão ao nível do 3.º ano do primeiro ciclo, nível intermédio.

H)

Em relação à prova que pretende avaliar o desenvolvimento da linguagem oral, o ■■■■ obteve uma classificação de nível Superior nas provas de Nomeação, Complemento de Frases, Reconstrução Silábica e Fonémica. Uma classificação Média Superior nas provas de: Definição Verbal, Compreensão de Estruturas Complexas, Reflexão Morfo-Sintática, e uma classificação na Média na prova de Segmentação Silábica

Obteve uma classificação Média Inferior na prova de Segmentação Fonémica.

. O ■■■ revela dificuldade na capacidade de analisar os fonemas que compõem a palavra, necessitando de um trabalho específico.

I)

Segundo a avaliação do questionário Conners (pais), relativamente ao comportamento do ■■■, frequentemente: reage sem pensar; mexe na cutícula em volta das unhas; tem dificuldade em aprender; Infantil ou imaturo (precisa sempre de ajuda); Deixa-se influenciar.

Segundo as observações do Conselho de Turma, frequentemente: irrequieto; exige atenção imediata; atitude submissa perante a autoridade; impaciente, sempre em movimento; Impulsivo; necessidade excessiva de atenção do professor; parece ser facilmente «levado» pelas outras crianças; falta de capacidade de liderança; dificuldade em aprender;

É um aluno muito correto e educado. Observa-se regras de educação. Por estar medicado, mantém um nível de atenção que não chama atenção. Encontra-se abaixo da média em relação a turma em Língua Portuguesa, Matemática, na caligrafia e no ditado.

CONCLUSÃO

A avaliação do nível intelectual e cognitivo revelou um Q.I. Verbal (inteligência verbal) na banda Normal, um Q.I. de Realização (inteligência de realização) na banda Zona Fronteiriça e um Q.I. Total (inteligência global) na banda Normal Lento, com resultados ligeiramente abaixo dos valores normativos para a sua idade cronológica na realização, apresentando um deficit na: compreensão, conceptualização e expressão verbal; conhecimento adquirido; memória a longo prazo; distração; sequenciação; agilidade mental; raciocínio numérico; dificuldade na aprendizagem; senso comum (causa-efeito); juízo social (inteligência social); organização percetual e espacial; perceção visual de estímulos insignificantes; funcionamento cerebral integrado; raciocínio não verbal; capacidade de síntese.

Manifesta dispraxia de construção gráfica, perceção visual confusa, dificuldade de análise visual e espacial e alterações da memória visual.

Revela dificuldades ao nível da discriminação perçetiva, principalmente nas figuras em que se verifica simetria direita/esquerda, o que poderá levar, à troca de letras, no momento da leitura e da escrita, condicionando os bons resultados da aprendizagem.

Esperava-se que ao terminar o 2.º/3.º ano, o ■■■ já dominasse as dificuldades ortográficas caracterizadas pela não correspondência unívoca entre som e letra. Os erros cometidos por ele evidenciam dificuldades no cumprimento de determinadas regras ortográficas que norteiam a escolha correta de grafia para representar o som, ou dificuldade no uso do contexto no qual a palavra está inserida para resolver dúvidas em relação à escolha gráfica adequada, como estes persistem, ele não pode ser considerado alfabetizado na totalidade.

O ■■■ apresenta graves dificuldades ao nível da escrita (disortografia)

Necessária maior atenção no treino da leitura e interpretação de textos diariamente. O mesmo revela uma leitura e compreensão ao nível do 3.º ano do primeiro ciclo (intermédio). Revela dificuldade na capacidade de analisar os fonemas que compõem a palavra, necessitando de um trabalho específico (dislexia). Sugestão: trabalhar com o Método Fonomímico, da autora Paula Teles, com ajuda do SPO e da mãe, o mesmo poderá vir a melhorar o seu desempenho na leitura e na escrita.

Tendo em vista o seu desempenho na avaliação da linguagem oral, os professores devem procurar entre outras, realizar avaliação oral com o ■■■. Estimular a sua participação oral nas aulas, é uma forma dele ficar atento, participar e compreender os conteúdos dados nas diversas disciplinas.

Ainda, confirma-se o diagnóstico da Perturbação da Hiperatividade com Défice de atenção, através de diagnósticos anteriores, mas com controle medicamentoso, o ■■■ consegue estar em sala de aula, sem grande desorganização. De salientar, que o mesmo encontra-se num processo de adaptação ao novo Ciclo e escola. Com certeza na avaliação do primeiro período, os professores terão uma melhor análise em relação ao ■■■.

Há uma grande variedade de intervenções específicas que se podem fazer para continuar a ajudar o aluno com PHDA a se ajustar melhor

Sugestões (se necessário, uma vez que traz na sua educação regras já estabelecidas pela família e pela escola):

. Colocar o ■ na primeira fila, de preferência junto de alunos mais tranquilos de sala e próximo ao professor (ex. junto da secretária, para que este possa olhá-lo diretamente nos olhos) e num local sem grandes fontes de distração.

. Manter a área de trabalho livre de material necessário.

. Deve ter a possibilidade de trabalhar numa carteira isolada sempre que faça trabalho que requeira maior concentração.

Regras:

. Regras claramente enunciadas e recordadas com regularidade mediante chamadas e “lembranças”.

. As regras dirigidas de modo particular ao ■ devem ser comentadas em privado. Nunca provocar constrangimento ou menosprezo-lo.

Rotina:

. O plano de cada dia deve ser claramente enunciado, para que se adapte a mudança.

Listagens:

. Deve fazer listagem relativa ao que tem de fazer em cada dia, os seus deveres, bem como o material que necessita.

Planificação e auto supervisão:

. Deve ser ajudado a fazer uma revisão acerca do seu dia e a planificar as tarefas do dia seguinte.

A importância das sequências:

. As tarefas complexas ou longas devem ser divididas em pequenas tarefas.

. Ajudá-lo a distribuir o seu tempo pela tarefa a realizar.

. Pode necessitar do adulto para ajudar o seu pensamento.

Auxiliar a memória:

. Nas aulas deve-se associar o mais possível estímulos visuais aos verbais.

. A utilização de listagens, palavras-chave, rimas, mnemónicas, lembretes, agendas, colantes, etc, deve ser incentivada.

Técnicas de Estudo:

. Necessita de ser ensinado a estudar, a tirar apontamentos, resumir, sublinhar, ler perguntas com cuidado, estruturar respostas, distribuir bem o tempo.

Trabalhos de casa:

. Auxiliá-lo a organizar os deveres e a saber exatamente o que tem que fazer (recorrer a notas deixadas em locais estratégicos...).

- . Utilizar agenda ou um bloco que funcione como meio de comunicação entre os pais e professores.
 - . Decidir a melhor hora para realizar os deveres de forma a ter um bom nível de concentração.
 - . Estabelecer um lugar para realizar os deveres (iluminado, sem televisão e com o material facilmente acessível).
 - . Permitir pausas (ex. meia hora de trabalho e depois um intervalo).
 - . Animá-lo e supervisioná-lo, comentar os problemas, elogiar o trabalho conseguido;
 - . **Avaliação:**
 - . O reforço positivo é fundamental para o seu progresso. É importante dar a ele frequentes provas da sua evolução.
- Pode ser necessário algumas adaptações no seu sistema de avaliação: → mais tempo nos testes; → facilitar que alguém possa ler as perguntas ou as escrever; → o ■■■■ surpreende pela positiva quando sujeito a avaliações orais; → Devem ser permitidos instrumentos de avaliação alternativa estabelecidas expectativas realistas quanto aos resultados.
- . Permanecer em comunicação constante com o SPO (os intervenientes), objetivando a ligação entre a escola, os pais e o médico. A comunicação com o encarregado de educação é fundamental, ela sabe o que é melhor para o seu filho, uma vez que sempre o acompanhou.
 - . Orientação do SPO em exercícios de consciência fonológica, com continuidade em casa (orientação à mãe). Considerar este apoio para o segundo período.

A Psicóloga

■■■■■

OBS: Este relatório é válido para o momento da avaliação.

ANEXO T - Ata da 1.^a reunião do conselho de turma (09 de Setembro de 2010)

ACTA DA REUNIÃO DO CONSELHO DE TURMA
AVALIAÇÃO DE ALUNOS

Aos **nove** dias do mês de Setembro do ano de **dois mil e dez**, pelas **nove horas**, sob a presidência de [REDACTED], reuniu-se o Conselho de Turma, com a presença dos seguintes elementos:

	INTERVENIENTES	NOME	RUBRICA
Professores de:	Presidente da Reunião	[REDACTED]	
	Língua Portuguesa	[REDACTED]	
	História e Geografia de Portugal	[REDACTED]	
	Língua Estr. I - Inglês	[REDACTED]	
	Matemática	[REDACTED]	
	Ciências da Natureza	[REDACTED]	
	Educação Visual e Tecnológica	[REDACTED]	
	Educação Visual e Tecnológica	[REDACTED]	
	Educação Musical	[REDACTED]	
	Educação Física	[REDACTED]	
	Tecn. de Informação e Comunicação	[REDACTED]	
	Área de Projecto	[REDACTED]	
	Área de Projecto	[REDACTED]	
	Estudo Acompanhado	[REDACTED]	
	Estudo Acompanhado	[REDACTED]	
	Formação Cívica	[REDACTED]	
	E.M.R.C	[REDACTED]	
Outros	Serviço de Psicologia e Orientação	[REDACTED]	

Assuntos tratados e/ou deliberação(ções):

A Directora de Turma deu início à reunião, começando pelo ponto um, Apresentação do Director de Turma, dando as boas vindas a todos os professores da turma, desejando um ano de bom trabalho e bons resultados. -----

Passou de seguida ao ponto dois, Informações – Análise global da turma, confirmando a lista actualizada da mesma e tendo referindo que são dez os alunos com idades entre os nove e os onze anos de idade. Foi então feita uma análise individual e global dos alunos da turma com base nos relatórios do quarto ano. -----

A aluna número um, [REDACTED], dez anos, não revela grandes dificuldades em Língua Portuguesa, excepto por vezes na interpretação. Melhorou quanto aos erros ortográficos. Em Matemática tem alguma dificuldade na capacidade de raciocínio, levando-a a errar situações problemáticas. Conseguiu atingir os objectivos pretendidos para concluir o primeiro ciclo. -----

A aluna número dois, [REDACTED], com nove anos de idade, tem algumas dificuldades na interpretação de textos em Língua Portuguesa. Em Matemática tem dificuldades na capacidade de raciocínio pois erra com facilidade qualquer situação problemática. Conseguiu atingir os objectivos pretendidos para o primeiro ciclo. -----

O aluno número três, [REDACTED], de onze anos, revela dificuldades na interpretação de textos na área de Língua Portuguesa. Tem falta de conhecimentos na área de “conhecimento explícito da língua”. Em Matemática revela algumas dificuldades, por vezes, mais em situações problemáticas. No próximo ano deverá continuar a beneficiar de terapia da fala. Conseguiu atingir os objectivos pretendidos para o primeiro ciclo. -----

A aluna número quatro, [REDACTED], com onze anos de idade, é uma criança que se desmotiva facilmente, não é persistente na realização dos trabalhos apesar de revelar capacidades. Não se esforça por resolver as dificuldades que apresenta em Matemática. Em Língua Portuguesa evoluiu simplesmente ao nível da expressão escrita. O aproveitamento global foi satisfatório. Usufruiu de terapia da fala no passado ano lectivo e a professora do quarto ano acha pertinente que continue a usufruir. Conseguiu atingir os objectivos pretendidos para concluir o primeiro ciclo. -----

A aluna número cinco, [REDACTED], com nove anos de idade, não revela dificuldades de aprendizagem. -----

O aluno número seis, [REDACTED] tem onze anos e, na globalidade, é uma

criança que evoluiu ao longo do ano. Veio transferido de outra escola em Janeiro de dois mil e nove e não se aplicava no trabalho. No final do ano já fazia os trabalhos mas com muitas dificuldades em Matemática. Deverá continuar a ter apoio socioeducativo. Teve Plano de Acompanhamento no quarto ano. Conseguiu atingir os objectivos pretendidos para o primeiro ciclo, apenas não conseguiu a Matemática. -----

O aluno número sete, [REDACTED] tem 9 anos e atingiu os objectivos pretendidos para o primeiro ciclo. Tem capacidades mas deverá aplicar-se mais e pôr essas capacidades em prática. Deverá empenhar-se mais para superar algumas dificuldades. -----

O aluno número oito, [REDACTED] tem onze anos e, no primeiro ciclo foi um aluno interessado mas também muito distraído, principalmente quando escreve. Tem bom raciocínio mas é um pouco “preguiçoso” quando tem que memorizar conhecimentos, como por exemplo, a tabuada. O seu aproveitamento global foi satisfatório tendo frequentado o terceiro ano duas vezes. Conseguiu atingir os objectivos pretendidos para concluir o primeiro ciclo. -----

O aluno número nove, [REDACTED] tem onze anos. É um aluno que revela dificuldades de aprendizagem acentuadas em Língua Portuguesa e Matemática. Irá frequentar o quinto ano do segundo ciclo mas cognitivamente encontra-se abaixo do nível da sala que frequenta e grupo etário. Distrai-se com muita facilidade falando com os colegas ou alheando-se das actividades. A sua caligrafia é muitas vezes ilegível, esquece o que aprendeu, redige frases simples pouco criativas. Frequentou o segundo ano do primeiro ciclo duas vezes. Frequentou sempre o Ensino especial até ao ano lectivo de dois mil e sete, dois mil e oito. Foi integrado no Decreto-Lei número três de dois mil e oito no ano lectivo de dois mil e nove, dois mil e dez. Também teve apoio em psicomotricidade, excepto no passado ano lectivo. No quarto ano do primeiro ciclo teve medidas educativas através do Decreto-Lei número três de dois mil e oito. Beneficiou das seguintes alíneas: a) Apoio Pedagógico Personalizado (artigo décimo sétimo): Apoio individualizado e sistemático dentro da sala de aula, sempre em articulação com o docente titular e com o docente de educação especial. Três horas semanais com a professora de educação especial; b) Adequações Curriculares Individuais (artigo décimo oitavo): Simplificação e diminuição do grau de exigência em algumas competências a adquirir em todas as áreas curriculares; c) Adequações no processo de avaliação (artigo vigésimo): Adequações no tipo de prova e na duração da mesma (dar mais tempo para a sua execução). -----

O aluno manifestou grandes dificuldades ao nível da Língua Portuguesa e da Matemática, no entanto acompanhou o currículo normal com algumas adaptações. -----

No que se refere à Língua Portuguesa apresenta dificuldades em distinguir substantivo, adjectivo e verbo; determinantes; grupo nominal, verbal e móvel; graus dos adjectivos e conjugação de verbos regulares e irregulares. -----

Na área da Matemática tem dificuldades em relacionar as medidas de comprimento, massa e capacidade; não distingue a área e o perímetro e não consegue reconhecer equivalências. -----

Ao nível cognitivo os resultados obtidos (avaliação do SPO) são claramente abaixo da média face à escolaridade e faixa etária, pelo que apresenta fundamentos necessários para continuar a beneficiar das medidas do Decreto-Lei número três de dois mil e oito. -----

A aluna número dez, [REDACTED], com dez anos de idade, não revela dificuldades de aprendizagem. -----

A Psicóloga irá efectuar uma entrevista com todos os encarregados de Educação da Turma e o aluno número nove, [REDACTED] será reavaliado. Esta reavaliação será efectuada tendo como objectivo um conhecimento mais próximo e directo do aluno, e posteriormente será elaborado um PEI de acordo com o Decreto-Lei número três. -----

Passou-se então ao ponto três, Orientações para o ano lectivo de dois mil e dez, dois mil e onze. Relativamente às normas de funcionamento da turma e da escola, a Directora de Turma informou o conselho de turma do calendário escolar. A abertura do ano lectivo será no dia treze de Setembro e terá início às nove horas e trinta minutos na igreja matriz de Sobreira Formosa com missa para todos os docentes, alunos, Encarregados de Educação e restante comunidade. Seguidamente, [REDACTED], será efectuada a apresentação dos alunos do quinto ano à comunidade escolar. -----

Durante a tarde os alunos estarão com o Diretor de Turma e irão tomar conhecimento dos direitos e deveres do delegado e subdelegado de turma e efectuar a eleição dos mesmos; haverá também o preenchimento da caderneta escolar e resposta ao inquérito socioeconómico, para que posteriormente a Directora de Turma possa fazer a caracterização da turma. O primeiro período tem início a treze de Setembro e término a dezassete de Dezembro. O segundo período terá início a três de Janeiro de dois mil e onze e término a oito de Abril de dois mil e onze, com a interrupção lectiva de Carnaval, de sete a oito de Março. O terceiro período decorrerá entre vinte e seis de Abril e vinte e dois de Junho de dois mil e onze. -----

No que concerne ao regime de avaliação, a Directora de Turma informou também que a

avaliação vai ser qualitativa e quantitativa. Relativamente à avaliação quantitativa haverá as seguintes apreciações: de zero a dezanove por cento Muito Insuficiente, de vinte a quarenta e nove Insuficiente, de cinquenta a sessenta e nove Suficiente, de setenta a oitenta e nove Bom e de noventa a cem por cento Muito Bom. De acordo com o regulamento interno só será dada aos alunos a informação qualitativa. Referiu-se também que neste ciclo a aquisição de conhecimentos é avaliada em oitenta por cento sendo as atitudes e valores vinte por cento. Quanto à avaliação global atribui-se oitenta por cento a conhecimentos e vinte por cento a atitudes e valores. Nas áreas Curriculares não Disciplinares e na disciplina de TIC a avaliação será: Não Satisfaz, Satisfaz e Satisfaz Bem. Nas várias disciplinas cada professor dará a conhecer aos seus alunos os seus critérios de avaliação no início do ano lectivo, devendo os mesmos entregar os critérios de avaliação das suas disciplinas por escrito aos Encarregados de Educação para seu conhecimento. Relativamente à avaliação diagnóstica a mesma vai ser feita em teste escrito nas primeiras aulas de modo a planificar com mais acuidade o trabalho a desenvolver em cada disciplina. -----

Quanto ao Projecto de Educação Sexual para o segundo ciclo, os temas definidos estão de acordo com a Portaria cento e noventa e seis A de dois mil e dez, de nove de Abril, que procede à regulamentação da Lei número sessenta de dois mil e nove, de seis de Agosto. A carga horária está definida no Artigo cinco da referida Lei. Esta não pode ser inferior a seis horas. -----

O tema a desenvolver no quinto ano será escolhido será Conhecimento do Corpo; o mesmo envolverá a Área Projecto e irá contar com interdisciplinaridade com outras áreas curriculares. Na área curricular não disciplinar de Área Projecto serão realizadas actividades de pesquisa e posteriormente realizados cartazes na aula de Educação Visual e Tecnológica, que irão ser afixados no interior e exterior da escola. Na Formação Cívica os alunos realizarão actividades de pesquisa, construirão pequenos textos e será estabelecido diálogo sobre o tema.

De acordo com o projecto de Educação para a Saúde, celebra-se no dia dezasseis de Outubro o Dia Mundial da Alimentação. Será elaborada uma ementa, de acordo com as regras de uma alimentação saudável e equilibrada, na qual participarão a Formação Cívica, Área de Projecto e Língua Portuguesa. -----

Relativamente ao Estudo Acompanhado, os professores das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, irão trabalhar em simultâneo, devido às dificuldades diagnosticadas.

A professora de Religião e Moral informou o Conselho de Turma de que irá efectuar

uma actividade com a turma no Dia do Doente. -----

Quanto ao ponto quatro, Organização das actividades para o ano lectivo de dois mil e dez, dois mil e onze, os alunos da turma participarão em todas as actividades propostas no Plano Anual de Actividades e outras que possam surgir e que sejam pertinentes para o desenvolvimento dos mesmos. Em relação aos clubes haverá uma inscrição na primeira semana de aulas. Relativamente a este assunto cada aluno em particular fará inscrições nos clubes que entender de modo a completar a sua tarde de quarta-feira. -----

A Directora de Turma em conjunto com os alunos irá na disciplina de Formação Cívica decidir qual o tema do Projecto Curricular de Turma a desenvolver ao longo do segundo ciclo.

O Projecto Curricular de Turma será iniciado com a caracterização da turma com base no preenchimento das fichas Sócio-Económicas. Nele se definirão as principais dificuldades diagnosticadas e quais as competências gerais e transversais a desenvolver ao longo do segundo ciclo.-----

Relativamente às Áreas Curriculares não Disciplinares a coordenadora irá realizar uma reunião no mês de Setembro depois de definido o tema do Projecto Curricular para planificar e orientar em articulação com o Conselho de Turma os respectivos objectivos, actividades e temas. -----

O Conselho de Turma foi informado de que as planificações das várias disciplinas terão que ser entregues à Directora de turma até dia quinze de Outubro. -----

No ponto cinco, Outros Assuntos, foi referido que a reunião com os Encarregados de Educação será realizada no dia treze de Setembro a seguir à missa; nesta reunião os Encarregados de Educação serão informados das alterações ao Estatuto do Aluno, dando especial relevo às faltas. Serão ainda informados dos direitos e deveres de professores e alunos que constam no Regulamento Interno, a ser alterado devido ao novo Estatuto do Aluno; deveres dos alunos no âmbito restrito da aula; dever de frequência e assiduidade; telemóveis; material necessário às actividades lectivas; medidas correctivas; medidas sancionatórias; instauração de procedimento disciplinar; execução das medidas correctivas; actividades de integração na comunidade educativa e ordem de saída da sala de aula. -----

Outro dos pontos será a eleição do representante dos Encarregados de Educação. -----

E não havendo mais nada a registar foi lida e aprovada a presente acta de seis páginas tendo-se dada por encerrada a reunião. -----

Assinaturas

Visto em ____ / ____ / ____

O (A) Presidente da reunião

████████████████████

O (A) Secretário

████████████████████

A Diretora Pedagógica

████████████████████

ANEXO U - Relatório circunstanciado (27 de junho de 2011)

**RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO
PROGRAMA EDUCATIVO INDIVIDUAL**

Ano letivo 2011/2012

Para todos os alunos avaliados por referência à CIF e que usufruem de respostas no âmbito da Educação Especial (Lei nº 21/2008, de 12 de maio: alterações ao Decreto-Lei nº 3 de 7 de Janeiro de 2008)

Cap. III (artº 13, pontos 3; 4; 5; 6 do Decreto-Lei nº 3/2008) (p.157)

(...)

3- Dos resultados obtidos por cada aluno com a aplicação das medidas estabelecidas no programa educativo individual, deve ser elaborado um relatório circunstanciado no final do ano letivo.

4- O relatório referido no número anterior é elaborado, conjuntamente pelo **diretor de turma**, pelo **psicólogo** e pelos **docentes** que acompanham o desenvolvimento do processo educativo do aluno e aprovado pelo conselho pedagógico e pelo encarregado de educação.

5- O relatório explicita a existência da necessidade de o aluno continuar a beneficiar de adequações no processo de ensino e de aprendizagem, propõe as alterações necessárias ao programa educativo individual e constitui parte integrante do processo individual do aluno.

6- O relatório referido nos números anteriores, ao qual é anexo o programa educativo individual, é obrigatoriamente comunicado ao estabelecimento que receba o aluno, para prosseguimento de estudos ou em resultado de processo de transferência.

1. IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO

Nome: [REDACTED]

Idade: 12 anos

Situação Escolar: 5.º Ano

2. RESPOSTAS DO REGIME EDUCATIVO ESPECIAL APLICADAS:

(assinalar com x as medidas aplicadas)

Medida(s) (n.º 2 do Art.16.º do Decreto-lei n.º3/2008)	Especificação (assinalar) (Artigos 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 21.º e 22.º do Decreto-lei 3/2008 (p. 158-159))	
art.17º Apoio Pedagógico Personalizado	-Reforço das estratégias utilizadas ao nível da organização, do espaço e das atividades	X
	-Estímulo e reforço das competências e aptidões envolvidas na aprendizagem	X
	-Antecipação e/ou reforço da aprendizagem de conteúdos lecionados	X
	-Desenvolvimento e/ou reforço de competências gerais de aprendizagem e/ou específicas	X
art. 18º Adequações Curriculares Individuais	-Adequações Curriculares (respeitam as orientações curriculares competências essenciais das disciplinas) OBS: Todas as disciplinas teóricas	X
	-Áreas Curriculares específicas (introdução de objetivos, conteúdos ou áreas curriculares específicas):	
	→ leitura e escrita em braille	
	→ treino de visão	
	→atividade motora adaptada	
	→Dispensa de atividades impossíveis de realizar com o aluno	
art. 19º Adequações no Processo de Matrícula	-Frequenta a escola fora da sua área de residência	
	-Frequenta a escola de referência (para alunos cegos e com baixa visão)	
	-Frequenta escola com unidade de ensino estruturado ou unidade especializada de apoio a alunos com multideficiência ou surdo cegueira	
	-Matricula por disciplina no 2.º e 3.º ciclo e Secundário)	
art. 20º Adequações no Processo de Avaliação	-Tipo de prova	X
	-Instrumentos de avaliação e/ou certificação	
	-Formas e meios de comunicação	X
	-Periodicidade e meios de comunicação	X
art. 21º Currículo Específico Individual	Currículo Específico Individual (CEI)	
art. 22º Tecnologias de Apoio		
Apoio		
Terapias		
Outra(s) medida(s)		

OBS: (Em função da avaliação efetuada, explicita as medidas do regime educativo especial a aplicar e os recursos a disponibilizar, bem como os aspetos da intervenção educativa a manter e/ou reformular. Para o efeito, poderá considerar, entre outros, os seguintes aspetos: I) intervenção direta com o aluno; II) articulação entre técnicos; III) trabalho com a família; IV) envolvimento e articulação com serviços da comunidade)

4. AVALIAÇÃO DAS RESPOSTAS EDUCATIVAS APLICADAS

(descreva o trabalho realizado com este aluno, relativo à medida aplicada e os resultados obtidos)

4.1 Observações

O aluno desempenha as seguintes atividades revelando algumas dificuldades:

☺ Aprendizagem e aplicação de conhecimentos: capacidade de aprender, aplicar os conhecimentos adquiridos, pensar, resolver problemas e tomar decisões;

☺ Aprendizagem básica: adquirir conceitos, adquirir conceitos complexos, aprender a ler, adquirir competências para pronunciar palavras escritas; adquirir competência para compreender palavras e frases escritas, aprender a escrever, aprender a calcular;

☺ Aplicação do conhecimento: concentrar a atenção, dirigir a atenção, pensar; “fazer de conta”, especular, ler, escrever, utilizar competências e estratégias genéricas do processo de

escrita, utilizar as convenções gramaticais e automatizadas nas composições escritas, utilizar competências e estratégias genéricas para completar composições, calcular, utilizar competências e estratégias complexas do processo de cálculo, resolver problemas, resolver problemas complexos, tomar decisões, aplicação de conhecimento;

☺ Tarefas e Exigências Gerais: aspetos gerais de execução de uma única ou de várias tarefas, organização de rotinas e gestão do stress: realizar tarefas múltiplas, executar tarefas múltiplas, concluir tarefas múltiplas independentemente, completar tarefas múltiplas independentemente, executar a rotina diária, gerir o seu próprio nível de atividade, gerir mudanças na rotina diária, gerir o próprio comportamento;

☺ Comunicação: Características gerais e específicas da comunicação através da linguagem, sinais e símbolos: comunicar e receber mensagens, compreender mensagens faladas, compreender e receber mensagens usando linguagem não verbal, comunicar e produzir mensagens, escrever mensagens;

☺ Conversação e utilização de dispositivos e de técnicas de comunicação: discussão.

O ■■■ continua a ter apoio familiar o que é essencial para os resultados obtidos pelo aluno. A mãe prepara as matérias escolares com ele.

O ■■■ é bem-educado e está bem integrado na turma, deve continuar a beneficiar das medidas do PEI, do apoio familiar, do apoio dos colegas e dos professores.

O aluno evoluiu muito ao longo do ano letivo, está mais sociável e mais feliz.

Avaliação Qualitativa

MEDIDAS EDUCATIVAS (art. 16 do Decreto-Lei nº 3 de 7 de janeiro 2008)

	NS	S	SB
Assiduidade			X
Pontualidade			X
Comunicação			X
Socialização			X
Iniciativa		X	
Empenho			X
Comportamento adequado			X
Reconhecimento da importância da escola na sua formação		X	
Autonomia		X	

NS- Não Satisfaz; **S-** Satisfaz; **SB-** Satisfaz Bem

AVALIAÇÃO FINAL	
Relativamente às atitudes	Quanto às competências
3.º Período	3.º Período
Satisfaz	Satisfaz

APRECIACÃO GLOBAL:

(Não Satisfaz, Satisfaz, Satisfaz bem)

5. RECOMENDAÇÕES PARA O PRÓXIMO PERÍODO

O aluno deve continuar integrado no Regime Educativo Especial?

Sim

Não

Se sim, assinale abaixo as medidas que o aluno deverá beneficiar

Medida(s) (n.º 2 do Art.16.º do Decreto-lei n.º3/2008)	Especificação (assinalar) (Artigos 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 21.º e 22.º do Decreto-lei 3/2008 (p. 158-159))	
art.17º Apoio Pedagógico Personalizado	-Reforço das estratégias utilizadas ao nível da organização, do espaço e das atividades	X
	-Estímulo e reforço das competências e aptidões envolvidas na aprendizagem	X
	-Antecipação e/ou reforço da aprendizagem de conteúdos lecionados	X
	-Desenvolvimento e/ou reforço de competências gerais de aprendizagem e/ou específicas	X
art. 18º Adequações Curriculares Individuais	-Adequações Curriculares (respeitam as orientações curriculares competências essenciais das disciplinas) OBS: Todas as disciplinas teóricas	X
	-Áreas Curriculares específicas (introdução de objetivos, conteúdos ou áreas curriculares específicas):	
	→ leitura e escrita em braille	
	→ treino de visão	
	→ atividade motora adaptada	
art. 19º Adequações no Processo de Matrícula	-Frequenta a escola fora da sua área de residência	
	-Frequenta a escola de referência (para alunos cegos e com baixa visão)	
	-Frequenta escola com unidade de ensino estruturado ou unidade especializada de apoio a alunos com multideficiência ou surdo cegueira	
	-Matricula por disciplina no 2.º e 3.º ciclo e Secundário)	
art. 20º Adequações no Processo de Avaliação	-Tipo de prova	X
	-Instrumentos de avaliação e/ou certificação	
	-Formas e meios de comunicação	X
	-Periodicidade e meios de comunicação	X
art. 21º Currículo Específico Individual	Currículo Específico Individual (CEI)	
art. 22º Tecnologias de Apoio		
Apoio		
Terapias		
Outra(s) medida(s)		

OBS: (Em função da avaliação efetuada, explicitar as medidas do regime educativo especial a aplicar e os recursos a disponibilizar, bem como os aspetos da intervenção educativa a manter e/ou reformular. Para o efeito, poderá considerar, entre outros, os seguintes aspetos: I) intervenção direta com o aluno; II) articulação entre técnicos; III) trabalho com a família; IV) envolvimento e articulação com serviços da comunidade)

6. ASSINATURAS

/ 06/2011

Coordenador do PEI (Diretor(a) de Turma: [REDACTED]

Psicóloga: [REDACTED]

<p>A Presidente do Conselho Pedagógico</p> <p>[REDACTED]</p> <p>Data: ____/____/2011</p>	<p>O (A) Encarregado (a) de Educação</p> <p>[REDACTED]</p> <p>Data: ____/____/2011</p>
--	--

Sujeito B

ANEXO V - Relatório de Jardim de Infância (05 de julho de 2005)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 DIRECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO CENTRO
 ...TO DE ESCOLAS PÚBLICAS DO CONCELHO DE ...

TRANSIÇÃO PRÉ-ESCOLAR - 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO
 COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

JARDIM DE INFÂNCIA de _____ DATA da INFORMAÇÃO 05/17/2005

NOME _____
 DATA de NASCIMENTO 10/5/99 NACIONALIDADE Portuguesa

PERCURSO ESCOLAR	1 ANO	2 ANOS	3 ANOS	4 ANOS
Nº de ANOS de FREQUÊNCIA no JARDIM DE INFÂNCIA			X	

ASSIDUIDADE - Assíduo

PONTUALIDADE - CHEGA HABITUALMENTE A HORAS

TEM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS _____

ÁREA DE FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL - SÍNTESE DESCRITIVA
 No domínio afectivo é uma criança bem aceite pelo grupo mantém com as adultas uma relação próxima, a que lhe traz segurança e êxito nas aprendizagens. Desempenha papéis em interacção com as colegas. Respeita as decisões tomadas em grande grupo.

DOMÍNIO DAS EXPRESSÕES - SÍNTESE DESCRITIVA
 Dramatiza histórias, canções e cenas familiares. Desenha formas reconhecíveis, como a figura humana completa. Reconta ações e actividades do dia a dia.

DOMÍNIO DA LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA - SÍNTESE DESCRITIVA
 Exprime-se com facilidade, tem bom vocabulário, contando e recontando histórias com muita fluência. Possui um bom desenvolvimento da motricidade fina, sendo capaz de trabalhar pela representação gráfica.

DOMÍNIO DA MATEMÁTICA - SÍNTESE DESCRITIVA
 Agrupa objetos atendendo às suas características: forma, tamanho, cor, espessura, peso, etc. Distingue se um conjunto tem mais ou menos elementos que outro. Nomeia as diferentes formas geométricas.

ÁREA DE CONHECIMENTO DO MUNDO - SÍNTESE DESCRITIVA
 observa as mudanças e alterações do meio físico e social que a envolve. Procura e explora as suas actividades em função da informação recebida e constata os seus efeitos.

Observações: _____

Educadora de Infância:

ANEXO X - Registo de avaliação do 3.º período (ano letivo 2005/2006)

Aluno _____ do 1.º Ano, Turma <u>ND 2</u> Escola/Agrupamento _____	1.º CICLO Ano lectivo <u>2005/2006</u> 3.º Período
---	---

Assiduidade	Presenças _____	Faltas <u>Assidua e pontual.</u>
-------------	-----------------	----------------------------------

Síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares (Área de Projecto, Estudo Acompanhado, Formação Cívica)

O aluno fez observação directa de imagens relacionadas, com os temas em estudo para desenvolver a atenção, a concentração e o poder crítico.

Desenvolveu alguma autonomia. Criou hábitos de leitura e destreza manual para desenvolver varias actividades.

Desenvolveu noções de respeito pelo ambiente, preservação e gosto pela defesa dos seres vivos.

Desenvolveu valores e atitudes de curiosidade, imaginação, confiança, criatividade...

Experimentou e conheceu coisas novas.

Síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares (Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Matemática, Expressões Artísticas e Físico-Motoras)

Língua Portuguesa: Identifica as letras do alfabetário, com alguma pequena hesitação. Escrive palavras ditadas com alguma facilidade. Lê e compreende e interpreta textos simples com alguma pequena autonomia.

Este período deu um salto positivo nesta área. No entanto, ainda necessita de alguma ajuda para estimular a sua confiança. Ordena frases, separa sílabas, distingue o singular do plural. Deu os casos especiais (ss) (or) (s valor de z) (r) entre vogais, /as/es, is, os, us / az, ez iz oz uz / or ez iz or ur / al el il ol ul e o dígrafos (lh)

Matemática: Identifica, compara, descreve nº até 20 ordena-os por ordem crescente e decrescente. Aplica a simbologia $< > =$ entre igualdades e diferenças (entre operações $+$) revela cálculo mental simples. Abordou noções temporais, sistema monetário. Identificaram seres do meio local, preservação itinerários. Na área das expressões revela interesse, mas é muito pouco curioso e com pouca criatividade.

Educação Moral e Religiosa (a) Católica

Actividades de enriquecimento do currículo

Apreciação global

O aluno teve um aproveitamento irregular manifestando alguma dificuldade na leitura e escrita. Actualmente superou parte dessas dificuldades, necessita de ter acompanhamento no meio familiar para que não esqueça o que conseguiu aprender.

Observações

Atingiu os conhecimentos suficientes para transitar ao 2º ano de escolaridade.
Deve trabalhar muito sempre.

AValiação Final de Ano/Ciclo

O Professor

Encarregado de Educação

Data 30/06/2006

Data 30/06/2006

A síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares é preenchida pelo professor titular da turma, tem por base o Projecto Curricular de Turma e evidencia os aspectos em que as aprendizagens do aluno precisam de ser melhoradas, aponta modos de superar as dificuldades, valoriza o que o aluno já sabe e as competências que já adquiriu.

A síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares tem também como referência o estabelecido para estas áreas, no Projecto Curricular de Turma. Entre outros, são considerados os seguintes parâmetros de avaliação:

Área de Projecto: organização do projecto e nível de concretização das tarefas, trabalho cooperativo, qualidade dos produtos realizados e da sua apresentação, capacidade de iniciativa, reflexão sobre o trabalho desenvolvido, sentido de responsabilidade;

Estudo Acompanhado: autonomia na realização das aprendizagens, métodos de estudo, de organização e de trabalho, estratégias de resolução de problemas, pesquisa e utilização de diversas fontes de informação;

Formação Cívica: relação interpessoal, reflexão sobre a vida da turma, da escola e da comunidade, autonomia e sentido de responsabilidade.

A **Apreciação global** deve fazer referência, entre outras informações consideradas importantes para o sucesso escolar do aluno, às formações transdisciplinares, designadamente a Educação para a Cidadania, a valorização da Língua Portuguesa e a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação.

As **Actividades de enriquecimento do currículo** devem incluir uma síntese descritiva sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira, sempre que esta exista.

ANEXO Z- Relatório confidencial de observação e avaliação psicológica (12 de outubro de 2006)

Serviços de Psicologia e Orientação do Agrupamento de Escolas Públicas do Concelho de

Relatório confidencial de observação e avaliação psicológica

No âmbito da proposta feita no final do ano lectivo transacto aos Serviços de Psicologia e Orientação pela professora de ensino regular da Escola do 1º Ciclo , foi efectuada uma avaliação psicopedagógica ao aluno , de 7 anos de idade, do 2º ano de escolaridade.

O é um aluno que “apresentou desde o início do ano dificuldades na identificação das letras dadas na associação de grafema/fonema. Confunde p; t; l; b; d; f; v; m; n ... Tem manifestado dificuldades na leitura e na escrita. Apresenta passividade em relação ao desempenho. Distrai-se com facilidade e pára. Necessita de muito apoio e ajuda individual da professora. Revela insegurança, imaturidade e instabilidade. O aluno evoluiu com algum esforço, no entanto, necessita de acompanhamento individual”.

Não existem, segundo a encarregada de educação, dados relevantes a salientar da história de desenvolvimento do aluno, com excepção de uma operação aos ouvidos (otites) e nariz (adenóides) por volta dos 3 anos. É filho único e esteve com a mãe em casa até aos 3 anos. Frequentou o Jardim de Infância e teve uma boa adaptação ao 1º ciclo, embora com dificuldades a nível da concentração e alguma lentidão e pouca autonomia na execução de tarefas (em casa o quadro é idêntico).

Durante a situação de avaliação, o manteve um nível de atenção/concentração satisfatório, colaborando nas actividades por nós propostas, embora se tenha notado algum cansaço no final da consulta. Aparentou ser uma criança simpática e conversadora. Apresenta uma lateralidade cruzada, facto que, pela sua relação com a coordenação viso-motora, pode ser prejudicial para a escrita.

A avaliação cognitiva realizada (Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças e as Matrizes Progressivas Coloridas de Raven) revela resultados que, no geral, se poderão considerar dentro da média para a sua faixa etária.

Na Escala de Wechsler (WISC-III), apresenta um Q.I. Verbal (verbalização), um Q.I. de Realização (percepção visual) e de Escala Completa Médios para a sua idade cronológica. Não existem diferenças estatisticamente significativas entre Q.I.'s.

Salienta-se, na parte verbal da escala, um perfil de resultados bastante homogêneo, ou seja, na média para a sua idade. Salienta-se, contudo, dificuldade acentuada na prova que avalia a memória auditiva sequencial (capacidade de atenção e escuta).

No domínio da realização, salienta-se um perfil de resultados médio, embora com algumas dificuldades em subtestes relacionados com a antecipação de consequências/sequenciação temporal e a memória visual de curto prazo (atenção visual e velocidade mental).

Verifica-se ainda que o aluno apresenta um rendimento médio nos índices compreensão verbal (expressão, conhecimento e conceptualização verbais) e velocidade de processamento (velocidade de resposta) bem como um resultado ligeiramente abaixo do esperado a nível da organização perceptiva

(coordenação viso-motora e pensamento não-verbal). Por último, parecem existir alguns dados que confirmam problemas de atenção.

Nas Matrizes Progressivas Coloridas de Raven, teste psicológico que visa avaliar a capacidade intelectual não verbal (raciocínio lógico-abstracto), o Duarte apresenta um resultado na média para a sua idade, situando-se no percentil 44.

O não sabe o abecedário na sua totalidade e, como é natural, o seu nível de leitura é muito deficiente (a leitura é muito lenta e silabada). Como consequência óbvia, escreve algumas palavras simples (bola, sol) mas dá erros frequentes, nomeadamente, omissões, erros de acentuação, e substituições.

Face ao exposto, e dada a presença de indicadores instrumentais que revelam dificuldades de aprendizagem no domínio da linguagem (leitura e escrita), possivelmente decorrentes de dificuldades para adquirir as aptidões fonéticas que dependem da memorização e da sequência de relações sonoras e simbólicas, pensamos que será necessária e urgente uma intervenção individualizada de âmbito psicopedagógico junto deste aluno. Tal intervenção passa pela aplicação de algumas medidas do regime educativo especial, tal como está consagrado no Decreto-Lei 319/91, nomeadamente da medida apoio pedagógico acrescido (de preferência individual) a Língua Portuguesa (onde devem ser trabalhados prioritariamente os aspectos relacionados com a leitura e escrita dada a possibilidade efectiva de Perturbação da Leitura/Escrita), e, devido ao atraso verificado nessa área, de adaptação curricular, com a definição clara dos objectivos pedagógicos a atingir no referido domínio. De igual modo, e na medida do possível, deverão ser proporcionadas em casa tarefas de enriquecimento instrumental que sejam delineadas em colaboração com a escola.

Relativamente à intervenção e reeducação (de preferência diária), aconselham-se os seguintes exercícios:

I- EXERCÍCIOS GERAIS

Exercícios de traçado dos movimentos correctos de cada letra que confunde com a máxima lentidão, procurando que intervenham todos os sentidos possíveis para que o aluno esteja perfeitamente consciente dos mínimos movimentos que é preciso realizar para traçar uma letra. O aluno deve traçar letras grandes, falando cada vez que o faz (verificar com cuidado se o traçado da letra e o som coincidem). Usar letras em papel de lixa para que possa pronunciá-las à medida que faz o seu traçado com os olhos fechados. Traçar letras em diferentes partes do corpo do aluno (este deve estar com os olhos fechados), pedindo-se-lhe em seguida que articule o som correspondente. Exercícios de reconhecimento auditivo, em que o reeducador tapa a boca e pronuncia um som para o qual o aluno deve assinalar a grafia que lhe corresponde. Exercícios de discriminação visual de letras que confunde na leitura: por exemplo, numa folha com várias letras, disposta de forma arbitrária, a criança deve sublinhar as letras em questão. Labirintos, exercícios de análise de diferenças (em desenhos semelhantes) são também aconselháveis (este tipo de exercícios pode ser realizado em situação de sala de aula).

II- EXERCÍCIOS ESPECÍFICOS

Para desenvolver a memória e gnosias auditivas aconselham-se os seguintes:

- Exercícios de síntese e análise oral e escrita de palavras: primeiro por sílabas e depois letra por letra. Deve existir acompanhamento de batimentos digitais.

Exemplo: Soletrar determinadas palavras por sílabas e por letras para que ele as identifique.

Sílabas	Letras
tri-ân-gu-lo (triângulo)	t-r-i-â-n-g-u-l-o (triângulo)
ex-cur-são (excursão)	e-x-c-u-r-s-ã-o (excursão)
ci-vi-li-za-ção (civilização)	c-i-v-i-l-i-z-a-ç-ã-o (civilização)

Dar uma palavra completa devendo o Duarte soletrá-la por sílabas e por letras.

Palavra	Sílabas	Letras
chocolate	cho-co-la-te	c-h-o-c-o-l-a-t-e
campeonato	cam-pe-o-na-to	c-a-m-p-e-o-n-a-t-o

- Exercícios de completamento de palavras onde falta determinado fonema no início, no meio ou no fim.

Exemplo:

sapa__ (sapato)

__asa (casa)

la_o (lago)

tele__são (televisão)

es__la (escola)

- Ditar listas de palavras foneticamente parecidas, devendo ele repeti-las e, de seguida, escrevê-las.

Exemplo:

pé- fé- sé

gama- cama- ama

faca- vaca- maca

pote- lote- bote

pão- cão- não

pato- gato- rato

bica- pica- pipa

pó- mó- nó

esmola- escola- estola

- Exercícios de repetição oral de frases cada vez mais complicadas.
- Discriminar frases absurdas.

Exemplo: “O norte está para o sul como o leste está para o norte”

“O gato comeu o rato porque não tinha fome”.

- Jogos com sílabas em desordem, devendo o Duarte ordená-las correctamente de modo a formar palavras:

Para treinar a **memória visual** e **corrigir as confusões ortográficas** recomendamos as seguintes actividades:

Leitura de um texto: interrogar a criança de seguida oralmente ou por escrito sobre o conteúdo, assinalando no mesmo as frases que respondem às questões anteriormente colocadas.

Ditado do mesmo texto (implementar as estratégias de auto-instrução).

2.1 **Auto-exploração do texto** escrito pelo Duarte com anotação dos erros e proposta de alternativas. Posteriormente terá ajuda do reeducador.

2.1.1 **Sublinhar com cor contrastante** as palavras onde surjam as dificuldades ortográficas para melhor visualização das mesmas.

2.1.2 **Inventariar o tipo de erros:** fazer um ensino das regras ortográficas e seu uso de maneira dedutiva através da visualização e ensino das regras de leitura que regem a modificação da pronúncia de certas letras.

Exemplo: o **S** entre duas vogais lê-se **Z**

o **C** lê-se **SS** no início ou no fim da palavra, quando antecede o **e/i**

2.1.3 **Pronunciar sempre o som da letra e não o seu nome** (e.g. **SS** e não **ES**), procurando de seguida a colecção de palavras que têm o mesmo som, mas que podem ter grafias diferentes. Em seguida, categorizar essas palavras: as que começam com o som, as que contêm o som no meio e as que contêm o som no final. Por este meio chegamos à construção de um alfabeto fonético e grafénico.

Exemplo: o **S** pode valer **S** e **Z** em termos fonéticos (som); mas o mesmo som **S** pode ter representação gráfica distintas: **S**, **SS**, **C** e **Ç**.

Som	Ortografia	Posição na palavra
	SS	Sempre no meio, entre duas vogais
	Ç	Excepção, deve-se atender à etimologia
S	S	No início e no meio entre consoantes
	C	No início e no meio quando antecede o e/i

2.1.4 Procurar no texto letras que se vêem e se ouvem, que se vêem mas não se ouvem (e.g. directo, nele, direcção, arredar), letras que não se vêem mas que se ouvem.

Elaborar grupos de palavras pertencentes à mesma família, pois ao lembrar-se de uma saberá escrever todas as outras.

Cansar – Cansaço

- Cansativo
- Descansar
- Descanso

Coser – cosedura

- cosido
- descoser

Exercícios de comprovação por meio de ditados e jogos de completamento (ex: completar os espaços com S, C ou Z: _apato; a_ul, etc.).

Relativamente ao desenvolvimento psicolinguístico, é importante trabalhar a **expressão verbal** (leitura em pequenos grupos; descrições relacionadas com a experiência da criança: leitura compreensiva; narrações; invenções de adivinhas; promover a expressão de opiniões pessoais sobre determinados temas) e o **encerramento gramatical**, ou seja, a capacidade de predizer acontecimentos linguísticos a partir das experiências anteriores (memorização de frases ou poemas curtos; exercitação da compreensão das relações entre palavras por meio de opostos, de sons iniciais e finais, de palavras que rimam, e da evocação de respostas emparelhadas – Inverno-chuva; encerramento e completamento de frases; reconhecimento das formas correctas das palavras – singular e plural, tempo verbal, masculino e feminino, adjectivos, etc.).

A falta de velocidade na leitura deve ser alvo de treino. Para isso, podem ser desenvolvidas as seguintes actividades: reconhecimento rápido de sílabas e palavras de uso frequente (artigos, pronomes, etc.); eliminar a leitura silábica através da análise visual da palavra, seguida da leitura em voz alta da palavra completa. De modo progressivo, alargar esta última actividade a textos cada vez maiores e gramaticalmente mais complexos.

Torna-se, de igual modo, necessário exercitar na leitura os seguintes aspectos:

- Reconhecimento e leitura de cada signo.
- Reconhecimento, por leitura e escrita, de sílabas directas e inversas, por ordem de dificuldade crescente.
- Leitura de palavras em que faltam letras.
- Leitura compreensiva de palavras.
- Formação de palavras a partir de letras isoladas.
- Leitura compreensiva silenciosa.
- Formação de frases.
- Resumos orais e escritos (ex: ba corresponde bala, be corresponde beijo, bo corresponde bola, etc.).

Por último, são aconselháveis, numa ordem crescente de dificuldade, exercícios de cópia, ditado, redacções e pequenos resumos.

O reforço social pode ser utilizado sempre que o aluno apresentar um comportamento e/ou resposta apropriados. Deve ser administrado *imediatamente* após a emissão desse comportamento.

De seguida, referimos algumas sugestões a ter em conta na sala de aula: localização preferencial num lugar próximo da secretária (melhor controle da actividade do aluno e menos possibilidade de distração); determinar limites de tempo e regras em relação à tarefa (se possível e necessário, fornecer regras escritas); repetir, frequentemente, as instruções relativas à tarefa (se necessário, acercar-se do aluno); sugerir ao aluno que conte o que está a fazer; supervisão frequente do seu trabalho; *feedback* frequente: dar ao aluno informação suficiente quanto ao trabalho que está a desempenhar, para que esteja consciente da adequação ou não das suas respostas; de modo a aumentar o nível de atenção-

concentração, é recomendado o treino específico em tarefas de discriminação visual de estímulos gráficos, exercícios de raciocínio lógico e completamento de frases.

Também é necessário que o ambiente em casa estimule o interesse do pelas actividades escolares. As estratégias aconselhadas devem ser utilizadas **diariamente**.

12 de Outubro de 2006
O Psicólogo

ANEXO AA- Registo de avaliação pela professora no decorrer do ano (ano letivo 2006/2007)

Aluno _____ do <u>2</u> .º Ano, Turma _____ Escola/Agrupamento <u>EB1</u>	1.º CICLO Ano lectivo <u>2006/2007</u> 1.º Período
--	---

Assiduidade	Presenças <u>56</u> Faltas <u>5</u>
-------------	-------------------------------------

Síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares (Área de Projecto, Estudo Acompanhado, Formação Cívica)

Área Projecto - É pouco organizado e interessado nas tarefas propostas; revela pouca capacidade de iniciativa.

Estudo Acompanhado - Revela pouca autonomia na realização das aprendizagens e poucos métodos de estudo e organização.

Formação cívica - Nem sempre cumpre as regras de bom funcionamento da turma e tem tido atitudes pouco correctas nas actividades de enriquecimento curricular para com os colegas e professores; precisa ser mais atento e interessado pelo trabalho.

Síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares (Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Matemática, Expressões Artísticas e Físico-Motoras)

Língua Portuguesa - Neste momento o Duarte continua o estudo dos casos especiais de leitura e escrita, sem tindo ainda dificuldades nestes aspectos.

Estudo do Meio - Reconhece alguns temas mas devido à dificuldade na leitura e escrita revela pouca autonomia na realização destas tarefas.

Matemática - Reconhece os números até 99 por vezes com alguma confusão; soma e subtrai sem transporte, revela alguma dificuldade de cálculo e raciocínio na resolução de situações problemáticas.

Exp. plásticas - gosta, sobretudo de pintar.

Educação Moral e Religiosa ^(a) _____

(a) - Especificar a confissão religiosa

Actividades de enriquecimento do currículo

Apreciação global

O aproveitamento do Duarte tem sido pouco satisfatório mas tem evoluído, pelo que deve continuar a insistir nas matérias onde sente mais dificuldade.

Observações

O aluno precisa criar hábitos e métodos de trabalho e criar alguma autonomia na realização das tarefas escolares.

AVALIAÇÃO FINAL DE ANO/CICLO

O Professor

Data 18 / 12 / 2006

O Encarregado de Educação

Data 21 / 12 / 2006

A síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares é preenchida pelo professor titular da turma, tem por base o Projecto Curricular de Turma e evidencia os aspectos em que as aprendizagens do aluno precisam de ser melhoradas, aponta modos de superar as dificuldades, valoriza o que o aluno já sabe e as competências que já adquiriu.

A síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares tem também como referência o estabelecido para estas áreas, no Projecto Curricular de Turma. Entre outros, são considerados os seguintes parâmetros de avaliação:

Área de Projecto: organização do projecto e nível de concretização das tarefas, trabalho cooperativo, qualidade dos produtos realizados e da sua apresentação, capacidade de iniciativa, reflexão sobre o trabalho desenvolvido, sentido de responsabilidade;

Estudo Acompanhado: autonomia na realização das aprendizagens, métodos de estudo, de organização e de trabalho, estratégias de resolução de problemas, pesquisa e utilização de diversas fontes de informação;

Formação Cívica: relação interpessoal, reflexão sobre a vida da turma, da escola e da comunidade, autonomia e sentido de responsabilidade.

A **Apreciação global** deve fazer referência, entre outras informações consideradas importantes para o sucesso escolar do aluno, às formações transdisciplinares, designadamente a Educação para a Cidadania, a valorização da Língua Portuguesa e a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação.

As **Actividades de enriquecimento do currículo** devem incluir uma síntese descritiva sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira, sempre que esta exista.

Aluno _____ do 2.º Ano, Turma _____ Escola/Agrupamento <u>EBA</u> <u>Agrupamento de Escolas de _____</u>	1.º CICLO Ano lectivo <u>2006/2007</u> 2.º Período
--	---

Assiduidade	Presenças <u>111</u>	Faltas <u>5</u>
-------------	----------------------	-----------------

Síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares (Área de Projecto, Estudo Acompanhado, Formação Cívica)

Área Projecto - é desorganizado e tem muita dificuldade em concretizar a maioria das tarefas; revela pouca capacidade de iniciativa.

Estudo Acompanhado - Não é autónomo na realização das aprendizagens, nos métodos de estudo e organização do trabalho.

Formação cívica - Mantém boa relação interpessoal com os adultos mas cria alguns conflitos com os colegas.

Síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares (Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Matemática, Expressões Artísticas e Físico-Motoras)

L. Port - Ainda demonstra muitas dificuldades na leitura e interpretação.
Dá bastantes erros, por vezes por falta de atenção.

Est. Meio - Tem poucos conhecimentos e não se mostra interessado nestas matérias.

Matemática - Sabe operar, lê e escreve números até 999; tem dificuldade na resolução de problemas.

Expressões - gosta de todas as actividades relacionadas com estas áreas.

Educação Moral e Religiosa ^(a) Católica

Actividades de enriquecimento do currículo

Frequenta aulas de inglês, música, estudo acompanhado e ed. física.

Apreciação global

Tem demonstrado poucos avanços devido aos poucos métodos de trabalho e interesse pelo saber.

Observações

Precisa trabalhar mais e com mais empenho para obter melhores resultados.

AVALIAÇÃO FINAL DE ANO/CICLO

O Professor _____

Data 26 / 03 / 2007

O Encarregado de Educação _____

Data ____ / ____ / ____

A síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares é preenchida pelo professor titular da turma, tem por base o Projecto Curricular de Turma e evidencia os aspectos em que as aprendizagens do aluno precisam de ser melhoradas, aponta modos de superar as dificuldades, valoriza o que o aluno já sabe e as competências que já adquiriu.

A síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares tem também como referência o estabelecido para estas áreas, no Projecto Curricular de Turma. Entre outros, são considerados os seguintes parâmetros de avaliação:

Área de Projecto: organização do projecto e nível de concretização das tarefas, trabalho cooperativo, qualidade dos produtos realizados e da sua apresentação, capacidade de iniciativa, reflexão sobre o trabalho desenvolvido, sentido de responsabilidade;

Estudo Acompanhado: autonomia na realização das aprendizagens, métodos de estudo, de organização e de trabalho, estratégias de resolução de problemas, pesquisa e utilização de diversas fontes de informação;

Formação Cívica: relação interpessoal, reflexão sobre a vida da turma, da escola e da comunidade, autonomia e sentido de responsabilidade.

A **Apreciação global** deve fazer referência, entre outras informações consideradas importantes para o sucesso escolar do aluno, às formações transdisciplinares, designadamente a Educação para a Cidadania, a valorização da Língua Portuguesa e a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação.

As **Actividades de enriquecimento do currículo** devem incluir uma síntese descritiva sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira, sempre que esta exista.

ANEXO BB - Registo de avaliação do 3.º período (ano letivo 2006/2007)

Aluno _____ do <u>2</u> .º Ano, Turma _____ Escola/Agrupamento <u>EB1</u> _____	1.º CICLO Ano lectivo <u>2006/2007</u> 3.º Período
--	---

Assiduidade	Presenças <u>47</u> Faltas <u>2</u>
-------------	-------------------------------------

Síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares (Área de Projecto, Estudo Acompanhado, Formação Cívica).

Área de projecto - O aluno revelou alguma falta de interesse e de iniciativa pelas actividades propostas.

Estudo acompanhado - Nem sempre mostrou métodos de trabalho, autonomia nas aprendizagens e revelou sobretudo uma grande falta de organização.

Formação cívica - Mantém uma boa relação interpessoal criando alguns conflitos nas actividades curriculares.

Síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares (Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Matemática, Expressões Artísticas e Físico-Motoras)

L. Port. - Neste trimestre, embora tenha atingido um nível de satisfação, revelou menos interesse e menos vontade de progredir e muitas vezes até de fazer.

Est. do Meio - Revelou alguns conhecimentos dos temas tratados, mas muita falta de estudo.

Matemática - Apreendeu as competências básicas desta área, mas revela dificuldades de cálculo e de memorização.

Área de expressão - ciente de todas as actividades relacionadas com esta área.

Educação Moral e Religiosa ^(a) _____

(a) - Especificar a confissão religiosa

Actividades de enriquecimento do currículo

O aluno frequentou aulas de música, Inglês, Ed. física e apoio ao estudo.

Apreciação global

O foi progredindo lentamente ao longo do ano. Neste período teve uma recaída no trabalho e no interesse demonstrado; no entanto atingiu as competências mínimas em todas as áreas.

Observações

Precisa ser motivado a trabalhar nas férias para recuperar alguns assuntos e não esquecer aquilo que aprendeu.

AVALIAÇÃO FINAL DE ANO/CICLO

Transitou ao 3º ano de escolaridade

O Professor

Data 22 10 6 2007

O Encarregado de Educação

Data 27 1 6 2007

A síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares é preenchida pelo professor titular da turma, tem por base o Projecto Curricular de Turma e evidencia os aspectos em que as aprendizagens do aluno precisam de ser melhoradas, aponta modos de superar as dificuldades, valoriza o que o aluno já sabe e as competências que já adquiriu.

A síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares tem também como referência o estabelecido para estas áreas, no Projecto Curricular de Turma. Entre outros, são considerados os seguintes parâmetros de avaliação:

Área de Projecto: organização do projecto e nível de concretização das tarefas, trabalho cooperativo, qualidade dos produtos realizados e da sua apresentação, capacidade de iniciativa, reflexão sobre o trabalho desenvolvido, sentido de responsabilidade;

Estudo Acompanhado: autonomia na realização das aprendizagens, métodos de estudo, de organização e de trabalho, estratégias de resolução de problemas, pesquisa e utilização de diversas fontes de informação;

Formação Cívica: relação interpessoal, reflexão sobre a vida da turma, da escola e da comunidade, autonomia e sentido de responsabilidade.

A **Apreciação global** deve fazer referência, entre outras informações consideradas importantes para o sucesso escolar do aluno, às formações transdisciplinares, designadamente a Educação para a Cidadania, a valorização da Língua Portuguesa e a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação.

As **Actividades de enriquecimento do currículo** devem incluir uma síntese descritiva sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira, sempre que esta exista.

ANEXO CC - Relatório confidencial de observação e avaliação psicológica (20 de junho de 2008)

Relatório Confidencial de Observação e Avaliação Psicológica

No âmbito do pedido de atendimento feito aos Serviços de Psicologia e Orientação pela escola EB 1 da [redacted] foi efectuada uma avaliação psicológica ao aluno [redacted] de 9 anos de idade, e que frequenta o 3º ano.

Motivo do Pedido: *“para reavaliação. O [redacted] revela muitas dificuldades, principalmente na área da língua portuguesa em especial na comunicação escrita e funcionamento da língua. Dá muitos erros ortográficos. É um aluno com muitas dificuldades de atenção e é desinteressado pela escola”.*

O Duarte foi avaliado em exame nas seguintes provas:

- ✓ **WISC-III** (*Escala de Inteligência de Wechsler para crianças*)
- ✓ **RAVEN** (*Matrizes Progressivas de Raven: avaliação do raciocínio lógico-abstrato*).
- ✓ **Exercícios de Ortografia e Leitura.**

Registou-se:

Durante a observação e avaliação, esteve vigil, com actividade psicomotora normal, mostrando interesse e cooperação no exame. Revelou capacidade de concentração nas tarefas propostas.

Relativamente ao perfil emocional, denotou-se um humor positivo: alegre, extrovertido, confiante, estabelecendo uma relação simpática com a psicóloga.

O [redacted] manifestou algumas dificuldades na sua expressão verbal, o nível de vocabulário que possui é muito restrito.

O aluno desiste facilmente perante dificuldades ou dúvidas que lhe foram surgindo, o que reflecte um estilo motivacional baixo. Frequentemente questionava se os testes já estavam a acabar, denotando susceptibilidade à fadiga e cansaço.

WISC-III:

De acordo com a faixa etária, o [redacted] apresenta um Q.I. Escala Completa Médio, um Q.I Verbal Médio Inferior e o Q.I de Realização Médio.

Existe uma diferença estatisticamente significativa entre Q.I'S ($p < 0.05$) ou seja, 95% de significância.

As diferenças entre Q.I.'s relacionam-se com as capacidades intelectuais cristalizadas (as que se adquirem através do treino, educação e aculturação, presentes na prova verbal) e as capacidades que envolvem uma certa fluidez que permita a adaptação a estímulos menos familiares (presentes na prova de realização).

Sendo o QI verbal inferior ao de realização, os resultados podem sugerir compromisso do hemisfério cerebral esquerdo, o qual poderá ser consequência de imaturidade cerebral derivada de falta de estimulação cognitiva e emocional.

Deste modo, o e encontra-se mais virado para a acção do que para a introspecção, pelo que revela motivação pelas tarefas apresentadas.

Relativamente aos índices avaliados pela WISC-III, o índice de **compreensão verbal** obteve um resultado *médio*, refere-se à capacidade de conceptualização, conhecimento e expressão verbal, e está associado à capacidade de resposta oral a questões que avaliam o conhecimento geral factual, significado das palavras, raciocínio e capacidade para expressar ideias em palavras, as provas avaliam: o processamento sequencial, memória a curto-prazo e capacidade numérica.

O índice de **organização perceptiva** apresenta um resultado *médio*, refere-se ao pensamento não verbal e coordenação visuo-motora, incide sobre a análise da integração de estímulos visuais, raciocínio não-verbal e aplicação de capacidades visuo – espaciais e visuo – motoras na resolução de problemas.

Por último, o índice de **velocidade de processamento** obteve um resultado *médio*, e refere-se à velocidade de resposta na resolução de problemas.

Acerca da forma como o se situa comparativamente ao esperado para a sua faixa etária e desempenho escolar nos subtestes avaliados, encontram-se **abaixo da média** as seguintes competências: a demonstração da informação prática, a avaliação e o uso das experiências passadas; o conhecimento de comportamentos convencionais padronizados; velocidade psicomotora, velocidade de execução e perspicácia.

Estes resultados mais baixos significam que certos factores de promoção não estão disponíveis no aluno, e podem ser influenciados por: restrições de ordem física ou psicológica que limitam as experiências infantis, comprometendo a capacidade de lidar com o ambiente (*falta de autonomização*); funcionamento mais concreto; ansiedade e impulsividade, e falta de flexibilidade.

Os subtestes com resultados mais baixos partilham as seguintes influências: o desenvolvimento da linguagem; conteúdos semânticos; a formação de conceitos verbais; pouca expressão verbal e oportunidades culturais.

RAVEN:

Na prova das Matrizes Progressivas de Raven, cujo objectivo é avaliar a capacidade intelectual não-verbal (raciocínio lógico-abstrato) o obteve um resultado médio, dentro do esperado de acordo com a sua faixa etária. Este resultado correlaciona-se com as provas de realização e de organização perceptiva avaliadas na WISC-III.

Exercícios de Ortografia e Leitura

Nos exercícios efectuados verificou-se que o reconheceu todas as letras apresentadas, na cópia, ditado e palavras soltas não foram registados erros ortográficos significativos. A letra é irregular e mal proporcionada.

A leitura é lenta e silabada, mas correcta.

Conclusão:

De acordo com os resultados obtidos verifica-se que o aluno não possui deficit cognitivo, pelo que os valores percentuais situam-se na média para a faixa etária do .

Comparativamente à avaliação anterior, podemos concluir que houve uma melhoria significativa ao nível do domínio do abecedário e da ortografia, no entanto, observaram-se ainda algumas dificuldades nos subtestes verbais.

Assim, recomenda-se a continuidade das medidas educativas, apoio pedagógico, condições especiais de avaliação e adaptações curriculares.

É um aluno que manifesta pouca motivação em relação ao contexto de sala de aula.

Recomenda-se que o ambiente familiar estimule emocionalmente e cognitivamente o , a fim de ajudar e complementar o trabalho realizado na escola. Pois os resultados escolares poderão ser derivados do pouco investimento realizado e da falta de motivação do para as tarefas escolares.

Em Casa sugere-se:

- ✓ Evitar o recurso a comparações com os resultados e desempenhos de outras crianças;
- ✓ Proporcionar apoio afectivo e relacional, e recorrer ao elogio de todas as aquisições;
- ✓ Dialogo frequente sobre as vivências, experiências e dificuldades escolares;
- ✓ Proporcionar condições que permitam um adequado desenvolvimento de estratégias e métodos de trabalho;
- ✓ Acompanhar diariamente os trabalhos escolares;
- ✓ Devem ser realizados com regularidade exercícios de cópia, ditado, redacções, resumos e leitura de jornais, revistas, contos, histórias, etc.
- ✓ Fazer actividades culturais em família, visitar exposições, museus, etc.

Na escola sugere-se:

Motivação

- ✓ Dar continuidade aos reforços com frequência;
- ✓ Enviar observações positivas para casa;
- ✓ Guardar tempo para conversar em privado com o aluno, reforçando as actividades efectuadas com sucesso;
- ✓ Ajudar o aluno a identificar as suas áreas fortes;
- ✓ Estar aberto e receptivo aos pequenos avanços e encoraja-lo a evoluir;

20 de Junho de 2008

(A Psicóloga)

ANEXO DD - Registo de avaliação do 3.º período/Ensino Especial (ano letivo 2007/2008)

EB1 de

Relatório Final de Educação Especial - Ano Lectivo 2007/2008

Aluno:

Data de Nascimento: 10/05/1999

Idade: 9 anos

Ano de Escolaridade: 3º **Turma:** M2

O esteve abrangido, no ano lectivo 2007/2008, pelo artº 2º do Decreto-Lei 319/91 de 23 de Agosto, pelas medidas, c) Adaptações curriculares f) Condições especiais de avaliação e h) Apoio pedagógico acrescido.

O apoio foi dado ao aluno, dentro da sala de aula, variando actividades e estratégias adequadas às suas necessidades e que lhe permitiram maior sucesso na aquisição e aplicação de conhecimentos nas áreas de intervenção, Língua Portuguesa e Matemática.

Verificaram-se, ao longo do ano, alguns progressos na aquisição de competências. Relativamente à área de Língua Portuguesa, no domínio da leitura e da escrita, o e, lê de uma forma muito lenta e silabada não percebendo muitas vezes o sentido do texto. Quanto à criação de textos, dá muitos erros ortográficos, possui fraco domínio do vocabulário, as suas composições são apenas duas ou três frases e revela pouca criatividade.

Dificuldades ao nível da concentração e alguma lentidão, pouca autonomia na execução das tarefas. Necessita de muito apoio e ajuda individual da professora para a realização das tarefas propostas.

O necessita de melhorar os níveis de tempo de atenção/concentração. É um aluno com muitas dificuldades de memorização.

Revela dificuldades na leitura e conseqüentemente não realiza adequadamente a respectiva interpretação.

Mostra-se desinteressado pela escola. Não revela iniciativa própria, o seu ritmo é lento e muitas vezes não responde àquilo é pedido, as respostas não se enquadram nas perguntas.

Em relação à Matemática também se verificaram alguns progressos, o aluno realiza operações com empréstimo e transporte, faz a leitura de números e identifica-os. Realiza situações problemáticas simples.

É uma criança simpática e conversadora.

Em função da avaliação realizada, o aluno no próximo ano lectivo, deverá beneficiar das medidas: Pedagogia Diferenciada na sala de aula, Apoio Técnico ao professor, Apoio pedagógico individualizado a Língua Portuguesa e Matemática e Condições específicas de avaliação a Língua Portuguesa com Adaptações na duração das provas e adaptações nos critérios de correcção.

A Professora de Educação Especial

ANEXO EE - Registo de avaliação do 3.º período (ano letivo 2008/2009)

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE
REGISTO DE AVALIAÇÃO TRIMESTRAL
EB1 de

1º Ciclo
Ano lectivo
2008/2009
3º Período

Aluno _

Áreas Curriculares Disciplinares		NS	S	SB	E	
EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO	Físico-motora	Participação nas situações de jogo, cumprindo as regras;		X		
		Progressão/Evolução na aprendizagem;		X		
		Capacidade de praticar jogos, exercícios diversos, percursos na natureza		X		
		Domínio de técnicas de movimentos e de utilização de aparelhos		X		
	Musical	Desenvolvimento das competências específicas (memória, atenção, concentração, reflexos e coordenação áudio-visual-motora);		X		
		Conhecimento de músicas (canções, lengalengas, rimas e instrumentos)		X		
		Capacidade de produzir e/ou criar sons		X		
		Domínio progressivo da expressividade do corpo e da voz		X		
	Dramática	Compreensão de instruções de jogos verbais e não verbais		X		
		Conhecimento de diferentes papéis, de exercícios de comunicação		X		
		Capacidade de produzir e/ou criar personagens, histórias ou jogos de imaginação		X		
		Domínio progressivo da expressividade do corpo e da voz		X		
	Plástica	Exploração dos diversos materiais com criatividade		X		
		Capacidade de produzir e/ou criar trabalhos diversos		X		
		Domínio de técnicas de pintura, recorte, colagem, dobragem		X		
ESTUDO DO MEIO	Conhecer e aplicar alguns cuidados na utilização e conservação de objectos (tesoura, martelo, sacho, serrote, máquina fotográfica ,gravador...)		X			
	Reconhecer a importância da leitura das instruções e/ou normas de utilização.		X			
	Identificar as várias actividades económicas existentes na região.		X			
	Identificar alguns produtos derivados das várias actividades económicas		X			
	Reconhecer as várias actividades económicas como fonte de alimentos ou de matérias primas		X			
LÍNGUA PORTUGUESA	Relacionar as actividades económicas com os diversos problemas ambientais (produtos químicos, poluição, incêndios florestais)		X			
	Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza		X			
	Revelar capacidade de retenção da informação oral		X			
	Manifestar gosto pela recolha de produções do património literário oral	X				
	Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação	X				
	Ler com expressividade		X			
	Interpretar o que ouve e o que lê (enunciados orais e escritos)	X				
	Produzir diferentes tipos de textos com clareza e imaginação	X				
	Escrever com caligrafia legível e cuidada	X				
Descobrir aspectos fundamentais da estrutura e do funcionamento da língua a partir de situações de uso	X					
MATEMÁTICA	Utilizar os sinais gráficos de pontuação e acentuação	X				
	Multiplicar números inteiros por 10, 100 e 1000		X			
	Compor e decompor números		X			
	Efectuar operações com números inteiros e decimais		X			
	Decompor números em somas, diferenças e produtos		X			
	Relacionar o metro, o decímetro e o centímetro		X			
	Reconhecer a equivalência entre 1/10 x; 0,1 x e :10.		X			
	Medir e calcular o perímetro de polígonos.		X			
	Calcular a medida de áreas.		X			
	Reconhecer o cm ² e o dm ² como unidade de medida de área.		X			
	Comparar volumes de objectos.		X			
	Relacionar as medidas de capacidade.		X			
	Relacionar as medidas de massa.		X			
	Utilizar estratégias diferentes para efectuar um cálculo		X			
Ter capacidade de raciocínio		X				
Resolver problemas do dia a dia		X				

Áreas Curriculares Não Disciplinares		NS	S	SB	E
ÁREA DE PROJECTO	Organização do projecto	X			
	Nível de concretização das tarefas	X			
	Trabalho cooperativo	X			
	Qualidade dos produtos realizados	X			
	Apresentação dos produtos realizados	X			
	Capacidade de iniciativa	X			
	Reflexão sobre o trabalho desenvolvido	X			
	Sentido de responsabilidade	X			

FORMAÇÃO CÍVICA	Relação interpessoal		X		
	Reflexão sobre a vida da turma		X		
	Reflexão sobre a vida da escola		X		
	Reflexão sobre a vida da comunidade		X		
	Autonomia		X		
	Sentido de responsabilidade		X		

ESTUDO ACOMPANHADO	Autonomia na realização das aprendizagens	X			
	Métodos de estudo, de organização e de trabalho	X			
	Estratégias de resolução de problemas		X		
	Pesquisa e utilização de fontes de informação variadas		X		
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA Católica	Interesse e empenho manifestado nas tarefas distribuídas		X		X
	Qualidade da participação e das intervenções				X
	Comportamento na sala de aula				X
	Respeito e valorização pelas atitudes e ideias dos outros				X

NS-Não Satisfaz, S- Satisfaz, SB- Satisfaz Bastante, E- Excelente

Pontualidade	8ª pontual.	
Assiduidade	46 presenças	0 faltas

APRECIACÃO GLOBAL

6 é uma criança muito abstracta. Olha para todo o lado, mas não faz qualquer trabalho, tem a presença do adulto. Tem que trabalhar muito para atingir o objectivo pretendido. Já frequenta o 4º ano de escolaridade.

MEDIDAS DE APOIO EDUCATIVO

OBSERVAÇÕES

O Professor:	O Enc. De Educação:	Avaliação Final de ano/ciclo:
Data: 23/06/2009	Data: 24/06/2009	Já frequentar 04º ano de escolaridade

ANEXO FF - Registo de avaliação do 3.º período (ano letivo 2009/2010)

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE REGISTO DE AVALIAÇÃO TRIMESTRAL EB de _____		1º Ciclo Ano lectivo 2009 / 2010 3º Período
Aluno _____		

		Áreas Curriculares Disciplinares	NS	S	SB	E	
EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO	Físico-motora	Participação nas situações de jogo, cumprindo as regras;		X			
		Progressão/Evolução na aprendizagem;		X			
		Capacidade de praticar jogos, exercícios diversos, percursos na natureza;		X			
		Domínio de técnicas de movimentos e de utilização de aparelhos;		X			
	Musical	Desenvolvimento das competências específicas (memória, atenção, concentração, reflexos e coordenação áudio-visual-motora);			X		
		Conhecimento de músicas (canções, lengalengas, rimas e instrumentos);			X		
		Capacidade de produzir e/ou criar sons;			X		
	Dramática	Domínio progressivo da expressividade do corpo e da voz.			X		
		Compreensão de instruções de jogos verbais e não verbais;			X		
		Conhecimento de diferentes papéis, de exercícios de comunicação;			X		
		Capacidade de produzir e/ou criar personagens, histórias ou jogos de imaginação;			X		
	Plástica	Domínio progressivo da expressividade do corpo e da voz.			X		
		Exploração dos diversos materiais com criatividade;			X		
		Capacidade de produzir e/ou criar trabalhos diversos;			X		
	ESTUDO DO MEIO	Domínio de técnicas de pintura, recorte, colagem, dobragem.			X		
		Reconhecer a agricultura, pecuária, silvicultura, pesca, indústria, comércio e serviços como actividades económicas importantes em Portugal;			X		
Identificar os principais produtos agrícolas, pecuários, florestais e industriais portugueses;				X			
Identificar e observar alguns factores que contribuem para a degradação do meio próximo (lixeiros, indústrias poluentes, destruição do património...);				X			
Enumerar possíveis soluções;				X			
Reconhecer os efeitos da poluição atmosférica (efeito de estufa, a rarefacção do ozono, chuvas ácidas...);				X			
Reconhecer a importância das florestas para a qualidade do ar;				X			
Reconhecer algumas formas de poluição dos cursos de água e dos oceanos (esgotos, fluentes industriais, marés negras...);				X			
Identificar alguns desequilíbrios ambientais provocados pela actividade humana				X			
Realizar experiências com materiais e objectos de uso corrente, água, electricidade, ar, som;				X			
Conhecer e aplicar alguns cuidados na utilização e conservação de materiais e objectos;				X			
Reconhecer a importância da leitura das instruções e/ou normas de utilização.				X			
LÍNGUA PORTUGUESA	Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza;			X			
	Revelar capacidade de retenção da informação oral;			X			
	Manifestar gosto pela recolha de produções do património literário oral;			X			
	Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação;			X			
	Ler com expressividade;			X			
	Interpretar o que ouve e o que lê (enunciados orais e escritos);			X			
	Produzir diferentes tipos de textos com clareza e imaginação;			X			
	Escrever com caligrafia legível e cuidada;			X			
	Distinguir diferentes tipos de texto;			X			
Utilizar os sinais gráficos de pontuação e acentuação.			X				
MATEMÁTICA	Relacionar as unidades de medida de capacidade;		X				
	Procurar numa grelha quadriculada, os pontos de recta, equidistantes de um dado ponto;		X				
	Representar, no geoplano, figuras geométricas;		X				
	Relacionar as unidades de medida de massa;		X				
	Procurar estratégias diferentes para efectuar um cálculo;		X				
	Efectuar operações com números inteiros e decimais;		X				
	Ter capacidade de raciocínio;		X				
Resolver problemas do dia a dia.		X					

NS- Não Satisfaz, S- Satisfaz, SB- Satisfaz Bastante, E- Excelente

Áreas Curriculares Não Disciplinares		NS	S	SB	E
ÁREA DE PROJECTO	Organização do projecto;		X		
	Nível de concretização das tarefas;		X		
	Trabalho cooperativo;		X		
	Qualidade dos produtos realizados;		X		
	Apresentação dos produtos realizados;		X		
	Capacidade de iniciativa;		X		
	Reflexão sobre o trabalho desenvolvido;		X		
Sentido de responsabilidade.		X			
FORMAÇÃO CÍVICA	Relação interpessoal;		X		
	Reflexão sobre a vida da turma;		X		
	Reflexão sobre a vida da escola;		X		
	Reflexão sobre a vida da comunidade;		X		
	Autonomia;		X		
	Sentido de responsabilidade.		X		
ESTUDO ACOMPANHADO	Autonomia na realização das aprendizagens;		X		
	Métodos de estudo, de organização e de trabalho;		X		
	Estratégias de resolução de problemas;		X		
	Pesquisa e utilização de fontes de informação variadas.		X		
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA Católica	Interesse e empenho manifestado nas tarefas distribuídas;			X	
	Qualidade da participação e das intervenções;		X		
	Comportamento na sala de aula;		X		
	Respeito e valorização pelas atitudes e ideias dos outros.			X	

NS-Não Satisfaz, S- Satisfaz, SB- Satisfaz Bastante, E- Excelente

Pontualidade	8 ⁷ pontual.	
Assiduidade	46 presenças	1 faltas

APRECIACÃO GLOBAL

Na globalidade é uma criança que evoluiu ao longo do ano. Veio transferido em Janeiro/2009 e nos se aplicava; mas fazia qualquer trabalho, apenas brincava. Neste momento já realiza os trabalhos, mas em units de 15 minutos em Matemática.

MEDIDAS DE APOIO EDUCATIVO

Deverá ter apoio sócio-educativo (sentido) usufruir sempre desse apoio.

OBSERVAÇÕES

Consegue atingir os objectivos pretendidos no 1º ciclo do 1º ano Básico, apenas no conteúdo a Matemática.

O Professor:	O Enc. De Educação:	Avaliação Final de ano/ciclo: Aprovado
Data: 23/06/2010	Data: 1/7/2010	

ANEXO GG - Anamnese (01 de outubro de 2010)

ANO LECTIVO 2010/2011

ANAMNESE

I- IDENTIFICAÇÃO

Nome: [REDACTED]

Data de Nascimento: **10/05/1999**

Idade: **11 anos e 5 meses**

Ano de escolaridade: **5.º**

Local: **Zona Centro**

Nome do Pai: [REDACTED]

Idade: **36**

Profissão: **Pedreiro**

Escolaridade: **4.º ano do 1.º Ciclo**

Nome da mãe: [REDACTED]

Idade: **31 anos**

Profissão: **Cozinheira**

Escolaridade: **9.º ano do 3.º Ciclo**

II- AGREGADO FAMILIAR

Nome	Parentesco	Idade	Grau de Instrução	Profissão
[REDACTED]	pai	11 anos	4.º ano	pedreiro
[REDACTED]	mãe	36 anos	9.º ano	cozinheira
[REDACTED]	filho	11 anos	5.º ano	estudante
irmã	filha	8 meses	creche	

Já viveu afastado dos pais? **Não**

Pais emigrantes? **Não**

Com quem passa férias? **Pais**

Número de irmãos: **1**

Quem vive na família: **Os pais e os dois filhos**

Viveu sempre em Portugal? **Sim**

III- MOTIVO DO ENCAMINHAMENTO

. Frequentou a Escola EB1 numa aldeia e foi transferido para outra EB1 numa Freguesia em Fevereiro de 2009, no mesmo Conselho. “Foi integrado no ensino especial até o ano letivo 2007/2008, depois foi retirado como tantas outras crianças”. Esteve abrangido pelo artigo 2.º do Decreto-lei n.º 319/91, pelas medidas; c) adaptações curriculares, f) condições especiais de avaliação e h) apoio pedagógico acrescido

. Foi avaliado pelo Serviço de Psicologia do Agrupamento de escolas do seu Concelho, em 12/10/2006. (...) “Face ao exposto, e dada a presença de indicadores instrumentais que revelam dificuldades de aprendizagem no domínio da linguagem (leitura e escrita), possivelmente decorrentes de dificuldades para adquirir as aptidões fonéticas que dependem da memorização e da sequência de relações sonoras e simbólicas, pensamos que será necessária e urgente uma intervenção individualizada de âmbito psicopedagógico junto deste aluno. Tal intervenção passa pela aplicação de algumas medidas do regime educativo especial, tal como está consagrado no Decreto-lei 3191/91, nomeadamente da medida de apoio pedagógico acrescido (de preferência individual) a Língua Portuguesa (onde devem ser trabalhados prioritariamente os aspetos relacionados com a leitura e escrita dada a possibilidade efetiva de Perturbação da Leitura e da escrita), e, devido ao atraso verificado nessa área, de adaptação curricular, com a definição clara dos objetivos pedagógicos a atingir no referido domínio (...)”.

. Foi reavaliado em 20 de Junho de 2008, pelo Serviço de Psicologia do seu Agrupamento. (...) “De acordo com os resultados obtidos verifica-se que o aluno não possui deficit cognitivo, pelo que os valores percentuais situam-se na média para a sua faixa etária. Comparativamente à avaliação anterior, podemos concluir que houve uma melhoria significativa ao nível do domínio do abecedário e da ortografia, no entanto, observaram-se ainda algumas dificuldades nos subtestes verbais. Assim, recomenda-se a continuidade das medidas educativas, apoio pedagógico, condições especiais de avaliação e adaptações curriculares. É um aluno que manifesta pouca motivação em relação ao contexto da sala de aula. Recomenda-se que o ambiente familiar estimule emocionalmente e cognitivamente o [REDACTED], a fim de ajudar a complementar o trabalho realizado na escola. Pois os resultados escolares poderão ser derivados de pouco investimento realizado e a falta de motivação do Duarte para as tarefas escolares”.

Apreciação global do 4.º ano: Na globalidade é uma criança que evoluiu ao longo do ano. Veio transferido em Janeiro de 2009 e não se aplicava; não fazia qualquer trabalho. Ao final do ano já fazia os trabalhos, mas com muitas dificuldades em Matemática. Deverá continuar a ter apoio sócio educativo, usufruir sempre desse apoio. Teve Plano de Acompanhamento no 3.º ano de acordo com o Despacho Normativo n.º 50/2005. Conseguiu atingir os objetivos pretendidos no 1.º ciclo, apenas não conseguiu a Matemática.

Após a avaliação realizada pelos professores para verificar o nível de conhecimento do aluno nas diversas disciplinas e com o conhecimento do seu historial escolar, a Diretora de Turma/Conselho de Turma solicitaram uma avaliação psicopedagógica, objetivando maior

esclarecimento sobre as suas dificuldades e não dificuldades, para adequação nas medidas de atuação necessárias

IV- HISTÓRIAPRÉ-PERI-PÓS NATAL

CONCEPCÃO:

Idade do pai aquando do nascimento da criança: **25**

Idade da mãe aquando do nascimento da criança: **20**

Foi desejada? **Sim**

Posição na ordem das gestações e nascimentos: **1.º filho**

Abortos ou nascimentos prematuros: **Não**

GESTACÃO:

Cuidados médicos durante a gravidez: Sim **X** Não

Em caso afirmativo, data de início: **No início da gravidez**

Durante a gravidez teve problemas, tal como:

Hemorragias: **Não**

Náuseas e vômitos: **Normal**

Tensão alta: **Não**

Albumina ou açúcar no sangue: **Não**

Outros problemas (situação emocional, saúde nos trimestres, tipo sanguíneo, medicamentos, anemia? Uso de bebida e tabaco? Intoxicação? **Nenhum**

Duração da Gestação (prematuro ou post-maduro): **39 semanas**

PARTO:

Médico ou parteira: **Médico**

Que relação a mãe tinha com o médico? **Nenhuma**. No momento do parto conhecia bem o processo? **Sim**

Parto (**normal**, fórceps, cesariana, induzido)

Muito rápido ou demorado? **Rápido**

A mãe estava dormindo ou **despertada**? Tomou anestesia? **Não** Parto húmido ou **seco**?

Posição do nascimento (**de cabeça**, ombros, nádegas, transversal) Em que condições estava a criança ao nascer, ocorreu lesões? **Não**

Chorou logo: **Sim**

Roxa: **Não**

Necessidade de oxigénio, de incubadora: **Não**

Incompatibilidade sanguínea: **Não**

Peso: **3350 gramas**

Altura: **Não soube responder**

Reflexo de sucção: **Sim**

Icterícia/convulsões: **Não**

A criança foi vista pelo pediatra? **Sim**

Quanto tempo depois do parto a mãe viu o filho? **Após limparem-no**

Recuperação da mãe após o parto (apresentou complicações) De que ordem? **Não apresentou complicações.**

PRIMEIRO ANO DE VIDA

Primeiros cuidados com a criança (mãe – outras pessoas): **Mãe**

A mãe tinha experiência em lidar com bebês? **Sim**

V- DESENVOLVIMENTO

SONO (calmo, agitado, fala durante o sono, sonambulismo, terror noturno, sudorese, baba...):

O seu sono é calmo, mas mexe-se muito, por vezes atravessa o corpo na cama.

Atualmente dorme com quem? Camas separadas? Vai sozinho para a cama? Precisa de companhia para dormir? (de quem, qual a atitude da pessoa que fica com ela? Costuma acordar e ir para a cama dos pais? Quais os sentimentos e reação dos pais com relação a isso?

Dorme sozinho no seu quarto, é independente.

ALIMENTAÇÃO:

Período em que foi amamentada no seio: **Dois meses e meio, mãe não teve mais leite.**

Usou biberão: **Até aos 3 anos, após a cirurgia as adenoides e aos ouvidos, passou a tomar o leite num copo.**

Reações à introdução de outros alimentos: **Adequado à sua idade**

Falta de apetite: **Não**

Alimenta-se em excesso, normal: **Alimenta-se normal**

DESENVOLVIMENTO VISUAL:

Suspeita de problemas: **Não há suspeita de problemas**

Exames realizados: **De rotina no seu médico de família**

Aproxima-se muito para ver TV ou observar livros: **Não**

Convergência visual: **Sim**

Usa óculos: **Não**

DESENVOLVIMENTO AUDIÇÃO/LINGUAGEM:

Em que idade começou a:

Balbuciar: **Ao nível de desenvolvimento do seu grupo etário**

Dizer as primeiras sílabas: **Ao nível de desenvolvimento do seu grupo etário**

Dizer as primeiras palavras: **Entre os 9 meses e 1 ano**

Dizer adeus: **Ao nível de desenvolvimento do seu grupo etário**

Sorrir: **Ao nível de desenvolvimento do seu grupo etário**

Ouve bem? **Sim**

Adequada discriminação auditiva? **Sim**

Compreende tudo o que ela fala? **Sim**

Defeito de linguagem: **Não**

Gagueira: **Não**

Tem vocabulário completo? **Sim**

Usa auxiliar de audição (prótese)? **Não**

DESENVOLVIMENTO MOTOR:

Em que idade é que a criança começou a:

Sustentar a cabeça: **Ao nível de desenvolvimento do seu grupo etário**

Gatinhar: **Ao nível de desenvolvimento do seu grupo etário**

Pôr-se em pé: **Ao nível de desenvolvimento do seu grupo etário**

Andar sozinho: **12 meses**

Controle dos esfíncteres: **Ao nível de desenvolvimento do seu grupo etário**

Atitude da mãe frente a limpeza e a sujeira. Ocorreu algum facto nesse período que chamou a atenção dos pais? **Nenhum**

Capacidade táctil e manual: **Adequada**

Lateralidade: **destro**

Cansa-se facilmente? Razão. **Sim, é muito desatento, têm que se sentar com ele, estar sempre em cima dele para realizar determinadas atividades, sobretudo da escola. Enerva-se facilmente, quer que a mãe fale com ele calmamente e uma palavra de cada vez.**

Cai frequentemente? É desajeitado? Tomba nos objetos? É quieto, parado? Ou inquieto, **agitado? É apenas agitado**

É fisicamente ágil: pula a corda, anda de velocípede/bicicleta, joga a bola, sabe nadar? **Muito ágil, nunca está parado.**

VI- TIQUES E MANIPULAÇÕES:

(Usou chucha? **sim, até aos dois anos e meio (mais ou menos)** Chupou o dedo? **não** Roeu ou rói as unhas? **não** Arranca os cabelos? **não** Morde os lábios? não Tem algum tique? Qual a atitude perante estes hábitos?...)

Não tem nenhum tique, apenas é agitado.

VII- SOCIABILIDADE:

(Socialização na família, na comunidade, na escola)

Segundo a mãe é uma criança muito sociável. Fala “barato”(muito), se lhe derem confiança.

VIII- DOENÇAS:

Assinale com uma cruz as que já teve:

Convulsões ou desmaios		Tuberculose (gânglios)	
Difteria		Varicela	
Escarlatina		Lesões Cerebrais	
Hepatite (icterícia)		Traumatismos	
Papeira (trasorelho)		Cardiopatia	
Rubéola		Infeções graves	
Sarampo		Diabetes	
Tosse convulsiva			

Alergias: **Não**

Asma

Eczema

Febre de Ferros

Alergia a medicamentos? **Não**

Quais? Quando o seu filho(a) está doente vai sobretudo (assinalar com uma cruz):

Aos Serviços Médicos da Caixa da Providência

Ao Hospital

Ao Centro de Saúde **X**

Médicos Particulares

A outros serviços médicos Quais?

Qual o nome e o telefone do médico a que recorre habitualmente? **Médico de família**

Está no momento a ser tratado de alguma doença? **Não**

Qual?

Teve mais alguma doença importante, ou já sofreu algum acidente ou operação grave?

Porquê? Já esteve internado em algum hospital? Em qual?

.Aos 3 anos foi operado as adenoides e aos ouvidos (um dia internado).

.O ano passado teve um problema na escola, chocou com um colega, partiu o nariz, tirou as adenoides, voltou a fazer laqueação aos ouvidos e adenoides (um dia internado).

Recuperação rápida.

Há doenças ou deficiências em outros membros da família, sobretudo nos que vivem com o aluno, que considere importante referir:

Família: **Não**

Pai: **Não**

Mãe: **Não**

Irmãos: **Não**

IX- HABITAÇÃO-TRANSPORTES

O agregado familiar vive numa casa independente? **Sim**

A criança tem de esperar sozinho em casa (e ou na rua) antes de os pais chegarem? **Não**

Quem está habitualmente em casa quando chega da escola? **Mãe**

Quanto tempo gasta de casa à escola? **10 minutos**

Vai a pé? **Sim**

O aluno costuma tomar o pequeno almoço em casa? **Sim**

O que come nesse refeição? **Sobretudo toma leite e pão**

Que faz habitualmente fora das horas da escola e onde? **Brinca e cuida da irmã com a mãe por perto.**

X- ANTECEDENTES ESCOLARES:

Creche: **Não frequentou**

Jardim Infantil: **Frequentou dos 3 aos 6 anos, correu bem, os profissionais referiam que era uma criança meiga. Todos eram regulas, não se distinguiam.**

Escolas que frequentou	Sala	Ano
EB1 de aldeia	1.º	2005/2006
EB1 de aldeia	2.º	2006/2007
EB1 de aldeia	3.º	2007/2008
EB1 de aldeia	3.º	2008/2009
EB1 de Freguesia	4.º	2009/2010
EB2+3 e Secundário	5.º	2010/2011

Importância da escola (se gosta e é assíduo): **Sempre gostou e é assíduo**

Relacionamento com os colegas: **Bom, não é conflituoso**

Características Pessoais: há algumas características na maneira de ser do seu filho(a) que lhe pareçam de interesse mencionar que podem facilitar ou dificultar o seu aproveitamento e adaptação na creche? **É muito desatento, sobretudo na escola e na realização das atividades escolares.**

XI- ACTIVIDADES DA VIDA DIÁRIA

Hábitos de Higiene: **Independente**

Responsabilidade por tarefas em casa: (Tem responsabilidade em executar tarefas; especificar quais atividades que realiza sem interferência de outras pessoas)

Mãe exige, no verão tomou conta da irmã.

XII- DINÂMICA FAMILIAR

Relacionamento dos pais entre si:

Às vezes o pai bebe e abusa e isso afeta o relacionamento. Viveram na casa dos avós paternos até o ano passado, a situação era muito difícil, o avô é alcoólico e por vezes o marido bebia também, graves conflitos e gritos ocorreram, o [REDACTED] esteve muitas vezes presente. A mudança para outra terra e terem casa individual deveu-se a isso, aqui o marido também bebe (mas menos) e quando isso ocorre, há tensão. Sente-se muito cansada, por vezes o marido não tem trabalho.

De acordo com a mãe foi criada sem pai, este faleceu quando ela e os três irmãos eram pequenos, a mãe lutou muito para criá-los e havia muito diálogo e compreensão, a mãe foi uma grande lutadora. A tia materna (irmã da mãe) é educadora de infância e o irmão trabalha a 6 anos num restaurante, estão todos bem.

Ela casou-se, foi morar na casa dos sogros, e viver lá foi muito difícil para ela, devido ao alcoolismo e a transformação no comportamento do sogro. Como foi criada sem pai, precisava de um apoio, e por vezes não o tem. Refere que a mudança, foi muito boa para ela, pelo menos já não ouve os conflitos.

Relacionamento dos pais com os filhos: **Bom, no momento é melhor.**

XIII- ANTECEDENTES ESCOLARES:

Considerando-se os pais, irmãos, avós, tios e primos do aluno – (família materna e paterna)

ANEXO HH - Relatório do SPO (10 de outubro de 2010)

Nome: [REDACTED]

Idade: 11 anos e 5 meses

Escolaridade: Frequenta o 5.º Ano do segundo Ciclo

Motivo da Avaliação: Reavaliação psicopedagógica para melhor conhecimento e orientação do aluno no Conselho de Turma.

. Frequentou a Escola da aldeia e foi transferido para a EB1 de Freguesia em Fevereiro de 2009. “Foi integrado no ensino especial até o ano letivo 2007/2008, depois foi retirado como tantas outras crianças”. Esteve abrangido pelo artigo 2.º do Decreto-lei n.º 319/91, pelas medidas; c) adaptações curriculares, f) condições especiais de avaliação e h) apoio pedagógico acrescido

. **Foi avaliado pelo Serviço de Psicologia do Agrupamento de Escolas do seu Concelho (...) em 12/10/2006.** “(...) Face ao exposto, e dada a presença de indicadores instrumentais que revelam dificuldades de aprendizagem no domínio da linguagem (leitura e escrita), possivelmente decorrentes de dificuldades para adquirir as aptidões fonéticas que dependem da memorização e da sequência de relações sonoras e simbólicas, pensamos que será necessária e urgente uma intervenção individualizada de âmbito psicopedagógico junto deste aluno. Tal intervenção passa pela aplicação de algumas medidas do regime educativo especial, tal como está consagrado no Decreto-lei 3191/91, nomeadamente da medida de apoio pedagógico acrescido (de preferência individual) a Língua Portuguesa (onde devem ser trabalhados prioritariamente os aspetos relacionados com a leitura e escrita dada a possibilidade efetiva de Perturbação da Leitura e da escrita dada a possibilidade efetiva de Perturbação da Leitura/Escrita), e, devido ao atraso verificado nessa área, de adaptação curricular, com a definição clara dos objetivos pedagógicos a atingir no referido domínio (...)”.

. **Foi reavaliado em 20 de Junho de 2008,** pelo Serviço de Psicologia do Agrupamento de Escolas do seu Concelho. (...) De acordo com os resultados obtidos verifica-se que o aluno não possui deficit cognitivo, pelo que os valores percentuais situam-se na média para a sua faixa etária. Comparativamente à avaliação anterior, podemos concluir que houve uma melhoria significativa ao nível do domínio do abecedário e da ortografia, no entanto,

observaram-se ainda algumas dificuldades nos subtestes verbais. Assim, recomenda-se a continuidade das medidas educativas, apoio pedagógico, condições especiais de avaliação e adaptações curriculares. É um aluno que manifesta pouca motivação em relação ao contexto da sala de aula. Recomenda-se que o ambiente familiar estimule emocionalmente e cognitivamente o [REDACTED], a fim de ajudar a complementar o trabalho realizado na escola. Pois os resultados escolares poderão ser derivados de pouco investimento realizado e a falta de motivação do [REDACTED] para as tarefas escolares”.

Apreciação global do 4.º ano: Na globalidade é uma criança que evoluiu ao longo do ano. Veio transferido em Janeiro de 2009 e não se aplicava; não fazia qualquer trabalho. Ao final do ano já fazia os trabalhos, mas com muitas dificuldades em Matemática. Deverá continuar a ter apoio sócio educativo, usufruir sempre desse apoio. Teve Plano de Acompanhamento no 3.º ano. Conseguiu atingir os objetivos pretendidos no 1.º ciclo, apenas não conseguiu a Matemática.

Após a avaliação realizada pelos professores para verificar o nível de conhecimento do aluno nas diversas disciplinas e com o conhecimento do seu historial escolar, a Diretora de Turma/Conselho de Turma solicitaram uma avaliação psicopedagógica, objetivando maior esclarecimento sobre as suas dificuldades e não dificuldades, para adequação nas medidas de atuação necessárias.

Avaliado por: Psicóloga

Data: 10 de Outubro de 2010

RELATÓRIO PSICOPEDAGÓGICO

Provas Realizadas:

- A) Anamnese com a mãe
- B) Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças - Revista (WISC-R);
- C) Prova Gráfica de Organização Perceptiva – Bender Santucci;
- D) Teste de Aptidão Perceptiva – Figura Complexa de Rey;
- E) Teste de Aptidão Perceptiva – Reversal Test;
- F) Ditado;
- G) Bateria Psico-Educacional de Woodcok-Johnson – Compreensão de Textos;
- H) Avaliação da Linguagem Oral – A.L.O.

I) Questionário de Connors Revisto para pais e professores

Estado: Durante a avaliação, o [REDACTED] participou com empenho nas atividades propostas. Estabeleceu uma relação simpática com a psicóloga.

Registou-se:

A)

O [REDACTED] atualmente com os pais e uma irmã de 8 meses.

Conceção: aquando do nascimento o pai tinha 25 anos e mãe 20., 1.^a gestação materna.

Gestação e Parto: foi acompanhada durante a gravidez, nenhum problema a registar. Parto normal, pesou 3.350 Adequado reflexo de sucção, a recuperação da mãe não apresentou complicações.

Primeiro ano de vida: foi um bebé calmo.

Desenvolvimento:

Sono: dorme bem, tem o seu próprio quarto, mas mexe-se muito durante o mesmo, o seu corpo desloca-se na cama.

Alimentação: foi alimentado no seio materno durante dois meses e meio; uso o biberão até os 3 anos; a introdução a outros alimentos deu-se com naturalidade, alimenta-se normal.

Desenvolvimento visual: não suspeita de problemas.

Desenvolvimento da Audição/Linguagem: ouve bem, adequada discriminação auditiva; compreendem tudo o que ele fala; apresenta vocabulário completo.

Desenvolvimento motor: gatinhou, andou aos doze meses; controle dos esfíncteres ao nível da sua idade. Cansa-se facilmente na realização das atividades escolares; é muito desatento, têm que estar sempre em cima dele; enerva-se com facilidade, quer que a mãe fale com ele calmamente, uma palavra de cada vez. Foi sempre uma criança agitada é muito ágil fisicamente para andar de bicicleta, jogar a bola, etc...

Tiques e Manipulações: usou chucha dois anos e meio, não tem nenhum tique.

Sociabilidade: é bastante sociável, se lhe dão confiança fala demais.

Doenças: foi operado aos 3 anos as adenoides e aos ouvidos, melhorou significativamente. No ano passado teve um problema na escola com um colega, quebrou o nariz, foi operado, tirou as amígdalas e voltou a fazer laqueação aos ouvidos e as adenoides. Nenhuma doença é digna de registo.

Antecedentes Escolares:

. Esteve com a mãe em casa até os três anos. Frequentou o Jardim Infantil e teve boa adaptação ao 1.º ciclo, embora com dificuldades a nível da concentração e alguma lentidão e pouca autonomia na execução de tarefas (em casa o quadro era idêntico).

. Frequentou duas vezes o terceiro ano.

. Foi avaliado pelo SPO do Agrupamento de Escolas Públicas do seu Conselho em 12/10/2006, na altura tinha 7 anos de idade e frequentava o segundo ano de escolaridade. É um aluno que apresentou desde o início da escolaridade apresentadas dificuldades na identificação das letras dadas na associação de grafema/fonema, dificuldades na leitura e na escrita (...). (...) Face ao exposto, e dada a presença de indicadores instrumentais que revelam dificuldades de aprendizagem no domínio da linguagem (leitura e escrita), possivelmente decorrentes de dificuldades para adquirir as aptidões fonéticas que dependem da memorização e da sequência de relações sonoras e simbólicas, pensamos que será necessária e urgente uma intervenção individualizada de âmbito psicopedagógico junto deste aluno. Tal intervenção passa pela aplicação de algumas medidas do regime psicopedagógico junto deste aluno. Tal intervenção passa pela aplicação de algumas medidas do regime educativo especial, tal como está consagrado no Decreto-lei 319/91, nomeadamente da medida apoio pedagógico acrescido (de preferência individual) a Língua Portuguesa (onde devem ser trabalhados prioritariamente os aspetos relacionados com a leitura e escrita dada a possibilidade efetiva de Perturbação da Leitura/Escrita), e, devido ao atraso verificado nessa área, de adaptação curricular, com a definição clara dos objetivos pedagógicos a atingir no referido domínio. De igual modo, e na medida do possível, deverão ser proporcionados em casa tarefas de enriquecimento instrumental que sejam delineadas em colaboração com a escola”.

. No ano letivo 2007/2008, no 3.º ano de escolaridade, relatório da professora de Educação Especial: o [REDACTED] esteve abrangido, no ano letivo 2007/2008, pelo artº 2º do Decreto-lei de 23 de Agosto, pelas medidas, c) adaptações curriculares, f) condições especiais de avaliação e h) apoio pedagógico acrescido. O apoio foi dado ao aluno, dentro da sala de aula, variando atividades e estratégias adequadas às suas necessidades e que lhe permitiram maior sucesso na aquisição e aplicação de conhecimentos nas áreas de intervenção, Língua Portuguesa e Matemática. Verificaram-se ao longo do ano, alguns progressos a aquisição de competências. Relativamente à área de Língua Portuguesa, no domínio da leitura e da escrita, o [REDACTED], lê de uma forma muito lenta e silabada não percebendo muitas vezes o sentido do texto. Quanto à criação de textos, dá muitos erros ortográficos, possui fraco domínio do vocabulário, as suas composições são apenas duas ou três frases e revela pouca criatividade. Dificuldades ao nível

da concentração e alguma lentidão, pouca autonomia na execução das tarefas. Necessita de apoio e ajuda individual da professora para a realização das tarefas propostas. O [REDACTED] necessita de melhorar os níveis de tempo de atenção/concentração. É um aluno com muitas dificuldades de memorização. Revela dificuldades na leitura e conseqüentemente não realiza adequadamente a respetiva interpretação. Mostra-se desinteressado pela escola. Não revela iniciativa própria, o seu ritmo é lento e muitas vezes não responde àquilo que é pedido, as repostas não se enquadram nas perguntas. Em relação a matemática também se verificaram alguns progressos, o aluno realiza operações com empréstimo e transporte, faz a leitura de números e identifica-os. Realiza situações problemáticas simples. É uma criança simpática e conservadora. Propôs nesse ano continuidade das medidas: pedagogia diferencial na sala de aula, apoio técnico ao professor, apoio pedagógico individualizado a Língua Portuguesa e Matemática e Condições específicas de avaliação a Língua Portuguesa com adaptações na duração das provas e adaptações de correção.”

. Foi reavaliado pelo SPO do Agrupamento de Escolas Publicas do seu Conselho em 20/06/2008, concluindo: “De acordo com os resultados obtidos verifica-se que o aluno não possui défice cognitivo, pelo que os valores percentuais situam-se na média para a faixa etária do [REDACTED]. Comparativamente a avaliação anterior, podemos concluir que houve uma melhoria significativa no domínio do abecedário e da ortografia, no entanto, observaram-se ainda algumas dificuldades nos subtestes verbais. Assim, recomenda-se a continuidade das medidas educativas, apoio pedagógico, condições especiais de avaliação e adaptações curriculares. É um aluno que manifesta pouca motivação em relação ao contexto de sala de aula. Recomenda-se que o ambiente estimule emocionalmente e cognitivamente o [REDACTED], a fim de ajudar a complementar o trabalho realizado na escola. Pois os resultados escolares poderão ser derivados de pouco investimento realizado e da falta de motivação do [REDACTED] para as tarefas escolares. Sugeriu-se em casa: (...) proporcionar apoio afetivo e relacional, e recorrer ao elogio de todas as aquisições; diálogo frequente, sobre as suas aquisições; acompanhar diariamente os trabalhos escolares; devem ser realizados com regularidade exercícios de cópia, ditado, redações, resumo e leitura de jornais, revistas, contos, histórias, etc. (...). Em casa sugeriu-se, motivação: dar continuidade aos esforços com frequência; enviar observações positivas para casa; guardar tempo para conversar em privado com o aluno, reforçando as atividades efetuadas com sucesso; ajudar o aluno a identificar as suas áreas fortes; estar aberto e recetivo avanços e encorajá-lo a evoluir.

Atividades da Vida Diária: independente nas atividades da vida diária, é muito responsável em casa, toma conta da irmã mais nova, a mãe exige e ele cumpre.

Dinâmica Familiar: o relacionamento entre os pais é bom, entretanto, às vezes o pai bebe e abusa e isso afeta a família.

Antecedentes Familiares: um tio paterno (irmão da mãe), teve dificuldades na aprendizagem, terminou o 9.º ano e hoje é um excelente profissional; o avô paterno é alcoólico (os pais viviam na casa dele, havia muitas discussões e o ■■■■ sofria muito, hoje o convívio é outro, por terem independência).

B)

1. A avaliação do nível intelectual e cognitivo revelou um Q.I. Verbal (inteligência verbal), um Q.I. de Realização (inteligência de realização) e um Q.I. Total (inteligência global) na banda Normal, com resultados ao nível dos valores normativos para a sua idade cronológica.

2. A diferença entre Q.I's não apresenta estatísticas significativas.

3. Os resultados das provas de raciocínio puro, fatores relacionais e sócio emocionais revelam heterogeneidade pelo que se procedeu à análise de dispersão dos mesmos.

⇒ Os resultados mais elevados revelam:

- Análise visual e compreensão das partes para o todo, que se encontram relacionadas com organização perceptiva e aquisição do esquema corporal;
- Iniciativa para experimentar novas soluções;
- Revela ansiedade.

⇒ Os resultados mais baixos revelam:

- Défice na competência cognitiva, pensamento lento;
- Distração e dificuldades em focalizar a atenção, causadas por ansiedade que invade os processos de pensamento com consequências no seu aproveitamento escolar;
- Défice na capacidade de concentração e memória de trabalho;
- Suscetibilidade à fadiga;
- Ansiedade;
- Dificuldade para compreender ou avaliar uma situação total a partir de indícios misturados;
- Distração e impulsividade.
- Défice: compreensão e expressão verbal; conhecimento adquirido; memória a longo prazo; distração; sequenciação; agilidade mental; raciocínio numérico; senso comum

(causa-efeito); juízo social (inteligência social); organização perceptual e espacial; percepção visual de estímulos insignificantes; funcionamento cerebral integrado; raciocínio não verbal e capacidade de planeamento e síntese.

4- Não apresenta Índice Geral de Perturbação Emocional e nem Perfil de Potencial de Esquizofrenia.

C)

Em termos de desempenho na organização perceptiva, espacial e representação gráfica, o [REDACTED] apresenta um desempenho Inferior para a sua idade cronológica.

No que se refere a fatores organizacionais observa-se uma disposição de figuras desordenada, que está associada a uma desorganização do funcionamento intelectual.

Manifesta ainda, pobreza e impulsos, característico de um rapaz, que se sujeita ao controlo adulto e reprimiu os seus impulsos e a sua responsabilidade emocional.

Segundo Indicadores Emocionais de Koppitz: fraca capacidade de planeamento e de organização do material, confusão mental. Ainda: ansiedade, retraimento, constrição e introversão.

Segundo Indicadores Emocionais conforme compilação de Groth-Marnat revela: sentimentos de ansiedade, dúvida sobre si mesmo, dificuldade em terminar tarefas; sentimentos de inadequação, insegurança, tendência ao retraimento e constrição emocional. Ainda: má compreensão e julgamento comprometido.

D)

Na prova que pretende avaliar a atividade perceptiva e a memória visual o [REDACTED] apresentou um tempo de realização dentro da Média, entretanto, revelou dificuldade de análise visual e alterações da memória visual.

E)

Mediante a aplicação do Reversal Test não se observou dificuldades ao nível da discriminação perceptiva.

F)

Submetido a um ditado a fim de averiguar a Classificação Estrutural dos seus Erros Ortográficos que permite a realização da análise qualitativa dos mesmos, observou-se:

Na **etapa primária**, a correspondência entre a letra e o som é clara e, cada letra representa apenas, um único som (a relação letra-som é unívoca). Os erros que se enquadram nesta etapa são comumente encontrados em crianças que iniciam o processo de alfabetização, mas devem desaparecer ao término do primeiro ano. O [REDACTED] concluiu esta etapa, comete alguns irrelevantes.

Na **segunda etapa**, as dificuldades ortográficas caracterizam-se pela não correspondência unívoca entre som e letra. Um som, pode ser representado por uma ou mais letras. Os erros cometidos nesta etapa evidenciam dificuldades no cumprimento de determinadas regras ortográficas que norteiam a escolha correta de grafia para representar o som, ou dificuldade no uso do contexto no qual a palavra está inserida para resolver dúvidas em relação à escolha gráfica adequada.

Erros cometidos pelo [REDACTED] nesta etapa:

1. Substituição do “m” pelo “n” antes de “p” e “b”. Exemplo: tempo: tenpo, pomb:ponba, compreendo: conpriendo....
2. Trocas entre “ça, ço, çu, ce, ci”.

Na **terceira etapa**, encontram-se situações mais complexas da escrita. Neste caso, as dificuldades ortográficas só se resolvem levando em consideração a palavra como um todo ou a oração na qual a palavra está inserida. Nesta etapa, nem a discriminação auditiva dos diferentes fonemas, nem o uso de regras ortográficas podem orientar o [REDACTED] na escrita correta das grafias.

1. Substituição entre as letras “g” (ge, gi) e “j”. Exemplo: jeitoso: geitoso (de salientar que acerta muitas palavras).
2. Trocas entre as letras “q” nas sílabas “qua, quo” por “c” ou, troca da letra “c” nas sílabas “ca”, “co”, “cu”, por “q”. Exemplo: quando: cuando, quase: cuase, quadro: cuadro...
3. Uso da letra “s” para representar o som da letra “c” (em ce, ci). Exemplo: cebola: sebola, cinzeiro: sinzeiro, pulseira: pulceira...
4. Trocas entre as letras “s”, “ss” e “ça, ço, çu”. Exemplo: terraço: terrasso, péssimo: pecimo, profissão: profiçãõ, engrossar: engrosar, audição: audisãõ, maçudo: masudo, massagem: masagem, massudo: maçudo...

5. Trocas entre as letras “s” e “z” na representação som /z/. Aqui também se incluem todos os erros em palavras que terminam com “z”. Exemplo: vizinha: visinha, cruzeiro: cruseiro, rapaz: rapas...

6. Todas as trocas da letra “x” por qualquer outra letra. Também se incluem as trocas de representação do fonema /s/ por /x/. Exemplo: faixa: faicha;

7. Erros referentes ao grafema “h”, que envolvem a omissão da letra no início das palavras, ou a adição da mesma. Exemplo: hotel: otel, habito: abito, hálito: alito, horta: orta, harmonia: armonia, hini: ino...

Na **quarta etapa**, são registados todos os erros referentes ao obscurecimento de fonemas.

1. Erros que envolvem as combinações “sc”, “xc”, “ns”. Exemplo: piscina: pechina, excesso: esseco, excepcional: exesional, transporte: trasporte, transparente: trasparente, fascinante: fachinante...

2. Obscurecimento no caso de vogais duplicadas, o que pode acarretar a representação de uma só vogal em vez de duas. Exemplo: álcool: alcol, zoológico: zologico, alcoolismo: alcolismo...

3. Omissões ou uso indevido de acentos. Exemplo: cafe, medico, ingles, periodo, magico, grávida, plástico...

Na **quinta etapa**, este nível fica restrito aos erros que possam ocorrer entre parónimos, ou seja, palavras que se escrevem de uma ou de outra maneira dependendo do contexto em que estão inseridas. Exemplo:

O cinto das calças é Novo. No Inverno cinto muito frio. O concerto do cantor foi óptimo. O concerto das calças é caro.

Os erros da Chave Terciária são os menos graves. As trocas ortográficas desta etapa dependem mais do vocabulário visual e da atenção que o ████████ dá ao contexto no qual as palavras estão inseridas.

G)

Classificou-se abaixo do nível da sala que frequenta e grupo etário, na compreensão. A sua leitura é soletrada, acompanha a palavra com o dedo. Necessário exercitar diariamente a leitura e interpretação de textos (falta treino). Por motivo de em casa ter de cuidar da irmã, poderia fazer este trabalho na escola. Ele revelou muita ansiedade quando teve de ler, “se eu pudesse nunca lia, eu não gosto de ler, quero parar...”.

Por vezes, troca as letras quando lê, dando outro sentido ao texto. Exemplo: produzem: produz, impressão_ im-per-ssão, batitam: há-bi-tão, plumagem: plu-magem, esponjosa: espon-ja-sa, mirandês: mi-ran-dês, entanto: es-tan-to...

A sua leitura é mecânica. Tem problemas na compreensão de textos narrativos e informativos, apresentando uma grande dificuldade em interpretá-los. A sua leitura e interpretação de textos encontra-se abaixo do nível da sala que frequenta e grupo etário.

H)

Em relação à prova que pretende avaliar o desenvolvimento da linguagem oral, o [REDACTED] obteve uma classificação de nível Superior na prova de Nomeação. Uma classificação Média Superior nas provas de: Reflexão Morfo-Sintática, Reconstrução e Segmentação Silábica e uma classificação na Média nas provas de Definição Verbal, Compreensão de Estruturas Complexas e Reconstrução e Segmentação Fonémica.

Uma classificação Média Inferior na prova de Complemento de Frases.

Verificou-se:

. Défice nas regras específicas do sistema linguístico. A aprendizagem da forma refere-se às regras do som e respetivas combinações (fonologia), a forma da estrutura interna das palavras (morfologia) e à organização das palavras em frases (sintaxe). As regras do conteúdo determinam o significado e a interpretação das palavras e as respetivas combinações frásicas e as regras do uso (pragmática) visam a adequação ao contexto da comunicação.

Deste modo, verifica-se que o [REDACTED] apresenta algumas áreas pouco desenvolvidas na linguagem oral que comprometem a sua leitura, a sua escrita e a sua compreensão de textos.

I)

De acordo com o questionário de Connors revisto para professores e pais, segundo os professores, o [REDACTED] tem muita dificuldade em prestar atenção nas aulas, distrai-se muito, aproveita todas as oportunidades para brincar e também dificuldades na leitura e interpretação. Em relação ao rendimento escolar encontra-se abaixo da média na caligrafia, leitura, matemática e ditado. Comportamentos frequentes: faz ruídos inadequados; exige atenção imediata; “arma-se em esperto”; perturba as outras crianças; sonha acordado; tem uma atitude submissa perante a autoridade; é impulsivo; necessidade excessiva de atenção do professor; parece facilmente levado pelas outras crianças; falta de capacidade de liderança;

incapaz de terminar o que começa; é infantil e imaturo; pouco colaborante com os colegas; colabora pouco com o professor, tem dificuldade em aprender. Comportamentos excessivos: irrequieto; dificuldade de concentração e de atenção e impaciente, sempre em movimento. Foi proposto para apoio acrescido a Língua Portuguesa e Matemática.

De acordo com os pais, apresenta comportamentos frequentes: sempre a mexer com as mãos e/ou outros; reage antes de pensar; quer mandar em tudo; irritável, irrequieto; impaciente; sempre em pé e em movimento; amua; desobedece quando contrariado; incapaz de terminar tarefas e/ou uma atividade; uma vez por outra tem dores de cabeça. Excessivamente: distrai-se com muita facilidade

CONCLUSÃO

A avaliação do nível intelectual e cognitivo revelou um Q.I. Verbal (inteligência verbal), um Q.I. de Realização (inteligência de realização) e um Q.I. Total (inteligência global) na banda Normal, com resultados ao nível dos valores normativos para a sua idade cronológica, com défice na: compreensão e expressão verbal; conhecimento adquirido; memória a longo prazo; distração; sequenciação; agilidade mental; raciocínio numérico; senso comum (causa-efeito); juízo social (inteligência social); organização perceptual e espacial; percepção visual de estímulos insignificantes; funcionamento cerebral integrado; raciocínio não verbal e capacidade de planeamento e síntese.

Em termos de desempenho na organização perceptiva, espacial e representação gráfica, o [REDACTED] apresenta um desempenho Inferior para a sua idade cronológica. Revela dificuldade de análise visual e alterações da memória visual.

As trocas ortográficas que dá na escrita, são as menos graves, dependem mais do vocabulário visual e da atenção que o [REDACTED] dá ao contexto no qual as palavras estão inseridas.

Classificou-se abaixo do nível da sala que frequenta e grupo etário, na compreensão. A sua leitura é soletrada, acompanha a palavra com o dedo. A sua leitura é mecânica. Tem problemas na compreensão de textos narrativos e informativos, apresentando uma grande dificuldade em interpretá-los. A sua leitura e interpretação de textos estão ao nível do 2.º ano do primeiro ciclo.

O [REDACTED] apresenta algumas áreas pouco desenvolvidas na linguagem oral que comprometem a sua leitura, a sua escrita e a sua compreensão de textos

Recomendações:

. Avaliação médica, para melhor elucidar e confirmar o diagnóstico de Perturbação da Hiperatividade com Déficit de Atenção (PHDA).

. Necessário exercitar diariamente a leitura e interpretação de textos (falta treino). Por motivo de em casa ter de cuidar da irmã, poderia ser reforçado este trabalho na escola.

OBS: Os pais tem a responsabilização da ação do [REDACTED] no treino diário da leitura e da interpretação de textos. Não apenas mandar fazer, mas partilhar com ele a ação diária do fazer acontecer, caso contrário ele foge dessa responsabilidade.

. Frequência do Apoio a Língua Portuguesa onde sejam proporcionadas situações de ensino individualizado, com objetivo de aperfeiçoamento da leitura oral e de interpretação de textos, do nível do segundo ano (primeiro Ciclo).

. Frequência do Apoio a Matemática, perpetivando o treino de resolução de situações problemáticas diversificadas sobretudo ao nível da compreensão e interpretação dos enunciados.

. Treino da capacidade de atenção/concentração do aluno.

→ Proporcionar um ensino mais individualizado;

→ Valorizar a participação do [REDACTED], aumentando a frequência de intervenções orais;

→ Adequar a linguagem ao nível da sua compreensão.

Sugestões:

. O aluno com PHDA dá o melhor de si mesmo quando trabalha numa atmosfera tranquila, recebe uma atenção individualizada e está inserido numa turma reduzida.

. Colocar o [REDACTED] na primeira fila, de preferência junto de alunos mais tranquilos de sala e próximo ao professor (ex. junto da secretária, para que este possa olhá-lo diretamente nos olhos) e num local sem grandes fontes de distração.

. Manter a área de trabalho livre de material necessário.

. Deve ter a possibilidade de trabalhar numa carteira isolada sempre que faça trabalho que requeira maior concentração.~

Regras:

- . Necessita de um conjunto de regras claramente enunciadas e recordadas com regularidade mediante chamadas e “lembranças”.
- . As regras dirigidas de modo particular ao [REDACTED] devem ser comentadas em privado. Nunca provocar constrangimento ou menosprezo-lo.

Rotina:

- . O plano de cada dia deve ser claramente enunciado, para que se adapte a mudança.

Listagens:

- . Deve fazer listagem relativa ao que tem de fazer em cada dia, os seus deveres, bem como o material que necessita.

Planificação e auto supervisão:

- . Deve ser ajudado a fazer uma revisão acerca do seu dia e a planificar as tarefas do dia seguinte.

A importância das sequências:

- . As tarefas complexas ou longas devem ser divididas em pequenas tarefas.
- . Ajudá-lo a distribuir o seu tempo pela tarefa a realizar.
- . Pode necessitar do adulto para ajudar o seu pensamento.

Auxiliar a memória:

- . Nas aulas deve-se associar o mais possível estímulos visuais aos verbais.
- . A utilização de listagens, palavras-chave, rimas, mnemónicas, lembretes, agendas, colantes, etc, deve ser incentivada.

Técnicas de Estudo:

- . Necessita de ser ensinado a estudar, a tirar apontamentos, resumir, sublinhar, ler perguntas com cuidado, estruturar respostas, distribuir bem o tempo.

Trabalhos de casa:

- . Auxiliá-lo a organizar os deveres e a saber exatamente o que tem que fazer (recorrer a notas deixadas em locais estratégicos...).
- . Utilizar agenda ou um bloco que funcione como meio de comunicação entre os pais e professores.
- . Decidir a melhor hora para realizar os deveres de forma a ter um bom nível de concentração.
- . Estabelecer um lugar para realizar os deveres (iluminado, sem televisão e com o material facilmente acessível).
- . Permitir pausas (ex. meia hora de trabalho e depois um intervalo).
- . Animá-lo e supervisioná-lo, comentar os problemas, elogiar o trabalho conseguido;

. Avaliação:

. O reforço positivo é fundamental para o seu progresso. É importante dar a ele frequentes provas da sua evolução.

Pode ser necessário algumas adaptações no seu sistema de avaliação/condições especiais de avaliação:

→ mais tempo nos testes;

→ facilitar que alguém possa ler as perguntas ou as escrever.

→ permitir o acesso a computadores ou mesmo a gravações.

→ o Sujeito A surpreende pela positiva quando sujeito a avaliações orais;

→ Devem ser permitidos instrumentos de avaliação alternativa estabelecidas expectativas realistas quanto aos resultados.

→ Ainda: este aluno pode falar muito alto, gritar e até fazer comentários inconvenientes o que é, com frequência, manifestação do seu carácter impulsivo. Perante esta situação, deve ser chamado à atenção, sem ser ridicularizado perante os colegas. Se ele não assimilou dever ser chamado à atenção de forma mais individualizada e ser lembrado acerca do que se espera dele.

. Ensinar a lidar com a frustração, com o “Não”:

Como devemos agir

- Manter o “Não”;
- Não permitir comportamentos desadequados ou agressivos;
- Exigir que aguarde a sua vez em qualquer circunstância;
- Pedir a repetição das instruções que lhe são dadas;
- Permitir a escolha de opções, mas exigir o seu cumprimento;
- Elogiar e valorizar todas as atitudes corretas e assertivas;
- Impor regras claras e concisas;
- As recompensas e punições devem ser imediatas e firmes.
- Colocar limites claros e objetivos; ter uma atitude disciplinar equilibrada e proporcionar avaliação frequente, com sugestões concretas e que ajudem a desenvolver um comportamento adequado.

A Psicóloga



OBS: Este relatório é válido para o momento da avaliação.

ANEXO II - Consulta do desenvolvimento (09 de agosto de 2011)

Centro Distrital de Desenvolvimento da Criança

Observação

na apresentação particular, de hiperatividade e
dificuldade de (Atenção) Atenc, concentrada,
moderada pelo uso constante de estratégias
pedagógicas e ferramentas dirigidas às
suas dificuldades e variáveis individuais
metodológicas no âmbito do S.J. de monitorização
e supervisão ao longo do tempo. Agradeço por
um adulto monitorização e feedback da criança
segundo o plano.
Agradeço por informar e me de sua evolução
para melhor ajustarmos a do de

Castelo Branco 9/8/11

A pediatra:



ANEXO JJ - Relatório circunstanciado (27 de junho de 2011)

**RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO
PROGRAMA EDUCATIVO INDIVIDUAL**

Ano letivo 2011/2012

Para todos os alunos avaliados por referência à CIF e que usufruem de respostas no âmbito da Educação Especial (Lei nº 21/2008, de 12 de maio: alterações ao Decreto-Lei nº 3 de 7 de Janeiro de 2008)

Cap. III (artº 13, pontos 3; 4; 5; 6 do Decreto-Lei nº 3/2008) (p.157)

(...)

3- Dos resultados obtidos por cada aluno com a aplicação das medidas estabelecidas no programa educativo individual, deve ser elaborado um relatório circunstanciado no final do ano letivo.

4- O relatório referido no número anterior é elaborado, conjuntamente pelo **diretor de turma**, pelo **psicólogo** e pelos **docentes** que acompanham o desenvolvimento do processo educativo do aluno e aprovado pelo conselho pedagógico e pelo encarregado de educação.

5- O relatório explicita a existência da necessidade de o aluno continuar a beneficiar de adequações no processo de ensino e de aprendizagem, propõe as alterações necessárias ao programa educativo individual e constitui parte integrante do processo individual do aluno.

6- O relatório referido nos números anteriores, ao qual é anexo o programa educativo individual, é obrigatoriamente comunicado ao estabelecimento que receba o aluno, para prosseguimento de estudos ou em resultado de processo de transferência.

1. IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO

Nome: [REDACTED]

Idade: 12 anos

Situação Escolar: 5.º Ano

2. RESPOSTAS DO REGIME EDUCATIVO ESPECIAL APLICADAS:

(assinalar com x as medidas aplicadas)

Medida(s) (n.º 2 do Art.16.º do Decreto-lei n.º3/2008) (p. 158)	Especificação (assinalar) (Artigos 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 21.º e 22.º do Decreto-lei 3/2008 (p. 158-159))	
art.17º Apoio Pedagógico Personalizado	-Reforço das estratégias utilizadas ao nível da organização, do espaço e das atividades -Estímulo e reforço das competências e aptidões envolvidas na aprendizagem -Antecipação e/ou reforço da aprendizagem de conteúdos lecionados -Desenvolvimento e/ou reforço de competências gerais de aprendizagem e/ou específicas	
art. 18º Adequações Curriculares Individuais	-Adequações Curriculares (respeitam as orientações curriculares competências essenciais das disciplinas) -Áreas Curriculares específicas (introdução de objetivos, conteúdos ou áreas curriculares específicas): → leitura e escrita em braille → treino de visão → atividade motora adaptada →Dispensa de atividades impossíveis de realizar com o aluno	
art. 19º Adequações no Processo de Matrícula	-Frequenta a escola fora da sua área de residência -Frequenta a escola de referência (para alunos cegos e com baixa visão) -Frequenta escola com unidade de ensino estruturado ou unidade especializada de apoio a alunos com multideficiência ou surdo cegueira -Matricula por disciplina no 2.º e 3.º ciclo e Secundário)	
art. 20º Adequações no Processo de Avaliação	-Tipo de prova -Instrumentos de avaliação e/ou certificação -Formas e meios de comunicação -Periodicidade e meios de comunicação	X X X
art. 21º Currículo Específico Individual	Currículo Específico Individual (CEI)	
art. 22º Tecnologias de Apoio		
Apoio		
Terapias		
Outra(s) medida(s)		

OBS: (Em função da avaliação efetuada, explicita as medidas do regime educativo especial a aplicar e os recursos a disponibilizar, bem como os aspetos da intervenção educativa a manter e/ou reformular. Para o efeito, poderá considerar, entre outros, os seguintes aspetos: I) intervenção direta com o aluno; II) articulação entre técnicos; III) trabalho com a família; IV) envolvimento e articulação com serviços da comunidade)

4. AVALIAÇÃO DAS RESPOSTAS EDUCATIVAS APLICADAS

(descreva o trabalho realizado com este aluno, relativo à medida aplicada e os resultados obtidos)

4.1 Observações

O aluno desempenha as seguintes atividades revelando algumas dificuldades:

☺ Aprendizagem e aplicação de conhecimentos: capacidade de aprender, aplicar os conhecimentos adquiridos, pensar, resolver problemas e tomar decisões;

☺ Aprendizagem básica: adquirir conceitos, adquirir conceitos complexos, aprender a ler, adquirir competências para pronunciar palavras escritas; adquirir competência para compreender palavras e frases escritas, aprender a escrever, aprender a calcular;

☺ Aplicação do conhecimento: concentrar a atenção, dirigir a atenção, pensar; “fazer de conta”, especular, ler, escrever, utilizar competências e estratégias genéricas do processo de escrita, utilizar as convenções gramaticais e automatizadas nas composições escritas, utilizar

competências e estratégias genéricas para completar composições, calcular, utilizar competências e estratégias complexas do processo de cálculo, resolver problemas, resolver problemas complexos, tomar decisões, aplicação de conhecimento;

☺ Tarefas e Exigências Gerais: aspetos gerais de execução de uma única ou de várias tarefas, organização de rotinas e gestão do stress: realizar tarefas múltiplas, executar tarefas múltiplas, concluir tarefas múltiplas independentemente, completar tarefas múltiplas independentemente, executar a rotina diária, gerir o seu próprio nível de atividade, gerir mudanças na rotina diária, gerir o próprio comportamento;

☺ Comunicação: Características gerais e específicas da comunicação através da linguagem, sinais e símbolos: comunicar e receber mensagens, compreender mensagens faladas, compreender e receber mensagens usando linguagem não verbal, comunicar e produzir mensagens, escrever mensagens;

☺ Conversação e utilização de dispositivos e de técnicas de comunicação: discussão.

Na disciplina de Matemática o aluno não evoluiu, continua a revelar dificuldades de cálculo pois não sabe a tabuada.

Nas disciplinas de Inglês e Língua Portuguesa o aluno tem falta de hábitos e métodos de estudo; dificuldade de atenção/concentração; falta de pré-requisitos; falta de confiança e baixa autoestima face às suas capacidades; pouca persistência na realização das atividades, não realiza os trabalhos de casa; ausência de material escolar (algumas vezes), falta de recetividade às atividades, falta de empenho nas tarefas escolares, falta de iniciativa e criatividade, continua a revelar dificuldades em adquirir e aplicar conhecimentos.

O aluno necessita de ter mais acompanhamento por parte do Encarregado de Educação.

Avaliação Qualitativa

MEDIDAS EDUCATIVAS (art. 16 do Decreto-Lei nº 3 de 7 de janeiro 2008)

	NS	S	SB
Assiduidade			X
Pontualidade			X
Comunicação		X	
Socialização			X
Iniciativa	X		
Empenho	X		
Comportamento adequado	X		
Reconhecimento da importância da escola na sua formação	X		
Autonomia		X	

NS- Não Satisfaz; **S-** Satisfaz; **SB-** Satisfaz Bem

AVALIAÇÃO FINAL	
Relativamente às atitudes	Quanto às competências
3.º Período	3.º Período
Satisfaz	Não Satisfaz

APRECIACÃO GLOBAL:

(Não Satisfaz, Satisfaz, Satisfaz bem)

5. RECOMENDAÇÕES PARA O PRÓXIMO PERÍODO

O aluno deve continuar integrado no Regime Educativo Especial?

Sim

Não

Se sim, assinale abaixo as medidas que o aluno deverá beneficiar

Medida(s) (n.º 2 do Art.16.º do Decreto-lei n.º3/2008) (p. 158)	Especificação (assinalar) (Artigos 17.º, 18.º, 19.º, 20.º, 21.º e 22.º do Decreto-lei 3/2008 (p. 158-159))	
art.17º Apoio Pedagógico Personalizado	-Reforço das estratégias utilizadas ao nível da organização, do espaço e das atividades -Estímulo e reforço das competências e aptidões envolvidas na aprendizagem -Antecipação e/ou reforço da aprendizagem de conteúdos lecionados -Desenvolvimento e/ou reforço de competências gerais de aprendizagem e/ou específicas	
art. 18º Adequações Curriculares Individuais	-Adequações Curriculares (respeitam as orientações curriculares competências essenciais das disciplinas) OBS: L. Port., Inglês e Matemática -Áreas Curriculares específicas (introdução de objetivos, conteúdos ou áreas curriculares específicas): → leitura e escrita em braille → treino de visão → atividade motora adaptada →Dispensa de atividades impossíveis de realizar com o aluno	X
art. 19º Adequações no Processo de Matrícula	-Frequenta a escola fora da sua área de residência -Frequenta a escola de referência (para alunos cegos e com baixa visão) -Frequenta escola com unidade de ensino estruturado ou unidade especializada de apoio a alunos com multideficiência ou surdo cegueira -Matricula por disciplina no 2.º e 3.º ciclo e Secundário)	
art. 20º Adequações no Processo de Avaliação	-Tipo de prova -Instrumentos de avaliação e/ou certificação -Formas e meios de comunicação -Periodicidade e meios de comunicação	X X X
art. 21º Currículo Específico Individual	Currículo Específico Individual (CEI)	
art. 22º Tecnologias de Apoio		
Apoio		
Terapias		
Outra(s) medida(s)		

OBS: (Em função da avaliação efetuada, explicita as medidas do regime educativo especial a aplicar e os recursos a disponibilizar, bem como os aspetos da intervenção educativa a manter e/ou reformular. Para o efeito, poderá considerar, entre outros, os seguintes aspetos: I) intervenção direta com o aluno; II) articulação entre técnicos; III) trabalho com a família; IV) envolvimento e articulação com serviços da comunidade)

6. ASSINATURAS

/ 06/2011

Coordenador do PEI (Diretor(a) de Turma: [REDACTED]

Psicóloga: [REDACTED]

<p>A Presidente do Conselho Pedagógico</p> <p>[REDACTED]</p> <p>Data: ____/____/2011</p>	<p>O (A) Encarregado (a) de Educação</p> <p>[REDACTED]</p> <p>Data: ____/____/2011</p>
--	--